



FuLiA/UFMG

v. 11, n. 2

2026

BELO HORIZONTE/MG • BRASIL

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Vice-Diretor: Prof. Lorenzo Teixeira Vitral

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Gustavo Cerqueira Guimarães (FULIA-UFMG, Brasil)

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG, Brasil)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO FUTEBOL

Dra Silvana Vilodre Goellner (UFRGS, Brasil)

Dr. Gustavo Cerqueira Guimarães (SME-Lajinha/MG, Brasil)

Dra. Verónica Moreira (UBA, Argentina)

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru

Álvaro do Cabo, UFRJ

Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ

André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ

André Mendes Capraro, UFPR

Arlei Damo, UFRGS

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV

César Teixeira Castilho, UFMG

Cleber Dias, UFMG

Edônio Alves Nascimento, UFPB

Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG

Euclides de Freitas Couto, UFSJ

Fabiana Lúcia Campos Baptista, PUC-Minas

Fábio Franzini, UNIFESP

Flávio de Campos, USP

Francisco Ângelo Brinati, UFSJ

Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal

Gustavo Cerqueira Guimarães, SME-Lajinha

Jorge Dorfman Knijnik, W. Sydney University, Austrália

José Carlos Marques, UNESP

José Geraldo Vinci de Moraes, USP

Leda Maria da Costa, UERJ

Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG

Luis Maffei, UFF-RJ

Luiz Carlos Ribeiro, UFPR

Luiz Henrique de Toledo, UFSCar

Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG

Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ
Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFMG
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Verónica Moreira, UBA, Argentina
Tatiana Pequeno, UFF
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wagner Xavier de Camargo, Brasil
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Aira Fernandes Bonfim
Caroline Patatt
Fábio Giacomelli
Luiz Henrique Oliveira
Soraya Barreto Januário
Tamela Grafolin

COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO

Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Autores/as dos artigos

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Haydée (Gorda) Matosas, s/d.

[Fonte: *UOL*, A louca história de Haydée Matosas, torcedora que mudou o futebol argentino, 2023].

APRESENTAÇÃO

Representação das mulheres no futebol

Silvana Vilodre Goellner; Gustavo Cerqueira
Guimarães; Verónica Moreira | 3-6

DOSSIÊ

O cotidiano da exclusão: uma análise sobre as mulheres no futebol do Rio de Janeiro durante a Primeira República (1889-1930) por meio da imprensa

Glauco José Costa Souza | 7-27

Gurias Coloradas representações do futebol feminino do Sport Club Internacional nas páginas da revista *Placar* (1980-1990)

Maria Karolinne de Mello, Scarlleth Bianca
Souza, Silvio Ricardo da Silva | 28-52

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991 nas páginas do *Jornal do Brasil* expectativas, conflitos e perspectivas

Victor Hugo Gonçalves Batista | 53-77

Copa do Mundo do futebol de mulheres uma análise de gênero sobre a cobertura da Cazé TV

Soraya Barreto Januário, Jorge Knijnik | 78-107

O futebol de mulheres no Instagram da Confederação Brasileira de Futebol

Giovana Liz Neves Silva, Daniel de Jesus Torres,
Ana Gabriela Alves Medeiros | 108-135

Contos sobre futebol: o que escrevem brasileiras e argentinas?

Gustavo Cerqueira Guimarães | 136-164

PARALELAS

Primórdio da Ginástica Artística no território espírito-santense: uma história contada por seus protagonistas

Tharik Arnous Alves; Mauricio dos Santos de Oliveira; Andrize Ramires Costa | 165-188

Embates prefaciais: a disputa de sentidos sobre *O negro no futebol brasileiro*

Vinicius Garzon Tonet | 1989-211

ENTREVISTA

A mulher pioneira na pesquisa acadêmica sobre futebol no Brasil: entrevista com Maria do Carmo Leite de Oliveira

Wesley Barbosa Machado | 212-217

Mulheres no esporte: uma entrevista com Kim Toffoletti

Soraya Januário, Paloma de Castro | 218-249

POÉTICA

“Elas, sob o nosso olhar”: representações de mulheres do futebol no cordel de estudantes de uma escola pública

Silvana Vilodre Goellner, Maria da Conceição Santos Veloso | 250-262

Representação das mulheres no futebol

A presença das mulheres no futebol constitui um campo histórico de disputas simbólicas, sociais e institucionais. Por muito tempo interditas, silenciadas ou marginalizadas, elas construíram trajetórias marcadas por resistências, negociações e estratégias de permanência, tensionando normas de gênero que associaram o futebol à masculinidade. Nesse processo, a mídia, as instituições esportivas e os discursos culturais desempenharam papéis decisivos, ora reforçando invisibilidades, ora contribuindo para a emergência de novas formas de reconhecimento.

Mais do que acompanhar a expansão recente da modalidade, analisar as representações das mulheres no futebol implica compreender como sentidos sobre corpo, competência, legitimidade, profissionalização e protagonismo são produzidos e disputados. O futebol constitui, assim, um espaço privilegiado para observar a construção social das diferenças de gênero, revelando permanências estruturais, desigualdades históricas e transformações em curso nos modos de ver e narrar a participação feminina no esporte.

É a partir dessa perspectiva que o presente dossiê da **FuLiA/UFMG** reúne pesquisas que investigam diferentes formas de representação das mulheres no universo do futebol. Os trabalhos percorrem distintas temporalidades, suportes midiáticos, objetos empíricos e abordagens teóricas, examinando como discursos jornalísticos, institucionais, culturais e literários participam da produção de sentidos sobre o futebol de mulheres em um campo historicamente masculinizado.

Na seção **Dossiê**, reunimos estudos que abordam a temática sob perspectivas históricas, midiáticas, institucionais e literárias. Abrindo a seção, “O cotidiano da exclusão: uma análise das tensões sobre a participação das mulheres no futebol do Rio de Janeiro (1903-1920)”, de Glauco José Costa Souza, examina discursos da imprensa que contribuíram para a construção das restrições à presença feminina no futebol nas primeiras décadas do século XX, evidenciando o papel dos periódicos na legitimação de normas sociais excludentes.

Em seguida, “Gurias Coloradas: representações do futebol feminino do Sport Club Internacional nas páginas da revista *Placar* (1980-1990)”, de Maria Karolinne Rangel de Mello, Scarleth Bianca de Oliveira Souza e Silvio Ricardo da Silva, investiga as formas de representação das jogadoras, frequentemente marcadas pela sexualização e pelo deslocamento do foco de suas competências esportivas, ao mesmo tempo em que revela estratégias de afirmação e resistência.

O artigo “A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991 nas páginas do *Jornal do Brasil*: expectativas, conflitos e perspectivas”, de Victor Hugo Gonçalves Batista, analisa a cobertura da primeira edição do torneio, identificando os sentidos produzidos sobre a seleção brasileira, as assimetrias em relação a equipes estrangeiras e os debates sobre a necessidade de políticas estruturais para o desenvolvimento da modalidade.

Na sequência, “Copa do Mundo do futebol de mulheres: uma análise de gênero sobre a cobertura da Cazé TV”, de Soraya Barreto Januário e Jorge Dorfman Knijnik, examina conteúdos publicados no Instagram durante a edição de 2023 do campeonato, apontando avanços na visibilidade das atletas, mas também a permanência de padrões estruturais na cobertura digital.

Complementando esse eixo, “O futebol de mulheres no Instagram da Confederação Brasileira de Futebol”, de Giovana Liz Neves Silva, Daniel de Jesus Torres e Ana Gabriela Alves Medeiros, analisa as estratégias comunicacionais da entidade, demonstrando que a ampliação da visibilidade durante grandes eventos contrasta com a descontinuidade do interesse institucional e com a persistência de discursos preconceituosos nas interações dos usuários.

Encerrando a seção, “Contos sobre futebol: o que escrevem brasileiras e argentinas?”, de Gustavo Cerqueira Guimarães, investiga cinco narrativas literárias de autoras dos dois países, evidenciando o futebol como prática social, memória, linguagem e operador de vínculos, ao mesmo tempo em que tematiza experiências de violência, vigilância e desigualdades de gênero que atravessam o cotidiano.

A seção **Paralelas** abre com o artigo “Primórdio da ginástica artística no território espírito-santense: uma história contada por seus protagonistas”, de Tharik Arnous Alves, Mauricio dos Santos de Oliveira e Andrize Ramires Costa, que recons-

trói a trajetória da modalidade no Espírito Santo por meio da História Oral, valorizando a memória de seus agentes e processos de institucionalização. Em seguida, “Embates prefaciais: a disputa de sentidos sobre *O negro no futebol brasileiro*”, de Vinicius Garzon Tonet, analisa os prefácios da obra de Mario Filho à luz da teoria dos paratextos, evidenciando disputas sobre os modos de escrever a história do futebol e, de forma mais ampla, de interpretar o passado brasileiro.

Na seção **Entrevista**, reverenciamos “A mulher pioneira na pesquisa acadêmica sobre futebol no Brasil: entrevista com Maria do Carmo Leite de Oliveira”, de Wesley Barbosa Machado, que recupera a trajetória da pesquisadora e a importância de sua obra para os estudos sobre futebol e linguagem. Em seguida, a entrevista bilíngue “Mulheres no Esporte: uma entrevista com Kim Toffoletti/Women in sport: an interview with Kim Toffoletti”, de Soraya Barreto Januário e Paloma de Castro, apresenta as contribuições da pesquisadora australiana para os estudos de gênero, mídia e esporte, com ênfase nas discussões sobre autorrepresentação e participação feminina nas plataformas digitais.

Na seção **Poéticas**, dedicada às expressões artísticas e ensaísticas em diálogo com o tema do dossiê, apresentamos “Elas, sob o nosso olhar: representações de mulheres do futebol no cordel de estudantes de uma escola pública”, de Silvana Vildre Goellner e Maria Conceição Veloso, que analisa a produção do cordel *Mulhere-se* elaborado em contexto escolar a partir de práticas pedagógicas voltadas à problematização das relações entre futebol e gênero, evidenciando o potencial formativo e crítico dessas intervenções.

Ao reunir estudos que atravessam diferentes temporalidades, linguagens e espaços sociais, este dossiê evidencia que as representações das mulheres no futebol constituem um terreno de disputas em permanente transformação. Entre invisibilidades históricas, estigmatizações persistentes e conquistas recentes, os trabalhos aqui apresentados mostram que o reconhecimento das mulheres no esporte depende não apenas de sua presença em campo, mas também das formas pelas quais suas trajetórias são narradas, interpretadas e legitimadas.

Nesse sentido, a diversidade de abordagens reunidas nesta edição da **FuLiA/UFMG** reafirma a importância de compreender o futebol de mulheres como um campo estratégico para a análise das desigualdades de gênero, dos processos de resistência e das dinâmicas contemporâneas de mudança social.

Boa leitura!

Porto Alegre, Lajinha e Buenos Aires, 8 de março de 2026.

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Gustavo Cerqueira Guimarães

Secretaria Municipal de Educação de Lajinha/MG

Verónica Moreira

Universidade de Buenos Aires

O cotidiano da exclusão: uma análise das tensões sobre a participação das mulheres no futebol do Rio de Janeiro (1903-1920)

The everyday life of exclusion: an analysis of the tensions surrounding women's participation in football in Rio de Janeiro (1903-1920)

Glauco José Costa Souza

Instituto Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, Brasil
Doutor em História, UFF
glauco.josecosta@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar elementos discursivos de parte da imprensa brasileira que nos ajudam a elucidar tensões existentes sobre a participação das mulheres no futebol nas duas primeiras décadas do século XX. Para tanto, analisaremos alguns argumentos diretos e/ou indiretos apresentados em dois periódicos de abrangência nacional (*Gazeta de Notícias* e *Jornal das Moças*) durante o período de 1903 a 1918 que abordaram a temática da participação feminina nos esportes. Temos como base de análise a perspectiva de que concomitante ao desenvolvimento e à expansão do esporte bretão entre os homens, também houve o interesse feminino em praticá-lo e, como muitas pesquisas já comprovam, isso aconteceu. Não obstante, predominou sua vedação oficial ao final deste processo e, neste trabalho, buscamos apresentar elementos que explicam como tal cenário foi construído por meio da imprensa da época, cuja influência era grande na sociedade republicana, sobretudo no Rio de Janeiro, então capital federal do país.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Mulheres; Brasil; Rio de Janeiro; República.

ABSTRACT: This article aims to present discursive elements from part of the Brazilian press that help us to elucidate existing tensions regarding women's participation in football during the first two decades of the 20th century. To this end, we will analyze some direct and/or indirect arguments presented in two nationally circulated periodicals (*Gazeta de Notícias* and *Jornal das Moças*) during the period from 1903 to 1918 that addressed the theme of female participation in sports. Our analysis is based on the perspective that, concomitant with the development and expansion of football among men, there was also female interest in practicing it, and, as many studies have already proven, this did happen. Nevertheless, its official prohibition prevailed at the end of this process, and in this work, we seek to present elements that explain how this scenario was constructed through the press of the time, whose influence was great in republican society, especially in Rio de Janeiro, then the federal capital of the country.

KEYWORDS: Football; Women; Brazil; Rio de Janeiro; Republic.

INTRODUÇÃO

A chegada do futebol ao Brasil foi masculina. Não existem (ou ao menos este pesquisador desconhece) narrativas baseadas em fontes científicas que tenham as mulheres como praticantes do ludopédio antes dos homens, o que, por si só, já gera um cenário bastante complexo, pois tal discurso foi construído e apropriado pelos memorialistas e, posteriormente, historiadores que o endossaram e, na atualidade, ainda não dispomos de fontes para desestruturá-los. Não obstante, isso não nos impede de debater a participação feminina no esporte bretão desde os seus primórdios no território brasileiro, em especial no Rio de Janeiro, capital federal da República.

Dessa forma, temos no presente trabalho o objetivo de apresentar argumentos construídos ainda nas décadas de 1900 e 1910 que podem ser percebidos no decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941 que, proibiu do ponto de vista jurídico-legal, as mulheres de praticarem o futebol. Segundo este ordenamento, em seu artigo 54 que pertence ao Capítulo IX – Disposições gerais e transitórias, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.¹ A justificativa, portanto, é a suposta “natureza feminina” que seria incompatível com a prática dos desportos, algo que não era incomum de ser salientado naquele período e que já vinha sendo utilizado como tal desde o início do século XX.

Para tanto, nós optamos por analisar alguns discursos produzidos nos periódicos *Gazeta de Notícias* e *Jornal das Moças* durante a Primeira República (1889-1930), mais especificamente entre os anos de 1903 e 1918. Estes dois órgãos de imprensa sediados no Rio de Janeiro apresentaram matérias ao longo desse período em que tratavam da relação entre o futebol e as mulheres da sociedade brasileira que nos permitem refletir acerca do tema, sobretudo em relação aos mecanismos que viam com maus olhos a participação ativa feminina, mas não exclusivamente isso. Temos também indicativos de que meninas jogavam o ludopédio o que, em nossa concepção, explica a existência de tantos discursos contra a sua participação.

¹ BRASIL decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941.

Aliás, também não podemos renunciar no presente trabalho em analisar a produção bibliográfica sobre o tema. A historiadora Mary Del Priore considera que houve, a partir dos anos 1970, um aumento nos trabalhos sobre a história das mulheres no Brasil e credits isso a “uma longa empreitada de historiadoras (e historiadores, eventualmente) tributária do movimento feminista, que desde os anos 70 vêm procurando dar visibilidade à mulher, ignorada pela historiografia tradicional”.² Portanto, não podemos desconsiderar esse avanço como será feito a partir dos trabalhos de Bonfim,³ Silva e Soares,⁴ Melo,⁵ Moraes e Martelli,⁶ Almeida,⁷ Santos⁸ e Pessanha.⁹

AS MULHERES NA PRIMEIRA REPÚBLICA

A Primeira República Brasileira, em termos cronológicos e didáticos, durou consensualmente para a maior parte da historiografia sobre o tema, de 15 de novembro de 1889 a 3 de outubro de 1930 e, não apenas como coincidências, mas em muito como consequências dos processos históricos que a envolveram, teve seu início e seu fim marcado por golpes de Estado liderado por homens, o que assinala muito do autoritarismo protagonizado pelo gênero masculino na história do Brasil. Tal situação acaba sendo corroborada não só pela ausência ativa atribuída à presença das mulheres na transição do período imperial para o regime republicano, como pelas legislações criadas a partir de então.

O projeto de moralização da sociedade brasileira nas décadas iniciais do século XX incluía a formação de uma nova figura do trabalhador: dócil, submisso, mas economicamente produtivo. Através de múltiplas estratégias de disciplinarização – exercidas dentro e fora das fábricas – era

² DEL PRIORE. *História das mulheres no Brasil*, 1997.

³ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*, 2019.

⁴ SILVA; SOARES. *O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por pelotas nas décadas*, 2013.

⁵ MELO. *Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910)*, p. 127-152, 2007.

⁶ MORAES; MARTELLI. *Jornal das Moças: as enunciações midiáticas e a noção de gênero e imaginário feminino no século XX*, p. 1-19, 2017.

⁷ ALMEIDA. *Jornal das moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*, 2008.

⁸ SANTOS. *A representação da mulher na revista feminina Jornal das Moças durante a primeira metade do século XX*, 2019.

⁹ PESSANHA. *Arquibancada feminina: relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro*, 2020.

mister integrar o proletariado e sua família ao universo dos valores burgueses. “É o desejo de eliminação da diferença, de normalização do outro, que se coloca como motivação primeira das investidas do poder sobre a classe operária fora das fábricas” (Rago, 1985, p.61). Para tanto, a redefinição da família constitui peça mestra no projeto de normatização da sociedade. Nesse sentido, era tarefa urgente criar um modelo imaginário de mulher, voltada para a intimidade do lar, e também um cuidado especial com a infância, redirecionada para a escola ou os institutos de assistência social.¹⁰

Assim, em torno da moral de uma idealização sobre a formação de um suposto modelo de família brasileira, foram erguidas diversas argumentações das mais variadas fontes a fim de vincularem a mulher brasileira a uma determinada posição social. Por exemplo, as ciências médicas e biológicas lhes vincularam aos aspectos afetivos, maternos e frágeis. As ideias positivistas e higienistas, bem como a Teoria Evolucionista, deram as bases pseudocientíficas à época que consideravam “a diferença biológica entre os sexos como uma justificativa para as desigualdades sociais e culturais entre homens e mulheres”,¹¹ mas que, por mais contraditório que possa parecer, não tornava os agentes sociais homem e mulher como sujeitos opostos, pois eles eram vistos como complementares. Em 1925, Moncorvo Filho, médico higienista, assim discursou no Dia das Mães:

O homem tantas vezes amando a sangueira – guerras, revoluções, crimes e vícios – nem sempre é o animal dócil, meigo e cordato que fôra para desejar. A mulher, quasi sempre bondosa e meiga – pensamento inclinado para o Bem – com encantadora meiguice olhos fitos nos filhos, prodigalizando-lhes o carinho, o afago, a educação e os bons sentimentos, não raro se constitui um verdadeiro anjo do lar!¹²

A naturalização da inferioridade e submissão da mulher era, portanto, uma regra imposta socialmente, ainda que este processo fosse alvo de críticas ao ser possível perceber nele uma supervalorização do fator biológico e uma desconsideração proposital daquilo que as tecnologias do gênero valorizariam ao entenderem o corpo sexuado como definidor de representações e identidades e, portanto, uma construção social.¹³ O resultado disso foi a restrição da participação livre e ativa das

¹⁰ SANTOS. A construção do papel social da mulher na Primeira República, 2009, p. 2.

¹¹ SANTOS. A construção do papel social da mulher na Primeira República, p. 5.

¹² MONCORVO FILHO. O Dia das Mães: conferência realizada em 12 out. 1925 no Instituto Nacional de Música (extraída dos Archivos de Assistencia a Infancia).

¹³ SWAIN. A invenção do corpo feminino ou a hora e vez do nomadismo identitário?, 2000, p. 51.

mulheres na sociedade brasileira da Primeira República, tal qual pode ser verificado em diversos segmentos, como no mercado de trabalho.

O fim do trabalho escravo alterou de sobremaneira a história social laboral no Brasil, mas os limites deste processo são passíveis de análise crítica, sobretudo no que tange às suas consequências para os anos seguintes. Temos por consenso entre os pesquisadores do tema que a Lei Áurea por si só pouco ou quase nada alterou sobre a realidade dos a partir dos então trabalhadores e trabalhadoras libertos.

Os mundos do trabalho republicano, portanto, não apresentam grandes possibilidade de ascensão em termos sociais para os menos abastados, nas questões raciais para os negros e, no que tange ao gênero, para as mulheres, tal qual já o era antes da Lei Áurea e do golpe impetrado pelo Marechal de Deodoro da Fonseca. O que prevaleceu, a partir de então, sobretudo no Rio de Janeiro, foi um discurso civilizacionista de urbanização baseado em postulados pseudocientíficos, mas que em muito trazem elementos segregacionistas em termos socioeconômicos, raciais e de gênero. Sueann Caulfield, em estudos sobre “os vários sentidos da honra sexual para diferentes sujeitos históricos”.¹⁴ na então capital federal do país, argumenta que o novo ordenamento jurídico tratava de forma desigual homens e mulheres, beneficiando os primeiros, pois o Código Penal de 1890 nasceu com “as mesmas preocupações em manter, de uma forma ‘modernizada’, a instituição patriarca da família e o conceito de honra baseada nas relações de gênero que lhe davam sustentação”.¹⁵

Ainda de acordo com Caulfield, a construção da “Cidade Maravilhosa” foi permeada pela defesa dos valores da família, assim entendida como um “setor privilegiado, que se identificava com a ‘sociedade respeitável’ – mais civilizada, mais europeia culturalmente e racialmente que ‘as massas populares’”.¹⁶ Neste ponto, a autora dialoga com Sidney Chalhoub.¹⁷ que destaca a influência europeia neste mesmo processo sobre as transformações geográficas, sociais e culturais que ocorriam no Rio de Janeiro na transição do século XIX para o XX, em que a concepção de modernidade

¹⁴ CAULFIELD. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940*, 2000, p. 118.

¹⁵ CAULFIELD. *Em defesa da honra*, p. 119.

¹⁶ CAULFIELD. *Em defesa da honra*, p. 123.

¹⁷ CHALHOUB. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, 1998.

era baseada em quatro elementos centrais: administração científica, civilização, organização e embranquecimento.

As políticas implementadas em nome da higiene social e de saúde pública, como as campanhas que combatiam a utilização das amas-de-leite, as que impunham regras de higiene ao serviço doméstico e ao ofício das lavadeiras, as que regulamentavam o carnaval e outras atividades públicas de lazer, as tentativas de punir os crimes sexuais e de controlar a prostituição, tinham o suposto objetivo de pôr fim a uma “mistura promíscua”, segregando os espaços públicos dos privados e estabelecendo um controle sobre ambos a cargo de uma elite de profissionais liberais – homens e, em geral, brancos.¹⁸

GÊNERO, CLASSES SOCIAIS E ESPORTES NO RIO DE JANEIRO DURANTE O INÍCIO DO SÉCULO XX

A primazia do homem hétero, branco e pertencente à elite carioca também se fez hegemônica nos esportes do Rio de Janeiro durante o início do século XX. O desenvolvimento do futebol carioca, por exemplo, pode ser registrado desde o começo noventa e acompanhou de perto as dinâmicas da cidade e as formas como foram estabelecidas as relações de sociabilidade, o que limitou bastante a participação ativa e livre das mulheres para praticá-lo. Não obstante, se a partir dos anos 1930 e 1940 (até antes da proibição) podemos observar a organização de equipes de futebol feminino com certa regularidade, isto não as excluiu de também tê-lo jogado nos anos precedentes.

A pesquisadora Aira Bonfim nos mostra isto em sua dissertação de mestrado que tem como fontes jornais, revistas, acervos iconográficos institucionais e pessoais. Segundo ela, havia o “envolvimento de diferentes grupos sociais de mulheres que aderiram à prática, em diversos momentos históricos, desempenhando distintos papéis”.¹⁹ e que pode ser visto nos espaços “das festas esportivas, dos picadeiros circenses e dos campos suburbanos do Rio de Janeiro”.²⁰ Victor Melo,²¹ enfatiza que a participação da mulher no universo esportivo sempre ocorreu, mas não nas mesmas funções. No turfe, por exemplo, esporte bastante disseminado no Rio de Janeiro

¹⁸ CAULFIELD. *Em defesa da honra*, p. 125.

¹⁹ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 6.

²⁰ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 6.

²¹ MELO. *Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910)*, 2007.

durante o século XIX, a imprensa as colocava como parte do público que acompanhava as corridas de forma bastante animada, bem como também é possível encontrar registros de que atribuem a elas a decoração das arquibancadas. Ao mesmo, também há registros de praticantes desse esporte. Seu lugar, ainda assim, não é como protagonista.

Melo relata que há registros, ainda que em número reduzido, de atletas praticando esgrima, tiro ao alvo, críquete, atletismo, hipismo e até mesmo o remo, outro esporte muito ligado à figura masculina. Embora sejam atividades físicas, o quantitativo de mulheres que o fazia não é suficiente para eliminar a imagem machista das práticas esportivas no início do século XX no Rio de Janeiro, ou seja, a exceção aqui só confirma a regra. Um momento em que tal cenário fica evidente é na participação das mulheres nas festas esportivas. Vistos como momentos de lazer e de confraternização, estes eventos contavam com atividades variadas em que envolviam a participação de crianças. O caráter lúdico e amistoso prevalecia, apesar das premiações e dos destaques dados aos vencedores, sendo, curiosamente, este o momento em que identificamos a participação feminina em grande quantidade no final do século XIX e início do XX.

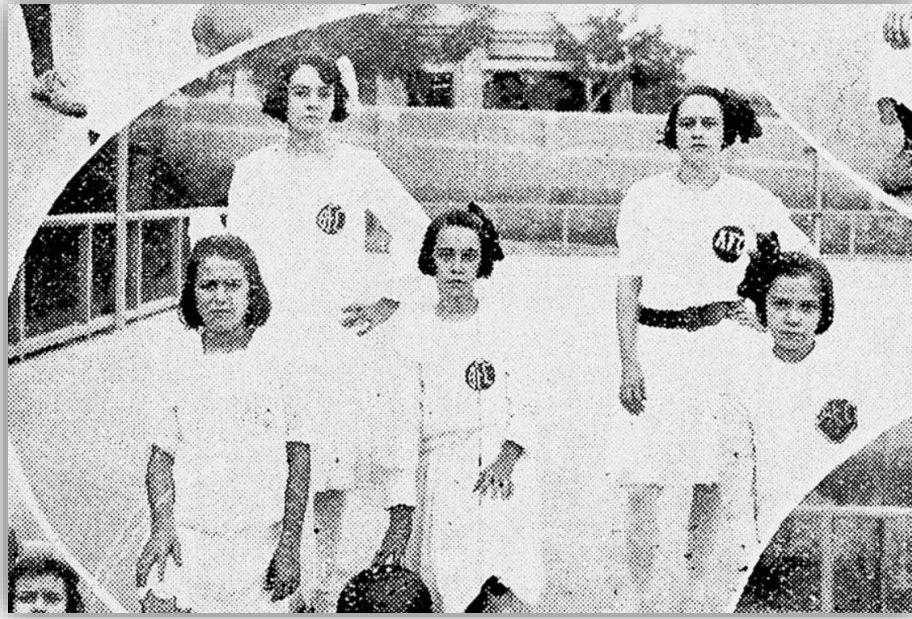
Em 1916, o *Jornal das Moças*,²² um dos periódicos que buscamos apresentar aqui, nos traz um exemplo dessa participação feminina em jogar o ludopédio. Segundo uma das edições daquele ano, o América Football Club,²³ instituição fundada em 18 de agosto de 1904 no bairro da Saúde, mas que desde 1911 passara a ser sediado na antiga sede do Haddock Lobo Football Club situada na Rua Campos Sales, no bairro da Tijuca, na parte nobre da Zona Norte do Rio de Janeiro, dispunha de pelo menos 5 times de futebol infantil, isto é, formado por crianças e adolescentes, dos quais dois eram compostos apenas por meninas.

²² JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 54, p. 13.

²³ Conf.: <https://americario.com.br/fundacao/>.



1) — MENINOS : Fernando S., Mario R., Léon N. (captain), Nelson L. e Barata.
 2) — MENINAS : Armenia, Wanda, Marília (captain), Nilca e Marina. 3) — MENINAS : Annita,
 Alair, Hilda (captain), Alba e Marília. 4) — MENINOS : Paulo M., Jorge M., Quimquim
 (captain), Dyrceu B. e Robinson. 5) — MENINOS : Leopoldo S., Fernando F., Fernando N.
 (captain), Rubens e Nauro.



Iniciativas como as do América não compunham um universo isolado no primeiro quartel do século XX. Bonfim, por sua vez, pesquisou sobre a tentativa de criação de um time de mulheres em Vila Isabel, no ano de 1912, antes do time americano. Segundo ela, não há fontes que comprovem o sucesso da iniciativa, mas sim indícios que denotam a “existência de um *team* de garotas nas festas esportivas de Villa Izabel”.²⁴

A sociedade esportiva brasileira dos anos 1900 não se mantinha completamente alheia ao debate sobre a participação da mulher no esporte. Um exemplo interessante para isso é o surgimento de jogadores travestido de mulheres em partidas amistosas e ou festivas. Ao mesmo tempo, times formados por jogadoras se exibiam em festivais, como nos bairros do Flamengo e do Catumbi.²⁵ Há, nesse momento, um deslocamento pequeno da mulher que se limitava a decorar as arquibancadas para o campo esportivo, mas ainda assim restrito à excepcionalidade, ao caráter acessório do esporte majoritariamente controlado pelos homens. O Clube de Regatas Vasco da Gama, bastante conhecido junto ao público carioca em 1923, quando se sagrou campeão pela primeira vez na divisão principal da Liga Metropolitana (o atual Campeonato Carioca da 1ª divisão), possuiu um “*team* feminino fundado por torcedoras para

²⁴ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 54.

²⁵ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 54.

disputar o campeonato”,²⁶ mas sem que possamos identificar que torneio seria esse e, principalmente, se houve a sua realização.

Clubes tradicionais dos subúrbios cariocas tinham mulheres jogando futebol, como foi o caso do Brasil F.C e do River F.C, tendo inclusive a presença de jogadoras negras. Bonfim considera que tais ações foram pioneiras no enfrentamento e na exposição do futebol de mulheres para o público, ao mesmo tempo em que observa as barreiras da época sendo erguidas de maneiras cada vez mais fortes. Para os que não concordavam com a prática do futebol de mulheres, a colocavam “como uma ameaça à masculinidade, uma vez que deslocava os papéis sociais da época, como, por exemplo, as obrigações ditas femininas representadas nos desenhos de um bebê e um avental”.²⁷

O jogo de mulheres representantes do Hélios Athletic Club figura-se entre os mais antigos marcos introdutórios do futebol feminino no Brasil, antes mesmo do episódio apresentado em São Paulo, entre Tremembeenses e Cantareirenses, em 1921. O debate público sobre esportes e mulheres aumentou exponencialmente na década de 1920. Mesmo notícias sobre o futebol de mulheres que acontecia em outros países passaram a ser divulgados pela imprensa nacional já no final da década.²⁸

OS DISCURSOS NA IMPRENSA: OS CASOS DO *GAZETA DE NOTÍCIAS* E DO *JORNAL DAS MOÇAS*

A divulgação de informações na imprensa sobre as práticas esportivas em outros países não era um ato destituído de sentido, haja vista ser ela própria um agente social produtor de discursos próprios.²⁹ Dessa forma, quando, desde o início do século XX, já podemos identificar a inserção de notícias sobre os esportes fora do Brasil, é possível também refletirmos acerca das intencionalidades destes dados e seus resultados, como, por exemplo, a nota de 3 de março de 1903 apresentada no jornal *Gazeta de Notícias*.

NO PAIZ DOS TRUSTS

O feminismo

A mulher yankee reclama o direito e a capacidade de fazer tudo quanto até hoje competia exclusivamente aos homens. Sciencias, sports, officios, tudo é comum aos dous sexos e, provavelmente as prerrogativas politicas também o serão.

²⁶ CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Careta. Rio de Janeiro, p. 16, 1923.

²⁷ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 172.

²⁸ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 64.

²⁹ DE LUCA. *História dos, nos e por meio dos periódicos*, 2005, p. 111-53

Nas Universidades as alumnas são numerosíssimas, formam um terço ou mais do effectivo total. Além disso há uma infinidade de escolas para moças, umas ligadas às universidades como o Radcliffe-college outras independentes. Em Philadelphia há uma escola de medicina destinada unicamente a estudantes do sexo feminino.

As alumnas de todos os ramos em geral entregam-se a exercícios sportivos com o mesmo furor que os alunos. Só o football é substituído por ellas pelo basket-ball; o mais, o rowing, a natação, o golf, o tennis e a gymnastica é praticado por ellas constantemente. Em Cambridge, o gymnasio do Radcliffe College é mais desenvolvido e dispõe de aparelhos mais completos do que o gymnasio do Haward College que é uma escola masculina [...].³⁰

O veículo da imprensa que apresenta a nota extraída de algum periódico norteamericano é o jornal *Gazeta de Notícias*, fundado no Rio de Janeiro em 2 de agosto de 1875 para lutar pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. O *Gazeta* teve como uma de suas principais características no início do século XX estar alinhado aos interesses e objetivos do Estado.³¹ Por isso, em relação aos esportes, apresentava visões desde a sua criação que vão se alinhando e, concomitantemente, moldando a perspectiva da sociedade sobre o tema e também sendo moldada por ela, ainda que nem sempre estejam no mesmo prisma. Por exemplo, acerca da educação física e sua utilidade para o desenvolvimento nacional, ele é favorável e exorta que “seus exercícios sejam diários, repetidos e logicamente progressivos”,³² mas isso não significa que advogue, todo o tempo, para qualquer de suas práticas.

Nos últimos anos dos oitocentos não foram incomuns notícias vindas de outros países que enfatizavam aspectos negativos atribuídos a alguns esportes, como o próprio futebol.³³ Por isso, não podemos estranhar a posição apresentada pelo *Gazeta de Notícias* a respeito da visão nos Estados Unidos sobre o futebol de mulheres já em 1903 e que, segundo o texto reproduzido em suas páginas, o via como o único que não deveria ser por elas praticado, haja vista ter sido “substituído por ellas pelo basket-ball; o mais, o rowing, a natação, o golf, o tennis e a gymnastica é praticado por ellas constantemente”.³⁴ Um dos indicativos do posicionamento do jornal contra

³⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³¹ LEAL. Verbete: *Gazeta de Notícias*, FGV.

³² GAZETA DE NOTÍCIAS. 16 ago. 1898, e. 228, p. 2.

³³ Jornais como *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brazil* e *O Paiz* traziam frequentes notícias de práticas esportivas fora do país.

³⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

o ludopédio feminino ocorreu uma década depois, quando no mês de agosto de 1912 ele promoveu a seguinte enquete: “Deve a mulher praticar os sports?” E, em pelo menos duas edições, apresentaram o argumento de um médico e de um sportsman da época sobre o assunto.

A decisão de chamar dois homens para falarem sobre o tema foi justificada por serem eles pessoas com autoridade para tal função, sendo o primeiro o “distinto médico da armada, capitão-tenente Dr. Adhemar Barbosa Romêo”³⁵ e o segundo o “Sr. Américo Portilho, conhecido e distinto rower do Club de Regatas de São Christóvão”.³⁶ O fato de serem ambos do gênero masculino, por exemplo, não foi abordado de forma crítica pelas publicações, ainda que eles tenham se mostrado contrários à prática esportiva pelas mulheres. De acordo com Dr. Romêo, o grande fator negativo para a participação feminina ativa no âmbito esportivo se devia ao fato de quase todos eles exigirem “o esforço dos órgãos fribrosos. E a mulher, pela sua formação meiga e delicada, não pode ter os músculos endurecidos, contrastando com a maciez da sua cútis”.³⁷ Percebemos em sua fala, como dito anteriormente, muito da utilização de argumentos “pseudocientíficos” para referendar um objetivo social de condicionamento de gênero, isto é, colocar as mulheres em um local específico na sociedade brasileira, o que ficou ainda mais explícito quando Adhemar Barbosa apresentou e justificou o único esporte que recomendava ao público feminino:

Assim, vejamos, quaes os “sports” uteis e quais os noçivos. Dentre os primeiros, o mais útil e que auxilia a conformação do [INDECIFRÁVEL], actuando uniformemente sobre o organismo, é a “natação”.

É agradável, salutar e útil. Uma “náíade” é sempre seductora e uma mulher que saiba nadar bem é uma garantia ao lado de um marido a bordo... De resto, a lenda das sereias confirma o que dizemos: quando em seducção se fala, são lembradas logo as nymphas das águas...³⁸

As escolhas das palavras do Dr. Adhemar Barbosa Romêo não poderiam ser mais ilustrativas de como as mulheres eram vistas por alguns homens [provavelmente a maioria] no Brasil da Primeira República, o que nos ajuda a entender as vedações que lhes foram impostas nos esportes. A única atividade que era

³⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³⁷ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

³⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

recomendada como passível de ser praticada pelo público feminino, segundo o médico republicano, se devia a sua utilidade ao homem (“garantia ao lado de um marido a bordo”).³⁹ e ao caráter estético e sexual (sedução que relembra às sereias – ninfas, cuja juventude e beleza atraem o público masculino). No que tange aos aspectos higiênicos, o escolhido para falar pelo jornal *Gazeta de Notícias* faz poucos comentários e enfatiza ser a natação útil por não promover nenhum desenvolvimento exagerado em determinada parte do organismo ou corpo feminino, o que, de acordo com ele, não se verificava em outros esportes que causam enfermidades neste segmento:

As “corridas a pé” e as “dansas”, quando não tocam aos extremos da bailarina profissional, apenas prejudicam as mulheres cujo “locus minoris resistentiae” está no pulmão, no coração ou no fígado. Explico-me – as de “fraqueza pulmonar” as “cardiopathas” e as de “insufficiencia hepática”.⁴⁰

O mesmo, por exemplo, não se aplicava ao homem que, portanto, teria um desenvolvimento físico mais compatível a estes tipos de atividades, como, mais uma vez, o entrevistado deixa claro ao, sem apresentar argumentos específicos, apenas afirmar que “a ‘gymnastica’ em geral, o ‘automobilismo’, o ‘foot-ball’, a ‘pella’, o ‘remo’, a ‘petéc’ e a ‘guia de carruagens’, são ‘sports’ exclusivamente destinados ao homem”.⁴¹ E isso por qual motivo? Porque, segundo esta e outras visões do gênero, causavam prejuízo a beleza e a performance das mulheres.

A opinião do esportista Américo Portilho, apresentada dois dias depois a do Dr. Adhemar Barbosa Romêo, não é muito diferente. Embora considere haver “uma igualdade entre eles [homem e mulher], na sua força material e intelectual”,⁴² contraditoriamente, para ele, “não é o homem igual à mulher: o que não discuto, ou melhor, não custa dizer”.⁴³

Sim, não é igual, porque o homem apresenta-se na força physica e moral (comparando) como primeiro ser. Logo, se o homem pode, para necessidade da vida, cultivar os sports, por que razão não pode a mulher, se tem a mesma necessidade?

Ceguei onde esperava e por isso opino que, tanto o homem como a mulher, devem nos praticar, ou melhor, cultural-os.

³⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

⁴⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

⁴¹ GAZETA DE NOTÍCIAS. 3 mar. 1903, edição n. 62, p. 2.

⁴² GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

⁴³ GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

Se a mulher cultural-osa, no seu modo de encarar e de julgar, penso que o seu cutivo deve abranger um certo limite, dela excluindo os sports violentos. [...] Desbanco de sua variedade como prejudiciais e inúteis ao meio feminino, os violentos sports do football, pelota, crickt, cyclismo e outros.⁴⁴

As motivações advogadas pelo Sr. Portilho são semelhantes às do Dr. Romêo e de outros “especialistas” da época. A beleza feminina não compactua com certas alterações em suas estruturas físicas que os esportes modernos são capazes de provocar, mas é possível a elas praticarem certos jogos que acrescentem a sua função na sociedade, as quais, para este entrevistado, são a natação, o remo e a equitação:

Além deste [natação], poderá recorrer ao seu complemento – o remo – cuja ação benéfica em prol dos tecidos musculares se evidencia com as ultimas adhesoes obtidas com sucesso nos pareos femininos de nossas regatas. Como divertimento, possui, além disso, um vasto campo na equitação, denominado o sport da elegância e da ousadia.⁴⁵

A função, portanto, que foi atribuída a mulher no mundo esportivo da Primeira República Brasileira era de complemento a sua atuação social voltada à figura masculina, assim, a prática do esporte seria restrita na maior parte das vezes e, quando permitida, apenas se fosse benéfica a sua função de mãe, esposa, namorada – ou seja, aquela que acompanha alguém do sexo masculino. *O Jornal das Moças*, um dos mais influentes periódicos femininos do século XX, foi outro órgão da imprensa a influenciar este processo.

O Jornal das Moças foi criado no século XX, entre os anos de 1914 a 1968, sendo produzido no estado do Rio de Janeiro e distribuído em todo país. Circulava uma vez na semana, sendo vendido em bancas ou entregue pelo correio aos assinantes. Denominado como “revista semanal ilustrada”, possuía em média 75 páginas, apresentando um conteúdo diversificado com informações sobre culinária, dicas de beleza, moda, comportamento, anúncios de produtos, entre outros, com ilustrações, fotos e textos. Voltado especificamente ao público feminino, principalmente, às mulheres de classe média, pois apresentava um custo para sua aquisição, e a maioria era letrada, restringindo assim, o acesso à classe inferior.

O Jornal das Moças não era somente um meio de entretenimento ou um passatempo, com frivolidades para as jovens moças e as donas de casa. Também era um caderno periódico informativo, com dicas sobre moda e com as últimas tendências parisienses, dicas de beleza, artes como a poesia e a pintura, curiosidades, propagandas de produtos dos mais variados de lingerie, produtos de limpeza, utensílios domésticos,

⁴⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

⁴⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. 23 ago. 1912, edição n. 236, p. 6.

receitas gastronômicas. E, principalmente, era um ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher, o qual mudava conforme a passagem das décadas, repaginando-a ou mantendo-a em um padrão desejado pelo estado, sociedade e meios de comunicação (SOARES; SILVA, 2013, p. 2, grifo nosso).⁴⁶

Esta revista era uma das muitas destinadas ao público feminino existentes no Brasil durante o século XX e, como a maioria, ajudou a reforçar o pensamento conversador em relação às mulheres ao exibir conteúdos comportamentais e regras de sociabilidade, “enfazando modos de como ser boa mãe e esposa, destacando a submissão ao homem e atribuindo toda a responsabilidade do sucesso ou insucesso do casamento e da harmonia do lar sobre à mulher”.⁴⁷ Aquelas posturas diferentes do modelo-padrão, por sua vez, eram condenadas e reprimidas. O *Jornal das Moças* como publicação imprensa não se destinava a todas as mulheres, mas àquelas com alto poder aquisitivo e, preferencial e majoritariamente, com conhecimento da leitura e escrita.

Neste sentido, o periódico destacava em suas páginas, ainda que não cotidianamente, abordagens sobre os esportes, com destaque para o futebol. A existência e a popularidade do ludopédio não são ignoradas pelo semanário, mas o lugar da mulher neste universo era relativo à atuação do homem e, muitas vezes, conectado a assuntos envolvendo relacionamentos amorosos. Em 1916, por exemplo, pouco tempo depois de dar destaque aos times femininos infantis do América Football Club, esta revista semanal ilustrada relaciona o ato de flertar (denominada de “flirt”) como “um ‘sport’ como qualquer outro. Como se diz, um ‘sportsman’, diz-se também – flirtman – e flirtgirl”.⁴⁸ O local para a prática deste tipo de interação pode ser em qualquer espaço público onde ocorrem interações sociais, sendo um dos destaques dado ao futebol, em cujos “intervalos dos ‘half-times’, um pouco de ‘flirt’ descança e anima”.⁴⁹

Temos, portanto, a ligação do futebol com o público feminino como uma forma criar relacionamentos amorosos, o que insere as mulheres nas arquibancadas como parte do entretenimento que atraem os homens. Isso não significa que elas

⁴⁶ MORAES; MARTELLI. *Jornal das Moças: as enunciações midiáticas [...]*, 2017, p. 3-4.

⁴⁷ MORAES; MARTELLI. *Jornal das Moças: as enunciações midiáticas [...]*, 2017, p. 17

⁴⁸ JORNAL DAS MOÇAS. 24 ago. 1916, edição n. 62, p. 5.

⁴⁹ JORNAL DAS MOÇAS. 24 ago. 1916, edição n. 62, p. 5.

desconhecessem ou não gostassem desta prática esportiva, pois a disponibilização de ingressos gratuitos por clubes sociais e esportivos, como feito pelo Audax Club em uma de suas festas em 1916, dava direito à “entrada grátis a uma senhorita no Andarah Athletic Club, à rua Prefeito Serzedello Corrêa, 193 – Villa Izabel”,⁵⁰ indicam seu interesse em participar destes eventos.

Naquele mesmo ano, aliás, a revista descreveu os perfis de algumas estudantes normalistas e eventualmente destacou ser a “perfilada grande apreciadora do football, e está [sic] a par das regras deste interessante jogo, discutindo animadamente sobre os Clubs mais em evidencia, com a experiencia de sportmen consumada”.⁵¹ Também não era incomum o periódico realizar entrevistas com algumas colaboradoras e leitoras sobre suas preferências pessoais e ser enfatizado que para elas o “divertimento predilecto...Foot-ball”.⁵² Não estranha, portanto, o *Jornal das Moças* trazer notícias sobre as partidas e seus resultados no campeonato da Liga Metropolitana.⁵³

No que tange à prática de futebol por mulheres, apesar da já citada participação do time de meninas do América, em 1916, temos dois anos depois uma associação iconográfica sobre os riscos que o jogo de futebol poderia trazer às mulheres quando elas não se colocassem em seu devido lugar: em casa durante o dia, nas arquibancadas em eventos sociais. Caso fugissem à regra, poderiam correr riscos de se machucar.⁵⁴

Há imagens que fazem alusão ao futebol do início da Primeira República no *Jornal das Moças* e que destacam o caráter virulento de sua prática para as mulheres. Como podemos observar acima, a charge publicada em 1918 indica que uma senhora, ao aparecer na janela de sua casa, recebe uma bolada de um dos meninos ou homens que jogavam bola próximos a sua residência.

⁵⁰ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 83, p. 9.

⁵¹ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 85, p. 44.

⁵² JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 92, p. 9.

⁵³ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 102, p. 35.

⁵⁴ JORNAL DAS MOÇAS. 1918, edição n. 145, p. 16.



Santos, ao estudar as imagens veiculadas neste periódico, enfatiza a necessidade de considerar dois pontos que se cruzam na metodologia adotada:

O primeiro será o de utilizar o conceito de “representação” de Roger Chartier a fim de relacioná-lo com as imagens ilustrativas respeitando suas especificidades. O segundo direcionamento nos levará a realizar uma análise comparativa dos discursos apresentados nas revistas ilustradas com as transformações sociais.⁵⁵

Dentro dessa perspectiva, os discursos construídos pelo *Jornal das Moças* na década de 1910 acompanham as transformações na indústria jornalística que, segundo Nelson Sodré,⁵⁶ tem como uma de suas intenções atender a interesses empresariais de se tornar mais atrativo para o seu público com a utilização das artes gráficas (caricaturas, fotografias, desenhos). Ao mesmo tempo, pela abordagem de Chartier,⁵⁷ as representações também podem produzir relações de poder e dominação capazes de influenciar na formação de padrões de comportamento, os quais pelas imagens e discursos escritos veiculados pelo periódico indicam, sobretudo em relação ao futebol, que sua prática pelas mulheres deveria ser evitada, cabendo a elas outras funções mais compatíveis com papel secundário que a sociedade da época lhes dava em relação ao homem.

A atuação das mulheres neste período, portanto, deu-se em grande quantidade, mas não exclusivamente, como “admiradoras do sport bretão, torcedoras”.⁵⁸ tanto que em 1918 o *Jornal das Moças* promoveu um “concurso entre as gentis

⁵⁵ SANTOS. 2019, p. 21.

⁵⁶ SODRÉ. Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

⁵⁷ CHARTIER. *A história cultural: entre práticas e representações*, 1988, p. 17.

⁵⁸ JORNAL DAS MOÇAS. 1916, edição n. 87, p. 29.

torcedoras do football. Qual a torcedora mais apaixonada?”.⁵⁹ cujas premiações para as três primeiras colocadas indicam bem o que era esperado delas naquela função: o atendimento aos padrões estéticos.

Para a 1ª colocada: 1 rico broche-distintivo do club a que pertencer, em ouro de lei e esmalte. – Para a 2ª colocada: 1 rico estojo para toilette, em prata de lei, - Para a 3ª colocada: 1 valioso estojo de perfumarias COTY. Alem destes premios, as três primeiras colocadas terão suas fotografias publicadas na capa da nossa revista.⁶⁰

Dessa forma, o início do século XX marca a consolidação de uma sociedade brasileira republicana preocupada com o papel da mulher ante ao desenvolvimento esportivo. Se podemos identificar barreiras contrárias à sua participação como praticante e que a colocava como espectadora e parceira de uma figura masculina (“Elle é jogador de foot-ball....Ella é ‘torcedora’ e conhece as regras do ‘Association’...”).⁶¹ também percebemos que houve tentativas de ruptura a este cenário (“Galanteios e Perversidades [...] O que vai pelo Meyer e Todos os Santos. Coisas impossíveis: [...] Julinha faltar ao foot-ball [...]”).⁶² Ou, por outro lado, por haver meninas, mulheres, senhoritas e senhoras jogando o ludopédio em uma sociedade machista que considerava isso impróprio, foram erguidas as barreiras para impedi-las de tal ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um modelo social está longe de ser feita da noite para o dia, exigindo, portanto, certo tempo para que seus postulados básicos sejam tão internalizados pelos agentes envolvidos ao ponto de serem naturalizados. Neste processo, faz-se necessário em diversos momentos reforçar aquilo que se considera essencial e isso não pode ser feito sempre do mesmo jeito, haja vista a necessidade de encontrar formas variadas para se reforçar a mesma mensagem. Assim foi criado o cotidiano da exclusão feminina no futebol brasileiro na primeira metade do século XX, já que a imprensa, com destaque dado ao *Jornal das Moças* e ao *Gazeta de Notícias* neste artigo, colaborou

⁵⁹ JORNAL DAS MOÇAS. 1918, edição n. 145, p. 8.

⁶⁰ JORNAL DAS MOÇAS. 1918, edição n. 145, p. 8.

⁶¹ JORNAL DAS MOÇAS. 07 nov. 1918, edição n. 177, p. 28.

⁶² JORNAL DAS MOÇAS. 07 nov. 1918, edição n. 177, p. 28.

com a construção de discursos variados que tinham em comum o objetivo restringir sua participação, vinculando-a a um espaço específico fora das quatro linhas, mas dentro do campo esportivo, só que subordinada à figura masculina.

Os argumentos elencados que justificavam às vedações para as práticas esportivas femininas foram variados, mas traziam em comum alguns elementos: o pretenso risco à saúde da mulher, o resultado estético que a repetição de movimentos produziria em seus corpos e a incompatibilidade dos desportos com a natureza feminina vocacionada para a maternidade, à fragilidade e à doçura. Tudo isso era reforçado constantemente, seja por meio de depoimentos, palestras ou entrevistas de especialistas (médicos, cientistas) e/ou personalidades importantes no campo esportivo, bem como por meio de notícias, romances, anedotas, charges etc.

Não é surpresa, neste sentido, que em 1941 o Estado Brasileiro promulgue um decreto-lei oficializando o que já se buscava restringir há quase quatro décadas. A legislação aprovada, então, pode ser vista como a conclusão de uma restrição paulatinamente construída em seus anos anteriores e que se fez necessária pela impossibilidade – como também o foi no tempo em que esteve vigente – de proibir completamente o jogo de futebol das mulheres. No presente trabalho, buscamos apresentar os elementos que construíram a exclusão feminina, mas não podemos destacar que enquanto eles eram colocados em jogo, também existem relatos de mulheres praticando esportes, como apresentados no Vila Izabel, em 1912, como o time de meninas do América, em 1916, e no Vasco da Gama, em 1923. Esperamos que no futuro os nossos trabalhos ou os demais possam focar cada vez mais em tornar públicas tais práticas.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das moças**: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945). Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2008.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial; Teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Relume-Dumará, 1996.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, Editora UNICAMP, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-53.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

LEAL, Carlos Eduardo. Verbete: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC. Disponível em: <https://bit.ly/46SDEZt>. Acessado em 09 jun. 2022.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-52, 2007.

MORAES, Patrícia Canabarro Coelho de; MARTELLI, Andréa Cristina. *Jornal das Moças*: as enunciações midiáticas e a noção de gênero e imaginário feminino no século XX. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 3, p. 1-19, 2017.

PESSANHA, Nathalia Fernandes. **Arquibancada feminina**: relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, 2020.

SANTOS Aline Tosta dos Santos. A construção do papel social da mulher na Primeira República. **Em Debate**, PUC-RJ (on-line), v. 8, p. 1, 2009.

SANTOS, Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos. **A representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2019.

SILVA, U. R.; SOARES, D. S. O *Jornal das Moças*: Uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por pelotas nas décadas. In: **Seminário de História da Arte**, 12, Anais eletrônico [...]. Pelotas, RS: UFPEL, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck Sodré. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SWAIN, T. N. A invenção do corpo feminino ou a hora e vez do nomadismo identitário? In: SWAIN, Tânia N. (Org.). **Feminismos: Teorias e Perspectivas. Textos de História**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, vol. 8, n. 1/2. Brasília: UnB, 2000. p. 47-83.

SOUZA, Glauco José Costa. “Uma verdadeira onda de admiradoras”: as imagens das mulheres nas competições suburbana de futebol (1907-1941). In: JANUÁRIO, Soraya Barreto e KNIJNIK, Jorge. (Orgs.) **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade** [recurso eletrônico]. Recife: Ed. UFPE, 2022, p. 351-377.

Fontes

BRASIL decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941.

CLUB de Regatas Vasco da Gama. Careta. Rio de Janeiro, p. 16, 1923.

GAZETA DE NOTÍCIAS, 16 de agosto de 1898, e. 228, p. 2.

GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 de março de 1903, edição n. 62, p. 2

GAZETA DE NOTÍCIAS, 23 de agosto de 1912, edição n. 236, p. 6.

JORNAL DAS MOÇAS, Dia Desconhecido do Mês Desconhecido de 1916, edição n. 54, p. 13.

JORNAL DAS MOÇAS, 24 de agosto de 1916, edição n. 62, p. 5.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 83, p. 09.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 85, p. 44.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 92, p. 9.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 102, p. 35.

JORNAL DAS MOÇAS, Março de 1918, edição n. 145, p. 16.

JORNAL DAS MOÇAS, 1916, edição n. 87, p. 29.

JORNAL DAS MOÇAS, 07 nov. 1918, edição n. 177, p. 28.

MONCORVO FILHO. O Dia das Mães: conferência realizada em 12 out. 1925 no Instituto Nacional de Música (extraída dos Archivos de Assistencia a Infancia) / pelo Dr. Moncorvo Filho. Rio de Janeiro: Empresa Graphica Ed., 1925, p. 4. Disponível em: <https://bit.ly/4tAzmj5>. Acessado em 14 abr. 2025.

Site do América Football Club.

* * *

Recebido em: 15 abr. 2025.
Aprovado em: 16 jan. 2026.

Gurias Coloradas: representações do futebol feminino do Sport Club Internacional nas páginas da revista *Placar* (1980-1990)

Gurias Coloradas: representations of women's football at Sport Club Internacional in the pages of *Placar* magazine (1980-1990)

Maria Karolinne Rangel de Mello

Universidade Federal de Minas Gerais, EEFFTO, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Estudos do Lazer, UFMG
karolmello2012@gmail.com

Scarlleth Bianca de Oliveira Souza

Universidade Federal de Minas Gerais, EEFFTO, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Estudos do Lazer, UFMG

Silvio Ricardo da Silva

Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Educação Física, Ouro Preto/MG, Brasil
Doutor em Educação Física, UNICAMP

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender a representação do futebol feminino do Sport Club Internacional, pela revista *Placar*, entre as décadas de 1980 e 1990. A pesquisa também se ampara nos estudos sobre gênero e construções sociais, partindo dos conceitos teóricos de Gayatri Spivak, Joan Scott e Nancy Fraser. O estudo analisa o contexto de surgimento da equipe e os desafios enfrentados pelas jogadoras dentro e fora de campo. Esse contexto também evidencia a recorrente abordagem da mídia ao sexualizar as jogadoras de futebol, deslocando o foco das suas habilidades esportivas. A análise das representações dessas jogadoras nas páginas da *Placar* possibilita compreender e refletir sobre as suas vivências, reivindicações e resistência no futebol feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol feminino; Sport Club Internacional; Revista *Placar*; Luta por reconhecimento.

ABSTRACT: The objective of this study is to understand the representation of women's soccer at Sport Club Internacional in *Placar* magazine between the 1980s and 1990s. In addition to analyzing the mechanisms used by the media, the study seeks to articulate the study with studies on gender and social constructions, based on the theoretical concepts of Gayatri Spivak, Joan Scott and Nancy Fraser. The study analyzes the context in which the team emerged as well as the challenges that marked its trajectory. The challenges observed allow us to reflect on the aspects of women's subordination in the context of soccer, facing obstacles on and off the field. This context also reveals the media's approach to promoting the sexualization of soccer players, shifting the focus from their sporting abilities. The analysis of the experiences of these players in the pages of *Placar* allows us to understand and reflect on the experiences, demands, struggle and resistance of the players of Sport Club Internacional.

KEYWORDS: Women's football; Sport Club Internacional; *Placar* magazine; Struggle for recognition.

INTRODUÇÃO

Para compreender as lutas do futebol feminino no Brasil, é preciso revisitar sua história, marcada por injustiças. Os primeiros relatos do futebol feminino no país datam de 1920, sobre uma partida descontraída entre moças da elite. Mas Bonfim¹ e Gomes e Marchi Júnior² apontam registros desse futebol em 1915, associado a crescente presença feminina na sociedade. Para Bonfim, as festas esportivas dos clubes foram importantes para a inserção das mulheres no futebol.

Embora iniciado como um simples jogo, o envolvimento das mulheres causou estranhamento. Com isso, elas acabaram permanecendo nas arquibancadas, torcendo por seus companheiros ou familiares. Anos depois, esses jogos voltaram a ocorrer com a criação de alguns times, causando indignação social. Os jornais do país divulgavam os perigos dessa prática esportiva.³

A imprensa da época reproduzia o preconceito de gênero. O jornal *O Imparcial*, destaca: “A mulher que joga football, além de perder o encanto de suas formas, adquire outro sexo. Deixa de ser mulher e não se transforma em homem”.⁴ A ideia de que a mulher que joga perde o “encanto” e “adquire outro sexo” reflete um discurso que associa a feminilidade a padrões rígidos, ameaçados pelas práticas esportivas consideradas “masculinas”.

O tabu sobre o futebol feminino se refletia no campo midiático e na esfera política. Em 1940, uma carta de José Fuzeiro ao presidente Getúlio Vargas pedia a proibição dessa prática no Brasil, ressaltando a preocupação com a natureza da mulher, uma vez que “estariam abandonando suas funções naturais para invadirem o espaço dos homens”.⁵ Em 1941, o Conselho Nacional de Desportos decretou a proibição do futebol feminino, que continuou ocorrendo ilegalmente. O movimento social feminista aliado à luta pela participação das mulheres nos diversos espaços “ecoaram no interior do universo esportivo”.⁶

¹ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, 2019.

² GOMES; MARCHI JÚNIOR. Os primórdios do futebol feminino no Brasil, 2024.

³ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho"?, 2005.

⁴ O IMPARCIAL. Edição n. 1723, p. 4, jan. 1941.

⁵ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho", p. 331.

⁶ RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, p. 55.

De 1970 a 1990, surgiram esperanças para o futebol feminino com sua legalização. Criou-se times dedicados à modalidade, como o Sport Club Internacional. Destaca-se Alayde Fagundes, líder do departamento de futebol de mulheres do Internacional, em 1940, sendo também responsável pela criação da primeira torcida colorada.

Além disso, a representatividade feminina no Sport Club Internacional remonta à trajetória de Maria Von Ockel, que, em 1918, tornou-se não apenas a primeira mulher a se associar ao clube, mas também a primeira mulher a se tornar sócia de um clube de futebol no Brasil.

Assim foram analisados materiais sobre o time na *Placar* dos anos oitenta e noventa. Publicando 652 edições na época pesquisada, foram analisadas nove: 701, 718, 726, 738, 763, 783, 820, 1115 e 1119. Criada em 1970, pela Editora Abril, a *Placar* se consolidou como a revista esportiva de maior circulação no país, tendo um perfil editorial fortemente masculinizado, em sua linha editorial e nas representações que produziu.⁷ Também se destaca a discrepância entre os acervos dedicados ao futebol masculino e ao feminino. Como aponta Ramos, “sobre o futebol jogado por homens existe vasto material publicado em revistas acadêmicas, livros e capítulos de livros, tema que é tratado a partir de diversos enfoques. E, em contraponto, sobre o futebol de mulheres, pouco se produz, registra e publica”.⁸

Assim, busca-se responder à questão: como o futebol feminino do Sport Club Internacional foi representado por revistas esportivas renomadas, sobretudo pela revista *Placar*, nos anos 1980 e 1990? Parte-se da hipótese de que as jogadoras foram retratadas de maneira estereotipada, com ênfase em atributos físicos e estéticos, em detrimento de suas habilidades esportivas.

Vimieiro, Eugênio e Souza destacam a análise de Salvini e Marchi Júnior sobre a *Placar* nas décadas de 1980 e 1990, que mostra como a revista representava o futebol feminino como aceitável a partir de uma lógica binarista e heteronormativa, recorrendo à objetificação do corpo das jogadoras para reafirmar sua feminilidade,

⁷ SALDANHA. *Placar e produção de uma representação de futebol moderno*, 2009.

⁸ RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, p. 17.

representadas nas capas e reportagens publicadas nos anos 1990.⁹ Essa postura editorial reflete um campo esportivo marcado por desigualdades de gênero e por mecanismos simbólicos de exclusão.

Nas investigações de Salvini e Marchi Júnior (2016) da revista *Placar* durante três décadas (1980–2010), evidenciam tensões entre visibilidade, gênero e profissionalização, ponderando que “a revista se esforça para apresentar jogadoras em poses ou ações que lembrem a normatividade de gênero”.¹⁰

Este trabalho adota o conceito de futebol de mulheres como uma alternativa ao termo futebol feminino, que tende a reforçar uma perspectiva normativa e hegemônica de gênero, colocando-o como a outra face do futebol masculino. Esse conceito busca destacar a presença e o protagonismo das mulheres na prática futebolística, sem reduzi-las a uma categoria homogênea ou a um grupo que “possui” esse futebol de maneira exclusiva. Pelo contrário, trata-se de um universo complexo e heterogêneo, permeado por interações entre diferentes classes, etnias e gêneros. Assim, a escolha terminológica é política e valoriza práticas esportivas dissonantes, rompendo com análises que adaptam o modelo do futebol masculino, “ampliando o entendimento sobre a proeminência e o protagonismo de mulheres”.¹¹

A abordagem do futebol feminino é utilizada a partir dos dois conceitos ao longo do trabalho, respeitando a proposta crítica do futebol de mulheres e a terminologia historicamente empregada reconhecendo as transformações na representação da presença feminina no futebol. Amplia-se a compreensão para a representação do futebol feminino do Sport Club Internacional pela revista *Placar* no recorte apresentado. Sobretudo, as formas de resistência protagonizadas pelas mulheres e os discursos que estavam em circulação.

⁹ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990, 2013.

¹⁰ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*: 30 anos de história, p. 99.

¹¹ KESSLER. *Mais que barbies e ostras*, p. 33.

“PODE O FUTEBOL DE MULHERES LUTAR?”

A chegada do futebol ao Brasil foi marcada por distinções de classe e elitização, sendo inicialmente restrito a homens brancos de classe alta.¹² No futebol feminino, esses desafios foram mais acentuados. A edição de nº 738¹³ expõe a precariedade estrutural que marca o futebol feminino, abordando a falta de investimentos, financiamento e remuneração das jogadoras. Dessa forma, é necessário levantar o questionamento de Scott: “por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que saibamos que elas participam de grandes e pequenos eventos da história humana?”.¹⁴

Desde que começaram a ocupar os espaços esportivos, as mulheres têm enfrentado desafios, marcados, sobretudo, pela desigualdade de gênero, moldadas pelos valores e contextos socioculturais de cada época.¹⁵ Como apresentado por Goellner e Kessler, alguns dos desafios são:

A escassez de campeonatos, o pouco espaço na mídia, a ausência de equipes nos principais clubes, o pouco incentivo para a prática do futebol pelas meninas na educação física escolar e nos espaços de lazer, entre tantas outras situações, indicam o quanto no Brasil o futebol praticado por mulheres se apresenta sub-representado.¹⁶

Fraser propõe que as injustiças de gênero não podem ser compreendidas apenas pela distribuição econômica desigual, mas também como desrespeito cultural e simbólico. O futebol feminino, nesse contexto, foi marcado por um regime de reconhecimento que inferiorizava e desqualificava as atletas, por sua condição de gênero e por sua intersecção com questões de classe e raça, eixos centrais de exclusão. A autora pontua que “o que está em jogo não é apenas uma redistribuição de recursos, mas a superação de padrões culturais que impedem o reconhecimento pleno”.¹⁷ Um exemplo deste problema pode ser visto em uma entrevista com a joga-

¹² BROCH. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero, 2021.

¹³ PLACAR. Edição n. 738, 1983.

¹⁴ SCOTT. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, p. 93.

¹⁵ BROCH. Histórico do futebol feminino no Brasil, 2021.

¹⁶ GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 33.

¹⁷ FRASER. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista, p. 28.

dora Nini Baciega do CATS (Clube Atlético Taboão da Serra), em 2020. Essa entrevista viralizou nas redes sociais após seu time perder de 29x0 do São Paulo, no campeonato paulista. Nini ressalta a desigualdade de incentivos entre times que participam de campeonatos estaduais:

Ninguém tem salário, ninguém tem condução, a gente não tem roupa de treino, a gente não tem apoio nenhum do clube. Usamos o nome do clube, infelizmente, para participar do campeonato paulista, pois a gente acredita que é uma oportunidade das meninas mais novas.¹⁸

A desqualificação de gênero é vivenciada pelas jogadoras e pelas mulheres árbitras, comentaristas de futebol, comissão técnica e, inclusive, torcedoras. Compreender a questão do gênero no futebol é importante para entender por que a modalidade feminina ainda permanece ofuscada pela masculina, apesar dos avanços recentes.

Martins, Silva e Vasquez, em análise com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, demonstram a desigualdade na prática do futebol. Entre os praticantes, 94% são homens e apenas 6% das mulheres praticam esse esporte.¹⁹ Essa disparidade reflete uma série de fatores históricos, culturais e estruturais, em que devem ser analisada, a partir da interseccionalidade, considerando como diferentes marcadores sociais, gênero, raça e classe, interagem e produzem experiências distintas para as mulheres no esporte.

Apesar disso, as mulheres resistem e lutam por um esporte mais igualitário, com oportunidades para todas, buscando um reconhecimento que extrapola as quatro linhas. O exemplo de Nini é um dos muitos que dão voz ao esporte, porém o discurso costuma ser o mesmo: denunciar todas as faltas que persistem em sua infraestrutura. Ainda assim, nem sempre suas vozes são ouvidas, especialmente pela falta de visibilidade na mídia. Isso evidencia um desafio central: como garantir espaços reais de escuta e representação? Não basta apenas falar, é preciso criar condições para que essas vozes ganhem corpo e reconhecimento.²⁰

¹⁸ FUTEBOL FEMININO É ARTE, Nini, capitã do Taboão da Serra, que perdeu por 29 x 0 para o São Paulo no Paulistão feminino, Youtube, 2020.

¹⁹ MARTINS; SILVA; VASQUEZ. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil, 2021.

²⁰ SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, 2010.

Essa questão é vista no trabalho de Spivak, *Pode o subalterno falar?*. Nele, a pesquisadora propõe implementar um novo olhar sobre o entendimento do mundo contemporâneo e suas articulações. Nesse processo, tem-se a necessidade de reescrever as histórias e o lugar de representação dos indivíduos subalternos que seriam, segundo a autora: “As camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.²¹

Ao questionar onde estaria tal oportunidade diante de um ambiente opressor e o papel destinado aos representantes da população marginalizada, a autora demonstra dificuldade na representação de determinados indivíduos na sociedade diante das diversas desigualdades existentes. Pensando sobre a possibilidade de a mulher subalterna falar, a autora questiona se os discursos dominantes permitem que as mulheres fora dos centros hegemônicos sejam ouvidas em seus próprios termos. Aplicada ao futebol feminino, essa reflexão ajuda a compreender como as atletas são representadas por narrativas mediadas pelo olhar masculino, que silenciam suas experiências e as enquadram em estereótipos de gênero.

Dessa forma, as jogadoras estariam em um mundo marcado por relações sociais baseadas no gênero, que estruturam as relações de poder existentes nas organizações que se desdobram em afirmações da dualidade feminino x masculino.²²

Fraser²³ dialoga com a questão da injustiça econômica e cultural, marcadas pelas mudanças advindas na sociedade no final do século XX, impulsionando desigualdades que alteraram o cenário de demandas de diversos grupos na sociedade. Para a autora, essas duas noções de injustiça demandam reconhecimento e redistribuição, podendo ser requeridas juntamente.

Para exemplificar esse processo, Fraser demonstra com o conceito de coletividade bivalente que certas diferenciações em que se incluem, por exemplo, o gênero, necessitam de redistribuição no âmbito econômico-político, pressupondo: melhores condições de trabalho, rompimento de barreiras, onde o gênero seria tipo como um marco inferior, e outras explorações.

²¹ SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 12.

²² SCOTT. *Gênero*, 1995.

²³ FRASER. *Da redistribuição ao reconhecimento?*, 2006.

Além disso, as diferenças de gênero demandam um reconhecimento cultural que buscaria remédios para problemas como: violência e exploração sexual; representações objetificadoras da mídia; assédio; exclusão na esfera pública e política, e, também, pressupostos de que algo seria masculino demais para as mulheres, que deveriam concentrar em coisas “femininas”.

Esse estigma de ser “coisa de homem” é presente em muitos esportes que demandam mais força e habilidade e, partindo disso, as mulheres não seriam capazes de exercê-lo. Além disso, esse aspecto foi sentido também nas arquibancadas, onde as mulheres eram detentoras do sexo frágil e, logo, aquele espaço era exclusivo para os homens. Ao vivenciar essas experiências, encontraram um espaço nada solicitado à sua presença, com regras e proibições que inviabilizaram o seu torcer. Como apresentado por Moraes,²⁴ algumas torcidas impõem restrições às mulheres, proibindo-as de tremular bandeiras ou ocupar cargos de liderança dentro da agremiação.

Na Copa Feminina de 2018, a jogadora Marta levou essa luta para os gramados e usou uma chuteira sem patrocínio e com a bandeira que simboliza a luta pela igualdade salarial entre homens e mulheres em todos os jogos que o Brasil participou.²⁵ Demandando reconhecimento não só dentro do futebol feminino, mas também na sociedade como um todo. Lutas contra assédio no campo, nas arquibancadas e fora deles marcam ações realizadas pelas mulheres dentro do futebol. Dessa forma, o futebol pode ser percebido como um ato político, visto no relato das denúncias e também em outros fortes depoimentos que evidenciam sua luta por reconhecimento.

Dentro da esfera econômica-política, as demandas seriam próximas a questões de reconhecimento. Primeiramente, foi visto que muitas mulheres participam de campeonatos sem mesmo receber por isso, vivendo, assim, em uma jornada dupla de trabalho, pois muitas mulheres, além de jogarem profissionalmente, estudam, trabalham para completar a renda e exercem a maternidade. É preciso ressaltar também as categorias de base, em que os clubes deveriam garantir alojamento, alimentação e educação. Logo, são necessários mais investimentos dos clubes nas equi-

²⁴ MORAES. *As torcedoras querem (poder) torcer*, 2019.

²⁵ SILVA. Marta opta por jogar sem patrocínio e carregar recado em chuteira, *UOL*. 14 jul. 2019.

pes e, principalmente, na base. Maiores investimentos representam maior visibilidade, permitindo que meninas sigam seus sonhos no futebol com acesso a centros de treinamento de qualidade e à garantia de todos os seus direitos enquanto atletas.

SPORT CLUB INTERNACIONAL

O futebol de mulheres do Sport Club Internacional é parte fundamental da história do clube e da luta feminina por espaço no futebol gaúcho. Segundo Lima e Hecktheuer, “a relação das mulheres com o futebol, dentro do clube, vem sendo construída há muitos anos”, mas marcada por “descontinuidades”, especialmente dentro das quatro linhas.²⁶

A primeira equipe a que se tem registro formou-se em 1983, com base no time Pepsi Bola de Porto Alegre, e já no ano seguinte realizou a primeira seletiva para formar a equipe adulta. Porém, como não existiam categorias de base na época, as equipes eram compostas por mulheres adultas, e as mais jovens precisavam se adaptar e integrar esses times se quisessem jogar futebol.²⁷

O clube ofereceu uma estrutura básica e revelou atletas como Eduarda Luizelli, a Duda, que chegou à seleção brasileira. Cabe pontuar que, mesmo com estrutura básica e apoio inicial, o clube não custeava as viagens, ficando estas a cargo das atletas.

Apesar das conquistas, como o tricampeonato gaúcho e o terceiro lugar na Taça Brasil, de 1987, nos anos seguintes, houve uma diminuição dos campeonatos, enfraquecendo o futebol feminino e resultando na extinção do departamento feminino do Internacional. Segundo Suellen dos Santos Ramos, em sua dissertação intitulada *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)*, tal medida resultou na criação de uma equipe de futsal pelas jogadoras, As Bruxas, participando de torneios em todo o estado. Ao falar da história do time colorado, é necessário passar pela atuação de suas jogadoras no futsal, já que “não há como desvincular um do outro”.²⁸

²⁶ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional: sobre o futebol de mulheres no clube do povo, p. 86.

²⁷ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional, 2019.

²⁸ RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, p.66.

Uma das marcas do futebol das garotas coloradas, principalmente na década de 1980, foi Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda, integrante da primeira equipe formada pelo Sport Club Internacional, quando tinha apenas 13 anos. Segundo Lima e Hecktheuer, “Duda marcou a trajetória do futebol de mulheres no Internacional enquanto jogadora, com passagens também pelo futebol italiano e pela Seleção Brasileira”.²⁹

Em 2004, novamente o departamento feminino foi desativado, principalmente por falta de apoio financeiro e competições. Em 2007, o Internacional estabeleceu nova parceria com a Duda, visando disputar a Copa do Brasil Feminina, parceria esta que se encerrou ao fim da competição.

Em 2016, teve início a uma nova fase para o futebol feminino do Sport Club Internacional, impulsionada pelas mobilizações de Duda e pelo surgimento de novas regulamentações relacionadas ao futebol feminino. No decorrer de 2017, o clube anuncia oficialmente a retomada do futebol de mulheres, marcado pela liderança de Duda como coordenadora técnica.³⁰

Salvini e Marchi Júnior, nos seus estudos sobre a *Placar*, refletem que o Internacional é citado como uma das potências emergentes do futebol feminino brasileiro durante os anos 1980. Mas ponderam que a cobertura da revista oscilava entre valorizar a performance esportiva e reforçar estereótipos de feminilidade: “as 'garotas propaganda' foram escolhidas mais pela beleza física [...] do que pela habilidade esportiva”.³¹

Diante disso, a história do time feminino do Internacional é contada a partir de lacunas e das lutas levantadas por suas jogadoras.³² O futebol feminino no Rio Grande do Sul passou por diversas transformações ao longo dos anos, sendo marcado pela criação da Seleção Gaúcha, no início dos anos 1990, para disputar a I Taça Havelange de Futebol, reunindo diversas seleções de todo país. Atualmente, é o maior vencedor do clássico Grenal, partida entre Internacional e Grêmio, contando com 10 títulos do Campeonato Gaúcho.

²⁹ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional, p. 89.

³⁰ LIMA; HECKTHEUER. Sport Club Internacional, 2019.

³¹ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*, p. 106.

³² RAMOS. *Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul*, 2016.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este estudo é de natureza qualitativa, com enfoque na pesquisa documental e na análise do discurso. Baseia-se na análise da representação midiática, da revista *Placar*, entre os anos de 1980 e 1990, com foco no Sport Club Internacional.

A escolha pelo método qualitativo se justifica, conforme aponta Minayo,³³ pela valorização das experiências, contextos e pelas diferentes realidades sociais em que se constroem o fenômeno estudado.

A pesquisa é composta pela análise de nove edições da revista *Placar*, que abordam o Sport Club Internacional, selecionadas através de palavras-chave incluídas no canal de busca do acervo digital da referida revista.

A análise do discurso segue a perspectiva de Fairclough, na perspectiva de identificação das relações de poder e estereótipos de gênero,³⁴ que dialoga também com as contribuições teóricas de Spivak, Scott e Fraser.

Além da análise textual, também se observa como as imagens e enunciados atuam como ferramentas para a construção e reforço das diferentes representações das jogadoras de futebol do Sport Club Internacional pela revista *Placar*.

A análise foi estruturada com base nas seguintes palavras-chave analíticas: sexualização, objetificação, estereótipo, heteronormatividade, estética e competência técnica. Tais termos emergiram da leitura crítica das representações midiáticas nas edições da revista *Placar*.

“BELAS” E “CHARMOSAS”: AS GURIAS COLORADAS NAS PÁGINAS DA REVISTA *PLACAR*

A primeira menção ao Sport Club Internacional na revista ocorreu na edição nº 701,³⁵ publicada em 1983. Sob o título *A Bela e as Feras*, a matéria comparava jogadoras dos campeonatos Gaúcho e Carioca.

³³ MINAYO. *Pesquisa Social*, 2001.

³⁴ FAIRCLOUGH. *Discurso e mudança social*, 2001.

³⁵ PLACAR. Edição n. 701, 28 out. 1983.



Fig. 1 - Matéria *A bela e as feras*. Fonte: revista *Placar*, edição nº 701 (1983).

Na abertura da matéria, destaca-se a imagem da jogadora do Inter, Bel, seminua ao lado de uma bola dentro de campo. Além disso, ela posava de forma sensual, segurando uma rosa vermelha com a boca. Essa jogadora é comparada às musas da beleza, tendo suas medidas de altura, busto, cintura e coxas destacadas na reportagem, um tratamento incomum quando se observa a forma como os jogadores do futebol masculino são retratados.

A revista enfatizava sua aparência e sugeria que sua presença atraía mais torcedores aos jogos do Internacional: “A torcida do Internacional anda chegando mais cedo ao Beira-Rio. O motivo se chama Bel, tem 17 anos e brilha intensamente nas partidas preliminares, tanto na bola como na graça”.³⁶ Essa abordagem não apenas *sexualizava* uma adolescente, mas também reduzia sua participação no futebol ao seu apelo *estético*, em vez de valorizar suas habilidades esportivas.

Para mais, a revista tenta, de maneira falha, valorizar as habilidades da jogadora enquanto exalta sua aparência. Isso fica evidente na descrição de um lance em que afirma: “Ela balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria”. Em seguida, a matéria destaca a reação de um famoso torcedor do clube, de 60 anos, que, ao presenciar o gol, exclamou: “Mata o velho, mata!”. A revista

³⁶ PLACAR. Edição n. 701, 28 out. 1983, p. 49.

ainda acrescenta um comentário que reforça a *objetificação* da atleta: “seu grito tinha um sentido maliciosamente dúbio: ao mesmo tempo em que comemorava mais um gol da equipe feminina do seu clube, Ambrósio festejava a beleza de sua autora, Isabel Araújo Nunes, 17 anos”.

Na página seguinte, a revista apresenta “as feras”, mas a utilização desse termo vai além de destacar as habilidades das jogadoras do futebol carioca. Ao exibir imagens de confrontos durante as partidas, a matéria reforça um *estereótipo* negativo ao afirmar: “Elas brigam também – e às vezes brigam feio, como na selvagem agressão ao juiz da decisão do Campeonato Carioca”.

Em contraste com a imagem da jogadora Bel, que é retratada de forma *sexualizada* e com sua beleza exaltada, a revista destaca a jogadora Sara, do Bangu, de maneira completamente oposta. Diferente da atleta gaúcha, Sara não conta com uma superprodução em sua foto, que aparece em preto e branco. Na imagem, ela surge séria, com o foco apenas em seu rosto e sua expressão.

É importante ressaltar que Sara é uma jogadora negra, de cabelo raspado, e sua imagem é associada justamente ao trecho que menciona a agressividade das mulheres no futebol. A revista reforça essa dicotomia ao compará-la com as “belas” jogadoras do Internacional, concluindo: “[...] resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter – e que as feras voltem às jaulas”. Diante disso, como afirmado por Martins, Silva e Vasquez, “tal narrativa enquadra as negras na chave da “bestialização”, por transgredirem as normas da feminilidade e da heterossexualidade compulsória”.³⁷

Na edição nº 738, publicada em 1984, a revista *Placar* trouxe uma representante do futebol feminino em sua capa. Durante o desenvolvimento da modalidade no país, após décadas de proibição, a jogadora Vandira, volante do extinto clube Pinheiros-PR, posou para a foto. O título da edição chama a atenção: “3.000 times e 45.000 mulheres em campo”, evidenciando o crescimento do interesse feminino pelo esporte.³⁸

³⁷ MARTINS; SILVA; VASQUEZ. As mulheres e o país do futebol, p. 6.

³⁸ PLACAR. Edição n. 738, 1983.



Fig. 2 - Capa da edição de nº 738 com a jogadora Vandira.
Fonte: revista *Placar*, edição nº 738 (1983).

A matéria intitulada *O charme da conquista*, publicada na edição nº 738³⁹ da revista *Placar*, em 1984, apresenta um retrato emblemático da forma como o futebol feminino era discursivamente construído pela grande mídia. A imagem central chama atenção ao colocar em destaque a jogadora Bel do Internacional e ao comunicar: “A grande musa do belo Inter”.

A matéria destaca a existência de 45.000 jogadoras em 3.000 times no Brasil, que lutam por reconhecimento e profissionalização. Também relata as dificuldades enfrentadas por atletas, como Sally, de 22 anos, que revela à revista: “eu pensava que era a única mulher que jogava futebol”, expondo a invisibilidade e as distinções de gênero observadas dentro do futebol. Apesar disso, o texto sugere que essa realidade mudou, afirmando que essas mulheres “gastam suor e talento atrás do ganha-pão, notoriedade e do prazer de tocar a bola rumo ao adversário”.

Na matéria, comenta-se ainda sobre a autorização legal que conquistaram do Conselho Nacional de Desportos, em abril de 1986, e pontuam que o futebol femi-

³⁹ PLACAR. Edição n. 738, 13 jul. 1984

nino, com sua matriz no futebol masculino oriundo da Inglaterra, “já é definitivamente uma graciosa realidade do futebol brasileiro”. Os termos “graciosa realidade” e “campeãs da beleza”, como observado, causam um efeito de deslocamento do foco do futebol feminino do profissionalismo para a *estética*.



Fig. 3 - Bel na matéria *O Charme da Conquista*.
Fonte: Revista *Placar*, edição nº 738 (1985).

O redator também compara as reações da torcida no futebol masculino e feminino, destacando que, além de aplausos e vaias, as jogadoras recebem assobios, cartas e insultos, como os gritos de “sapatão”. Ao revelar que as jogadoras “aprenderam a desligar os ouvidos”, o discurso reforça as expectativas de feminilidade em relação à modalidade, além da *heteronormatividade*, evidenciando o que apontam os estudos de Vimieiro, Eugênio e Souza quando discorrem sobre a ideia de que os corpos das jogadoras “[...] ao não performarem aquilo que é esperado de seu gênero – sendo elas fortes, habilidosas e ativas –, são também interpretados como desviantes em termos de sexualidade”.⁴⁰

⁴⁰ VIMIEIRO; EUGÊNIO; SOUZA. Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas, p. 11.

A matéria segue reforçando a valorização da feminilidade ao destacar que as jogadoras “[...] não têm os corpos deformados pelos exercícios físicos”, sendo descritas como detentoras de “beleza indiscutível”.⁴¹ Já o time é chamado de “campeão nacional da beleza”, enquanto sua habilidade técnica é minimizada com a afirmação de que o “currículo futebolístico é pouco mais que medíocre”. Esses trechos, mais uma vez, evidenciam a *sexualização* das jogadoras e o enfoque na *estética* das jogadoras. Vale refletir, por outro lado, que não se trata da “*sexualização* de qualquer corpo: é do corpo branco, e muitas vezes de mulheres loiras que destoam, em geral, das praticantes da modalidade”,⁴² como observável neste trecho da matéria, sobre a jogadora Bel, ponta-direita do time: “18 anos, olhos verdes, cabelos loiros e corridos, pernas lindas, presença exigida pelos promotores em qualquer jogo do internacional”.

A matéria expõe a precariedade estrutural do futebol feminino, destacando relatos de jogadoras com salários baixos, sem apoio para transporte e que, como Sally, não conseguiram concluir os estudos por falta de conciliação com os treinos. Recebendo apenas 45.000 cruzeiros e arcando com seus próprios custos, Sally ainda expressa esperança ao afirmar: “acredito muito que ainda vou ganhar bastante dinheiro com o futebol”.

A matéria evidencia a disparidade nos investimentos entre clubes de futebol feminino, revelando que equipes como o Radar recebiam até 6 milhões de cruzeiros de patrocínio, enquanto o Atlético Mineiro destinava 1,7 milhão mensais a materiais, salários, estrutura e moradia. Em contraste, os clubes do Rio Grande do Sul não ofereciam qualquer remuneração às jogadoras, e o Grêmio havia encerrado seu time feminino naquele período.

Após apresentar um panorama acerca da remuneração de jogadoras de futebol feminino de distintos times brasileiros, demonstrando um cenário em ascensão, o editor reflete que

⁴¹ PLACAR. Edição n. 738, p.24.

⁴² VIMIEIRO; EUGÊNIO; SOUZA. Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil, p. 12.

de qualquer maneira, a remuneração das jogadoras, que sonham com a profissionalização, ainda está muito longe do que ganham algumas estrelas de segunda linha dos shows e novelas da Rede Globo para perseguir a bola nos campos de futebol das mais variadas cidades do Brasil.⁴³

Revelando uma crítica pela falta de profissionalização no futebol feminino, ponderando que, apesar dos avanços, as jogadoras ainda recebem salários muito baixos.

A edição também aborda a preocupação com os corpos femininos no futebol, destacando a matéria “Cuidado com os seios”, que discute a medicina esportiva voltada às mulheres. Uma médica critica a atuação de leigos na modalidade e afirma que “a mulher pode adquirir resistência física para o futebol, desde que os exercícios não forcem uma estrutura óssea e muscular que é diferente do homem”. Já na coluna “A mulher, no futebol, igualará o homem”, Maria Cristina Gama Duarte contesta a comparação entre corpos masculinos e femininos, questionando: “não vale a pena questionar – em termos masculinos e tão machistamente competitivos – se as mulheres vão chegar à forma física igual ao do homem no futuro. Ou está-se pensando em formar times mistos?”.

Sobre essas últimas análises, cabe refletir que a revista se vale de *estereótipos* que historicamente associam o corpo da mulher à fragilidade, reforçando a visão limitadora que ainda vincula o corpo feminino a uma ideia de vulnerabilidade, em contraste com o corpo masculino, tido como naturalmente apto para o futebol. Por outro lado, a própria publicação oferece espaço para olhares críticos a essa lógica, como o da jornalista Maria Cristina Gama Duarte, que contesta diretamente a comparação entre homens e mulheres dentro de uma perspectiva competitiva e machista.

A edição nº 783⁴⁴ da revista traz uma entrevista com Maria Cristina Rosito, conhecida como “Morinha”, uma atleta que, segundo a publicação, já quebrou tabus em seis modalidades esportivas, incluindo o futebol, onde atuou como centroavante do time feminino do Internacional. Quando a matéria foi publicada, Maria Cristina estava iniciando sua trajetória de sucesso na Fórmula Ford, sendo a primeira mulher a vencer uma prova nessa modalidade.

O autor da reportagem, Lemyr Martins, destaca que a atleta é habilidosa, dedicada e tranquila, mas ressalta, de maneira questionável, que ela “não deixou a beleza de lado”. O texto menciona que Maria Cristina se maquiava antes das provas,

⁴³ PLACAR. Edição n. 738, 13 jul. 1984, p. 27.

⁴⁴ PLACAR. Edição n. 783, 24 maio 1985.

como se estar arrumada e ser uma competidora de alto nível fossem características incompatíveis. A matéria ainda compara a bolsa de maquiagem que ela carregava consigo a uma caixa de ferramentas masculina.

Na edição nº 820⁴⁵ da revista *Placar*, publicada em 1986, o título da matéria sobre o futebol feminino do Internacional também chama atenção pela escolha das palavras: “As belas e a velha fera”. A analogia ao conto clássico *A Bela e a Fera* reforça o enquadramento das jogadoras como objetos de beleza em contraste com a figura do técnico, apresentado como a “fera”, no sentido coloquial de quem representa alguém bom em algo, cuja autoridade é legitimada pela marca de “860 gols em 21 anos de carreira”.

Em seguida, o subtítulo da matéria também segue fazendo ponderações sobre o atual técnico do time: “o quarentão Flávio agora ensina delicadamente a doce arte do futebol brasileiro às vice-campeãs brasileiras”. Nota-se que o termo “doce arte” revela uma iniciativa de suavizar o futebol feminino, inferiorizando-o em relação ao masculino.

A matéria também destaca as “virtudes” e a habilidade da jogadora Márcia ao executar bicicletas em campo com “graça e até melhor do que profissionais com anos de carreira”, reforçando novamente a feminilidade ao invés da *competência técnica* e aspecto esportivo ao utilizar a palavra “graça” e, além disso, promover comparações entre o futebol feminino e o masculino, ao pontuar sobre a habilidade da jogadora.

Outro ponto de reflexão sobre a matéria é a abordagem da trajetória do técnico Flávio, ao confessar que preferia liderar com o time masculino, mas se “conformou” com o feminino, apesar do salário “insuficiente” de 1,5 milhão de cruzeiros mensais, recebendo, em troca, “algumas alegrias” pela evidência que este lugar o promoveu.

Na passagem em que se comenta que o time “perdeu a beleza e a graça, mas ganhou em competitividade” com a chegada do treinador Flávio, levanta um aspecto dicotômico entre “beleza” e “competitividade”, sugerindo que as mulheres só poderiam ser ou bonitas, ou boas jogadoras, mas nunca ambas.

Por fim, o enfoque dado à jogadora Bel, descrita como “bela e talentosa”, mas também “temperamental e abusada”, mostra outra perspectiva nas representações dessas jogadoras pela mídia. Neste trecho, revela-se que as jogadoras também são destacadas por sua personalidade, critérios morais e emocionais, quando o aspecto

⁴⁵ PLACAR. Edição n. 820, 10 fev. 1986.

profissional é quem deveria sobressair. Ao pontuar que a jogadora “só queria posar de modelo” além de reforçar *estereótipos*, invalidam seu comprometimento esportivo.

Ao final da matéria, observa-se que há pouca abordagem sobre a parte técnica e profissional do time e com uma frase que sintetiza de forma simbólica o preconceito de gênero que permeia a matéria: “Mulher é bom, mas Flávio precisa faturar”.

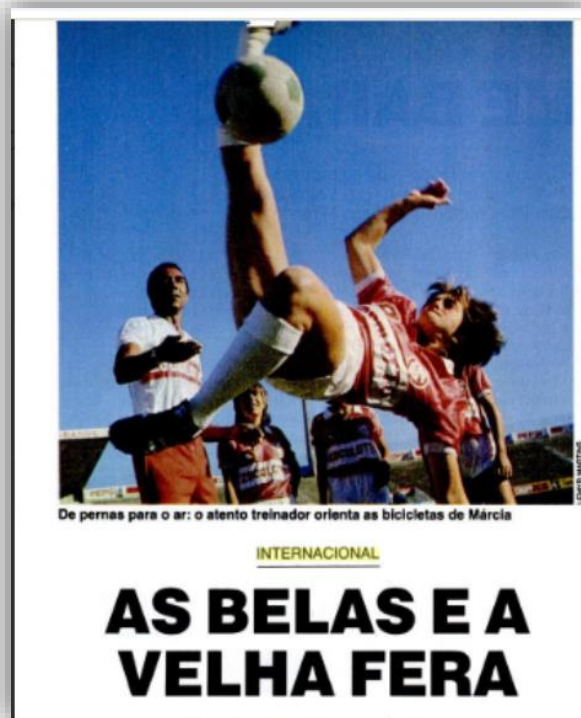


Fig. 4 - Capa da matéria “As belas e a velha fera”
Fonte: revista *Placar*, edição nº 820 (1986).

Uma matéria na edição de nº 1115,⁴⁶ em maio de 1996, traz a volante Eduarda Luizelli, Duda, em um ensaio fotográfico, onde a jogadora posa de maneira sensual. “O mais novo ídolo da torcida do Internacional usa saias, poderia brilhar nas passarelas de moda e – como se não bastasse – ainda joga um bolão”, destaca a revista, que também apresenta suas medidas e sua trajetória no futebol italiano. Ao discutir sobre o crescimento do futebol feminino, Duda cita a beleza das jogadoras como aspecto fundamental para atrair público para os jogos. Tal aspecto está relacionado com a necessidade de retratar as mulheres pela sua beleza. Segundo Moura,⁴⁷ “há uma insistência neste tipo de reportagem, que tenta mostrar ao público leitor que, no futebol feminino, só há lugar

⁴⁶ PLACAR. Edição n. 1115, maio. 1996.

⁴⁷ MOURA. *Nos domínios do futebol feminino*, p.101.

para a mulher que cause suspiros no público masculino, não pelas jogadas de técnica e efeito, mas pelos traços atraentes e sensuais que possa ter”.

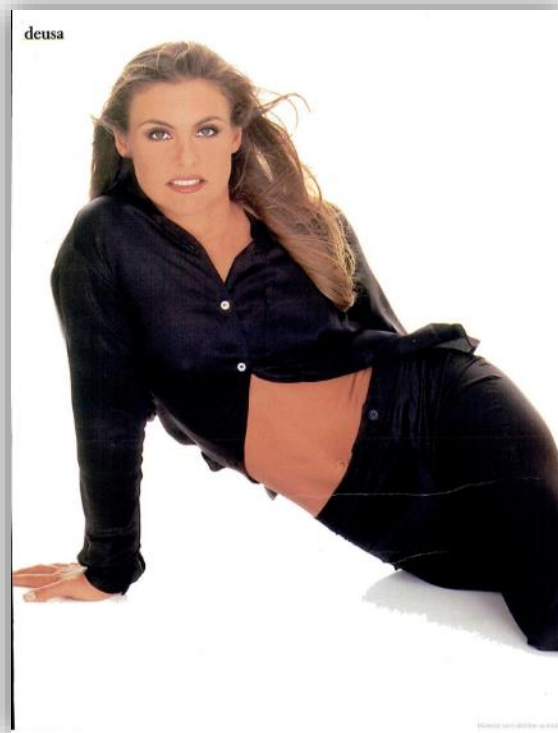


Fig. 5 - Ensaio fotográfico de Duda na matéria “*Dá-lhe, Dula!*”.
Fonte: revista *Placar*, edição nº 1115 (1996).

Ao associar Duda apenas ao embelezamento do futebol feminino, à *estética*, a revista ignora sua importância para o futebol feminino gaúcho. Durante dez anos, a atleta defendeu o time colorado, além de ter atuado na Itália e integrado a seleção brasileira. Em 1995, fundou, em parceria com o Sport Club Internacional, uma escola de futebol exclusiva para meninas, projeto que impulsionou seu nome no cenário sul-brasileiro e formou diversas jogadoras. Seu empenho e contribuição para a modalidade foram reconhecidos com o convite para atuar na Confederação Brasileira de Futebol como coordenadora do futebol feminino.

Na edição de nº 1119,⁴⁸ publicada em setembro de 1996, traz novamente a jogadora Duda em destaque. Com o título “*Novas beldades*”, a revista apresenta uma discussão sobre os avanços do futebol feminino, onde cita a possibilidade de ganhar bolsas de estudos para jogar pelas melhores universidades dos Estados Unidos. Além disso, é

⁴⁸ PLACAR. Edição n. 1119, set. 1996.

exposta a falta de uma estrutura profissional de qualidade no Brasil, onde muitas jogadoras recorrem a outras modalidades do futebol para conseguirem sobreviver.

Ao compreender a linguagem como prática social, Fairclough⁴⁹ alega que é possível identificar como os recursos linguísticos utilizados pela revista *Placar* têm efeito na reprodução de ideologias, pela forma como os discursos sobre o futebol feminino são construídos.

A linguagem utilizada pela revista passa pelas escolhas dos elementos visuais que compõem as edições, isto é, as fotos de capa escolhidas para as publicações que revelam os estereótipos de gênero, marcados, sobretudo, pela *objetificação* das jogadoras do Sport Club Internacional, além da pouca visibilidade sobre a *competência técnica* do futebol feminino reforçando, desta maneira, narrativas de que o futebol feminino é destoante e inferior ao futebol masculino

Esses pontos de reflexões podem ser observados, por exemplo, na imagem da jogadora Bel, diante do espelho, retocando o batom e usando shorts curtos, ou ainda a partir da imagem da jogadora Vandira, exibida na capa da Revista *Placar*, edição nº 738, em que aparece usando apenas a blusa do seu time, uma peça íntima na parte de baixo, meia e salto alto. As imagens exploram a sensualidade, *estética*, em detrimento da *competência* esportiva das jogadoras.

A partir disso, é possível verificar, conforme Fairclough, que as práticas discursivas manifestam as lutas hegemônicas que são evidenciadas nos processos de “produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos [...]”,⁵⁰ legitimando ideologias e estabelecendo relações desiguais de poder.

CONCLUSÃO

As análises das representações do futebol feminino da revista *Placar* se organizaram em torno de temas recorrentes como sexualização, objetificação, estereótipo, heteronormatividade, estética, e competência técnica. Termos como “beleza”, “graça”, “belas” ou “doce arte” impactam na validação do futebol feminino como profissional.

⁴⁹ FAIRCLOUGH. *Discurso e mudança social*, 2001.

⁵⁰ FAIRCLOUGH. *Discurso e mudança social*, p. 61.

As representações midiáticas analisadas, como a da jogadora Bel do Internacional, por exemplo, demonstram a tentativa sistemática de enquadrar as atletas dentro de padrões de beleza e feminilidade, como que colocando o universo estético como condição para que as mulheres pudessem se enquadrar ao universo esportivo. Ao dialogar com autoras como Joan Scott⁵¹ e Nancy Fraser,⁵² compreende-se que essa desvalorização do futebol feminino não se deu apenas no plano econômico, mas também no plano simbólico e cultural, por meio do desrespeito, da negação do reconhecimento e da limitação das possibilidades de representação das atletas como sujeitos plenos. Fraser, em especial, nos ajuda a perceber como as jogadoras enfrentaram injustiças bivalentes, que combinaram precarização (como a ausência de salários, apoio técnico ou estrutura mínima) e apagamento cultural.

Ainda, sob a perspectiva de Gayatri Spivak,⁵³ o futebol feminino ocupou um espaço subalterno no sistema esportivo nacional. Mesmo quando as jogadoras “falaram”, ou se destacaram esportivamente, seus discursos e feitos são frequentemente reconfigurados sob a lógica dominante, aquela que exigia que fossem bonitas, dóceis e decorativas. Quando tentaram romper com essas amarras e reivindicar voz própria, frequentemente foram silenciadas, rotuladas ou descredibilizadas.

Contudo, o trabalho também reconhece que essas mulheres resistem e reivindicam, seja por meio de sua presença nos gramados, de seus discursos públicos, ou mesmo através de ações simbólicas. As atletas do Internacional e de tantos outros clubes foram protagonistas de uma luta coletiva por reconhecimento e transformação.

Portanto, a análise permite refletir que a marginalização do futebol feminino não foi apenas marcada pelas representações das jogadoras femininas. Foi, sobretudo, um campo que revelou as disputas por justiça de gênero. Nessa disputa, foi necessário romper com narrativas hegemônicas, ampliar a visibilidade de vozes femininas e construir políticas públicas e culturais que não apenas permitissem, mas incentivassem a existência de um futebol verdadeiramente plural, inclusivo e justo.

⁵¹ SCOTT. *Gênero*, 1995.

⁵² FRASER. *Da redistribuição ao reconhecimento?*, 2006

⁵³ SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, 2010.

Essa perspectiva de análise contribui para ampliar a gama de trabalhos realizados na área, como demonstra a pesquisa de Fernanda Ribeiro Haag,⁵⁴ que investigou o futebol feminino por meio de sua representação na imprensa paranaense entre as décadas de 1930 e 1980. Permitindo um olhar mais crítico sobre os processos de visibilidade e silenciamento das mulheres no esporte.

Dessa forma, entende-se o futebol como um campo político onde mulheres buscaram e ainda hoje buscam, ter suas vozes ouvidas e sua presença reconhecida.⁵⁵ A maior visibilidade é essencial para garantir mais oportunidades, não apenas para as jogadoras atuais, mas também para as jovens que sonham em atuar profissionalmente.

A mobilização por um futebol feminino mais valorizado, com investimentos adequados e maior reconhecimento, reflete um desejo de mudança em um país onde o futebol está profundamente enraizado na cultura.

O objetivo não é igualar-se ao futebol masculino, mas, sim, garantir que as jogadoras sejam respeitadas, incentivadas e reconhecidas pelo que são: atletas de alto nível que merecem espaço e oportunidades justas no esporte, rompendo com estereótipos como o de que “o charme vai a campo”. Por fim, responde-se à questão levantada ao longo do trabalho: sim, o futebol de mulheres pode lutar - e luta desde suas origens.

* * *

REFERÊNCIAS

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.

⁵⁴ HAAG. Futebol feminino, a sensação do momento”: O futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense (1934-1983), 2021.

⁵⁵ JANUÁRIO. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil, 2017. GOELLNER. Mulheres e futebol no brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad.: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, Associação Nacional de História - ANPUH, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-38, 2005.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. **Cadernos de campo**, USP, São Paulo, n. 14/15, p. 231-39, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-14, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Claudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 117, abr.-jun., p. 31-8, 2018.

GOMES, Leonardo do Couto; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Os primórdios do futebol feminino no Brasil: uma agenda das causas feministas. **Revista Estudos Feministas**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, Florianópolis, v. 32, n. 2, p.1-4, 2024.

HAAG, Fernanda Ribeiro. "Futebol feminino, a sensação do momento": o futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense (1934-1983). **Recordes**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 1-32, 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. Belo Horizonte, **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, 2015.

LIMA, Ana Laura Eckhardt de; HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara. Sport Club Internacional: sobre o futebol de mulheres no clube do povo. **Revista Didática Sistêmica**, Instituto de Educação da FURG, v. 21, n. 1, p. 85-96, 2019.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, p. 1-16, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA, Salvador, 2018.

MOURA, Eriberto Lessa. **Nos domínios do futebol feminino**: Rio de Janeiro e São Paulo como cenário (1913 – 2003). Maceió: Edufal, 2015.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 701, out. 1983.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 718, fev. 1984.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 726, abr. 1984.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 738, jul. 1984.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 763, jan. 1985.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 783, maio. 1985.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 820, fev. 1986.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 1115, maio. 1996.

PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 1119, set. 1996.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, Porto Alegre, 2016.

SALDANHA, Renato Machado. **Placar e produção de uma representação de futebol moderno**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, Porto Alegre, 2009.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Registros do futebol feminino na revista *Placar*: 30 anos de história. **Motrivivência**, Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva da UFSC, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016.

SALVINI, Leila.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Trad. Sandra Almeida; Marcos Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 7-126, 2010.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane R.; SOUZA, Olívia Luiza P. de. Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas. **Revista E-Compós**, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 28, p. 1-24, 2025.

* * *

Recebido em: 14 abr. 2025
Aprovado em: 16 jul. 2025

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991 nas páginas do *Jornal do Brasil*: expectativas, conflitos e perspectivas

The 1991 Women's World Cup in the pages of *Jornal do Brasil*: expectations, conflicts and perspectives

Victor Hugo Gonçalves Batista

Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutorando em História, Política e Bens Culturais, FGV
victorhugobatista@id.uff.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a cobertura da Copa do Mundo de futebol feminino de 1991 realizada pelo *Jornal do Brasil*. O periódico realizou uma cobertura completa do evento por meio do jornalista Oldemário Touguinhó, que viajou à China para realizar reportagens sobre a competição. Considerando o jornalismo como uma atividade produtora de sentidos, a ideia deste trabalho é compreender quais foram os significados produzidos a respeito da participação da seleção brasileira na competição. O estudo está atrelado a perspectiva da História Cultural e dos estudos de gênero. A partir da pesquisa, concluiu-se que as representações midiáticas enfatizaram as diferenças entre as brasileiras e europeias/estadunidenses, destacando principalmente aspectos vinculados à preparação, experiência e infraestrutura. Além disso, destacou-se que a campanha da seleção nacional foi marcada por conflitos entre jogadoras, comissão técnica e dirigentes. Apesar das divergências, após a eliminação formou-se um consenso de que era necessário instituir uma seleção permanente e incentivar a prática da modalidade nas escolas para que o esporte pudesse se desenvolver no país.

PALAVRAS-CHAVE: Copa do Mundo de Futebol Feminino; Seleção brasileira de futebol feminino; *Jornal do Brasil*.

ABSTRACT: This article aims to analyze the coverage of the 1991 Women's Football World Cup by *Jornal do Brasil*. The newspaper carried an extensive coverage of the event through journalist Oldemário Touguinhó, who traveled to China to report on the tournament. Considering journalism as a meaning-producing activity, the idea of this work is to understand what meanings were produced regarding the participation of the Brazilian national team in the tournament. The study is linked to the perspective of Cultural History and gender studies. The research concluded that media representations emphasized the differences between Brazilian and European/American players, highlighting mainly aspects related to preparation, experience, and infrastructure. In addition, it was highlighted that the national team's campaign was marked by conflicts between players, coaching staff, and directors. Despite the divergences, after the elimination, a consensus was formed that it was necessary to establish a permanent national team and encourage the practice of the sport in schools so that it could develop in the country.

KEYWORDS: Women's World Cup; Brazilian women's national soccer team; *Jornal do Brasil*.

INTRODUÇÃO

No mundo do esporte, o ano de 1970 é lembrado pelo título do tricampeonato mundial da seleção brasileira de futebol masculino, com uma equipe que é considerada por alguns como a melhor seleção de todos os tempos.¹ No entanto, um outro evento marcante aconteceu naquele ano: o primeiro Campeonato Mundial de futebol feminino. O campeonato que contou com oito seleções e foi vencido pela Dinamarca aconteceu na Itália e foi organizado pela Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino. Nem a Federação Internacional de Futebol (FIFA), tão pouco a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) reconheceu o torneio.²

No ano seguinte, em 1971, outro Mundial feminino foi realizado no México. Nesta competição, sete seleções participaram e novamente a Dinamarca ficou com o título. Mesmo não possuindo uma seleção de futebol de mulheres, pois a modalidade era proibida no país naquele contexto, o Brasil foi convidado para participar dos dois campeonatos, conforme matérias publicadas pelo *Jornal dos Sports*³ e pelo *Jornal do Brasil*.⁴ Apesar de não ter participado jogando, o Brasil foi representado no Mundial de 1971 pela árbitra brasileira Léa Campos, que apitou a partida entre México e Itália. Vale destacar que João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) naquele contexto, não queria fornecer o diploma de árbitro a Léa, mesmo após ela ter concluído e sido aprovada no curso de formação de arbitragem da Federação Mineira de Futebol, simplesmente por ela ser mulher. Havelange acabou tendo que conceder o diploma a Léa, pois ela conseguiu uma carta do presidente Médici orientando-o a entregar o diploma a que ela fazia jus.⁵

Apesar da FIFA não ter reconhecido nenhum dos dois campeonatos, a realização deles fez com que a instituição modificasse a sua visão e postura em relação ao futebol de mulheres. Poucos anos antes, a entidade esportiva recomendava as

¹ MAGALHÃES; CORDEIRO. O poder na torcida: consenso, futebol e ditadura no Brasil (1970) e na Argentina (1978), p. 2.

² SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*, p. 44.

³ Uma Copa Furada, *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 de março de 1970, p. 5.

⁴ Futebol feminino: mais um título? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 e 24 de maio de 1971, Revista de Domingo, p. 6.

⁵ MEDINA. Depoimento de Asaléa de Campos Fornero Medina (Léa Campos) ao Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte Escola de educação Física da UFRGS.

federações filiadas a adotarem prudente reserva com a prática. Após a realização dos campeonatos ela passou a encarar o futebol feminino como uma realidade universal e a instruir às federações nacionais a assumirem o controle da modalidade em seus países, sob o argumento de que empresários inescrupulosos poderiam transformar a prática em um espetáculo circense.⁶ Na contramão do que recomendava a FIFA, o CND manteve a sua postura reafirmando a proibição em um ofício enviado à Federação Paulista de Futebol.⁷

Embora a FIFA tenha mudado a postura em relação ao futebol feminino, a entidade demorou alguns anos para promover uma competição da modalidade. Foi apenas em 1988 que ela organizou o Campeonato Mundial Experimental na China, o qual seria um teste para a realização de uma Copa do Mundo. O torneio contou com uma média de público de mais de quatorze mil pessoas e se desenvolveu com sucesso.⁸ Por isso, a instituição passou a promover a cada quatro anos a Copa do Mundo de futebol feminino a partir de 1991. Ironicamente, foi João Havelange, o mesmo que não queria conceder o diploma de árbitra para Léa Campos, o responsável por promover os primeiros Mundiais de futebol feminino da FIFA enquanto presidente da instituição. Pode até ser que Havelange tenha mudado o seu pensamento em relação à presença das mulheres no futebol, mas também é fato que assumir o controle da modalidade fazia parte de um projeto de poder que poderia trazer ganhos para a instituição, não só financeiros, mas também políticos.

A ideia de realização de um campeonato mundial de futebol feminino pela FIFA começou a aparecer nos jornais no início da década de 1980. O presidente da entidade, João Havelange, passou a dar declarações à imprensa de que a FIFA realizaria a Copa do Mundo feminina e a recomendar às instituições esportivas nacionais a regulamentarem a modalidade, conforme publicado pelo *Jornal dos Sports*.

⁶ BATISTA. *Entre a proibição e a primeira seleção: representações de gênero no futebol de mulheres (1965-1988)*, p. 67.

⁷ SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 57.

⁸ CABRAL; GOELLNER. *As pioneiras pedem passagem: memórias do Torneio Experimental da China (1988)*.

Recomendo - prosseguiu Havelange - a regulamentação do futebol feminino no Brasil o mais rápido possível, para que possa participar do mundial que a FIFA realizará. Não posso me meter nos assuntos do CND, mas acho que seria bom para o próprio país participar desta competição.⁹

As modalidades esportivas que foram proibidas para as mulheres no Brasil desde 1941 passaram a ser permitidas com a deliberação número 10 do CND, em 1979. O documento, contudo, estabelecia que:

01. As mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

02. A permissão a que se refere o item I, desta deliberação, só é aplicável quando a entidade internacional realizar a prática do desporto pelas mulheres, em seus campeonatos ou torneios oficiais.¹⁰

A FIFA, entidade internacional do futebol, não havia realizado ainda campeonatos ou torneios oficiais de futebol feminino. Assim, levando em consideração o item dois da deliberação, o futebol feminino não seria permitido ainda. O CND, então, restringiu a prática do futebol pelas mulheres nos clubes filiados e nos campos considerados oficiais.¹¹ Porém, a modalidade se desenvolveu em outros locais, como por exemplo na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde foram realizados campeonatos patrocinados por marcas famosas e que contaram com grande público.¹²

A partir das declarações de Havelange, os dirigentes do CND, general César Montagna, e da CBF, Giulitte Coutinho, passaram a se manifestar favoravelmente à regulamentação do futebol feminino, mas ao mesmo tempo não mostraram disponibilidade para efetivá-la, constituindo assim um “jogo do empurra”, no qual um jogava para o outro a responsabilidade pela regulamentação.¹³ Após uma série de debates que circularam na imprensa entre os anos de 1982 e início de 1983, o futebol feminino foi regulamentado pelo CND em abril de 1983, seguindo o que já havia sido

⁹ Regulamentar o futebol feminino: um objetivo. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 maio 1982, p. 7.

¹⁰ BRASIL, Conselho Nacional de Desportos. Normas Básicas sobre Desportos. Deliberações 1979. Rio de Janeiro, 1981. Apud Silva. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 79.

¹¹ SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 95.

¹² ALMEIDA. *Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*, p. 71.

¹³ HAAG. “O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023), p. 87.

aprovado pela UEFA. Um dos destaques da regulamentação foi a proibição ao profissionalismo, tendo em vista que o presidente do CND considerava que: “o futebol feminino terá que passar por um estágio de desenvolvimento, como aconteceu com o masculino, até adquirir condições de ser profissionalizado”.¹⁴ Além disso, a modalidade foi dividida em duas categorias: Juvenil entre 14 e 18 anos, e Adulto, acima de 18 anos. Essa divisão é bastante problemática, tendo em vista que impossibilita a formação de categorias de base com jogadoras mais novas.¹⁵

Nem a opção pelo amadorismo e nem a divisão da modalidade em duas categorias impediu que o futebol feminino se desenvolvesse ao longo da década de 1980. Com a regulamentação, campeonatos passaram a ser organizados pelas federações estaduais e clubes tradicionais montaram equipes. No Rio de Janeiro, por exemplo, Bangu, Madureira e Bonsucesso disputaram o campeonato estadual. Mas foi o Radar, dirigido por Eurico Lira, um dos principais personagens da história do futebol feminino no Brasil, o clube que mais se destacou naquele contexto, vencendo por cinco vezes seguidas o campeonato carioca e a Taça Brasil, que era um torneio entre os campeões estaduais da categoria. A equipe foi a base da seleção brasileira que disputou o Mundial Experimental em 1988 e Eurico Lira foi o chefe da delegação. Após essa competição, no entanto, o clube teve as suas atividades encerradas.¹⁶ Dessa forma, após o *boom* do futebol feminino na década de 1980, a partir dos anos 1990 a modalidade entrou em um processo de declínio e estagnação, de modo que os campeonatos deixaram de ser organizados e as equipes se desmantelaram.¹⁷

Mesmo nesse cenário, a CBF organizou uma seleção que disputou e venceu o campeonato Sul-Americano de 1991, garantindo a única vaga da América do Sul para a primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA. Diante disso, levanta-se algumas questões: como foi a cobertura feita pela imprensa desse campeonato? Quais foram os significados produzidos a partir das notícias da competição? A partir destes questiona-

¹⁴ Montagna: Futebol feminino é amador. *O Fluminense*, Niterói, 4 fev. 1983, p. 13

¹⁵ PESSANHA. *Nem Evas, nem Marias: as mulheres no futebol brasileiro (1941-1983)*, p. 151.

¹⁶ FERNANDES. *O paradoxo está em jogo: as representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990*, p. 37.

¹⁷ GABRIEL. *A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da folha de S. Paulo (1991-2011)*, p. 153.

mentos serão analisadas as notícias veiculadas pelo *Jornal do Brasil* sobre o Campeonato Mundial de 1991. A escolha por esse periódico acontece pelo fato de ter realizado uma cobertura completa do evento, por meio do jornalista Oldemário Touguinhó, o qual viajou para a China a fim de trazer as notícias da competição. Vale ressaltar que ele foi um dos principais jornalistas brasileiros do século XX, tendo realizado a cobertura de dez Copas do Mundo de futebol masculino entre 1962 e 1998 pelo *Jornal do Brasil* e ganhado dois prêmios Esso de Informação Esportiva, em 1981 e 1983. Foi colaborador de O Estado de São Paulo e do Jornal da Tarde por 36 anos e autor dos livros “As Copas que eu vi” e “Maracanã: onde todos são iguais”.¹⁸

Em relação à perspectiva teórico-metodológica, é assumida a perspectiva de Viviane Borelli para a análise das notícias. Ela compreende o jornalismo como uma atividade produtora de sentidos, de modo que: “Nessa perspectiva, cada jornal produz o seu próprio acontecimento, engendrando uma noção particular de realidade”.¹⁹ Além disso, o jornal é compreendido como fonte e como objeto de pesquisa, tendo em vista a compreensão de que a imprensa é um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social.²⁰ Nessa lógica, o esporte é para a mídia muito mais do que a ocorrência do fato em si (o jogo dentro de campo). Existe uma pré-agenda, que é a preparação para o jogo ou competição e uma pós-agenda, que são as repercussões do acontecimento.²¹ Assim, este trabalho buscará compreender quais eram as expectativas do *Jornal do Brasil* a respeito da participação brasileira na Copa do Mundo, como as preparações e os resultados dos jogos foram noticiados e, por fim, como o periódico lidou com a eliminação brasileira ainda na primeira fase.

Este trabalho também está ancorado na concepção de Roger Chartier, o qual compreende que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupos ou sujeitos que as forjam, não havendo neutralidade no seu processo de construção.²² A partir dessa noção, rompe-se com a ideia da imparcialidade jornalística, tendo em vista que as representações midiáticas estão diretamente relacionadas a disputas, interesses e relações de poder.

¹⁸ NEVES. Oldemário Touguinhó: Ex-jornalista esportivo.

¹⁹ BORELLI. Jornalismo como atividade produtora de sentidos, p. 7.

²⁰ LUCA. História dos, nos e por meio dos periódicos, 2005.

²¹ BORELLI. O esporte como construção específica no campo jornalístico, 2002.

²² CHARTIER. *A História Cultural: entre práticas e representações*.

A PRÉ-AGENDA: O QUE ESPERAR DO BRASIL NA COPA?

Nas últimas Copas do Mundo de futebol feminino (2019 e 2023), que receberam cobertura significativa da mídia, pode-se dizer que existia uma cautela maior no discurso jornalístico quanto às expectativas de conquista do título pela seleção, de maneira que se desenvolveu um sentimento de esperança com o título, mas controlado ao se ponderar a força das adversárias. E na primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA, quais foram as expectativas criadas pela imprensa em relação a participação da seleção nacional?

Gabriel menciona que a *Folha de São Paulo* colocou a seleção brasileira na condição de favorita ao título do Mundial de 1991, utilizando como argumento as vitórias conseguidas pelo Radar na Espanha em 1982²³ e a conquista do Campeonato Sul-Americano, em 1991. Além disso, o fato de os clubes de futebol feminino estarem desativados teria facilitado o trabalho, pois possibilitou que as jogadoras ficassem treinando por um período de dois meses. Ao analisar o conteúdo da notícia, o pesquisador comenta que atribuir favoritos ao título fazia parte do *habitus* dos jornalistas esportivos.²⁴ O ponto é que os argumentos utilizados pelo jornalista para atribuir o favoritismo a seleção brasileira são um tanto quanto questionáveis, mas ainda assim nenhum tipo de indagação foi realizado. No livro *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*, de Silvana Goellner e Juliana Cabral (2022), a goleira Meg, que participou da competição, ao contrário da notícia, relatou: “Nós fomos para o Mundial como um dos patinhos feios porque estávamos iniciando”.²⁵

Um dia antes da seleção brasileira de futebol feminino iniciar a viagem para a disputa da Copa do Mundo na China, o *Jornal do Brasil* publicou uma notícia intitulada “Meninas embarcam para o Mundial de futebol”, seguida por um texto e uma foto da

²³ Em 1982, o Radar fez uma excursão para a Espanha a fim de disputar partidas beneficentes e obteve sucesso, tendo em vista que venceu todos os jogos que disputou, além de ter gerado grande repercussão na imprensa. De acordo com Giovana Capucim e Silva, a imprensa paulista que pouco noticiava sobre o Radar trouxe informações sobre os jogos realizados pelo Clube na Espanha. Apesar de não possuir relação direta com a Copa do Mundo de Futebol Masculino, as datas das partidas disputadas pelo Radar parecem ter sido escolhidas estrategicamente, por serem dias antes do início da competição e no mesmo país.

²⁴ GABRIEL. *O futebol da seleção brasileira feminina: uma análise das coberturas esportivas da “Folha de S. Paulo” (1991 – 2016)*, p. 35.

²⁵ CABRAL; GOELLNER. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*, p. 40.

jogadora Marilza, chamada de Pelé feminino. A comparação entre mulheres que jogavam futebol com homens era uma prática recorrente do jornalismo desde pelo menos a década de 1960. Analisando a prática do futebol como um ato performático e levando em consideração o conceito de performance de gênero de Judith Butler,²⁶ pode-se dizer que, assim como existem padrões ideais de performances a serem seguidos na sociedade por homens e mulheres, no futebol também existe esse padrão, o qual varia de acordo com a posição do jogador. Nesse sentido, é possível dizer que em cada contexto histórico existem jogadores (homens) “padrões” e as jogadoras que se aproximavam deles no estilo de jogo eram comparadas pela imprensa.



Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

Em seu texto, o jornalista Oldemário Touguinhó destacou a preparação realizada pela seleção e trouxe falas do treinador Fernando Luís:

Credenciada pelo terceiro lugar no Torneio Internacional da China, em 1988, a seleção brasileira de futebol feminino embarca para Panyu, na China, para disputar o 1º Campeonato Mundial de Futebol Feminino organizado pela FIFA.

²⁶ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.

“Não podemos usar o corpo a corpo para vencer. As adversárias são bem mais fortes. Na técnica somos melhores. Isso será o nosso trunfo no Mundial”.

“Os nossos adversários na China estão bem treinados. Constantemente estão jogando. Nós, ao contrário, paramos quase três anos. Por isso, vamos usar a nossa velocidade e habilidade para chegar ao gol”.²⁷

Diferentemente da *Folha de São Paulo*, analisada por Gabriel (2020), o *Jornal do Brasil* não colocou o Brasil na condição de favorito, mas destacou o terceiro lugar conquistado no Mundial Experimental de 1988 como um elemento positivo. Além disso, o técnico da seleção, Fernando Luís, mencionou o uso da técnica, velocidade e habilidade, em contraposição a força física das adversárias. Tais elementos técnicos estão associados ao estilo de jogo conhecido como futebol-arte, o qual é caracterizado pelo drible, improviso e ofensividade, se opondo ao futebol-força praticado pelos europeus, que tem como característica um jogo mais tático e rígido. A concepção de futebol-arte foi construída pela imprensa e por intelectuais e passou a ser associada à identidade nacional brasileira em função da maneira como os jogadores e as seleções brasileiras masculinas desempenharam a prática futebolística ao longo da história.²⁸ Dessa forma, na perspectiva do técnico da seleção, as chances de sua equipe estavam atreladas a aplicação do futebol-arte, pois no futebol-força as adversárias seriam melhores.

O *Jornal do Brasil* também noticiou a chegada da seleção brasileira à China para a participação no Mundial após uma viagem de mais de 24 horas e o jornalista Oldemário Touguinhó destacou a precariedade e os problemas da viagem. Na matéria intitulada “Brasil chega com sono e sem roupa”, ele abordou problemas enfrentados pela jogadora Marilza, chamada de Pelezinha:

“Clareia e escurece, clareia e escurece, e eu não durmo”, queixou-se Pelezinha, que além do cansaço de noites mal dormidas, cochilos em bancos de aeroportos e alimentação precária, tinha outro motivo para não estar alegre, perdeu todo o seu dinheiro, cerca de US\$ 120.

O problema de Pelezinha foi logo resolvido pela chefe da delegação, Roseline Gomes. “Vou reembolsá-la em parte do dinheiro pois precisamos dela muito tranquila para os jogos”, disse. Outro, bem mais sério, não pôde ser resolvido. É que cinco sacos de material de treino sumiram e de

²⁷ Oldemário Touguinhó, Meninas embarcam para o mundial de futebol, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 de nov. 1991, 1^o Caderno, p. 15).

²⁸ MOSTARO. *Futebol, identidade nacional e construções midiáticas: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde*.

nada adiantou Roseline exibir os bilhetes de bagagem aos funcionários da Swissair. O sumiço dos sacos levou o coordenador da seleção, Eurico Lira, a passar mal e ser medicado no departamento médico do aeroporto.

As jogadoras que não trocaram de roupa desde que saíram do Brasil, vão treinar hoje de manhã com o uniforme da viagem.²⁹

A partir dessa notícia, é possível perceber o total descaso da Confederação Brasileira de Futebol com as jogadoras que viajaram à China para representar o país no Mundial. A CBF possuía condições financeiras para pagar um voo fretado para a China, a fim de poupar as jogadoras do desgaste de uma viagem com longas escalas. Outro ponto que chama atenção na notícia é a alimentação precária. Atletas de alto rendimento necessitam de uma alimentação balanceada, tendo em vista que a nutrição impacta diretamente no desempenho físico. A CBF, porém, agiu de maneira totalmente negligente e não proporcionou o mínimo para as atletas, que era uma alimentação de qualidade ao longo da viagem. O fato de as jogadoras terem que treinar com a mesma roupa da viagem, que estavam vestidas há mais de 24 horas, desde que saíram do Brasil, também é algo inconcebível, mesmo com o sumiço dos sacos de material de treino. A CBF poderia ter comprado roupas de treino em alguma loja de material esportivo para que as jogadoras pudessem treinar de maneira confortável. No que diz respeito ao reembolso a Pelezinha, que perdeu o dinheiro que havia levado, parece ter sido uma iniciativa individual de Rosilene Gomes, chefe da delegação brasileira, para que ela ficasse tranquila para os jogos, e não da CBF enquanto instituição, que na teoria deveria ser responsável pelas atletas.

Antes da estreia da seleção no campeonato, o *Jornal do Brasil* publicou mais uma notícia intitulada “Futebol feminino entra em campo para o Mundial”, que era seguida por uma foto de uma jogadora com a seguinte descrição: “O Brasil da atacante Adriana é uma incógnita e pode ameaçar as favoritas norte-americanas”. De acordo com a matéria, as favoritas ao título eram Estados Unidos, Alemanha e Noruega, mas a seleção do Brasil e da Nigéria não podiam ser desprezadas, por existirem poucas informações do quanto essas equipes podiam render internacionalmente. A perspectiva da comissão técnica brasileira em relação ao desempenho da seleção

²⁹ Oldemário Touguinhó, Brasil chega com sono e sem roupa, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

pode ser resumida com o trecho da notícia que diz: “[...] há, de início, o pensamento de passar de fase de qualquer forma. Até mesmo o terceiro lugar serve. Depois, como os jogos são eliminatórios, o técnico Fernando Pires confia na habilidade de suas meninas para ir em frente”.³⁰ De acordo com o regulamento da competição, a primeira fase seria composta por três grupos compostos por quatro equipes dos quais se classificariam os dois mais bem colocados de cada grupo e os dois melhores terceiros entre todos os grupos. Assim, o favoritismo concedido à seleção brasileira pela *Folha de São Paulo*, conforme foi observado por Bruno Gabriel, não se manifestou no *Jornal do Brasil*.

A coluna de esportes do *Jornal do Brasil* concedeu praticamente uma página inteira para a notícia de abertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991.



Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 33.

O jornalista Oldemário Touguinhó destacou que a festa de abertura do Mundial não deixou nada a dever para a Copa do Mundo de Futebol Masculina realizada

³⁰ Oldemário Touguinhó, Futebol feminino entra em campo para mundial, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de nov. 1991, p. 16.

no ano anterior, na Itália, contando com um público de cem mil pessoas que assistiram a uma queima de fogos que durou vinte minutos, a abertura da solenidade pelo presidente da FIFA, João Havelange e a vitória da China por 4 a 0 sobre a Noruega. A matéria, contudo, não se limitou a falar sobre a abertura do evento. Touguinhó destacou a importância de a seleção brasileira vencer na estreia:

Como os outros adversários são as fortes equipes de Estados Unidos e Suécia, vencer o Japão é fundamental.

O técnico Fernando Pires só teme a falta de experiência internacional das brasileiras.

E as conversas após o treino tiveram como mote um trabalho mais psicológico, preparando as jogadoras para enfrentar um estádio cheio.³¹

Essa questão da inexperiência internacional e do trabalho psicológico realizado, pode ser associada ao que Bruna Fernandes compreendeu como o complexo de vira-latas na seleção feminina.³² O complexo de vira-latas foi estabelecido por Nelson Rodrigues como um sentimento de inferioridade do brasileiro frente às coisas estrangeiras.³³ No futebol, em muitas oportunidades o jogador brasileiro foi tratado tanto pela imprensa quanto pela sociedade, como inferior psicologicamente do que o europeu, que seria mais “frio” no momento de tomar as suas decisões dentro de campo. Nessa lógica, a compreensão da comissão técnica brasileira de que as jogadoras necessitavam de um trabalho psicológico caminha na esteira desse tipo de pensamento, que concebe o jogador (a) brasileiro como frágil psicologicamente.

Em outra parte da matéria, o jornalista faz um balanço do futebol feminino no Brasil como “Uma história de altos e baixos”, destacando que a equipe do Radar acumulou títulos na melhor fase do futebol feminino no país, mas entrou em decadência após o Mundial Experimental de 1988. Oldemário ainda escreveu sobre os contrastes entre as jogadoras da seleção no que diz respeito ao aspecto econômico e usou como exemplo as jogadoras Adriana, que morava em Ipanema, era filha de um técnico da Petrobrás bem remunerado e havia estudado jornalismo nos Estados Unidos e Marilza, chamada de Pelezinha, que teve que passar por um processo de superalimentação em função da subnutrição. Por conta dessas diferenças entre as

³¹ Oldemário Touguinhó, Festa chinesa abre mundial feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 33.

³² FERNANDES. *O paradoxo está em jogo*, p. 56.

³³ PINHO. Futebol, nação e o homem brasileiro: o complexo de vira-latas de Nelson Rodrigues, p. 152.

jogadoras, Touguinhó escreveu que “A seleção feminina de futebol é uma espécie de microcosmo da sociedade do país”.³⁴

A CAMPANHA DA SELEÇÃO BRASILEIRA: ENTRE FÉ, ESPERANÇA E CONFLITOS

A seleção brasileira venceu o seu primeiro jogo na Copa do Mundo contra o Japão por 1 a 0. Porém, a notícia que trouxe a informação da vitória não foi em tom comemorativo, mas de preocupação com as próximas adversárias, as estadunidenses.

A partida de hoje, às 9h45min (horário de Brasília), é contra a equipe dos Estados Unidos, que além de ser considerada a principal favorita do Mundial, apresenta uma organização tão perfeita que o Brasil está - podemos dizer sem medo de errar - no *terceiro mundo* do esporte.

Da mesma forma que o Brasil leva para as copas masculinas uma delegação que inclui até cozinheiro, os Estados Unidos trouxeram para a China toda a infra-estrutura necessária para que não falte nada às suas meninas.³⁵

O termo terceiro mundo, termo hoje em dia considerado ultrapassado, era usado para se referir aos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento que não se aliaram com os países capitalistas ou socialistas no contexto da guerra fria. Já o termo países de primeiro mundo era usado para descrever países com alto nível de desenvolvimento econômico e social. Assim, o Brasil é colocado pelo jornalista como um país de terceiro mundo no futebol feminino, visto que, comparado aos Estados Unidos, estava em um estágio inferior de desenvolvimento.

A superioridade dos Estados Unidos se confirmou dentro de campo, tendo em vista a vitória sobre as brasileiras por 5 a 0. De acordo com Touguinhó, a seleção entrou em crise após a derrota e aconteceu uma cisão no grupo, visto que: “Algumas jogadoras reclamaram que o coordenador da delegação, Eurico Lira, *patrono* do Radar, deveria assumir a equipe e não deixar a responsabilidade por conta do técnico Fernando Pires.³⁶ Apesar disso, as brasileiras acreditavam que poderiam alcançar a classificação vencendo ou empatando o último jogo da primeira fase contra a Suécia.

³⁴ Oldemário Touguinhó, uma história de altos e baixos, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 33.

³⁵ Oldemário Touguinhó, Brasil muda time contra os EUA, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

³⁶ Oldemário Touguinhó, EUA vencem de 5 a 0 e Brasil entra em crise, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1991, 1º Caderno, p. 14.

Segundo Oldemário Touguinhó, as jogadoras colocaram uma mensagem no quadro de avisos do terceiro andar do hotel onde estavam hospedadas com a frase: “Se Deus é por nós, quem será contra nós”.³⁷ Para melhorar o desempenho, o jornalista menciona que as jogadoras decidiram mudar por conta própria o esquema de jogo e, além disso, destaca os conflitos entre o técnico Fernando Luís e o coordenador Eurico Lira.

Para reforçar a fé na vitória, as jogadoras resolveram assumir a responsabilidade do esquema tático. “Vamos jogar como jogávamos antes, marcando pressão, na saída de bola, e fazendo a linha do impedimento”, decidiram, contrariando a orientação do técnico Fernando Luis, de marcar o time adversário na intermediária.

[...] Mas, se o ambiente entre as jogadoras é de união em torno de um objetivo, na comissão técnica a guerra continua.

De um lado, o coordenador Eurico Lira. Do outro, o técnico Fernando. Este afirma que Eurico deveria ser o técnico do time, mas não quer assumir a responsabilidade. Eurico, por sua vez, afirma que errou ao não ter assumido a seleção sozinho. “As garotas não têm culpa de nada. O problema é que o técnico não conseguiu arrumar o time”.³⁸

Para compreender a situação, é importante considerar que a maioria das jogadoras que faziam parte do elenco da seleção já haviam jogado juntas no Radar e foram vitoriosas jogando sob um tipo de esquema tático. Sendo assim, acreditavam que retomando o modelo de jogo que estavam habituadas teriam mais chances de obter sucesso. Na notícia citada anteriormente, contudo, o jornalista expôs uma cisão no grupo, mas nesta ele menciona que o ambiente entre as jogadoras seria de união em torno de um objetivo, indicando que teriam conseguido resolver os problemas causados pela derrota para os Estados Unidos. Em relação ao conflito entre o treinador e o coordenador, cabe salientar que por ter trabalhado com a maior parte do elenco da seleção enquanto presidente do Radar, Eurico Lira acreditava saber qual seria a melhor forma de organizar o time e passou a colocar em xeque as escolhas de Fernando Luís, criando um clima de instabilidade e desconfiança entre jogadoras e comissão técnica.

A seleção brasileira foi eliminada na primeira fase e o *Jornal do Brasil* trouxe a informação com o seguinte título: “Derrota elimina Brasil do Mundial feminino”.

³⁷ Oldemário Touguinhó, Futebol feminino muda esquema contra a Suécia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 17

³⁸ Oldemário Touguinhó, Futebol feminino muda esquema contra a Suécia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 17.

De acordo com Oldemário Touguinhó: “De nada adiantou o esforço e a garra apresentadas pela seleção de futebol feminino do Brasil, na partida de ontem contra a Suécia”.³⁹ Em seguida, o jornalista complementou escrevendo que as brasileiras perderam por 2 a 0 e foram eliminadas pelas chinesas de Formosa (Taiwan), que tiveram um melhor *gol average*.⁴⁰ Em relação a mudança do esquema tático aplicado pelas brasileiras, Touguinhó apontou que:

A escalação do time brasileiro pelas próprias jogadoras mostrou-se uma decisão acertada. Com disposição invejável, a seleção encurralou as suecas que poucas vezes puderam passar do meio campo no primeiro tempo. Apesar do domínio, o Brasil não conseguiu marcar, embora tenha tido três boas oportunidades, através de Rosa, Cenira e Roseli.⁴¹

Logo em seguida, complementou descrevendo os gols da Suécia. O primeiro, de acordo com o jornalista, foi marcado de pênalti, o qual foi questionado pelas brasileiras e o segundo aconteceu por meio de um chute de fora da área que teria pegado a goleira Meg adiantada. Porém, mais uma vez, o destaque da notícia ficou por conta dos atritos entre o técnico e o coordenador da seleção. Segundo Oldemário:

A desclassificação reacendeu as divergências entre o treinador Fernando Pires e o coordenador da seleção, Eurico Lira. Antes da partida, para dar um ar de união e manter um mínimo de bom clima para o jogo, os dois chegaram a fazer uma palestra no vestiário, com incentivos para equipe. Após o jogo, porém, Lira voltou a acusar Pires, com apoio de um grupo de atletas, de nunca ter definido um time e um estilo de jogo para seleção. O técnico rebateu, com apoio de outro grupo de jogadoras, acusando o dirigente de tentar dirigir a equipe em seu lugar.⁴²

Se na matéria anterior dava a impressão de que as jogadoras haviam resolvido as divergências e estavam unidas, nesta fica claro que existia uma divisão no elenco, de maneira que um grupo se colocou ao lado de Eurico e outro ao lado de Fernando. Como já foi mencionado, Lira já havia trabalhado com uma parte das jogadoras do

³⁹ Oldemário Touguinhó, Derrota elimina Brasil do Mundial Feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

⁴⁰ Gol average é um cálculo que divide o número de gols marcados por um time pelo número de gols sofridos. Esse método de desempate, porém, não é mais aplicado no futebol.

⁴¹ Oldemário Touguinhó, Derrota elimina Brasil do Mundial Feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

⁴² Oldemário Touguinhó, Derrota elimina Brasil do Mundial Feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

elenco da seleção no Radar, de modo que com algumas possuía um bom relacionamento e com outras nem tanto.⁴³ O fato é que as relações que as atletas tiveram com Eurico no passado condicionaram a posição delas no conflito envolvendo o dirigente e o treinador, fazendo com que algumas ficassem ao seu lado e outras não.

PÓS-AGENDA: AS JUSTIFICATIVAS DA ELIMINAÇÃO E O QUE ESPERAR DO FUTURO DA SELEÇÃO

De acordo com Simoni Guedes, as Copas do Mundo para os brasileiros são verdadeiros rituais nacionais, construção simbólica da unidade nacional.⁴⁴ A autora se refere às Copas do Mundo de Futebol Masculino, nas quais realmente se verifica uma grande comoção nacional, capaz de paralisar diversas atividades cotidianas para que as pessoas assistam aos jogos da seleção, reunidas ou não, mas com os sentimentos aflorados de identificação e representatividade. Em relação aos outros esportes, e nisso pode ser enquadrado o futebol de mulheres, Guedes afirma que a identificação coletiva é possível, desde que vitorioso, de maneira que os fracassos e as derrotas seriam ignorados.

Leda Costa compreende que após a consolidação da seleção de futebol masculina com o tricampeonato em 1970, a imprensa brasileira passou a fomentar um clima de favoritismo, sendo o caminho do título vislumbrado como natural. Assim, quando a trajetória da seleção é interrompida por uma eliminação, a imprensa e a sociedade buscam encontrar um vilão para explicar o ocorrido.⁴⁵

O que se percebe em relação a eliminação da seleção brasileira do Mundial de 1991, contrariando a ideia de Guedes é que, pelo menos por parte da imprensa, existiu uma preocupação em explicar o fracasso. Porém, diferentemente do que acontece nas eliminações da seleção masculina, em que se elege um vilão para culpar, conforme observou Costa, no caso da seleção das mulheres o argumento para o

⁴³ A jogadora Cenira, por exemplo, teve problemas com Eurico Lira. Ela chegou a acusar o dirigente de ser mandada embora do Radar porque estava grávida e, além disso, o dirigente tentou impedir a atleta de jogar pelo Vasco da Gama. BATISTA. *Entre a proibição e a primeira seleção*, p. 132.

⁴⁴ GUEDES. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história.

⁴⁵ COSTA. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*.

mau desempenho esteve atrelado a questões extracampo, como a falta de infraestrutura e planejamento. De certa maneira, a seleção feminina representava o futebol brasileiro, que é historicamente vitorioso por meio da seleção masculina. Assim, os meios de comunicação precisavam explicar e justificar os desempenhos ruins da seleção, pois a lógica seria que ela também obtivesse sucesso.

Um exemplo da maneira que a mídia buscou justificar o desempenho das brasileiras se encontra na matéria escrita por Oldemário Touguinhó, intitulada “As diferenças estão fora de campo”. O jornalista concluiu que a eliminação precoce da seleção foi reflexo do atraso da modalidade no país, destacando que:

Diante das bem preparadas profissionais norte-americanas e europeias a seleção nada mais pôde fazer do que lutar muito.
[...] A diferença entre o futebol praticado nos EUA e na Europa e o brasileiro começa fora de campo. Enquanto os brasileiros levaram uma comissão técnica inexperiente em competições internacionais, as equipes mais fortes tinham técnicos e preparadores físicos de alto nível, experimentados em confrontos entre seleções.⁴⁶

Oldemário complementou escrevendo que uma outra diferença entre o futebol brasileiro e o europeu/norte-americano foi a ausência dos gramados das jogadoras desde 1988 e os poucos jogos internacionais realizados pela seleção brasileira. Bruna Fernandes analisou essa mesma notícia em sua dissertação da seguinte forma:

Porém, o jornal não se propõe a tratar a participação da seleção como algo bem visto. Se as jogadoras estavam paradas desde 1988 e conseguiram mesmo assim compor uma equipe para disputar o Mundial, seus esforços poderiam ser enaltecidos, mas num sentido oposto foram inferiorizados. Nem mesmo a equipe técnica escapava a tais contestações e subordinações a outros países. A mídia insistia em enfatizar que as seleções do Mundial estavam muito à frente do futebol feminino brasileiro.⁴⁷

Ao contrário de Fernandes, não compreendo que o jornalista inferiorizou os esforços das jogadoras brasileiras. Não apenas nessa matéria, mas também em outras, Oldemário salientou a luta e o empenho das jogadoras brasileiras. Fernandes também aponta que a mídia insistia em enfatizar a superioridade das seleções do Mundial diante da seleção brasileira. Isto, porém, era um fato incontestável, tendo em vista que

⁴⁶ Oldemário Touguinhó, *As diferenças estão fora de campo*, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 35.

⁴⁷ FERNANDES. *O paradoxo está em jogo*, p. 58-9.

na Europa e nos Estados Unidos a categoria contava com clubes e campeonatos consolidados e jogadoras bem remuneradas, enquanto no Brasil as jogadoras estavam sem jogar há anos pois os clubes de futebol feminino foram extintos. Além disso, as seleções europeias e estadunidense contavam com uma infraestrutura profissional, ao passo que a seleção brasileira contava com pouquíssimos recursos.

Alguns dias após a eliminação da seleção, o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria que ocupava praticamente uma página inteira e nela, o jornalista Oldemário Touguinhó, fazia um panorama sobre a participação brasileira na competição.



Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

O título da matéria “Brasil não acompanha evolução do futebol feminino” indica bem que o ponto central abordado pelo jornalista foram as diferenças entre o futebol de mulheres no Brasil e em outros países. Dessa forma, Oldemário expõe que

enquanto as jogadoras brasileiras ficaram paradas desde 1988, em países como a Suécia existiam aproximadamente 600 mil jogadoras em quatro divisões. Uma outra diferença apontada diz respeito ao preconceito sofrido pelas mulheres que jogam futebol no Brasil, as quais são acusadas de serem masculinizadas. De acordo com o jornalista, nos países de primeiro mundo as mulheres começavam a jogar futebol desde cedo, pois não existia preconceito.⁴⁸ A trajetória do futebol de mulheres no Brasil perpassa por preconceitos e estereótipos que se mantêm até hoje e em muitos momentos foram e ainda são corroborados pela imprensa. Conforme explicita Franzini, o futebol não é só um espaço esportivo, mas sociocultural, carregado de valores que estabelecem limites do que é ou não adequado, sendo as relações de gênero um elemento determinante nessas limitações.⁴⁹ É claro que essa lógica sofre mudanças ao longo da história, mas, ao mesmo tempo, algumas permanências podem ser observadas, como é o caso da noção de que futebol é um esporte para homens.

Um ponto que merece ser levantado é que mesmo sem jogar desde 1988, a seleção conseguiu se classificar para o Mundial após vencer o Campeonato Sul-Americano em 1991. Nesse sentido, Oldemário explica que:

Convocada a seleção, apesar da escassez de praticantes, os problemas não acabaram aí. A saúde da maioria das convocadas era péssima. Vindas de famílias pobres, havia casos de verminose e anemia. Como tinha que disputar a eliminatória na América do Sul para assegurar uma vaga no Mundial, a sorte do Brasil foi não possuir no continente adversários à altura. Com isso, venceu fácil o Chile (6 a 1) e a Venezuela (6 a 0), no Sul-Americano disputado em Maringá, em abril.⁵⁰

A quantidade de participantes da América do Sul nas eliminatórias é um dado que chama atenção. Para a Copa do Mundo masculina realizada no ano anterior, 9 seleções participaram das eliminatórias. Já no Campeonato Sul-Americano que concedeu a vaga para a seleção brasileira no Mundial apenas 3 equipes participaram. Isso sinaliza que, se o Brasil estava distante das europeias e norte-americanas na

⁴⁸ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

⁴⁹ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”.

⁵⁰ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

modalidade, outros países da América do Sul estavam ainda mais, tendo em vista que sequer possuíam uma seleção nacional.

Em outra parte da matéria, Oldemário destacou que “Faltava quase tudo à equipe: até vitamina era feita no quarto e servida em balde”. Mais uma vez o jornalista expôs as diferenças entre a seleção brasileira e as suas adversárias, escrevendo que:

O Brasil não tinha condições de ganhar o Mundial, nem mesmo de fazer uma boa participação. Enquanto as equipes de outros países desembarcaram na China amparadas num forte esquema, como o próprio Brasil faz com a sua seleção masculina de profissionais ao disputar uma Copa do Mundo, a delegação feminina brasileira chegou quase indigente. Tinha apenas boa vontade. A CBF montou um esquema amador, para enfrentar adversários altamente profissionais

[...] A dificuldade começava com a alimentação. As jogadoras, acostumadas à comida brasileira, não se adaptavam aos pratos chineses. Para minimizar o problema, a chefia da seleção providenciava frutas, leite e biscoitos. Muitas jogadoras chegaram a comprar chocolates para suprir em parte a deficiência alimentar. E mesmo a preparação de vitaminas era feita de forma precária, com o massagista Luis usando o liquidificador em seu quarto e distribuindo o alimento num balde de plástico. Enquanto isso, as norte-americanas e suecas cuidavam de sua alimentação diretamente na cozinha dos hotéis.⁵¹

Se no contexto de preparação para o Mundial a seleção brasileira era apontada como uma incógnita por Oldemário, após a participação no campeonato o jornalista chegou à conclusão de que não existia possibilidade de ela fazer sequer uma boa campanha. Não por conta da falta de qualidade das jogadoras, mas sim pela infraestrutura precária montada pela CBF para a seleção. Isso, contudo, não era uma novidade, tendo em vista que no Mundial Experimental de 1988 também realizado na China, a jornalista Claudia Silva, que realizou a cobertura do evento pelo *Jornal dos Sports*, relatou problemas semelhantes, inclusive com a adaptação das jogadoras à culinária chinesa. Verifica-se, portanto, um descaso total da CBF com as jogadoras e com a comissão técnica enviada, que diante das dificuldades tiveram que improvisar até mesmo para se alimentar.

No universo esportivo, é comum que após as eliminações os jornalistas peçam aos atletas, técnicos e dirigentes para propor soluções aos problemas enfrenta-

⁵¹ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

dos e, às vezes, os próprios jornalistas realizam proposições. Nesse sentido, a jogadora Marisa disse: “Precisamos manter essa seleção em atividade e, ao mesmo tempo, começar a investir nas escolas, para formarmos novos valores. [...] Há uns cinco anos, a Dinamarca e a Suécia iam no Brasil e perdiam da gente de goleada. Agora, elas é que estão *matando* a gente”.⁵²

Na mesma matéria, a jogadora Cenira concordou com Marisa e destacou que o incentivo do futebol feminino nas escolas era muito importante, uma vez que em casa os pais das meninas tinham vergonha de dar uma bola para a filha por conta dos comentários dos vizinhos. Esse preconceito sofrido pelas praticantes da modalidade é apontado por todas as jogadoras da seleção como o grande entrave ao futebol feminino brasileiro. Nas palavras da atacante Adriana: No Brasil, futebol é coisa de homem. Na Europa e nos Estados Unidos é muito diferente. Lá, o futebol é considerado um esporte apropriado para a mulher praticar porque é menos violento do que o futebol americano ou rugby.⁵³

Por ser compreendido socialmente como coisa de homem, as meninas não eram incentivadas a praticar o esporte e, quando possuíam interesse em jogar bola, existiam grandes chances de sofrerem preconceito. Como Adriana fez faculdade nos Estados Unidos, sabia que lá o futebol era um esporte socialmente aceito para as mulheres.

Apesar dos conflitos e divergências entre o treinador Fernando Luis e o coordenador Eurico Lira, os dois concordavam em um ponto, segundo Oldemário Touguinhó:

Num ponto, os dois concordam e vão levar suas sugestões à CBF. É preciso uma reformulação no futebol feminino, que inclui torneios internacionais e uma seleção permanente. Além disso, defendem a realização de campeonatos infantis nas escolas, para incentivar o surgimento de novas jogadoras.⁵⁴

De acordo com o jornalista do *Jornal do Brasil*, na chegada da seleção ao Brasil, existia um consenso entre jogadoras e membros da comissão técnica a respeito

⁵² Oldemário Touguinhó, As diferenças estão fora de campo, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 35.

⁵³ Oldemário Touguinhó, As diferenças estão fora de campo, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 35.

⁵⁴ Oldemário Touguinhó, Seleção feminina em crise retorna hoje, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1991, Esportes, p. 5.

do futuro da seleção. “Se o Brasil não fizer um planejamento sério para o próximo Mundial, em 1995, outro fracasso será inevitável”.⁵⁵

Oldemário também opinou sobre o que deveria ser feito para que a seleção feminina conseguisse resultados melhores futuramente. Na concepção dele:

Se no futuro quiser melhor desempenho em competições desse nível, a CBF terá que, a curto prazo, manter uma seleção em atividade, realizar um Campeonato Brasileiro e tentar aumentar o número de praticantes da modalidade. E incentivar a prática desde cedo em colégios e federações.⁵⁶

Comparando os discursos das jogadoras, de Fernando Luis e Eurico Lira e de Oldemário Touguinhó, é possível perceber um consenso de que era necessário a CBF manter uma seleção permanente e incentivar a prática da modalidade nas escolas para que surgissem novas jogadoras.

Pode-se dizer que foi a partir desse evento que se desenvolveu uma cultura no futebol de mulheres no Brasil: após encerramentos de ciclos em competições importantes como Copas do Mundo ou Jogos Olímpicos, as jogadoras aproveitam a visibilidade midiática para reivindicar mudanças e investimentos na modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação da seleção brasileira no primeiro Campeonato Mundial organizado pela FIFA foi tratada pelo *Jornal do Brasil* no âmbito da pré-agenda como uma incógnita. Apesar de reconhecer o terceiro lugar alcançado pela seleção em 1988, o fato de as jogadoras terem ficado paradas por quase três anos não permitia saber o que esperar. O que ficou nítido a partir das notícias que abordaram a viagem da seleção para a China foi o descaso da CBF com as jogadoras que representariam o país no Mundial, tendo em vista que nem mesmo uma alimentação de qualidade foi fornecida para as jogadoras durante o longo período de viagem.

Pode-se dizer que a campanha da seleção foi marcada por crises e conflitos envolvendo as jogadoras, o treinador Fernando Luís e o coordenador Eurico Lira. De

⁵⁵ Oldemário Touguinhó, No desembarcar da seleção, saudades do feijão, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de nov. 1991, 1º Caderno, p. 15.

⁵⁶ Oldemário Touguinhó, Brasil não acompanha evolução do futebol feminino, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1991, 1º Caderno, p. 34.

acordo com o que foi relatado por Oldemário Touguinhó, Eurico questionava as escolhas do treinador, acusando-o de não conseguir ajustar a equipe, ao passo que Fernando reclamava da interferência de Eurico em suas decisões. Ao perceberem a falta de credibilidade do treinador, as jogadoras decidiram mudar por conta própria o esquema tático da equipe, adotando o mesmo estilo de jogo sob o qual foram vitoriosas quando jogaram pelo Radar. As notícias indicam que não existia uma unidade no elenco da seleção na briga travada entre Lira e Pires, de maneira que um grupo de atletas se posicionou a favor de um e outro grupo se posicionou a favor de outro.

Com a eliminação na primeira fase, Oldemário Touguinhó buscou justificar a derrota, apontando os motivos que impediram a seleção de obter um bom desempenho na competição. Em mais de uma matéria, o jornalista explorou as diferenças entre a seleção brasileira e as seleções europeias e dos Estados Unidos. De acordo com Oldemário, tais seleções levaram para a China uma equipe estruturada que contava com profissionais qualificados como cozinheiros, fisioterapeutas e preparadores físicos. Nessa lógica, é possível inferir que as representações atreladas à eliminação do Brasil estiveram associadas a falta de infraestrutura fornecida as atletas e a preparação malfeita pela CBF.

Por fim, as matérias produzidas após a eliminação também tiveram como pauta as perspectivas de mudanças. Assim, jogadoras, comissão técnica, dirigentes e o próprio jornalista fizeram proposições do que seria necessário para que o futebol feminino se desenvolvesse no país e chegasse com uma seleção mais forte para o próximo Mundial, em 1995. Um consenso entre todos que opinaram era a necessidade de uma seleção permanente e o investimento nas escolas, para que novos talentos da categoria fossem formados. Por parte das jogadoras, a principal causa do entrave para o desenvolvimento da modalidade era o preconceito sofrido pelas mulheres que praticavam o futebol. Na visão delas, o fato do esporte ser considerado uma atividade para homem, afastava as meninas que cogitavam se inserir no universo futebolístico. Já em outros países como os Estados Unidos, por exemplo, as mulheres que jogavam futebol não sofriam preconceito, segundo as jogadoras da seleção. Por ser um momento de visibilidade midiática, após encerramentos de ciclos ou eliminações em eventos importantes como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, foi desenvolvida uma cultura no futebol de mulheres no Brasil que perdura até

os dias de hoje e pôde ser observada ao fim do Mundial de 1991, que é a reivindicação de melhorias e investimentos.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2013.

BATISTA, Victor Hugo Gonçalves. **Entre a proibição e a primeira seleção**: representações de gênero no futebol de mulheres (1965-1988). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2022.

BORELLI, Viviane. O esporte como construção específica no campo jornalístico. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais eletrônicos**. Salvador 2002.

BORELLI, Viviane. Jornalismo como atividade produtora de sentidos. **BOCC-Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, p. 1-11, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Juliana Ribeiro; GOELLNER, Silvana Vilodre. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. Editora Ludopédio, 2022.

CABRAL, Juliana Ribeiro; GOELLNER, Silvana Vilodre. As pioneiras pedem passagem: memórias do Torneio Experimental da China (1988). **Ludopédio**, São Paulo, v. 154, n. 17, 2022.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Algés: Difel, 2002.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Educação e Humanidades: Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FERNANDES, Bruna Rafaela Esporta. **O paradoxo está em jogo**: as representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.

GABRIEL, Bruno José. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da folha de S. Paulo (1991-2011)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GABRIEL, Bruno José. **O futebol da seleção brasileira feminina: uma análise das coberturas esportivas da Folha de S. Paulo (1991 – 2016)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspensão” e história. In: XXIII Reunião Brasileira de Antropologia. **Anais eletrônicos**. Gramado, 2002.

HAAG, Fernanda Ribeiro. **“O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”**: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História-FFLCH, USP, São Paulo, 2023.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves Magalhães; CORDEIRO, Janaína Martins Cordeiro. O poder na torcida: consenso, futebol e ditadura no Brasil (1970) e na Argentina (1978). **Faces de Clio**, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2016.

MEDINA. Depoimento de Asaléa de Campos Fornero Medina (Léa Campos) ao Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte Escola de educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180542>. Acesso em: 15 de jul. 2025.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Futebol, identidade nacional e construções midiáticas**: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NEVES. Oldemário Touguinhó: ex-jornalista esportivo. **3º Tempo**, s/d. Disponível em: <https://bit.ly/4nN7Jk1>. Acesso em 15 de jul. 2025.

PESSANHA, Nathalia Fernandes. **Nem Evas, nem Marias**: as mulheres no futebol brasileiro (1941-1983). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

PINHO, José Antônio Gomes de. Futebol, nação e o homem brasileiro: o “complexo de vira-latas” de Nelson Rodrigues. **O&S**, Salvador, v. 16, n. 48, p. 141-67, 2009.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação. (Mestrado em História Social) - São Paulo: Departamento de História-FFLCH, Universidade de São Paulo, 2015.

* * *

Recebido em: 31 mar. 2025
Aprovado em: 15 jul. 2025

Copa do Mundo do futebol de mulheres: uma análise de gênero sobre a cobertura da Cazé TV

FIFA Women's World Cup: a gender analysis of Cazé TV's coverage

Soraya Barreto Januário

Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa
soraya.barreto@ufpe.br

Jorge Dorfman Knijnik

Western Sydney University, Sydney, Austrália
Doutorado em Psicologia Social, USP

RESUMO: O artigo apresenta uma análise das postagens realizadas pela Cazé TV no Instagram como parte da cobertura da edição de 2023 da Copa do Mundo do futebol de mulheres da FIFA. O veículo, que realiza diferentes tipos de transmissão através do Youtube, foi o único no Brasil a exibir ao vivo todas as 64 partidas da competição. O corpus de análise é composto por 1637 postagens realizadas com a hashtag #CopaNaCazéTV. O objetivo foi o de compreender as temáticas acionadas na produção de conteúdos esportivos veiculados pelo canal, observados numa perspectiva de gênero. O método de pesquisa foi a análise temática, que buscou examinar as publicações postadas, categorizadas e organizadas por temas. Como resultados encontramos sete categorias que apresentam avanços importantes e permanências estruturais, sejam implícitas ou explícitas, na cobertura midiática da modalidade via *streaming*.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de mulheres; Cazé TV; Copa do Mundo; Análise Temática.

ABSTRACT: The article presents an analysis of Instagram posts made by Cazé TV as part of its coverage of the 2023 FIFA Women's World Cup. Cazé TV, a media outlet that broadcasts various types of content via YouTube, was the sole Brazilian broadcaster to livestream all 64 matches of the competition. The corpus of analysis comprises 1,637 posts tagged with #CopaNaCazéTV. The study aimed to comprehend the themes addressed in the sports content disseminated by the channel, observed from a gender perspective. The research method employed was thematic analysis, which involved examining, categorizing, and organizing the posted publications by themes. As a result, we identified seven categories that reveal significant advancements and structural continuities, both implicit and explicit, in the streaming media coverage of the sport. ell as structural continuities, both implicit and explicit, in the media coverage of the sport through streaming.

KEYWORDS: Women's soccer; Cazé TV; World Cup; Thematic Analysis.

APITO INICIAL: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O FUTEBOL¹

O futebol é um fenômeno sociocultural profundamente enraizado na identidade nacional brasileira, atravessando diferentes estratos sociais e influenciando aspectos culturais, políticos e econômicos do país.² Elementos como habilidade técnica, criatividade, improvisação e o célebre "jogo bonito" são frequentemente associados à diversidade, à alegria e ao espírito inovador do povo brasileiro. O Brasil é amplamente reconhecido por sua paixão pelo futebol, pelos talentos exportados para o exterior e pelas narrativas vibrantes construídas durante as transmissões esportivas.³

Nos últimos anos, o consumo do espetáculo futebolístico e o acesso às transmissões esportivas têm passado por transformações significativas, impulsionadas pelo avanço das plataformas digitais. O futebol, em especial, tem ocupado novos espaços, estimulado diferentes formas de consumo e ampliado seu público, em um cenário marcado pela fragmentação das audiências e pela ruptura da hegemonia televisiva.⁴

Nesse contexto, destaca-se a promulgação da *Lei do Mandante*⁵ (Lei 14.205/2021), que representou um marco para os clubes brasileiros ao conferir-lhes maior autonomia na negociação dos direitos de transmissão, particularmente nos jogos em que atuam como mandantes. Antes da nova legislação, esses direitos eram negociados de forma centralizada, principalmente entre clubes e emissoras de televisão. A lei simboliza um avanço no processo de valorização dos clubes e de adaptação às transformações do ecossistema midiático, marcado pelas inovações tecnológicas e pelas novas formas de

¹ Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), bolsista de produtividade em pesquisa – Nível C. Uma versão inicial do trabalho foi apresentada no 33º encontro anual de Programas de Pós-Graduação em Comunicação e publicado nos anais, a versão atual conta com ampliações e revisões do texto inicial.

² HELAL; GORDON JR. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol, 2014.

³ SCHETTINI. *Rádio e televisão: levando emoção ao torcedor de futebol*, 2006.

⁴ BARRETO JANUÁRIO; LEAL. O sucesso por trás dos números: uma análise sobre os recordes de audiência no futebol de mulheres 2024.

⁵ Mais informações em: <http://bit.ly/3TVShUY>. Acesso em: 15 mar. 2023.

transmissão. Paralelamente a essas mudanças, o *streamer* brasileiro Casimiro Miguel, conhecido como Cazé, emergiu como figura central no cenário esportivo digital, propondo um modelo alternativo e inovador de cobertura esportiva, que será detalhado adiante.

Nesse sentido, é pertinente contextualizar historicamente a competição em análise. A primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino ocorreu em 1991, na China, consolidando-se como um marco fundamental para a legitimação e projeção internacional da modalidade. Desde então, o torneio tem registrado crescimento contínuo em popularidade, número de seleções participantes e alcance midiático, refletindo o aumento progressivo dos investimentos – ainda que desiguais em relação à competição masculina – e o interesse crescente pelo futebol praticado por mulheres. A edição de 2023, realizada conjuntamente na Austrália e na Nova Zelândia, foi a nona da história da competição e representou um ponto de inflexão significativo. Pela primeira vez, o torneio contou com 32 seleções, um aumento expressivo em relação às 24 equipes das edições anteriores (2015 e 2019).

A edição de 2019, sediada na França, já havia se configurado como um momento crucial e transformador para o futebol de mulheres em escala global, superando barreiras geográficas e simbólicas, conforme destacam Soraya Barreto Januário e Daniel Leal (2024). No Brasil, aquele torneio foi marcante por ter sido o primeiro transmitido pela TV Globo, a emissora de maior audiência do país. Em 23 de junho de 2019, a partida em que a Seleção Brasileira foi eliminada na prorrogação pela França atingiu mais de 35 milhões de telespectadores nas transmissões em TV aberta e fechada (TV Globo, Band e SporTV), configurando-se como um recorde histórico de audiência para o futebol feminino no país. Tal repercussão foi impulsionada por um esforço consciente das emissoras em promover e valorizar a modalidade.

Os dados divulgados pela FIFA, entidade máxima do futebol mundial, reforçam o impacto global da Copa de 2019, cujo alcance transcendeu amplamente o contexto brasileiro. No total, 1,12 bilhão de telespectadores acompanharam o torneio por meio de transmissões televisivas ou plataformas digitais. A média de audiência por partida mais que dobrou em comparação à edição de 2015, realizada no Canadá: de 8,39 milhões para 17,27 milhões de espectadores por jogo, representando um aumento de 30% na audiência geral. A final entre Estados Unidos e Holanda tornou-

se a partida mais assistida da história da competição, com uma média de 82,18 milhões de espectadores, um crescimento de 56% em relação à final de 2015 (52,56 milhões). Esses números refutam de maneira inequívoca a ideia de que o futebol de mulheres não desperta interesse ou não mobiliza audiência.⁶

A edição de 2023 confirmou essa tendência de ascensão, evidenciando o aumento do interesse e do consumo de conteúdos relacionados ao futebol feminino,⁷ em um contexto de crescente visibilidade e de convergência entre torcida, mídia e mercado. Diante desse cenário de expansão do interesse e de diversificação das formas de acesso ao conteúdo esportivo, destaca-se o papel desempenhado por plataformas digitais como a Cazé TV na democratização da informação esportiva e na ampliação do público. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar as temáticas mobilizadas na cobertura midiática realizada pela Cazé TV durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023, a partir de uma perspectiva de gênero. A metodologia adotada baseou-se na análise temática,⁸ aplicada aos conteúdos publicados no perfil oficial da Cazé TV no Instagram, identificados pela hashtag #CopaNaCazéTV, totalizando 1.637 publicações. Complementarmente, foi realizada uma análise quantitativa das categorias temáticas identificadas, com o intuito de compreender a abrangência e a diversidade do conteúdo produzido, extrapolando o foco exclusivo nas transmissões integrais dos jogos disponibilizadas no YouTube.

A TRANSMISSÃO ESPORTIVA NO BRASIL

O futebol e a mídia no Brasil compartilham uma trajetória de parceria histórica, especialmente no âmbito radiofônico, com predominância das transmissões pelas ondas AM. Nesse contexto, a narração esportiva desponta como uma das principais he-

⁶ BARRETO JANUÁRIO; LEAL. O sucesso por trás dos números: uma análise sobre os recordes de audiência no futebol de mulheres, 2024.

⁷ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, 2021; BARRETO JANUÁRIO. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero, 2023.

⁸ CLARKE; BRAUN. Thematic analysis, 2017.

ranças do rádio. Narradores com estilo eloquente, dinâmico e ágil precisavam descrever cada lance com extrema precisão para envolver o ouvinte.⁹ Com o tempo, o modelo radiofônico foi se adaptando às inovações tecnológicas, como a televisão, que introduziu novas formas de narração e de consumo.

Segundo Rangel (2012), o sentimento de nacionalismo e a forte ligação do povo brasileiro com o futebol começaram a se consolidar nos anos 1930, impulsionados pela radiodifusão. Nesse período, mudanças sociais e a crescente popularidade do futebol foram mobilizadas pelo governo como estratégia para fomentar o sentimento nacional. A Copa do Mundo de 1938, realizada na França, foi a primeira a ser acompanhada ao vivo no Brasil por meio do rádio. Imagens icônicas do imaginário coletivo mostram famílias e comunidades reunidas ao redor de aparelhos de rádio, vibrando com as transmissões. Esse evento marcou a história do futebol brasileiro ao unir o país em torno de um objetivo comum.

Embora o rádio dominasse a comunicação da época, a tecnologia da televisão começou a ganhar forma no cenário mundial a partir de 1931. No Brasil, a TV foi oficialmente inaugurada em 18 de setembro de 1950, quando a Rádio Tupi lançou a TV Tupi, o primeiro canal de televisão do país. Inicialmente, a audiência era limitada, com apenas 200 aparelhos disponíveis.¹⁰ Um marco importante nas transmissões esportivas televisivas ocorreu em 21 de novembro de 1965, quando a TV Globo exibiu pela primeira vez uma partida de futebol, um amistoso entre Brasil e União Soviética. Embora não tenha sido transmitida ao vivo, mas com duas horas de atraso, essa exibição simbolizou um avanço significativo. Em 1972, com a chegada da TV em cores ao Brasil, tornou-se possível a transmissão ao vivo da Copa do Mundo de 1974, consolidando a televisão como principal meio de comunicação de massa.

Na década de 1990, surgiram canais de TV por assinatura dedicados exclusivamente ao esporte, como o SporTV, da Rede Globo, e a ESPN, que se estabeleceram no mercado brasileiro. Esses canais introduziram recursos inovadores, como câmeras mostrando a equipe de transmissão em ação, além de elementos gráficos como

⁹ SCHETTINI. *Rádio e televisão: levando emoção ao torcedor de futebol*, 2006; RANGEL. *O rádio e as Copas do Mundo*, 2012.

¹⁰ IZEL. *Há 70 anos, a televisão foi inaugurada no Brasil*, 2020.

o placar e o marcador de tempo. Com o passar dos anos, a televisão incorporou novas tecnologias e se adaptou à era digital, oferecendo plataformas de streaming e conteúdos sob demanda.

Apesar da crescente popularidade das alternativas digitais, como o *streaming*, a televisão permanece como o principal meio de consumo audiovisual no Brasil. Segundo a pesquisa Inside Video, da Kantar Ibope (2022), 79% do tempo de consumo de TV no país ainda está relacionado à TV linear (canais abertos e por assinatura), enquanto 21% é dedicado a plataformas de vídeo. Em 2021, 11% de toda a programação da TV linear foi dedicada ao futebol e a outras modalidades esportivas, com destaque para as transmissões em TV aberta. No entanto, o futebol enfrenta concorrência crescente das plataformas digitais, como se evidenciou no aumento da audiência do Campeonato Brasileiro de 2022 em relação a 2021, especialmente no estado de São Paulo.

O *streaming*, assim como as primeiras transmissões esportivas nas mídias tradicionais, teve início com foco no áudio – como no caso do RealAudio, da Progressive Networks. Com os avanços tecnológicos, evoluiu para se tornar uma forma amplamente difundida de consumo de mídia, transformando de maneira significativa o panorama das transmissões esportivas contemporâneas.

O *streaming*, enquanto transmissão de conteúdo via internet, vem alterando os usos cotidianos das mídias e das práticas da indústria midiática (BURROUGHS, 2015; SMITH; TELANG, 2016). Percebe-se que o investimento de grandes players da economia digital em plataformas de *streaming*, assim como sua popularidade entre os consumidores, é crescente. De acordo com Datta, Knox e Bronnenberg (2017), plataformas de *streaming* caracterizam-se por permitir acesso a uma vasta biblioteca de conteúdo a um preço fixo por mês ou, em certos casos, e sob determinadas condições, gratuitamente.¹¹

No contexto do *streaming* de vídeos, é fundamental destacar o papel significativo desempenhado pelo YouTube como a primeira plataforma gratuita e pela Netflix como um serviço de *streaming* dominante atualmente. Estas plataformas foram pioneiras nesse modelo de distribuição de mídia.¹²

¹¹ MONTARDO; VALIATI. *Streaming de conteúdo, streaming de si?*, p. 2.

¹² SHIH; KAUFAN; SPINOLA. *Netflix*, 2009.

Com a expansão para outras plataformas, o aumento da capacidade de armazenamento de servidores e melhorias significativas na infraestrutura de internet de banda larga, ocorreu uma expansão notável das plataformas de transmissão de conteúdos ao vivo. Isso inclui não apenas eventos esportivos como futebol, mas também música, séries, jogos de videogame e uma ampla gama de entretenimento, todos acessíveis em qualquer lugar e a qualquer momento.¹³

CASIMIRO E A CAZÉ TV: TRAÇANDO UMA HISTÓRIA

Casimiro Miguel, conhecido como Cazé, nasceu no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1993 e iniciou sua trajetória profissional no canal Esporte Interativo,¹⁴ onde apresentava o programa *Ei Games*.¹⁵ Paralelamente, fazia parte do canal de humor esportivo no YouTube chamado *De Sola*. Em 2019, foi convidado, ao lado de Pedro Certezas, para integrar o programa de televisão aberta *SBT Sports Rio*.¹⁶

Sua ascensão aconteceu em 2021, durante a pandemia, quando seu canal na plataforma Twitch ganhou notoriedade com transmissões diárias ao vivo, marcadas por *reacts*¹⁷ de uma ampla variedade de conteúdos, desde lanches infantis até lances de futebol. Combinando humor, memes e uma abordagem leve e autodepreciativa, Casimiro conseguiu atrair um público diverso e ampliar sua popularidade. Ele expandiu sua produção para além do universo esportivo, incluindo a transmissão de episódios do programa *MasterChef* no YouTube, onde adicionava comentários e reações ao desenrolar dos episódios. Esse crescimento lhe rendeu diversas premiações, incluindo o título de Homem do Ano de 2022 pela revista *QG Brasil*.¹⁸

O impacto de Cazé é evidente em suas redes sociais e plataformas digitais, como Instagram, TikTok e YouTube. Seus três canais no YouTube (*Casimiro*, *Cortes do*

¹³ SHIH; KAUFAN; SPINOLA. *Netflix*, 2009.

¹⁴ Foi um canal esportivo de televisão por assinatura brasileiro que iniciou as transmissões em 5 de janeiro de 2014. Ao contrário do canal aberto, este tinha transmissão somente pela TV por Assinatura e transmitido inteiramente em HD.

¹⁵ Canal de esportes e jogos do canal TNT Sports (antigo Esporte Interativo)

¹⁶ TEIXEIRA. *Gol de placa: como Casimiro impactou as transmissões futebolísticas*, 2022.

¹⁷ Esse tipo de conteúdo, popularizado pela Cazé, geralmente envolve ele e os/as demais narradores/as reagindo ao conteúdo narrado, com um toque pessoal, muitas vezes exagerando nas expressões faciais e no humor.

¹⁸ TEIXEIRA. *Gol de placa*, 2022.

Casimito e Cazé TV) acumulam mais de 15,33 milhões de inscritos. Na Twitch, ele soma 3,8 milhões de seguidores e mais de 52 milhões de visualizações,¹⁹ Entre os momentos marcantes de sua carreira está a transmissão ao vivo do primeiro episódio da série *Neymar: o caos perfeito*, da Netflix, que atraiu mais de 545 mil espectadores, registrando o maior público da plataforma no Brasil. Em abril de 2022, Casimiro alcançou o topo mundial da Twitch, com mais de 97 mil assinantes na plataforma.²⁰

Em 2021, Casimiro iniciou as transmissões de partidas de futebol em seus canais, em parceria com o Athletico Paranaense. A primeira exibição foi um jogo da Série A do Campeonato Brasileiro contra o Red Bull Bragantino,²¹ marcando a estreia desse tipo de transmissão na Twitch. A iniciativa aproveitou a Lei do Mandante, previamente mencionada. Esse pioneirismo abriu novas possibilidades para clubes e campeonatos nacionais, incluindo o Campeonato Carioca, que buscou resgatar sua relevância ao colaborar com o *streamer* para transmitir algumas de suas partidas.²²

Em 2022, a parceria com o Athletico Paranaense foi ampliada para a transmissão de todos os jogos do Campeonato Brasileiro pela Twitch. No mesmo ano, Casimiro firmou uma parceria com a FIFA, que permitiu a transmissão de um jogo por dia da Copa do Mundo de 2022 no Catar. Essa colaboração representou um marco na história das transmissões esportivas via *streaming* no Brasil. Durante a estreia da Seleção Brasileira contra a Sérvia, no YouTube (*Cazé TV*) e na Twitch (*Casimito*), o canal registrou cerca de 3,8 milhões de espectadores simultâneos.²³ No jogo seguinte, contra a Suíça, bateu seu próprio recorde, alcançando 4,2 milhões de espectadores simultâneos, estabelecendo a maior audiência em transmissões ao vivo do YouTube no Brasil.²⁴ Ao todo, as transmissões da Copa de 2022 somaram cerca de 62,5 milhões de espectadores,²⁵ consolidando Casimiro como o primeiro *streamer* a transmitir o evento na Twitch.

Essa trajetória natural levou à transmissão da Copa do Mundo de Futebol de Mulheres de 2023, realizada, como dito, na Austrália e Nova Zelândia. As transmissões

¹⁹ Consultas realizadas em janeiro de 2023.

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3GiDX5Z>.

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/3lqNM2c>. Acesso em: 12 jun. 2023.

²² Conf.: <https://bit.ly/3GyeMfA>. Acesso em: 7 abr. 2023.

²³ Disponível em <https://bit.ly/4kpbXLX>. Acesso em: 15 mar. 2023.

²⁴ POSSA. Cazé TV: confira os recordes quebrados por Casimiro na Copa do Mundo, 2022.

²⁵ Consulta em: 31 jan. 2023.

de todos os jogos pelo canal *Cazé TV* destacaram um nicho de mercado reprimido pela falta de acesso às competições de futebol de mulheres. O canal contratou a renomada jornalista Fernanda Gentil, conhecida figura do mundo esportivo e do entretenimento no Brasil, além de uma equipe de comentaristas e narradoras.

Em julho de 2023, o YouTube anunciou que os pacotes de patrocínio para as transmissões da *Cazé TV* foram esgotados, indicando uma mudança significativa no mercado. Grandes marcas, que antes investiam de forma intensa em mídias tradicionais, voltaram-se para os conteúdos produzidos pelo *streamer*. Junto com o YouTube, a *Cazé TV* conquistou o maior número de patrocinadoras em comparação com gigantes como a Rede Globo e a Sport TV, tradicionais emissoras de conteúdos esportivos no Brasil. Entre as marcas que firmaram acordo com o YouTube como parceiro da *Cazé TV* para a Copa do Mundo de Mulheres de 2023 estão o Itaú, Visa, Ambev, Cielo, Claro e iFood. A *Cazé TV* se consolidou como o principal canal de transmissão ao vivo de futebol, comprando os direitos de transmissão e cobrindo, como dito, todos os 64 jogos da maior competição do futebol de mulheres do mundo.

O FUTEBOL DE MULHERES: HISTÓRIA, REPRESENTAÇÕES E DISPUTAS POR VISIBILIDADE

O futebol de mulheres (FM) possui marcos iniciais que se manifestam tanto em eventos esportivos frequentados pelas elites brasileiras quanto em espetáculos realizados em circos populares.²⁶ Aira Bonfim argumenta que, a partir da década de 1920, conhecidos teatros e circos, como o Alcebíades, Queirolo e Nerino, passaram a exhibir publicamente apresentações de atrizes atuando como jogadoras de futebol,²⁷ o que reforça a ideia de que o FM transcende o campo esportivo, constituindo-se também como fenômeno cultural, social e político.

Ao longo de sua história, o futebol foi moldado por estruturas que dialogam com uma concepção social de masculinidade, associada à força, virilidade e dominação. Em contraste, o futebol de mulheres sempre esteve atravessado por episódios

²⁶ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*.

²⁷ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 21-5.

de proibição, concessões, subversões, lutas e conquistas – ainda que a presença feminina em diversas fases da formação e consolidação do futebol, no Brasil e no mundo, seja incontestável.²⁸

Analisar o contexto do futebol de mulheres no Brasil exige o reconhecimento de um legado forjado por relações de poder de natureza política, paternalista e patriarcal. A sociedade brasileira continua marcada por estruturas sociais hierarquizadas e por privilégios que se articulam em dinâmicas interseccionais, nas quais gênero, classe e raça atuam como vetores de exclusão e silenciamento. O histórico de proibições à prática do futebol por mulheres ainda reverbera, afetando diretamente a visibilidade, ou a ausência dela, do FM no cenário esportivo nacional e internacional.

Apesar de seu inegável crescimento e profissionalização, o futebol de mulheres permanece enredado em uma complexa teia de disputas simbólicas no campo do gênero, que historicamente frearam seu avanço e ainda persistem na contemporaneidade. Essas problemáticas ultrapassam o campo de jogo e atravessam a própria estrutura da modalidade, desde o investimento e reconhecimento até a representação midiática e a percepção social.

Um ponto central desse debate remonta à proibição institucionalizada da prática do futebol por mulheres, vigente por décadas em diversos países. No Brasil, tal proibição constitui um exemplo contundente de como o futebol foi construído a partir de uma perspectiva masculina e excludente. A pesquisadora Silvana Goellner (2005; 2021), referência nos estudos de gênero e esporte, demonstra de forma categórica como essa interdição não apenas reforçou a invisibilidade histórica do FM, mas também estimulou práticas de resistência e formas subterrâneas de vivência do futebol por mulheres. Tais práticas revelam a resiliência feminina em desafiar normas impostas, mantendo viva a paixão pelo jogo, mesmo sob repressão.

Essa invisibilidade histórica se traduz, ainda hoje, em desigualdades sistêmicas, como a disparidade salarial e a escassez de investimento. É uma realidade que atletas de elite recebem apenas uma fração do que é pago a seus pares masculinos, mesmo apresentando níveis equivalentes de desempenho e sucesso. A lacuna se estende a prêmios, patrocínios e condições de trabalho, refletindo a persistente crença

²⁸ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*.

anacrônica de que o futebol feminino teria menor valor comercial e esportivo. Nesse cenário, a luta por igualdade salarial (*equal pay*) tornou-se uma pauta global, impulsionada por seleções de destaque que denunciam essa profunda assimetria.

Para além das desigualdades econômicas, a representação midiática desponta como um campo crucial de disputa.²⁹ Durante décadas, a cobertura do futebol feminino foi escassa, superficial e frequentemente atravessada por estereótipos. Quando presente, priorizava a aparência das atletas em detrimento de suas habilidades técnicas, reforçando clichês sobre a suposta fragilidade feminina. Essa lógica, contudo, vem sendo tensionada por uma cobertura mais robusta e diversificada, especialmente nas mídias digitais, como evidenciado pela visibilidade alcançada durante a Copa do Mundo de 2023.

Nesse contexto, Jennifer Hargreaves (2004) historiciza a exclusão das mulheres dos esportes modernos como parte de um projeto patriarcal, colonial e eurocêntrico, no qual o esporte foi instrumentalizado para reforçar hierarquias de gênero e raça. É nesse sentido que o futebol, em particular, permanece como um dos espaços resistentes à equidade de gênero, sustentando discursos normativos da masculinidade tanto nas práticas culturais quanto na mídia esportiva. Um aspecto recorrente nesse debate diz respeito à forma como as atletas mulheres são representadas, o que contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero que limitam suas possibilidades de reconhecimento e valorização no campo esportivo. Conforme destacam Emma Sherry, Angela Osborne e Matthew Nicholson (2016), a mídia ainda reproduz representações marcadas pela sexualização e objetificação das atletas, priorizando atributos físicos e estéticos em detrimento da competência esportiva, ainda que essas práticas tenham sido, em certa medida, atenuadas nos últimos anos.³⁰

Além da sexualização, outro mecanismo simbólico de desvalorização é a infantilização. Margaret Duncan (2012) observa que atletas mulheres são frequentemente tratadas como “meninas”, enquanto seus colegas homens são representados como heróis, símbolos de força, liderança e poder. No Brasil, essa infantilização também se aplica aos atletas homens, como no caso da expressão “o menino Ney”, referindo-se a

²⁹ BARRETO JANUÁRIO. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres, 2023.

³⁰ BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros, 2020.

Neymar. Essa construção midiática projeta uma imagem de dependência emocional e irresponsabilidade juvenil, que ao mesmo tempo permite a celebração do talento e a neutralização de comportamentos questionáveis.

Todavia, é importante observar que essa infantilização opera de maneira distinta para homens e mulheres, gerando efeitos simbólicos diferentes. No caso dos homens, a mídia busca suavizar a agressividade e a força com a imagem do “bom menino”, humilde e carismático. Já com as mulheres, a infantilização atua para negar sua autoridade técnica, profissionalismo e maturidade, ou ainda, para fetichizá-las em uma lógica misógina. Essa assimetria discursiva não se restringe à linguagem, mas estrutura sentidos que atravessam a recepção social do esporte: aos homens é reservado o papel de protagonistas; às mulheres, um lugar subalterno e frequentemente condescendente. Tais construções afetam concretamente a visibilidade, os patrocínios, a cobertura midiática e a inserção das mulheres nos diferentes níveis do sistema esportivo. Scheadler e Wagstaff (2018) reforçam esse argumento ao demonstrar como a persistência de estereótipos de gênero compromete o engajamento do público com o futebol feminino, limitando sua audiência, investimentos e reconhecimento institucional. A representação midiática da mulher no esporte opera, assim, como uma tecnologia de poder,³¹ que regula a posição social das atletas e reproduz as hierarquias de gênero vigentes.

Reconhecer o futebol de mulheres na contemporaneidade implica também valorizar as trajetórias daquelas que abriram caminhos e garantiram o direito de ocupar os campos, quadras, picadeiros, gestões e até as areias do futebol brasileiro. A prática esportiva nunca foi uma concessão: sempre foi fruto de luta. Se hoje é possível celebrar nomes como Marta, Cristiane e Formiga, é preciso lembrar que a história do FM inclui pioneiras que jamais receberam o devido reconhecimento da CBF e da sociedade. O sexismo da época e o apagamento midiático pautado pela mercantilização do futebol masculino ainda escondem histórias como a de Sissi, primeira artilheira e craque da seleção nacional, além de Pretinha, Fanta e outras atletas. Silvana Goellner e Juliana Cabral (2022), no livro *As Pioneiras do Futebol Pedem Passagem: Conhecer para Reconhecer*, resgatam essas trajetórias, além de coordenarem,

³¹ FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, 1999.

junto a outras pesquisadoras, a exposição “Pioneiras”, realizada no Museu do Futebol, em São Paulo, uma ação fundamental de resgate e visibilidade. Sobre visibilidade e as transmissões esportivas Soraya Barreto Januário, Cecília Lima e Daniel Leal, observam que: “[...] há registros de algumas transmissões de partidas de futebol feminino em canais como ESPN Brasil, em 2003, e TV Bandeirantes, em 2007. Em 2015, a competição passou a ser exibida no canal público TV Brasil, no canal de TV aberta Bandeirantes e no canal pago SporTV”.³²

Apesar dessas transmissões esparsas, a cobertura do futebol de mulheres sempre foi limitada e pontual, com divulgação publicitária praticamente inexistente. Nas edições de 2015 e 2019 da Copa do Mundo Feminina, além do já mencionado aumento para 32 equipes participantes, a principal mudança esteve na ampliação da visibilidade midiática, aspecto que será abordado mais adiante. Esse cenário evidencia que a modalidade só recentemente começou a conquistar condições adequadas de jogo e o devido reconhecimento institucional e simbólico. Tal constatação reforça as críticas ao tratamento desigual de gênero nas modalidades esportivas, que se manifesta desde a precariedade da infraestrutura até a gestão das confederações.

A transmissão de todos os jogos da Copa do Mundo de Mulheres de 2023 pela Cazé TV representa um marco significativo. Todavia, é preciso destacar que essa cobertura ainda se insere em uma lógica de normatividade que estrutura o futebol. O *streamer* Casimiro Miguel, homem branco e heterocisnormativo, pouco demonstrou, até recentemente, engajamento com a pauta da equidade de gênero no esporte. Isso pode ser exemplificado pela baixa participação de mulheres nas transmissões realizadas durante a Copa do Mundo Masculina do Catar, em 2022. Além disso, não se trata de um canal voltado especificamente para questões de gênero: a Cazé TV é um produto de mídia recente, que soube identificar uma oportunidade de mercado em uma modalidade historicamente invisibilizada, mas em notável processo de cresci-

³² BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL. *Futebol de mulheres na agenda da mídia*, p. 55.

mento. Tal estratégia é evidenciada pelo rápido fechamento de contratos com diversos patrocinadores interessados em vincular suas marcas à cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2023.

A COPA DO MUNDO NA CAZÉ TV: UMA ANÁLISE TEMÁTICA NUMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Após a apresentação do contexto em que se insere esta pesquisa, passamos agora à análise temática (AT) dos conteúdos veiculados no perfil da Cazé TV no Instagram, com foco nas transmissões e na cobertura midiática realizadas durante a Copa do Mundo Feminina de 2023. A coleta e a análise dos dados foram realizadas no âmbito do Obmídia/UFPE – Observatório da Mídia: Gênero, Democracia e Direitos Humanos –, em parceria com o Institute for Culture and Society, da Western Sydney University.

A escolha pelo Instagram como objeto de análise se justifica por sua posição consolidada entre as principais redes sociais globais, com mais de dois bilhões de usuários ativos. No Brasil,³³ a plataforma registrava aproximadamente 134,6 milhões de contas em janeiro de 2024, evidenciando seu amplo alcance no país. A constante inovação do Instagram contribui para seu alto nível de engajamento: 93% dos usuários brasileiros acessam a rede diariamente, sendo que 57% o fazem várias vezes ao dia e 17% mantêm o aplicativo aberto continuamente, o que demonstra sua profunda inserção nas rotinas cotidianas.

A coleta dos dados foi realizada manualmente entre 1º de julho e 30 de agosto de 2023, abrangendo o período da Copa do Mundo Feminina (20 de julho a 20 de agosto), bem como os dez dias anteriores e posteriores ao evento. Todas as postagens com a hashtag #CopaNaCazéTV foram analisadas, com foco nas temáticas mobilizadas ao longo da cobertura. A análise temática é uma metodologia de análise de dados qualitativos comumente empregada em pesquisas sociais e de análises de conteúdo. O método auxilia na identificação de padrões, tendências e *insights* contidos nos dados qualitativos, possibilitando uma compreensão mais abrangente do fenômeno em estudo.

³³ OPINION BOX. *Pesquisa Redes Sociais 2025*. Opinion Box, 2025. Disponível em: <http://bit.ly/4nEkPAf>.

De acordo com Clarke e Braun (2017) a análise temática segue etapas claras para identificar e interpretar padrões nos dados, são elas: a) Familiarização com os dados: Esta etapa envolve uma leitura aprofundada e repetida dos dados, com o objetivo de compreender seu conteúdo de forma holística. Nesse processo, buscou-se identificar padrões iniciais, temas emergentes e nuances, processo que pode ser comparado à "leitura flutuante" adotada na análise de conteúdo; b) Codificação: os dados são fragmentados em unidades menores de significado, que são então categorizadas com códigos representativos. Esses códigos podem ser palavras, frases ou trechos que capturam aspectos relevantes e significativos do conteúdo. A codificação inicial ajuda a estruturar o material para uma análise mais detalhada; c) Identificação de temas: A partir dos códigos gerados, buscou-se agrupar os elementos relacionados em temas mais amplos, que refletiram padrões ou conceitos centrais observados nos dados. Os temas são formados com base na identificação de similaridades, contrastes e relações entre os códigos, e devem refletir aspectos significativos do fenômeno estudado, no caso traçado por uma perspectiva dos estudos de gênero; d) Revisão de temas: Esta etapa envolveu a validação e refinamento dos temas identificados, assegurando sua coerência e relevância para a pesquisa. Foi avaliada a correspondência dos temas com os dados brutos, assegurando sua solidez e abrangência da pesquisa; e) Definição e nomeação dos temas: Após a revisão, os temas foram definidos e nomeados de forma concisa, refletindo sua essência e relação com os objetivos da pesquisa; f) Relatório final: consistiu na elaboração do relatório de pesquisa, no qual os temas identificados são apresentados de maneira estruturada. O que será apresentado a seguir.

Como dito, os números da competição foram impressionantes em termos de audiência desde a estreia da seleção brasileira, em que a transmissão registrou mais de cinco milhões de dispositivos conectados durante a vitória do Brasil por 4 a 0 contra o Panamá, incluindo um milhão de espectadores simultâneos, estabelecendo um novo recorde mundial de maior audiência de futebol de mulheres na plataforma YouTube. A partida contra a Jamaica, que resultou na eliminação do Brasil após um empate sem gols, foi a mais assistida, atingindo 7,6 milhões de acessos. Além disso,

a final da Copa entre Espanha e Inglaterra registrou mais de dois milhões de visitas em pouco mais de 24 horas.³⁴

Conforme o recorte metodológico previamente indicado, foi selecionada a hashtag #CopaNaCazéTV, que totalizou 1.637 publicações. Após uma análise preliminar, identificaram-se sete categorias temáticas mais recorrentes, para as quais foi realizado um levantamento estatístico inicial (Tabela 1). O tratamento dos dados seguiu as seis etapas da análise temática reflexiva: familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, identificação de temas, revisão dos temas, definição e nomeação dos temas e produção do relatório analítico.³⁵ Para uma melhor compreensão dos procedimentos adotados na construção das categorias temáticas, destaca-se que o processo teve início com a codificação inicial de cada postagem, identificando-se temas-chave recorrentes, como: falta de visibilidade na mídia, baixos salários, ativismo, preconceito de torcedores e perfil de jogadoras.

Em seguida, esses códigos foram agrupados em categorias analíticas mais amplas, tais como: “Desigualdade estrutural” (incluindo baixos salários e ausência de políticas públicas); “Estereótipos de gênero” (preconceitos oriundos de torcedores, da mídia e da própria FIFA); “Pedagogização de novos consumos”; “Novas estratégias de visibilidade” e “Invisibilidade midiática”, entre outras. Esses agrupamentos resultaram nas sete categorias principais que serão apresentadas a seguir.

Categorias	Qty.
Pílulas das transmissões com recorte de gênero	797
Espetacularização do futebol de mulheres e da vida privada das atletas	392
Produção de conteúdo esportivo de entretenimento	179
A jornada das heroínas	108
Resenha esportiva	64
Reações das/os narradoras/es	51
Ativismo e pedagogias do futebol de mulheres	46
Total	1.637

Tabela 1 - Categorias temáticas. Fonte: a autora e o autor.

³⁴ Conf.: *Exame*, 2023.

³⁵ CLARKE; BRAUN. Thematic analysis, 2017.

CATEGORIAS

1. Pílulas das transmissões com recorte de gênero: Essa categoria compreende postagens com recortes de momentos das transmissões dos jogos, as transmissões dos 64 jogos contaram com pelo menos duas mulheres por bancada, desempenhando funções de comentaristas ou de narradoras (Fig. 1).³⁶ A Cazé TV teve clara preocupação com uma maior equidade de gênero na bancada das transmissões e narrações dos jogos. Reforçando a equipe de narração para a copa com Leticia Macedo, Milla Garcia, Bruno Cantarelli e Raony Pacheco. O narrador principal Luis Felipe Freitas, o Luisinho, que já comandava as transmissões da Cazé TV, além do próprio Casimiro, ambos continuaram à frente dos principais jogos, incluindo os da seleção brasileira. No time de comentaristas jogadoras como Gabi Zanotti e Belle Suárez e ex-jogadoras como Ju Cabral e Fran compuseram a equipe. Já na cobertura *in loco*, contou com a jornalista Fernanda Gentil e a atriz Valentina Bandeira que produziram conteúdos como os melhores momentos dos jogos e da torcida, vídeos de bastidores, transmissões pré e pós-jogos e *reacts*. Bem como, acompanharam os treinos da seleção nacional. A equipe foi formada pela apresentadora e repórter de conteúdo esportivo Yara Fantoni e a ex-jogadora Milene Domingues. Dessa forma, foi possível observar uma clara tentativa de conferir equidade de gênero³⁷ nas bancadas das transmissões e uma propensão a produção de conteúdo realizado por mulheres, estas com evidente conhecimento técnico e tático da modalidade. Iniciativa que busca promover, inclusive, uma nova cultura visual e sonora no campo das transmissões esportivas e futebolísticas.³⁸ Contudo, cabe a crítica que isso aconteceu na Copa do Mundo de Mulheres, objeto desta pesquisa. Como dito, na Copa do Catar, do futebol praticado por homens, a equipe foi majoritariamente masculina, o que sugere atravessamentos ainda misóginos sobre o lugar e papel das mulheres no futebol de forma mais universal.

³⁶ A figura um foi extraída do Youtube devido a impossibilidade de printar todos os membros da bancada no recorte do vídeo apresentado no Instagram.

³⁷ BARRETO JANUÁRIO. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres, 2023.

³⁸ MARRA. “Ei, juiz, vai tomar no cu”: políticas torcedoras e do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas, 2017.



Fig. 1 - Transmissão da estreia da Copa do Mundo de 2023. Cazé, Luisinho, Ju Cabral e Belle Suarez. Fonte: Youtube.

2. Espectacularização do futebol de mulheres e da vida privada das atletas: O processo de construção de pautas e de agendamento midiático³⁹ envolvendo o futebol de mulheres no Brasil, ainda que muitas vezes não diretamente voltado à prática esportiva, às atletas ou às competições, aponta para a consolidação de um processo de espectacularização⁴⁰ de uma modalidade historicamente silenciada e invisibilizada.⁴¹

Embora o futebol de homens já fosse amplamente tratado como espetáculo,⁴² essa atenção da mídia e do mercado sempre esteve voltada prioritariamente aos homens. Recentemente, observa-se o início de uma espectacularização também em torno do futebol de mulheres, não apenas no campo, mas especialmente na vida privada das atletas. Essa maior exposição midiática envolve interesses jornalísticos, publicitários e de marketing, criando um cenário promissor, mas que requer análise crítica. Estudos anteriores já alertaram para movimentos semelhantes,⁴³ caracteri-

³⁹ McCOMBS. *A teoria da agenda*, 2004.

⁴⁰ DEBORD. *A sociedade do espetáculo*, 1997.

⁴¹ MOURÃO; MOREL. *As narrativas sobre o futebol feminino: a diferença que faz uma medalha de prata*, 2005.

⁴² DEBORD. *A sociedade do espetáculo*, 1997.

⁴³ MCLACHLAN, 2019; LIMA et al. "Dibrando" a mídia hegemônica, 2022; BARRETO JANUÁRIO, 2023.

zados por picos de interesse midiático em momentos específicos, seguidos por retrações. Mourão e Morel (2005) denominaram esse fenômeno de “efeito ioiô”, ao observarem que a atenção da mídia ao futebol de mulheres tende a aumentar em períodos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, para em seguida desaparecer. Todavia, evidências recentes indicam avanços concretos em direção a uma maior regularidade na visibilidade midiática da modalidade. Um exemplo significativo foi o anúncio, em 2023, pela TV Globo sobre a transmissão da Copa do Brasil, do Futebol de Mulheres, a partir das quartas de final, bem como do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (o Brasileirão). Em 2024, a emissora manteve a cobertura parcial, com transmissões também a partir das quartas de final. Embora os jogos ainda não ocupem horários nobres ou recebam a mesma cobertura dedicada às partidas masculinas, esses movimentos indicam uma inflexão no padrão do “efeito ioiô”, sinalizando uma tendência de permanência da pauta na mídia esportiva.

No contexto da presente pesquisa, ainda que a análise não tenha se debruçado sobre as interações dos usuários com os conteúdos da Cazé TV no Instagram, observou-se que as postagens com maior engajamento, isto é, aquelas com mais curtidas, compartilhamentos e comentários, concentravam-se justamente na espetacularização da vida pessoal das atletas.⁴⁴ Entre os temas abordados, destacaram-se aspectos familiares, detalhes da intimidade e, sobretudo, a vida amorosa das jogadoras, temática ainda tratada como tabu na cobertura esportiva brasileira. Muitas dessas publicações envolviam atletas em relacionamentos homoafetivos, o que representa uma quebra significativa da norma da heterossexualidade compulsória,⁴⁵ historicamente naturalizada pela mídia, especialmente no universo do futebol.⁴⁶ Nesse processo, identificou-se um aumento da visibilidade das biografias e da intimidade das jogadoras, até então praticamente ausentes da cobertura, com exceção das raras exceções como Marta, estrela da seleção brasileira.

3. Produção de conteúdo esportivo de entretenimento: A Cazé TV destacou-se pela proposta de uma cobertura esportiva que privilegia o entretenimento e a leveza, aproximando-se do público por meio de um conteúdo descontraído, com forte

⁴⁴ LIMA et al. “Dibrando” a mídia hegemônica.

⁴⁵ RICH. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica, 2010.

⁴⁶ LIMA et al. “Dibrando” a mídia hegemônica.

presença de humor, memes, curiosidades, e interação com a torcida, tanto nas redes sociais quanto nas transmissões presenciais. Durante a Copa do Mundo de 2023, a cobertura da Cazé TV contou com entrevistas animadas, “dancinhas”, enquetes e momentos de informalidade que conquistaram especialmente o público torcedor brasileiro presente na Austrália e Nova Zelândia. A presença da jornalista Fernanda Gentil e da atriz e apresentadora Valéria Bandeira nas coberturas *in loco* contribuiu para fortalecer essa dimensão lúdica e emocional do conteúdo (Figs. 2 e 3).

Esse formato alinha-se à tendência identificada por Vilas Boas (2005), segundo a qual o jornalismo esportivo contemporâneo cada vez mais se configura como entretenimento esportivo, em uma lógica que privilegia o engajamento acima da informação: a “era do entretenimento acima de todas as coisas, o jornalismo esportivo como um todo virou entretenimento esportivo”.⁴⁷ A estratégia, embora eficaz na conquista de audiência, também levanta questões sobre os limites entre jornalismo, espetáculo e visibilidade crítica, especialmente quando se trata de modalidades historicamente subalternizadas como o futebol de mulheres, todavia a discussão não é o foco da presente pesquisa.



Fig. 2 - Valentina Bandeira interage com torcida brasileira em vídeo com dança e cantoria.
Fonte: Instagram Cazé TV.

⁴⁷ VILAS BOAS. *Formação & informação esportiva*, p. 24.



Fig. 3 - Enquete com torcida antes dos jogos. Fonte: Instagram Cazé TV.

4. A jornada das heroínas: A construção do perfil profissional das atletas, trazendo aspectos de superação e aspiração para a jornada profissional também foi observado em pesquisas anteriores.⁴⁸ Aqui podemos empregar o conceito de jornada do herói, concebido por Joseph Campbell (1981). Resumidamente, o autor forjou uma estrutura para contar histórias. O conceito apresenta uma forma cíclica de narrar essas histórias, em que o protagonista supera diversas adversidades e desafios para se tornar um herói de sua própria história, presente nas mais diversas narrativas sociais. Maureen Murdock (2020), aprendiz de Campbell, questiona se o modelo seria relevante para as mulheres. A autora observa que a jornada arquetípica da heroína não está incluída no modelo de Campbell devido à estrutura patriarcal e androcêntrica da sociedade em que vivemos. Murdock (2020) observa a necessidade de curar o feminino ferido pela própria cultura. Essa informação fica clara nas postagens intituladas "Você sabia?", num claro exercício pedagógico⁴⁹ de dar a conhecer as atletas. Por exemplo, a história da jogadora da seleção colombiana, Linda Caceldo, que observou a jornada de superação do câncer aos 15 anos, a cobertura apresenta curiosidades e dados das biografias das atletas, visando construir no imaginário do público os desafios e obstáculos enfrentados antes de ganhar visibilidade (Fig. 4). E também, *posts* com curiosidades e dados sobre a carreira das atletas, como a postagem sobre a jogadora espanhola Sara Paralluelo (Fig. 5). São tematizações que dão visibilidade e reconhecimento das jogadoras, perfilam as atletas dando a conhecer suas histórias. Todavia, as postagens trazem poucas evoluções no debate em torno

⁴⁸ Conf.: BARRETO JANUÁRIO. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres, 2023.

⁴⁹ LOURO. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas, 2008.

da modalidade, ganhando um contorno que, por vezes, resvala para a fofoca e o processo de construção de celebritização.



Fig. 4 - Post sobre Linda Calcedo. Fonte: Instagram Cazé TV.



Fig. 5 - Post Sobre Samla Paralluelo. Fonte: Instagram Cazé TV.

5. Resenhas esportivas: Esta categoria reúne um estilo clássico do jornalismo esportivo.⁵⁰ Após os jogos, um ambiente de estúdio recebeu atletas, treinadoras/es, jornalistas e comentaristas no local para as tradicionais análises pós-jogo (Fig. 6), vale ressaltar, que o modelo já era uma tradição do futebol praticado por homens. Todavia, esse formato inexistia na mídia tradicional, com raras exceções ao jornalismo de nicho como as dibradoras.⁵¹

Apesar de parecer de natureza mais técnica, o formato também acaba dando maior visibilidade às atletas e parece tentar corrigir um velho problema na cobertura

⁵⁰ VILAS BOAS. *Formação & informação esportiva*, 2005.

⁵¹ LIMA et. al. "Dibrando" a mídia hegemônica.

mediática do futebol de mulheres: o silenciamento e a invisibilidade das atletas.⁵² Ao disponibilizar conteúdos que pautam o protagonismo das atletas que estiveram em campo, é ampliada sua presença e exposição na mídia, especialmente na proposta de debater os lances e momentos do jogo, oportunizando que a audiência conheça melhor o perfil das jogadoras. Um debate que a grande mídia praticamente ainda não tem com o futebol de mulheres. Dessa forma, podemos sugerir que há em curso uma (re)construção e/ou pedagogização do consumo da modalidade (tema melhor observado na categoria 7).



Fig. 6 - Interação entre a cobertura in loco e estúdio Cazé TV. Fonte: Instagram Cazé TV.

6. Reações das/os narradoras/es: Casimiro tornou suas transmissões esportivas famosas usando o que se tornou sua marca registrada, as reações. Reações performativas a lances de jogo e situações diferentes, cômicas ou exageradas do próprio Casimiro ou de seus narradores e comentaristas (Fig. 7). Com reações e interações bem-humoradas, Casimiro fez da Cazé TV uma marca humana. A esse respeito, Dave Centeno e Jeff Wang (2017) argumentam que alguns tipos de celebridades, especialmente influenciadores digitais, são marcas humanas “suas performances dentro e fora do palco, fora e online, públicas ou privadas, são exercícios de marketing e branding”.⁵³ As reações de Cazé e demais narradores/as, que se popularizaram no Brasil, são uma estratégia persuasiva bem-sucedida e acabaram solidificando ainda mais o entretenimento esportivo.⁵⁴

⁵² GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, 2021.

⁵³ CENTENO; WANG. Celebrities as human brands, p. 1.

⁵⁴ VILAS BOAS. *Formação & informação esportiva*, 2005.



Fig. 7 - Reação de Cazé ao gol de Renard. Fonte: Instagram Cazé TV.

7. Ativismo e pedagogias do futebol de mulheres: Dados, debates e entrevistas cujo a temática principal em reflexão é a modalidade, o futebol de mulheres, analisando e denunciando sobre as dificuldades e conquistas das mulheres no universo futebolístico, construindo novas pedagogias culturais em torno da modalidade.⁵⁵ Nota-se uma preocupação na construção de novas pedagogias do consumo midiático do público sobre as atletas, seleções e o próprio campeonato. Esses conteúdos ressaltam a presença das mulheres na equipe técnica e tática, no jornalismo e na cobertura midiática, que sempre foi excludente e repleta de invisibilidades. Chamamos especial atenção a exaltação das jornalistas, comentaristas e narradoras participantes da Cazé TV, de forma ampliada para a Copa, como ressaltamos na primeira categoria. Dessa forma, sugere-se características de um certo ativismo em pautar a construção de um novo cenário no consumo da modalidade.⁵⁶ Torna-se evidente primeiramente

⁵⁵ LOURO. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas, 2008.

⁵⁶ BANET-WEISER. 'Confidence you can carry!': girls in crisis and the market for girls, 2015.

certos temas e pautas ativistas na esfera pública,⁵⁷ como a presença de mulheres jornalistas em campo, narrando e comentando as partidas. A repórter *in loco* da Cazé TV Fernanda Gentil, apresentou vários dados sobre a participação de mulheres de jornalistas e comissão técnica durante a Copa de 2023 (Fig. 8). Nota-se a proposta de se firmar como interlocutores válidos no debate político sobre a modalidade e temáticas associadas. Todavia, reforçamos que essa ampliação de profissionais mulheres se restringe quase que exclusivamente à Copa do Mundo do futebol de mulheres.



Fig. 8 - Fernanda Gentil apresentando dados da Copa. Fonte: Instagram Cazé TV.

Cabe salientar que essa categoria, costumeiramente estava associada a questões de dados e informações sobre a Copa, atletas e a modalidade de forma geral. Sempre em formato de vídeo, protagonizada pelas correspondentes *in loco* ou pelas comentaristas e narradoras durante as transmissões dos jogos, que foram transformadas em cortes de vídeos divulgados nos *reels* do Instagram.

⁵⁷ BARRETO JANUÁRIO; RODRIGUES LIMA; LEAL. Changing Values: Media Coverage of the 2019 Women's World Cup on Brazilian Sports News Sites, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cazé TV trouxe, inegavelmente, uma transformação relevante para o cenário da transmissão esportiva no Brasil. Durante décadas, a TV Globo dominou esse mercado, consolidando um padrão quase inquestionável de narração e comentários esportivos. Todavia, a Cazé TV introduziu um estilo inovador, que conquistou uma nova geração de espectadores ao incorporar elementos próprios do entretenimento esportivo em plataformas digitais.⁵⁸ Nesse contexto, a análise temática permitiu destacar dois aspectos centrais nos conteúdos veiculados pela Cazé TV durante sua cobertura da Copa do Mundo de Futebol de Mulheres, notados diante das categorias observadas na pesquisa.

O primeiro ponto é a inovação técnica e a flexibilidade proporcionada pelo *streaming*. A Cazé TV, ao adquirir os direitos de transmissão de todas as partidas da Copa do Mundo de 2023, ofereceu aos fãs do futebol de mulheres a oportunidade inédita de acompanhar os jogos de qualquer lugar, desde que houvesse acesso à internet. Embora essa flexibilidade represente uma grande vantagem, ela expõe a desigualdade de acesso digital em um país como o Brasil. Além disso, a produção intensiva de conteúdo para redes sociais e o estilo descontraído de Casimiro e sua equipe atraíram um público jovem, ávido por abordagens mais dinâmicas e modernas. Outro diferencial foi a inclusão de jogadoras e ex-jogadoras como comentaristas, narradoras e repórteres, fortalecendo a representatividade e promovendo visibilidade para a equidade de gênero. Assim, a Cazé TV desafiou algumas normas tradicionais da transmissão esportiva, ainda que a TV Globo já tivesse iniciado esse movimento de forma mais tímida.

Por outro lado, uma perspectiva crítica revela que essa abordagem também reflete tendências do mercado associadas à chamada “primavera feminista”, podendo ser interpretada como uma estratégia de marketing voltada ao público feminino, predominante no futebol de mulheres. Isso relativiza a ideia de ruptura, ainda

⁵⁸ POSSA. Cazé TV, 2022; VILAS BOAS. *Formação & informação esportiva*, 2005.

que não diminua a relevância da entrada da Cazé TV como uma alternativa significativa e pedagógica,⁵⁹ ao expandir o consumo do futebol de mulheres e abrir novas possibilidades de engajamento.

O apoio de grandes corporações a esse novo formato demonstra o potencial econômico da inovação na transmissão esportiva, especialmente ao atrair nichos de audiência antes negligenciados. Todavia, ao mesmo tempo esse modelo promoveu avanços, como a inclusão de novas vozes, a igualdade de gênero no futebol ainda enfrenta desafios profundos. Um exemplo disso é a sub-representação de mulheres narradoras e comentaristas nas transmissões de futebol masculino e outras modalidades esportivas na própria Cazé TV, o que escapa ao escopo desta pesquisa, mas merece destaque.

O segundo ponto destacado pela análise temática está relacionado à continuidade de padrões tradicionais nos conteúdos produzidos. A Cazé TV, apesar de seu formato descontraído e direcionado às gerações Millennials e Z, reproduz temáticas presentes na mídia tradicional, como focos sobre a vida pessoal dos atletas e narrativas dramáticas sobre suas trajetórias heroicas.⁶⁰ Ainda que avance na naturalização de temas como relacionamentos lésbicos, desafiando a heterossexualidade compulsória,⁶¹ e ainda, dê maior visibilidade às atletas, essa abordagem não altera substancialmente as dinâmicas de gênero no esporte.

A única categoria com potencial para desafiar normas de gênero está ligada ao ativismo no futebol de mulheres. Discussões sobre exclusão de gênero, desigualdades salariais e estratégias para promover a igualdade ganharam algum espaço, mas a baixa aderência a esses temas indica que eles não recebem a atenção necessária. Isso pode ser atribuído a uma falta de empenho da equipe da Cazé TV, especialmente ao Casimiro em si e aos demais homens envolvidos, visto que a totalidade deste tipo de conteúdo foram realizados pelas mulheres jornalistas, narradoras e comentaristas, o que reforça o argumento de um olhar situado⁶² e de gênero deste tipo

⁵⁹ LOURO. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas, 2008.

⁶⁰ BARRETO JANUÁRIO et al., 2020; LIMA et al. “Dibrando” a mídia hegemônica; BARRETO JANUÁRIO, Copa do Mundo e Futebol das Mulheres.

⁶¹ RICH. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.

⁶² HARAWAY. Situated knowledges, 2013.

de ação. Ou ainda, o receio de adotar uma postura que desagrade patrocinadores e empresas associadas.

Por fim, a Cazé TV, enquanto plataforma de *streaming*, parece equilibrar inovação com adequação às expectativas do mercado, sem romper necessariamente com os preceitos da “nova” ordem de gênero no esporte. Embora as mudanças sejam limitadas, o formato representa um avanço na cobertura esportiva, merecendo observações futuras sob diferentes perspectivas. Acompanhá-lo de forma crítica pode revelar novos sentidos e narrativas em disputa, reafirmando sua relevância como objeto de estudo contemporâneo.

* * *

REFERÊNCIAS

BANET-WEISER, Sarah. ‘Confidence you can carry!’: girls in crisis and the market for girls. **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, 29 (2), p. 182-93, 2015.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; LEAL, Daniel. O sucesso por trás dos números: uma análise sobre os recordes de audiência no futebol de mulheres. **Alceu**, v. 24, n. 52, p. 142-57, 2024.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero. **Mosaico**, v. 14, n. 1, p. 2-13, 2023.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; RODRIGUES LIMA, Cecilia A.; LEAL, Daniel. Changing Values: Media Coverage of the 2019 Women’s World Cup on Brazilian Sports News Sites. In: **Women’s Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives**, v 1. Brazil. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 123-41.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; RODRIGUES LIMA, Cecília Almeida; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatorio (OBS*)**, v. 14, n. 4, 2020.

BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BURROUGHS, Benjamin Edward. **Streaming media**: audience and industry shifts in a networked society. The University of Iowa, 2015.

CENTENO, Dave; WANG, Jeff Jianfeng. Celebrities as human brands: An inquiry on stakeholder-actor co-creation of brand identities. **Journal of business research**, v. 74, p. 133-8, 2017.

CLARKE, Victoria; BRAUN, Virginia. Thematic analysis. **The Journal of Positive Psychology**, v. 12, n. 3, p. 297-8, 2017.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 85-102.

DOS SANTOS, Silvan Menezes; MEZZARROBA, Cristiano; DE SOUZA, Doralice Lange. Jornalismo esportivo e infotenimento: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte. **Corpoconsciência**, p. 93-106, 2017.

DUNCAN, Margaret C.. Chapter 14-Gender Warriors in Sport: Women and the Media: Chapter taken from **Handbook of Sports and Media** ISBN: 978-0-203-87367-0. Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games, v. 1, n. 46, p. 247-69, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOELLNER, S. V.. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, n.1, p. 1-12, 2021.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective 1. In: **Women, science, and technology**. Routledge, 2013. p. 455-72.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **A invenção do País do Futebol**, 2014.

IZEL, Adriana. Há 70 anos, a televisão foi inaugurada no Brasil; relembre a história, **Correio Braziliense**, 18 set. 2020.

KANTAR IBOPE. Inside Video. Novos Horizontes e descobertas. Ibope Media, 2022.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; JANUÁRIO, Soraya Barreto; LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres. **Intercom**, v. 45, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, p. 17-23, 2008.

MARRA, Pedro Silva. “Ei, juiz, vai tomar no cu”: políticas torcedoras e do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas [c/áudio]. **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 2, p. 55-80, 2017.

MCCOMBS, M. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2004.

MONTARDE, S. P.; VALIATI, V. A. D.. *Streaming* de conteúdo, *streaming* de si?

Elementos para análise do consumo personalizado em plataformas de *streaming*. **Revista Famecos**, 28, 1, e35310, 2021.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: a diferença que faz uma medalha de prata. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

MURDOCK, M. The heroine's journey: Woman's quest for wholeness. **Shambhala Publications**, 2020.

POSSA, Júlia. Cazé TV: confira os recordes quebrados por Casimiro na Copa do Mundo. Giz_Br, **UOL**, 2022.

RANGEL, Patrícia. O rádio e as Copas do Mundo – de 1938 a 2010. **Intercom**. São Paulo, v. 35, p. 1-15, 2012.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, v. 4, n. 5, 2010.

SCHEADLER, Travis; WAGSRAFF, Audrey. Exposure to women's sports: Changing attitudes toward female athletes. *The Sport Journal*, v. 19, n. 1, p. 1-17, 2018.

SCHETTINI, Vivian. **Rádio e televisão**: levando emoção ao torcedor de futebol. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

SHERRY, Emma; OSBORNE, Angela; NICHOLSON, Matthew. Images of sports women: A review. **Sex Roles**, v. 74, p. 299-309, 2016.

SHIH, Willy; KAUFMAN, Stephen; SPINOLA, David. **Netflix**. Harvard Business Publishing, 2009.

SMITH, Michael D.; TELANG, Rahul. **Streaming, sharing, stealing**: Big data and the future of entertainment. Mit Press, 2016.

TEIXEIRA, Mateus Yoichi Seko. **Gol de placa**: como Casimiro impactou as transmissões futebolísticas. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

VILAS BOAS, Sérgio. (Org). **Formação & informação esportiva**. São Paulo: Summus, 2005.

* * *

Recebido em: 22 nov. 2024.

Aprovado em: 03 jul. 2025.

O futebol de mulheres no Instagram da Confederação Brasileira de Futebol

Women's football on the Brazilian Football Confederation's Instagram

Giovana Liz Neves Silva

Universidade do Estado da Bahia, DEDC - Campus XII, Guanambi/BA, Brasil
Bacharela em Educação Física, UNEB - Campus XII

Daniel de Jesus Torres

Universidade do Estado da Bahia, DEDC - Campus XII, Guanambi/BA, Brasil
Licenciado em Educação Física, UNEB - Campus XII

Ana Gabriela Alves Medeiros

Universidade do Estado da Bahia, DEDC - Campus XII, Guanambi/BA, Brasil
Doutora em Ciências do Desporto, U. do Porto.
gabimediosef@gmail.com

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo identificar e analisar as representações do futebol de mulheres na conta oficial da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no *Instagram*. Para tanto, trabalhou-se com a netnografia, uma abordagem qualitativa que permite realizar investigações em ambientes virtuais. A partir da técnica de observação oculta, foram selecionadas publicações e interações veiculadas no *feed* de notícias da @cbf_futebol no período de 19 de junho a 20 de setembro de 2023, abrangendo assim o período anterior, durante e após a maior competição internacional do futebol de mulheres, a Copa do Mundo de Futebol Feminino. Foram identificadas 187 publicações, sendo 75 no momento anterior à Copa, 104 durante o evento e 8 no período posterior. A análise foi estruturada em quatro categorias: Cobertura, Engajamento, Infotainment e Mista. Os principais resultados evidenciam que, embora o futebol de mulheres tenha ganhado visibilidade durante o evento, houve um tratamento exíguo após a eliminação da seleção brasileira. Além disso, destaca-se o uso limitado de estratégias de engajamento por parte da entidade e a persistência de preconceitos nas interações dos usuários, revelando a necessidade de uma comunicação contínua, inclusiva e formativa para a promoção da modalidade. Conclui-se que o *Instagram* da CBF apresenta um caráter informativo acerca do futebol de mulheres, especialmente durante grandes eventos, carecendo, contudo, de políticas consistentes e estratégias comunicacionais que sustentem o engajamento e a valorização da modalidade a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Mídia Social; Mulher; Gênero.

ABSTRACT: This study aimed to identify and analyze the representations of women's football on the official Instagram account of the Brazilian Football Confederation (CBF). To achieve this, netnography, a qualitative approach that allows for investigations in virtual environments, was employed. Using the technique of unobtrusive observation, publications and interactions posted on the @cbf_futebol news feed from June 19 to September 20, 2023, were selected, covering the period before, during, and after the major international women's football competition, the FIFA Women's World Cup. Consequently, 187 publications were identified, with 75 preceding the World Cup, 104 during the event, and 8 in the post-event period. The analysis was structured into four categories: Coverage, Engagement, Infotainment, and Mixed. The main results indicate that, although women's football gained visibility during the event, it received secondary treatment after the Brazilian team's elimination. Furthermore, the limited use of engagement strategies by the entity and the persistence of prejudices in user interactions were notable, revealing the need for continuous, inclusive, and formative communication to promote the sport. It is concluded that CBF's Instagram presents an informative character regarding women's football, especially during major events, yet lacks consistent policies and communication strategies to sustain long-term engagement and appreciation of the sport.

KEYWORDS: Soccer; Social Media; Woman; Gender.

INTRODUÇÃO

O Brasil, considerado por muitos “o país do futebol”, tem esta modalidade como uma das suas expressões de identidade, estando entrelaçada com as diversas esferas históricas, culturais, econômicas e políticas da sociedade. No entanto, o futebol tem suas raízes numa prática excludente, pois, quando chegou ao Brasil, o acesso às bolas, chuteiras e calções só era permitido à elite branca. Após um período de resistência, no início do século XX, o futebol se difundiu entre as camadas populares do país, com isso, negros e operários começaram a praticar a modalidade. Porém, essa inserção ocorreu em meio a preconceitos e discriminações, que se perpetuam até hoje.¹

Apesar das mudanças ao longo do tempo, a barreira de gênero também existiu e se manteve por décadas. A restrição à participação das mulheres no esporte atingiu seu ápice em 1941 com a promulgação do Decreto-lei nº. 3.199. Este decreto, que esteve em vigor até 1979, estabeleceu as bases da Organização dos Desportos em todo o país, contendo, em seu artigo 54, diretrizes discriminatórias em relação à prática esportiva por mulheres. De acordo com o texto, “[...] Às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país [...]”.²

Ao longo dessas quase quatro décadas, a prática de esportes, incluindo futebol, polo aquático, rugby e halterofilismo, chegou a ter pena de prisão para as mulheres que os praticassem durante a Ditadura Militar. A disparidade de gênero no futebol é tão patente que a primeira seleção feminina foi formada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) apenas em 1988, após 70 anos da criação da primeira seleção masculina.³

¹ MACKEDANZ; FERREIRA; SILVA; BENDER; AFONSO; RIGO. O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF, p. 147-72.

² MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo, p. 77.

³ BROCH. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero, p. 695-705.

Essa inclusão tardia das mulheres no cenário esportivo nacional ressalta as complexas dinâmicas históricas e sociais que moldaram o futebol brasileiro, revelando não apenas uma trajetória esportiva, mas narrativas de preconceito, discriminação, resistência e superação. Nesse contexto, a autora Cláudia Kessler, em seus estudos, propõe a utilização da expressão “futebol de mulheres”, em vez de “futebol feminino”.⁴ Ela argumenta que o conceito de feminilidade abrange uma ampla gama de manifestações e não se limita apenas às mulheres. Além disso, a adoção do termo “mulheres” possui uma dimensão política significativa, pois destaca e valoriza o papel central delas no esporte. Portanto, em congruência com a argumentação da autora, ao longo deste estudo adotaremos a expressão “futebol de mulheres”.

Ao analisar o cenário futebolístico nacional e o estatuto da CBF,⁵ percebe-se que o principal objetivo da entidade é liderar, promover e fomentar a prática esportiva do futebol no Brasil. Isso é realizado por meio da gestão das seleções brasileiras de futebol e da organização da estrutura do futebol brasileiro em competições nacionais, tanto profissionais quanto de base, para homens e para mulheres. Embora a CBF tenha essa responsabilidade, percebe-se que o desenvolvimento do futebol de mulheres foi lento, isso impactou significativamente a modalidade e apenas a partir de posicionamentos de entidades internacionais esse cenário foi sendo modificado.

As iniciativas para o desenvolvimento do futebol de mulheres ganharam destaque a partir de 2004, quando a Federação Internacional de Futebol (FIFA) reconheceu a modalidade como um pilar fundamental, comprometendo-se a criar planos para aumentar as oportunidades para as mulheres no esporte. Nesse contexto, a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) foi a primeira confederação a implementar um plano de desenvolvimento em 2010, avaliando e promovendo sistematicamente a participação das mulheres tanto como atletas quanto em posições de liderança. A Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), por sua vez, intensificou sua atuação apenas em 2016, com uma ação significativa ocorrendo em 2019, quando mudou a Regra de Licenciamento dos clubes, exigindo que clubes sul-

⁴ KESSLER. Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.

⁵ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Estatuto da CBF, 2017.

americanos tivessem equipes de mulheres ativas para participar das competições continentais masculinas.⁶

Esse desenvolvimento tardio do futebol de mulheres no Brasil se refletiu na organização de competições oficiais. Apenas em 2007, a Copa do Brasil de Futebol Feminino foi estabelecida, oferecendo um espaço nacional competitivo para as atletas. No entanto, foi somente em 2013, após 11 anos de interrupção, que o Campeonato Brasileiro Feminino foi retomado, em virtude de um patrocínio de R\$10 milhões da Caixa Econômica Federal junto a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Essa retomada, organizada pela CBF e denominada “Brasileirão Feminino CAIXA”, contou com a participação das 20 melhores equipes do ranking nacional. A implementação dessas competições em anos específicos evidencia o impacto do processo histórico e social pelo qual a modalidade perpassou, que, por muitos anos, demandou investimentos e reconhecimento adequado.⁷

Diante desse contexto, é crucial considerar que no cenário do futebol de mulheres, a Confederação Brasileira possui um diverso histórico de escândalos e fraudes, raramente mantendo mulheres em cargos de liderança e falhando em fornecer apoio às jogadoras, conforme afirmam oito ex-futebolistas que passaram pela seleção feminina.⁸ Essa combinação de desamparo e gestão inadequada revela os desafios enfrentados pelo futebol de mulheres no Brasil e destaca a necessidade de mudanças estruturais para promover a igualdade no esporte.

Sabe-se que os meios de comunicação são grandes aliados para a difusão e conformação do esporte, em seus múltiplos contextos e atores sociais. No que tange especificamente ao futebol de mulheres, estudos têm revelado uma tendência sazonal e efêmera na abordagem do referido esporte, em que a cobertura midiática se restringe a competições internacionais, com foco na comparação com o futebol praticado por homens e na supervalorização da aparência física em detrimento do desempenho esportivo das atletas.⁹

⁶ MARTINS; DELARMEINA; SOUZA. Profissionalize-se como uma garota?: Efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil, p. 59-81.

⁷ MARTINS; DELARMEINA; SOUZA. Profissionalize-se como uma garota?, p. 59-81.

⁸ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil, p. 72-87.

⁹ MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo, p. 73-86. SANTOS; MEDEIROS. O futebol feminino no discurso televisivo, p. 185-96.

Contudo, segundo Januário, Lima e Leal,¹⁰ observa-se um aumento gradual na visibilidade do futebol de mulheres, demonstrando uma ampliação quantitativa e qualitativa dos meios midiáticos e dos temas abordados. Acrescenta-se a este cenário, a ascensão das redes sociais, como *Facebook*®, *Instagram*® e *X*® (antigo *Twitter*), que têm proporcionado uma maior interação, engajamento e mobilização de fãs, atletas, entidades e jornalismo esportivo, além de viabilizar a disseminação de informações em tempo real.

Sendo assim, para esta pesquisa privilegiamos uma das redes sociais mais utilizadas por brasileiros e brasileiras: o *Instagram*. Esta rede social foi criada no ano de 2010 pelos engenheiros Kevin Systrom e Mike Krieger, com o objetivo de resgatar a nostalgia da *Polaroid* (câmera que produz fotografias instantâneas), proporcionando uma experiência imediata de compartilhamento de fotos. Com o passar do tempo, o *Instagram*® ampliou sua plataforma, possibilitando o compartilhamento de fotos, vídeos e textos, se destacando, assim, como uma das redes sociais com maior número de usuários do mundo.¹¹

Isto posto, a rede social *Instagram* oferece às instituições esportivas, como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), uma plataforma poderosa para se conectar com os fãs, promover o esporte, compartilhar conteúdo relevante e exclusivo, bem como promover eventos relacionados à modalidade. Dentre as quatro redes sociais em que a CBF está presente, o *Instagram* é a maior, com mais de 17 milhões de seguidores. A plataforma teve a maior participação no crescimento da CBF, concentrando 90% do total ao somar 6,1 milhões de novas inscrições, seguida pelo *X* (ex-*Twitter*), com 452 mil novos inscritos (dados de março de 2024 do Ranking Digital do IBOPE Repucom). Outro destaque da Confederação foi ter batido a marca de 37 milhões de inscritos no acumulado de suas redes oficiais.¹²

MARTINS; MORAES. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata, p. 69-82.

¹⁰ JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros, p. 42-62.

¹¹ OLIVEIRA. A relação entre esportistas e redes sociais: uma análise de como os atletas utilizam o Instagram. In: ARONI; MACHADO. Novas mídias e esporte: Teoria e aplicação, p. 18-33.

¹² IBOPE REPUCOM. Ranking Digital do IBOPE Repucom atualiza a popularidade das Confederações Esportivas brasileiras em 2024.

Nesse sentido, tivemos por objetivo nesta pesquisa identificar e analisar as representações do futebol de mulheres na conta oficial da CBF no *Instagram*, considerando o papel significativo da plataforma no engajamento, na formação de opiniões e na (des)construção de estereótipos de gênero. Ao focalizar a conta oficial da CBF, buscou-se compreender como a organização utiliza estrategicamente o *Instagram* para promover o futebol de mulheres e contribuir ativamente para a transformação do cenário esportivo em termos de igualdade de gênero.

METODOLOGIA

Ancorada na abordagem qualitativa, a presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma etnografia virtual ou netnografia. Considerando que as práticas socioculturais se encontram, crescentemente, mediadas por meios tecnológicos digitais, a netnografia se constitui como método científico para investigação das vivências no ambiente virtual.¹³

A pesquisa netnográfica partilha das etapas de uma pesquisa etnográfica: definição do problema e objetivo do estudo, identificação e seleção do contexto (parcela da internet que será estudada), recolha dos dados (observação aberta – identidade do pesquisador revelada; observação parcialmente aberta – pseudoanônimo; observação oculta – anonimato) e análise e interpretação dos dados, articulando-os com o referencial teórico.¹⁴

Devido ao seu grande alcance e as diversas possibilidades de interação, muitas instituições, públicas e privadas, têm utilizado o *Instagram* como uma forma de comunicação e marketing digital. No que tange ao nosso objeto de pesquisa, o futebol de mulheres, ele é regido pela entidade máxima do futebol no Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Tal entidade é responsável por promover os campeonatos no âmbito nacional, bem como pela administração da seleção brasileira de futebol feminino.

¹³ KOZINETS. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line*.

¹⁴ SOARES; STENGEL. Netnografia e a pesquisa científica na internet, p. 1-11.

Sendo assim, para analisarmos as narrativas e representações sobre o futebol de mulheres no contexto virtual recorreremos a conta oficial da Confederação Brasileira de Futebol no *Instagram*: @cbf_futebol.

A partir da técnica de observação oculta, em que se é mantido o anonimato do/a pesquisador/a, foram selecionadas publicações e interações veiculadas no feed de notícias (fluxo de conteúdo visual e textual mostrado em bloco sequencial, considerado como uma “vitrine” do usuário) da CBF no Instagram. Cabe destacar que os usuários do Instagram não necessitam de autorização para acesso de informações, comentários e postagens da página da CBF, uma vez que a conta é aberta.

Conforme orienta Kozinets,¹⁵ a netnografia em espaços públicos digitais, quando assegurado o anonimato dos usuários nas citações diretas de comentários (como realizado neste estudo, ocultando os nomes de perfil), respeita a integridade dos participantes e foca na análise dos fenômenos socioculturais e comunicacionais, e não na vida privada dos indivíduos.

Embora a observação oculta seja uma estratégia amplamente utilizada em pesquisas netnográficas realizadas em ambientes digitais públicos, reconhece-se que essa opção metodológica apresenta limites éticos e interpretativos que precisam ser problematizados. A ausência de interação direta com os sujeitos observados, ainda que preserve o fluxo natural das interações e evite interferências no comportamento dos usuários, restringe a possibilidade de aprofundamento na compreensão das motivações, intencionalidades e contextos individuais que atravessam os comentários e engajamentos analisados.

Nesse sentido, as análises realizadas neste estudo não buscam interpretar os comentários dos usuários como expressões isoladas de sujeitos específicos, mas como manifestações discursivas inseridas em um contexto sociocultural mais amplo, marcado por disputas simbólicas em torno do gênero, do esporte e da visibilidade midiática. Tal posicionamento metodológico permite deslocar o foco da individualização dos discursos para a compreensão das dinâmicas coletivas de produção de sentidos, alinhando-se aos pressupostos da netnografia enquanto método voltado à análise de práticas culturais online.

¹⁵ KOZINETTS. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line*.

Do ponto de vista ético, a pesquisa pautou-se no uso exclusivo de dados disponibilizados em um perfil institucional de acesso público, sem a coleta de informações privadas ou a identificação dos usuários que interagiram com as publicações analisadas. Todos os comentários citados tiveram seus perfis anonimizados, assegurando a preservação da identidade dos participantes e minimizando riscos de exposição indevida.

Ademais, ao considerar o *Instagram* como um espaço público digital, compreende-se que as interações ali produzidas se inserem em um regime de visibilidade próprio da plataforma, o que não exime o/a pesquisador/a da responsabilidade ética, mas reforça a necessidade de cautela na interpretação e apresentação dos dados.

Tendo em conta que a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023 foi realizada entre os dias de 20 de Julho e 20 de Agosto, a recolha dos dados foi realizada nos marcos de um recorte cronológico correspondente ao período de 19 de junho a 20 de setembro de 2023, abrangendo assim o período anterior, durante e após a maior competição internacional do futebol de mulheres.

Durante o processo de coleta dos dados, utilizou-se uma ficha de catalogação como ferramenta de seleção, registro e sistematização das informações.¹⁶ Uma vez recolhidos e organizados os dados, recorreremos à Análise de Conteúdo¹⁷ para análise e interpretação das publicações acerca do futebol de mulheres na conta oficial da CBF no *Instagram*.

A Análise de Conteúdo seguiu as etapas propostas por Bardin,¹⁸ compreendendo a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. As categorias analíticas foram construídas de forma mista, combinando referências teóricas prévias sobre comunicação esportiva e futebol de mulheres com a emergência empírica dos dados observados no campo digital, permitindo maior sensibilidade às especificidades do conteúdo analisado.

¹⁶ SOARES; STENGEL. Netnografia e a pesquisa científica na internet, p. 1-11.

¹⁷ BARDIN. *Análise de conteúdo*.

¹⁸ BARDIN. *Análise de conteúdo*.

As categorias analíticas finais, Aquecimento, Hora do Jogo e Fim de Jogo, resultam desse processo de categorização, permitindo articular a dimensão quantitativa das publicações com a interpretação qualitativa dos sentidos produzidos pela comunicação institucional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023 foi realizada na Austrália e Nova Zelândia, marcando a primeira vez que o torneio foi sediado por dois países simultaneamente. A competição contou com 32 seleções, um aumento significativo em relação às edições anteriores, promovendo ainda mais a visibilidade e desenvolvimento do futebol de mulheres em nível mundial.

Nesse megaevento, a seleção da Espanha se consagrou campeã pela primeira vez, ao vencer a Inglaterra por 1-0 na final, realizada em Sydney, capital da Austrália. No contexto brasileiro, a equipe comandada por Pia Sundhage teve uma campanha abaixo das expectativas, sendo eliminada na fase de grupos após um empate sem gols contra a equipe da Jamaica. Este torneio marcou a última participação da atleta Marta, considerada uma das maiores jogadoras de todos os tempos, consolidando seu legado no esporte.

Entretanto, o impacto da Copa do Mundo de 2023 para o cenário brasileiro foi significativo, reforçando a importância do investimento em categorias de base e no desenvolvimento de atletas, temas amplamente discutidos no contexto do futebol de mulheres. A visibilidade e a cobertura midiática do evento foram essenciais, com diversos recordes sendo quebrados em relação ao público presente e aos espectadores.¹⁹ Isso destaca a importância de promover a modalidade e incentivar novas políticas de apoio ao futebol de mulheres, tanto no Brasil quanto no mundo.

Para nossa análise, a principal fonte de investigação foi o *Instagram* da CBF, que oferece atualizações contínuas e dados relevantes sobre o desenvolvimento do futebol do e no Brasil. O perfil oficial da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no *Instagram*, @cbf_futebol, é seguido por milhões de pessoas ao redor do mundo.

¹⁹ FIFA. Espanha triunfa na Copa que foi Além da Grandeza. 20 ago. 2023.

Atualmente, possui mais de 17 milhões de seguidores e já realizou mais de 10 mil publicações (dados de maio de 2024). Este perfil é uma fonte essencial de informações para os fãs do futebol brasileiro, proporcionando comunicações constantes sobre todas as seleções brasileiras, tanto de homens quanto de mulheres. Além de notícias sobre competições, jogos, resultados e classificações, a conta compartilha conteúdos exclusivos como bastidores, treinos, entrevistas e momentos únicos dos jogadores e jogadoras e das equipes.

A visibilidade do perfil é reforçada pela ampla cobertura de competições nacionais e internacionais, destacando as principais informações, lances e gols. Também são promovidas campanhas e iniciativas para o desenvolvimento do futebol, incluindo categorias de base e futebol de mulheres. No perfil da CBF, a interação com os seguidores é uma característica marcante, com enquetes, *quizzes* e incentivo à participação através de comentários, criando uma comunidade ativa e engajada.

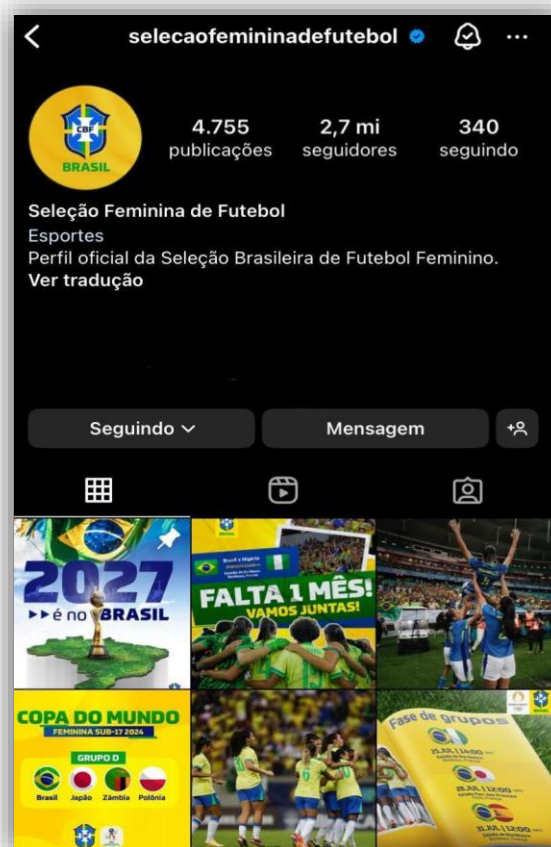


Fig. 1 - Perfil oficial da Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

Fonte: @selecaofemininadefutebol - *Instagram* Oficial da Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

Ao analisar as publicações relacionadas à seleção brasileira de futebol feminino no perfil da CBF no *Instagram*, evidencia-se que são consistentemente vinculadas a outro perfil específico, identificado como @selecaoofemininadefutebol, que conta com mais de 2 milhões de seguidores e aproximadamente 4760 publicações (dados de maio de 2024; ver Fig. 1).

De acordo com Paz,²⁰ a conta exclusiva para o futebol de mulheres do Brasil foi criada pela CBF em fevereiro de 2019 como parte da estratégia de comunicação associada às ações de fortalecimento do futebol de mulheres. É possível apreender, então, que o perfil oficial da CBF (@cbf_futebol) é um espaço destinado ao futebol praticado por homens, em que, ocasionalmente, o futebol de mulheres é evidenciado, visto que não há um perfil oficial específico para o futebol praticado por homens.

No entanto, após as buscas no período deliberado (19 de junho a 20 de setembro de 2023) foram identificadas 187 publicações sobre o futebol de mulheres no *Instagram* oficial da CBF, as quais foram subdivididas em três períodos distintos para apresentação e análise: antes, durante e depois da Copa do Mundo de Futebol Feminino 2023. Cada fase foi delimitada com base em datas específicas: de 19 de junho a 19 de julho para o período anterior, de 20 de julho a 20 de agosto para o período durante a Copa, e de 21 de agosto a 20 de setembro para o período posterior. Essa segmentação temporal permite uma avaliação precisa das estratégias de comunicação e engajamento utilizadas pela CBF em seu perfil oficial do *Instagram* durante cada período do evento analisado.

Com relação ao conteúdo das publicações, a análise foi organizada a partir de quatro categorias: (1) Cobertura; (2) Engajamento; (3) Infotimento; e (4) Mista.

A categoria Cobertura inclui todas as postagens relacionadas a informações simples sobre a Copa e a seleção brasileira, abrangendo os anúncios de partidas, numeração das atletas, os resultados e destaques dos jogos. Em Engajamento concentram-se as postagens que envolvem a busca por interações com o público, buscando promover um diálogo ativo com os/as seguidores/as. A categoria de Infotimento abrange publicações com informações em forma de entretenimento, oferecendo um olhar mais descontraído e envolvente sobre o evento e a seleção, assim os bastidores,

²⁰ PAZ. Comunicação da Confederação Brasileira de Futebol referente às iniciativas de fortalecimento do futebol feminino.

entrevistas e curiosidades foram incluídos nesta categoria. Já na categoria Mista enquadram-se publicações integradas em mais de uma das categorias principais, combinando múltiplas características numa mesma publicação.

Aquecimento

No período que precedeu a competição entre 19 de junho a 19 de julho de 2023, o futebol de mulheres dividiu espaço na página oficial da CBF com publicações sobre as seleções sub-15 e sub-17 de futebol masculino, amistosos da seleção masculina, o anúncio de Fernando Diniz como novo técnico da seleção masculina, celebrações dos 107 anos da CONMEBOL, atualizações sobre o Campeonato da eFIFA (esporte eletrônico), a Copa do Brasil masculina, dentre outros temas. Essa diversidade de conteúdos na página oficial da CBF é uma característica da plataforma, que se propõe a falar sobre o mundo da bola do/no Brasil.

Nesse período foram identificadas 75 publicações sobre o futebol de mulheres, incluindo convocações, apresentação de atletas e divulgação dos jogos iniciais. Dentre essas publicações, 24 enquadraram-se na categoria Cobertura, 5 em Engajamento, 41 em Infotainment e 5 na categoria Mista.

Categoria	Publicações
Cobertura	24
Engajamento	5
Infotainment	41
Mista	5
Total	75

Quadro 1- Distribuição das publicações no período temporal anterior ao evento (Aquecimento).
Fonte: elaboração própria (2025).

Na categoria Cobertura destacam-se publicações sobre a convocação das atletas, o último amistoso antes da Copa do Mundo, aniversários de atletas, informações sobre os jogos da Copa, treinos, visitantes nos treinos e a desconvocação de uma atleta

por lesão. Além disso, surgiram publicações que repetiam conteúdos da CBF TV (portal de vídeos e *streaming* da CBF), como informações sobre o hotel onde as jogadoras ficaram hospedadas em Brisbane, Austrália.

Nas publicações categorizadas como Engajamento, no período que antecede a Copa, destaca-se a campanha #NossaSeleça, em que criadores de conteúdos digitais (influenciadores/as) participaram de uma votação para acompanhar a seleção brasileira na Austrália. Foram, então, selecionados três criadores de conteúdos que viajaram para a Copa do Mundo, a saber: Raquel Borges, Thayse da Nóbrega e João Victor Bento, enquanto outros quatro influenciadores/as foram selecionados para, do Brasil, “animar a torcida”. Essa iniciativa reflete uma tendência crescente de usar figuras populares das redes sociais para ampliar o alcance de eventos esportivos e fortalecer a conexão entre o público e a competição.

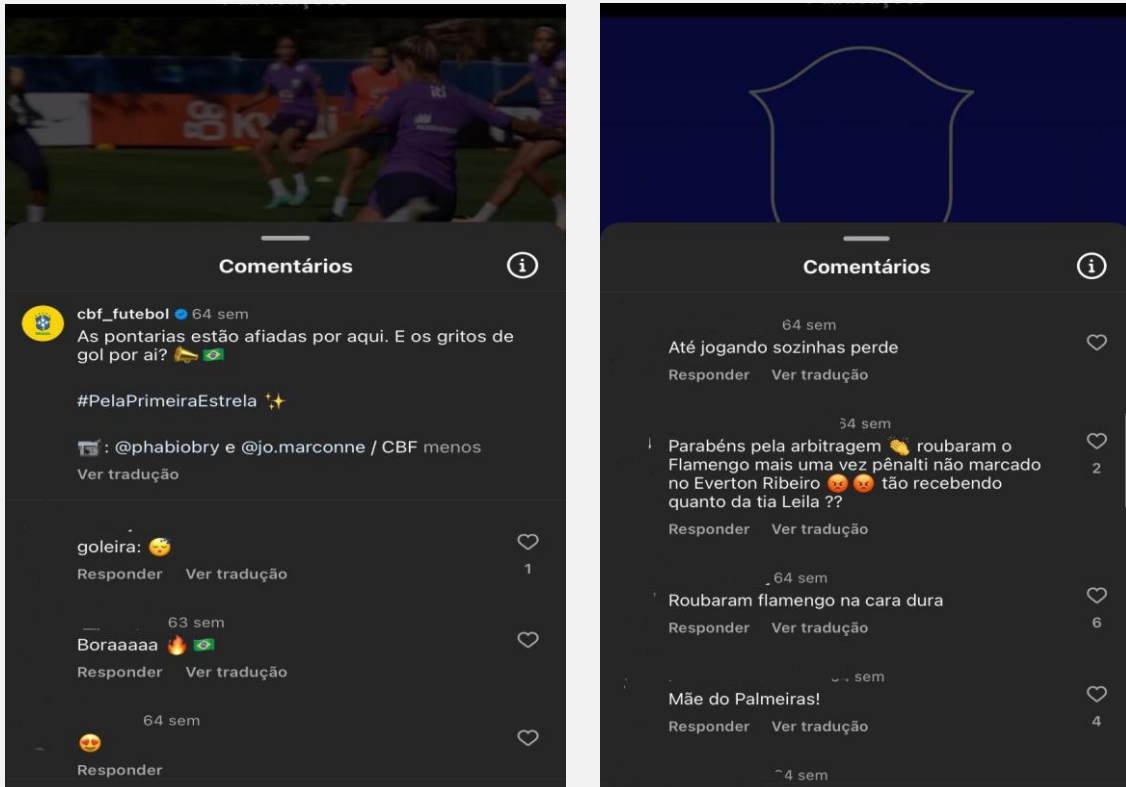
A utilização de influenciadores digitais no marketing esportivo tem se tornado uma estratégia comum, aproveitando suas audiências já engajadas nas redes sociais para aumentar a visibilidade dos eventos. Ao trazer essas figuras para os bastidores, a organização busca criar uma proximidade maior com os/as fãs, oferecendo um conteúdo mais informal e interativo. Essa abordagem representa uma proposta paralela à comunicação oficial, facilitando o consumo de informações de forma extrovertida e acessível, principalmente para o público jovem e conectado, ampliando as oportunidades de engajamento.²¹

Adicionalmente, nesta categoria, identifica-se a divulgação do mascote da seleção brasileira (Canarinho) e sua conta oficial no *Instagram* (@cbf_canarinho) e outra publicação que busca instigar o engajamento do público através de vídeos com lances de treinos.

Todavia, observa-se que a solicitação de interação de usuários gera comentários positivos e negativos acerca da seleção de mulheres do Brasil. Apesar do apoio ao futebol de mulheres, também surgem críticas direcionadas à equipe e às jogadoras, desqualificando a modalidade e questionando a qualidade técnica e tática dos

²¹ SANTOS JÚNIOR. A construção do discurso autorizado e performance de influenciadores de futebol: um estudo de caso no canal “Flazoeiro” na Copa Libertadores de 2019.

jogos. Além disso, muitos comentários desviam do tema central da publicação, abordando críticas a momentos de jogos do Campeonato Brasileiro praticado por homens, revelando uma diversidade de tópicos nas interações.



Figs. 2 e 3 - Comentários em publicações da categoria Engajamento
Fonte: @cbf_futebol - Instagram Oficial da Confederação Brasileira de Futebol.

Embora haja um crescente apoio ao futebol de mulheres, é inegável que o preconceito e a misoginia ainda influenciam as interações nas redes sociais. Como pontuado por Silva e Prado,²² os espaços digitais frequentemente expõem as tensões culturais e os estigmas que cercam o esporte praticado por mulheres. Eles destacam que, apesar das iniciativas para aumentar a visibilidade das mulheres no futebol, muitos comentários desviam para críticas que desqualificam a modalidade e reforçam preconceitos de gênero, revelando que a modalidade ainda enfrenta muitas adversidades.

²² SILVA; PRADO. Copa do mundo de futebol feminino 2023: postagens e interações na página de Instagram do ge.globo, p. 1-17.

Essa realidade reflete um cenário em que as redes sociais se tornam palco tanto para o apoio quanto para a perpetuação de visões conservadoras sobre a participação de mulheres no esporte.²³ Assim, essa pesquisa reforça que, embora a interação seja uma ferramenta poderosa para engajamento, ela também abre espaço para a manifestação de preconceitos que precisam ser combatidos.

Na categoria Infotenimento, foram enquadradas publicações exibindo a viagem das jogadoras e a chegada na Austrália, além dos momentos de diversão da equipe, como rodas de música e karaokê. Também foram apresentadas entrevistas que contavam as histórias de vida das atletas, apresentando o início na carreira esportiva até chegarem à seleção brasileira. Complementando essa abordagem, uma minissérie com a hashtag #GuerreirasDoBrasil em parceria com o portal @90min-Brasil, chamou a atenção ao apresentar as 23 jogadoras da seleção e suas trajetórias no futebol.

A importância dessa minissérie vai além da simples apresentação das jogadoras; ela se torna uma ferramenta poderosa que permite ao público se conectar com as histórias das atletas. Conhecer as carreiras e os desafios enfrentados por essas mulheres não apenas gera identificação, mas também inspira jovens meninas e mulheres a seguir seus passos no esporte.²⁴ Além disso, essa visibilidade é essencial para quebrar estereótipos e encorajar a participação das mulheres no futebol, mostrando que o sucesso na modalidade é possível e acessível. Iniciativas como essa não apenas contemplam o talento das jogadoras, mas desempenham um papel crucial no crescimento e na promoção do futebol de mulheres, especialmente em um contexto em que os preconceitos ainda persistem.

Ademais, é relevante mencionar a publicação de um vídeo com algumas atletas da seleção abordando de maneira crítica os desafios enfrentados pelas futebolistas no Brasil e valorizando e reconhecendo a trajetória das mulheres no futebol, ao mesmo tempo em que buscava incentivar a torcida pela seleção na Copa.

Mesmo assim, embora o infotenimento ocupe papel central neste período, observa-se que tais estratégias não são acompanhadas de ações institucionais mais

²³ SILVA; PRADO. Copa do mundo de futebol feminino 2023: postagens e interações na página de *Instagram* do ge.globo, p. 1-17.

²⁴ JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros, p. 42-62.

consistentes voltadas à formação crítica do público ou ao enfrentamento direto dos discursos discriminatórios presentes nos comentários.

Na categoria Mista, as publicações englobavam tanto a parte de cobertura quanto a de engajamento, além de integrar elementos de infotainment com interações. Essa variedade permitiu que as postagens transitassem entre as diferentes categorias, enriquecendo o conteúdo apresentado. Um exemplo dessa abordagem está ilustrado nas figuras 4 e 5, apresentadas a seguir.



Figs. 4 e 5 - Publicações da categoria Mista.
 Fonte: @cbf_futebol - Instagram Oficial da Confederação Brasileira de Futebol.

É importante ressaltar que a intersecção entre cobertura e engajamento, junto com elementos de infotainment, diversifica as postagens e potencializa o envolvimento do público. Essa abordagem integrada permite que os/as fãs se sintam mais conectados/as à seleção, promovendo uma interação mais rica e dinâmica, refletindo as nuances do cotidiano das jogadoras e a atmosfera do evento.

Contudo, assim como mencionado por Silva e Prado,²⁵ essa mistura de categorias pode resultar em interações que, muitas vezes, não dialogam com o conteúdo apresentado. Isso é evidenciado por comentários que desviam do foco informativo e interativo, refletindo códigos culturais que podem levar a percepções negativas sobre o futebol de mulheres.

Hora do jogo

No período em que aconteceu o megaevento esportivo, entre 20 de julho e 20 de agosto de 2023, as postagens sobre o futebol de mulheres “competiram” com uma série de outros conteúdos no *feed* da CBF, como os Jogos Sul-Americanos de *Beach Soccer* masculino, a seleção masculina sub-20, Copa do Brasil masculina e jogos da seleção masculina nas eliminatórias da Copa. Essa diversidade de conteúdos demonstra, mais uma vez, uma característica do perfil oficial da CBF no *Instagram*, ao mesmo tempo que reitera a percepção de que o perfil @cbf_futebol funciona como espaço do futebol praticado por homens, tangenciando a modalidade praticada por mulheres.

Durante a Copa, contabilizamos 104 publicações sobre o futebol de mulheres no *Instagram* da CBF. Dessas publicações, 54 foram alocadas na categoria Cobertura, 17 em Engajamento, 24 em Infotimento e 9 na categoria Mista.

Categoria	Publicações
Cobertura	54
Engajamento	17
Infotimento	24
Mista	9
Total	104

Quadro 2 - Distribuição das publicações durante o evento (Hora do Jogo).
Fonte: elaboração própria (2025).

Assim, as publicações da categoria Cobertura destacaram informações cruciais, como os horários dos jogos da seleção, o aquecimento pré-jogo, a escalação da

²⁵ SILVA; PRADO. Copa do mundo de futebol feminino 2023: postagens e interações na página de *Instagram* do ge.globo, p. 1-17.

equipe brasileira, os gols durante as partidas e os resultados, incluindo a eliminação do Brasil na Copa do Mundo de 2023. Houve uma cobertura intensa ao longo do evento, com inúmeras postagens detalhando datas, horários, locais de transmissão, treinos da seleção, a contagem regressiva para os jogos e informações durante as partidas. No entanto, identificou-se a ausência de cobertura do pós-jogo, em que entrevistas ou trechos das entrevistas coletivas ao final das partidas não foram divulgadas.

Cabe destaque à última publicação desta categoria, a qual divulgou um comunicado do presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, abordando a eliminação do Brasil na Copa e garantindo o aumento do investimento no futebol de mulheres no país. O presidente da entidade propôs fortalecer o Campeonato Brasileiro feminino nas categorias sub-15 e sub-17 e aumentar os investimentos para a participação das atletas nos Jogos Olímpicos.

Já antecipo que este resultado em nada irá mudar o propósito da CBF, na minha gestão, de continuar investindo de forma consistente no futebol feminino como um todo. Pelo contrário, vamos intensificar este investimento [...]. Teremos agora um ciclo olímpico pela frente e seguiremos dedicados a avançar. Faremos os investimentos necessários para que o Brasil venha nos Jogos Olímpicos, assim como nas próximas competições, com ainda mais apoio em busca dos melhores resultados (@cbf_futebol, publicado dia 02 de agosto de 2023).

Embora a CBF tenha, historicamente, marginalizado o futebol de mulheres,²⁶ o pronunciamento de Ednaldo Rodrigues após a eliminação da Seleção Brasileira Feminina na Copa do Mundo de 2023 simbolizou um compromisso com o fortalecimento do futebol de mulheres no país. Além disso, ressaltou ainda a ampla cobertura jornalística da seleção brasileira, tanto no Brasil quanto na Austrália:

Tivemos a maior cobertura jornalística da história da Seleção Brasileira Feminina, não só no Brasil, como também na Austrália. O esforço das empresas de comunicação e a dedicação dos profissionais de imprensa, que dedicaram um espaço relevante em seus veículos para a preparação da Seleção, levaram para o Brasil e para o mundo imagens e momentos emocionantes. Um universo que antes existia apenas no futebol masculino (@cbf_futebol, publicado dia 02 de agosto de 2023).

²⁶ BONFIM. Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941).

A ênfase no aumento do investimento e a menção à maior cobertura midiática da seleção brasileira feminina revelam como a exposição ampla do evento impacta positivamente a modalidade, algo que Januário, Lima e Leal²⁷ também discutem sobre a importância da cobertura midiática e das interações nas redes sociais para a modalidade. Segundo os autores, embora a cobertura oficial nem sempre trate diretamente das questões relevantes para o crescimento do futebol de mulheres, as interações nas redes sociais podem atuar como um espaço de agendamento de debates importantes. Assim, há uma relação clara entre o aumento da visibilidade, mencionado por Rodrigues, e a necessidade de maior engajamento crítico nas plataformas digitais, conforme apontado por Januário, Lima e Leal.²⁸

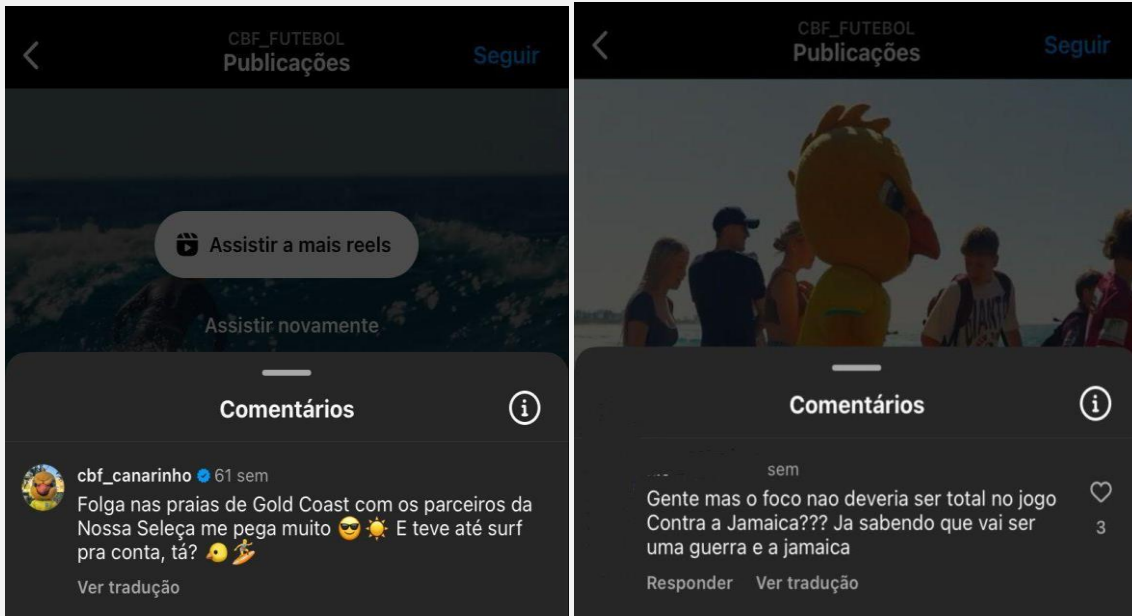
Durante este período de análise, na categoria Engajamento, observou-se a utilização de duas *hashtags*: #AcordaPraElas e #PelaPrimeiraEstrela, com o objetivo de ampliar a interação e a visibilidade da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol Feminino. A *hashtag* #AcordaPraElas fazia alusão aos horários das partidas, já que, devido ao fuso horário da Austrália, a maioria dos jogos era transmitida nas primeiras horas da manhã. Já a *hashtag* #PelaPrimeiraEstrela representava a busca pelo primeiro título mundial da seleção feminina, incentivando a torcida a acompanhar essa possibilidade histórica para o futebol de mulheres do Brasil.

Ademais, verificou-se algumas publicações sobre os influenciadores/as com fotos e frases pontuais referentes à estratégia de engajamento. Essas postagens podem ter sido feitas para manter a interação e a visibilidade do evento, mas sem oferecer informações aprofundadas ou relevantes sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino. A ideia é que essas publicações curtas, como fotos e frases, mantenham o público engajado, contudo, podem não necessariamente contribuir para o foco na competição em si.

No entanto, em um vídeo publicado em que o mascote e os/as influenciadores/as aparecem numa praia da Austrália foi notável um desvio de foco da cobertura do evento, perceptível, inclusive, nos comentários dos/as seguidores/as (Figs. 6 e 7).

²⁷ JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros, p. 42-62.

²⁸ JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros, p. 42-62.



Figs. 6 e 7: Comentários em publicações da Categoria Engajamento.
Fonte: @cbf_futebol - *Instagram* Oficial da Confederação Brasileira de Futebol.

Se, por um lado, publicações como esta podem ajudar a manter o público engajado de diversas formas, especialmente aqueles/as que não acompanham o futebol tão intensamente, por outro, pode gerar a impressão de que alguns atores envolvidos e a própria entidade (CBF) não estão levando o campeonato com a devida seriedade, subestimando a performance da seleção brasileira. Em um campeonato de alto nível, como a Copa do Mundo, o público espera dedicação total ao desempenho esportivo, representada a partir de uma cobertura séria e aprofundada do evento e da equipe. Portanto, apesar de ser uma estratégia para manter o público engajado e criar uma imagem amigável e descontraída, esse tipo de publicação pode ter repercussões negativas se os/as fãs interpretarem como desrespeito ao torneio ou falta de foco nas competições.

Na categoria Infotenimento, destacou-se a continuidade da minissérie #GuerreirasDoBrasil, apresentando histórias inspiradoras das atletas. Ainda nesta categoria um vídeo nos chamou a atenção, no qual jogadores da seleção masculina vestiam as camisas da seleção feminina em apoio à luta das mulheres no esporte, evidenciando o fato de que pela primeira vez a equipe de mulheres teve um uniforme desenvolvido especificamente para elas, ao contrário dos eventos anteriores, que incluíam

as estrelas dos títulos conquistados pela seleção masculina. Essa mudança representa um passo significativo na valorização e visibilidade do futebol de mulheres, celebrando a identidade e as conquistas das jogadoras.

Como apontam Goellner e Kessler,²⁹ a visibilidade das mulheres no esporte é essencial para desconstruir preconceitos e promover a igualdade de gênero, ressaltando que a construção de uma identidade no esporte é fundamental para o reconhecimento das mulheres como protagonistas de suas trajetórias. Isso se torna ainda mais relevante ao considerarmos o histórico de desigualdades de tratamento, privação de acesso e ausência de identificação simbólica que marcou a trajetória do futebol de mulheres no país.³⁰ Essa iniciativa, portanto, é um exemplo de como ações representativas podem incentivar um maior respeito e apoio ao futebol de mulheres.

Por fim, na categoria Mista, as nove publicações perpassaram conteúdos que uniam cobertura e engajamento, assim como cobertura e infotenimento. Essas postagens mantiveram o equilíbrio entre informar sobre os acontecimentos da seleção e envolver os torcedores de forma mais descontraída, promovendo maior interação e engajamento com a campanha da equipe.

Fim de jogo

No último período analisado, entre 21 de agosto a 20 de setembro de 2023, após a Copa do Mundo de Futebol Feminino, o *Instagram* da CBF apresentou apenas 8 publicações sobre o futebol de mulheres, sendo categorizadas 7 publicações em Cobertura e 1 em Infotenimento. Isso representa uma queda abrupta e significativa no volume de publicações sobre o futebol de mulheres no perfil oficial da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no Instagram.

Nesta análise, observou-se uma lacuna significativa na comunicação e veiculação do futebol de mulheres após a eliminação do Brasil na Copa. A primeira publicação posterior à eliminação, inserida na categoria Cobertura, ocorreu após quase

²⁹ GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade, p. 31-8.

³⁰ BONFIM. Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941).

um mês (01/09/2023), anunciando a demissão da técnica Pia Sundhage e a contratação da nova comissão técnica liderada pelo treinador Arthur Elias.

Categoria	Publicações
Cobertura	7
Engajamento	0
Infotainment	1
Mista	0
Total	8

Quadro 3 - Distribuição das publicações no período após o evento (Fim de Jogo).
Fonte: elaboração própria (2025).

A ausência de postagens subsequentes após um evento de tamanha importância destaca um problema recorrente na cobertura midiática e no suporte ao futebol de mulheres.³¹ Isso reflete a dificuldade em manter a visibilidade do futebol praticado por mulheres fora de eventos de grande porte, como a Copa do Mundo, que pode representar para o público que a modalidade se constitui como uma atividade esporádica e não como uma prática esportiva contínua, comprometendo, assim, o desenvolvimento da modalidade e o reconhecimento das atletas como profissionais que merecem atenção e apoio ininterrupto.

Ao compararmos com o futebol praticado por homens, onde a cobertura no *Instagram* da CBF é constante, independentemente dos resultados, essa lacuna pode reforçar a percepção de que o futebol de mulheres é tratado de maneira secundária, indicando uma falta de planejamento por parte da entidade para promover o futebol praticado por mulheres de forma consistente.

Conforme apontam Goellner³² e Januário e Leal,³³ a manutenção da visibilidade é um elemento central para o enfrentamento das desigualdades de gênero no esporte, uma vez que a ausência de narrativas contínuas contribui para a naturalização da marginalização das mulheres nos espaços esportivos e midiáticos.

³¹ MARTINS; MORAES. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata, p. 69-82.

³² GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, p. 1-14.

³³ JANUÁRIO; LEAL. O sucesso por trás dos números: uma análise sobre os recordes de audiência no futebol de mulheres, p. 142-157.

Ainda na categoria Cobertura, as outras publicações apresentavam entrevistas com a nova comissão técnica e com algumas jogadoras sobre os novos métodos de treinamento, o destaque do gol da atleta Bia Zaneratto indicado ao Prêmio Puskas como um dos mais bonitos e postagens sobre a final do Campeonato Brasileiro Feminino.



Fig. 8 - Publicação da categoria Cobertura.
Fonte: @cbf_futebol - *Instagram* Oficial da Confederação Brasileira de Futebol.

Adicionalmente, foi flagrante uma publicação sobre o resultado de uma partida da Liga de Desenvolvimento Feminina Sub-19 da CONMEBOL. Essa postagem surgiu sem qualquer informação anterior sobre o evento, como convocação, grupos, datas dos jogos ou locais de transmissão. A ausência de comunicação prévia é problemática, especialmente considerando que a seleção brasileira se sagrou campeã deste torneio, que aconteceu entre os dias 17 e 24 de setembro de 2023. A falta de

transparência e cobertura informativa não apenas limita a visibilidade do sucesso das atletas, mas, reforça um padrão de negligência na promoção e valorização do futebol de mulheres em todas as suas categorias.

Em conclusão, durante esse período de análise, a única publicação na categoria Infotainment focou na trajetória do novo técnico da seleção feminina, Arthur Elias, destacando os momentos marcantes de sua carreira, suas conquistas à frente da equipe de mulheres do Corinthians e sua chegada ao comando da seleção brasileira.

Destaca-se, ainda, que não foram observadas publicações voltadas ao engajamento ou à categoria mista nesse período, o que evidenciou a falta de estratégias mais diversificadas e interativas com o público após o megaevento esportivo.

É imperativo destacar a assimetria na produção de conteúdo quando contrastada com a equivalência temporal das categorias analíticas. Embora as três fases de análise compreendam intervalos idênticos de aproximadamente 30 dias, o volume de publicações no período pós-Copa sofreu uma redução de 89,3% em relação ao período anterior ao evento e de 92,3% com relação ao período durante a competição (observar Fig. 9).

Esse dado quantitativo materializa o conceito de “visibilidade sazonal”, discutido por Januário,³⁴ em que o futebol de mulheres existe midiaticamente apenas enquanto espetáculo internacional, retornando à invisibilidade imediatamente após o apito final, mesmo que o calendário da modalidade continue ativo.

Diante do exposto, a categoria Fim de Jogo evidencia de forma contundente que o tratamento do futebol de mulheres no Instagram da CBF permanece condicionado à lógica do megaevento, esvaziando-se rapidamente após o encerramento da Copa do Mundo. A redução abrupta do volume de publicações, a ausência de estratégias de engajamento e a comunicação fragmentada sobre competições e conquistas posteriores revelam não apenas uma queda quantitativa, mas um recuo simbólico na centralidade da modalidade.

³⁴ JANUÁRIO. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero.

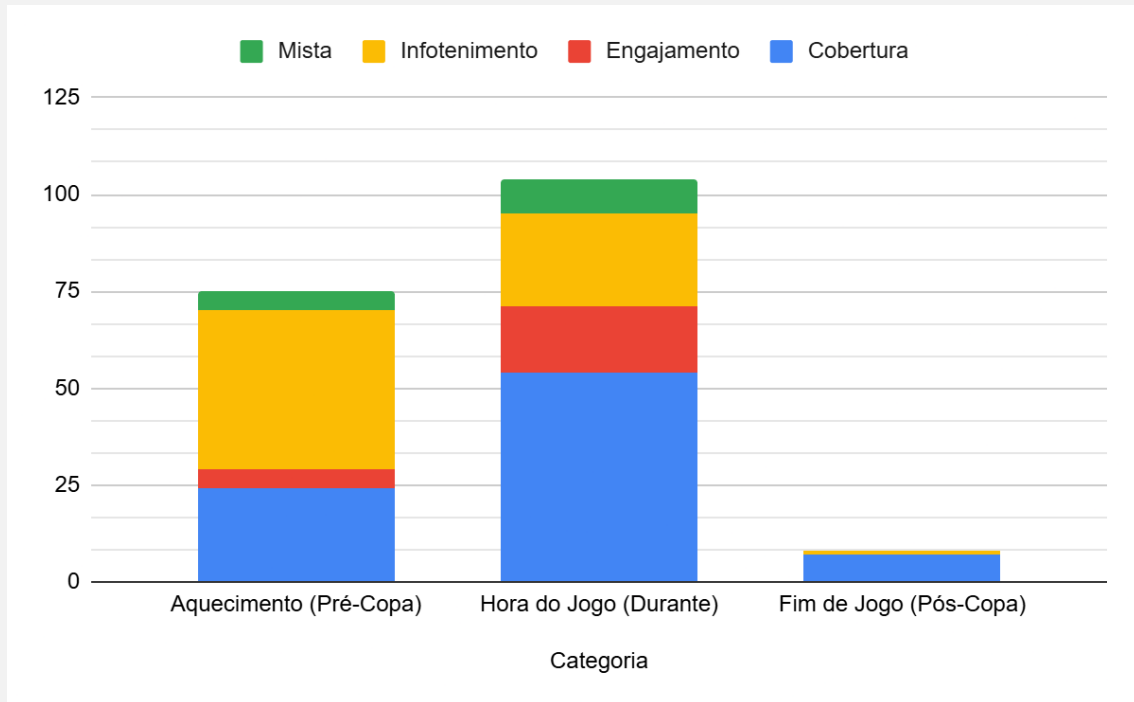


Fig. 9 - Gráfico comparativo entre as publicações dos períodos analisados.
Fonte: autoria própria (2025).

Tal dinâmica reforça a compreensão de que o futebol de mulheres segue sendo tratado em uma espécie de lógica de excepcionalidade. Assim, os dados analisados demonstram que, mesmo diante de um calendário ativo e de resultados expressivos, a manutenção da atenção institucional não se sustenta no pós-evento, contribuindo para a perpetuação do “efeito sanfona” da modalidade nos espaços midiáticos oficiais.³⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa demonstram que, embora tenha havido um avanço considerável em termos de visibilidade e engajamento, como visto na minissérie #GuerreirasDoBrasil e no pronunciamento de Ednaldo Rodrigues, ainda há muito a ser feito para consolidar o futebol de mulheres no Brasil. A persistência de preconceitos

³⁵ MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo, p. 77. MARTINS; MORAES. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata, p. 69-82.

e comentários pejorativos nas redes sociais sublinha a importância de uma comunicação mais estratégica e inclusiva, voltada para educar e desconstruir estereótipos de gênero.

Além disso, apesar da cobertura jornalística ter sido ampliada durante a Copa, é fundamental que essa visibilidade seja mantida de forma contínua, especialmente na rede social oficial da entidade que gere o futebol de mulheres no país, ampliando e fortalecendo todas as categorias da modalidade.

De maneira geral, ao analisarmos a representação do futebol de mulheres no *Instagram* da CBF, verifica-se a necessidade de um compromisso maior e mais consistente na promoção da modalidade. Para que o futebol praticado por mulheres alcance mais reconhecimento e sustentabilidade, é essencial que a comunicação e a publicização continuem mesmo após grandes eventos como a Copa do Mundo, sobretudo numa rede social oficial da entidade responsável pela modalidade no país. O sucesso futuro do futebol de mulheres do Brasil depende, para além de investimentos financeiros, de um comprometimento com a comunicação constante, valorizando as atletas e suas trajetórias.

Em síntese, o futebol de mulheres no Brasil está em uma trajetória promissora, mas para alcançar seu pleno potencial, é preciso que a promoção e o engajamento, sobretudo nas redes sociais por seu alcance, sejam sustentados a longo prazo, incentivando o apoio popular e combatendo os preconceitos ainda presentes.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Caroline Soares. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres

da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades** – Revista de História, ed. 35, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (Rio de Janeiro). Confederação Brasileira de Futebol. **Estatuto da Confederação Brasileira de Futebol 2017**. Sem ementa, 16 dez. 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, v. 117, n. 1, p. 31-38, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, p. e27001, 2021.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero. **Revista Mosaico**, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 2-13, 2023.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LEAL, Daniel. O sucesso por trás dos números: uma análise sobre os recordes de audiência no futebol de mulheres. **Revista Alceu**, v. 24, n. 52, p. 142-157, 2024.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatorio (OBS*)**, v. 14, n. 4, p. 42-62, 2020.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ogras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. 375f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; FERREIRA, Elaine Tonini; SILVA, Gabriel Gomes da; BENDER, Lincoln Belmonte; AFONSO, Mariângela da Rosa; RIGO, Luiz Carlos. O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 147-72, 2021.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELINA, Gabriela Borel; SOUZA, Letícia Carvalho de. Profissionalize-se como uma garota?: Efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 8(3), p. 59-81, 2023.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

OLIVEIRA, Vivian de. A relação entre esportistas e redes sociais: uma análise de como os atletas utilizam o Instagram. In: ARONI, André Luis; MACHADO, Afonso Antonio (Eds). **Novas mídias e esporte: teoria e aplicação**. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015, p. 18-33.

PAZ, Angelo Donatto Amorim. **Comunicação da Confederação Brasileira de Futebol referente às iniciativas de fortalecimento do futebol feminino**. 2023. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Instituto Superior de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

SANTOS JÚNIOR, Jerson Pita dos. **A construção do discurso autorizado e performance de influenciadores de futebol: um estudo de caso no canal “Flazoeiro” na Copa Libertadores de 2019**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) apresentada à Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2024.

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O futebol feminino no discurso televisivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 1, p. 185-96, 2012.

SILVA, Wesley Marques da; PRADO, Alice de Freitas. Copa do mundo de futebol feminino 2023: postagens e interações na página de *Instagram* do ge.globo. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 27, e16420, p. 1-17, 2023.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, v. 32. p. e200066, 2021.

* * *

Recebido em: 17 abr. 2025
Aprovado em: 16 dez. 2025

Contos sobre futebol: o que escrevem brasileiras e argentinas?

Football short stories: what do Brazilian and Argentine women write?

Gustavo Cerqueira Guimarães

Secretaria Municipal de Educação, Lajinha/MG, Brasil
Doutor em Estudos Literários, UFMG

RESUMO: Este estudo propõe uma leitura de cinco contos de futebol escritos por mulheres no Brasil e na Argentina, interrogando o lugar formal que o jogo ocupa na arquitetura narrativa dessas obras. O *corpus* organiza-se a partir das categorias de *demandas intrínsecas* e *extrínsecas*, propostas por Edônio Alves Nascimento, que distinguem narrativas em que o futebol estrutura diretamente a ação e narrativas em que o jogo atua de forma deslocada, mediada ou discursiva. No primeiro conjunto, examinam-se contos em que o futebol organiza a cena narrativa e seus conflitos, como “Amistoso”, de Rachel de Queiroz, “Fútbol era el de antes”, de Ana María Shua, e “O sucesso”, de Adriana Lisboa. No segundo, analisam-se textos em que o jogo não se realiza como ação esportiva central, mas se manifesta por meio da memória, da oralidade, da mídia ou das torcedoras, como em “La camaradería del deporte”, de Selva Almada, e “Matosas”, de Esther Cross. Ao projetarem vozes femininas sobre o futebol, esses contos problematizam cenas de violência, formas de vigilância dentro e fora do campo e as assimetrias de gênero que atravessam as relações narradas.

PALAVRAS-CHAVE: Contos sobre futebol escritos por mulheres; Antologias de contos de futebol; Literatura brasileira e futebol; Literatura argentina e futebol; Gênero e futebol.

ABSTRACT: This study proposes a reading of five football short stories written by women in Brazil and Argentina, examining the formal role the game occupies within the narrative architecture of these works. The *corpus* is organized according to the categories of *intrinsic and extrinsic demands* proposed by Edônio Alves Nascimento, which distinguish between narratives in which football directly structures the action and those in which the game operates in a displaced, mediated, or discursive manner. The first group comprises stories in which football organizes the narrative scene and its conflicts, such as “Amistoso,” by Rachel de Queiroz; “Fútbol era el de antes,” by Ana María Shua; and “O sucesso,” by Adriana Lisboa. The second group includes texts in which the game does not function as the central sporting action but instead emerges through memory, orality, media representation, or fandom, as in “La camaradería del deporte,” by Selva Almada, and “Matosas,” by Esther Cross. By projecting female voices onto football, these stories problematize scenes of violence, forms of surveillance both on and off the field, and the gender asymmetries that permeate the relationships depicted.

KEYWORDS: Football short stories written by women; Football short story anthologies; Brazilian literature and football; Argentine literature and football; Gender and football.

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NAS ANTOLOGIAS LITERÁRIAS SOBRE FUTEBOL

A partir do artigo quali-quantitativo de minha autoria, “Inventariar contos sobre futebol: o estrangeiro e a mulher nas antologias brasileiras” (2017), que apresenta e contextualiza, por meio dos estudos paratextuais de Gerárd Genette, as 18 principais antologias de contos sobre futebol publicadas no Brasil, este estudo pretende avançar nas reflexões acerca de um aspecto significativo ali revelado: a constatação da baixa quantidade de contos publicados por mulheres em relação aos homens – são 97 autores e apenas 15 autoras.

A disparidade entre os gêneros torna-se ainda mais evidente quando se observa a recorrência de determinados escritores e a baixa presença de escritoras nas coletâneas analisadas, com alguns nomes se repetindo de forma sistemática. Dos 170 contos inventariados, apenas 19 foram escritos por autoras, o que representa menos de 15% do total. Um caso emblemático é a amplamente difundida antologia *Bravo! Literatura e futebol* (2010), que reúne contos, poemas e crônicas de 18 escritores, entre os quais figura apenas Clarice Lispector, com a crônica “Armando Nogueira, futebol e eu, coitada”.¹

Padrão semelhante observa-se no cenário latino-americano, como evidencia a antologia *Por amor a la pelota: once cracks de la ficción futbolera* (2014), publicada pela Editorial Cuarto Próprio, no Chile, e organizada por Shawn Stein e Nicolás Campisi. Nesse livro, que reúne 11 histórias – uma de cada um dos dez países integrantes da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), além do México –, apenas um conto é de autoria feminina, assinado pela argentina Selva Almada, que analisaremos mais adiante.²

¹ Além de Clarice Lispector, a antologia articula um conjunto expressivo de autores da literatura brasileira, reunindo, além de Clarice Lispector, nomes como Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Cristovão Tezza, Ferreira Gullar, Fernando Veríssimo, Flávio Carneiro, Glauco Mattoso, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rego, José Soares, Lima Barreto, Marcelino Freire, Marcos Caetano, Nelson Rodrigues, Paulo Perdigão, Rubem Fonseca e Sérgio Sant’Anna.

² Integrantes desta antologia: Selva Almada (Argentina), Edmundo Paz Soldán (Bolívia), Sérgio Sant’Anna (Brasil), Roberto Fuentes (Chile), Ricardo Silva Romero (Colômbia), José Hidalgo Pallares (Equador), Juan Villoro (México), Javier Viveros (Paraguai), Sergio Galarza (Peru), Carlos Abin (Uruguai) e Miguel Hidalgo Prince (Venezuela).

Não é difícil inferir que o comportamento de organizadores, editores e das próprias escritoras – que historicamente pouco se dedicaram ao futebol como tema literário – reflete a participação restrita da mulher no universo futebolístico ao longo do século XX. Vale lembrar que, até 1979, as mulheres eram proibidas de praticar o jogo no Brasil, em razão de determinação do Conselho Nacional de Desportos, estabelecida em 1941, que considerava a prática incompatível com a natureza feminina (Brasil, Decreto-lei, 1941). O futebol foi, por muito tempo, compreendido como atividade exclusivamente masculina, supostamente capaz de prejudicar a saúde reprodutiva e a estética das mulheres. Trata-se de uma concepção importada da Inglaterra, que também encontrou ressonância no contexto argentino, como explicita a personagem de Ana María Shua em “Fútbol era el de antes”: “*En nuestra época las chicas no jugaban a juegos brutos. Se jugaba hándbol, voleibol, al tenis*”³ — conto que integra a antologia *Las dueñas de la pelota*, da qual trataremos adiante. Segundo Silvana Goellner, pesquisadora seminal sobre a participação da mulher no futebol, as disparidades de incentivos, apoios, visibilidade e oportunidades entre homens e mulheres no esporte são historicamente evidentes.⁴

Esse quadro de exclusão ajuda a compreender o silenciamento das vozes femininas também no campo literário. Atento a essa lacuna – produzida tanto pelas interdições esportivas quanto pelas dinâmicas do mercado editorial, que atravessam a criação e a difusão das obras – o escritor e antologista Luiz Ruffato (1961)⁵ empenhou-se em contribuir para uma inflexão nesse cenário ao organizar a antologia *Entre as quatro linhas: contos sobre futebol* (2013), com especial atenção às questões de gênero.

³ SHUA. Fútbol era el de antes, p. 33.

⁴ GOELLNER. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história, 2005, p. 85.

⁵ Nascido em 1961, em Cataguases/MG, Luiz Ruffato graduou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e vive em São Paulo desde 1990. É autor de *Eles eram muitos cavalos* (2001), obra amplamente reconhecida, vencedora do Troféu APCA e do Prêmio Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional, além de traduzida e publicada em diversos países. Entre outros livros, destacam-se *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *Flores artificiais* (2014) e *Verão tardio* (2019). Ruffato é também autor da pentalogia *Inferno provisório*, que ficcionaliza a formação da classe operária brasileira ao longo do século XX, tendo *Domingos sem Deus* (2012) sido premiado com o Prêmio Casa de las Américas. Além da obra autoral, organizou diversas antologias, como *Nos idos de março* (2014), e estreou na literatura infantil com *A história verdadeira do sapo Luiz* (2014), vencedora do Prêmio Jabuti. O futebol surge de modo episódico em sua obra narrativa.

Dirigida editorialmente por Simone Paulino, com Renata de Sá como editora assistente, a antologia reúne 15 contos inéditos, seis deles escritos por destacadas autoras da literatura brasileira contemporânea: “Raimundo, o dono da bola”, de Eliane Brum; “O sucesso”, de Adriana Lisboa; “Reverso do jogo”, de Carola Saavedra; “Quatro linhas”, de Tércia Montenegro; “Cemitério clandestino”, de Ana Paula Maia; e “Um dia, uma camisa”, de Tatiana Salem Levy.

Antes de Luiz Ruffato, o gaúcho Flávio Moreira da Costa (1942-2019),⁶ igualmente reconhecido como antologista e escritor, desempenhou papel fundamental na projeção de mulheres contistas ao organizar *22 contistas em campo* (2006).⁷ Com direção editorial de Juliana Romeiro, a obra apresenta quatro escritoras: Anna Maria Martins, com o conto “Escanteio”; Edla van Steen, com “Que horas são?”; Hilda Hilst, com o inédito “Aguenta coração”; e Rachel de Queiroz, com a narrativa “Amistoso”, resgatada dos anos 1950.

Assim, somados, Ruffato e Moreira da Costa selecionaram e publicaram dez contos futebolísticos escritos por mulheres. A esse conjunto agregam-se apenas mais cinco narrativas dispersas nas demais antologias analisadas.⁸ Certamente, há muitas outras escritoras que produziram contos futebolísticos no Brasil; contudo, tais narrativas ainda carecem de maior visibilidade, algo que iniciativas como as desses antologistas ajudam a promover, ao demonstrar que “o cenário de rejeição ao

⁶ Nascido em 1942, em Porto Alegre (RS), Flávio Moreira da Costa foi escritor, crítico e antologista, com atuação destacada no campo literário brasileiro a partir dos anos 1970. Autor de romances, contos, ensaios e obras de crítica, publicou, entre outros títulos, *O equilibrista do arame farpado* (1997), vencedor dos Prêmios Machado de Assis de Romance, da Biblioteca Nacional e de Melhor Romance da União Brasileira de Escritores, *Nem todo canário é belga* (1998), ganhador do Prêmio Jabuti na categoria Contos, e *O país dos ponteiros descontraídos* (2004), também finalista do Jabuti. Paralelamente à obra autoral, teve papel central como organizador de antologias, reunindo e difundindo narrativas da literatura brasileira e universal. É também autor do conto “A solidão do goleiro”, publicado em *Malvadeza Durão* (1984). Faleceu em 2019, no Rio de Janeiro.

⁷ Moreira da Costa lançou essa obra em três momentos distintos, com modificações e acréscimos sucessivos: *Onze em campo* (1986), a primeira edição, reúne contos de Anna Maria Martins e Edla van Steen; *Onze em campo e um banco de primeira* (1998) incorpora o inédito de Hilda Hilst; e, por fim, *22 contistas em campo* (2006) inclui a narrativa de Rachel de Queiroz. Do ponto de vista da articulação entre literatura, futebol e campo editorial, é relevante notar que essas publicações coincidem com anos de Copa do Mundo, período em que o futebol e as narrativas a ele associadas tendem a adquirir maior visibilidade cultural (Guimarães, 2017).

⁸ Integram ainda esse conjunto os contos “Futebol, paixão e glória”, de Edy Lima (*Histórias de futebol*, 2006); “A mulher do zagueiro central”, de Valesca de Assis (*Meia encarnada, dura de sangue*, 2001); “Pênalti”, de Elianne Diz de Abreu (*A cabeça do futebol*, 2009); “Ninguém morre rindo”, de Suzana Montoro (*Contos brasileiros de futebol*, 2006); e “A procura de uma dignidade”, de Clarice Lispector (*Donos da bola*, 2006). Neste último conto, o Maracanã é apenas evocado, sem se constituir como cenário direto de uma partida.

futebol como tema, principal ou secundário, de boas histórias de ficção está mudando”, como salienta Ruffato na introdução.⁹

Ao expandir o escopo da investigação para além do contexto brasileiro, identifica-se uma obra coletiva expressiva de escritoras que tematizam o futebol: a antologia *Las dueñas de la pelota: cuentos de fútbol escritos por mujeres* (2014), pioneira na América do Sul nesse tipo de empreendimento editorial, organizada por Claudia Piñeiro, sob a coordenação da editora argentina El Ateneo. A obra reúne quatorze autoras e afirma a legitimidade das mulheres em um universo historicamente marcado pela hegemonia masculina. No prólogo, Piñeiro explicita as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao adentrarem o território do futebol: “*El fútbol es territorio de hombres. Y, si una mujer se atreve a pisar ese territorio, deberá soportar la desconfianza, la subestimación y una cierta molestia por participar de una fiesta a la que no fue invitada*”.¹⁰

A organizadora ressalta que a antologia oferece uma perspectiva singular e um modo diferenciado de narrar o futebol, com variações na intensidade do protagonismo em cada conto: “*Un punto de vista peculiar, un sonido diferente, palabras que lo cuenten de otro modo. En esta antología hay distinta intensidad en cuanto al protagonismo del fútbol de la historia que se relata*”.¹¹ A partir dessa constatação, Piñeiro sustenta a hipótese de que há diferenças significativas entre os contos futebolísticos escritos por mulheres e aqueles produzidos por homens. Tal proposição, altamente instigante, embora não constitua o foco desta análise, abre caminho para futuras investigações comparativas entre esses universos ficcionais.

O objeto de estudo

Sem estabelecer comparação direta com contos de autoria masculina, este estudo delimita seu *corpus* a cinco narrativas escritas por mulheres, organizadas segundo dois modos distintos de representação do futebol. No primeiro conjunto, examinam-

⁹ RUFFATO. *Entre as quatro linhas*, p. 10-1.

¹⁰ PIÑEIRO. *Las dueñas de la pelota*, p. 12.

¹¹ PIÑEIRO. *Las dueñas de la pelota*, p. 12.

se contos em que o jogo é efetivamente encenado, ainda que sob condições precárias, tensionadas ou marcadas por vigilância e desigualdade: “Amistoso”, de Rachel de Queiroz,¹² e “O sucesso”, de Adriana Lisboa,¹³ reunidos, respectivamente, nas antologias *22 contistas em campo* e *Entre as quatro linhas*, bem como “Fútbol era el de antes” (“O futebol era o de antes”), de Ana María Shua,¹⁴ incluído em *Las dueñas de la pelota*. Nesses textos, o futebol manifesta-se como experiência corporal e social atravessada por gênero, infância e assimetrias de poder.

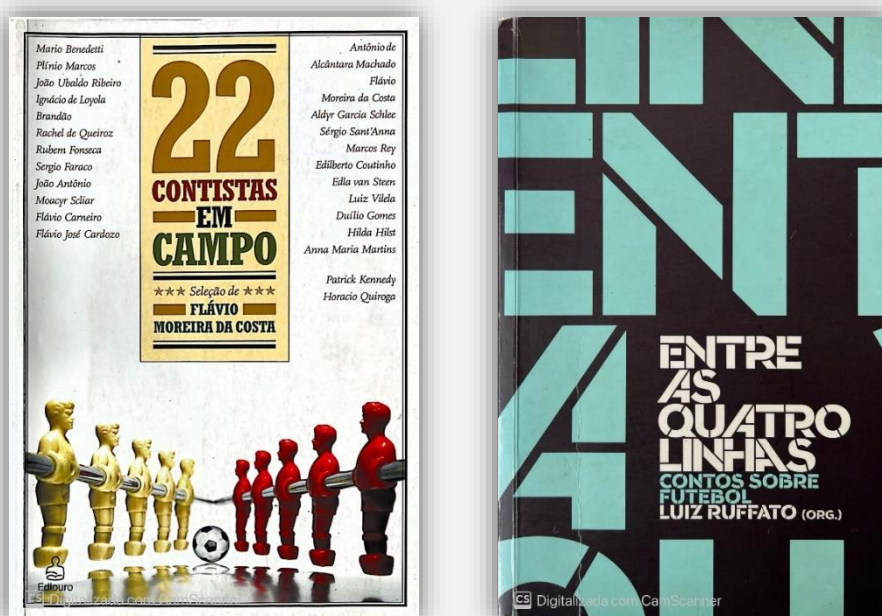


Fig. 1 - Imagem das capas das antologias *22 contistas em campo* e *Entre as quatro linhas*.

¹² Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza/CE, em 1910, e morreu no Rio de Janeiro, em 2003. Foi uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX e a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Estreou muito jovem com o romance *O quinze* (1930), marco do regionalismo modernista, seguido por obras como *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937) e *Memorial de Maria Moura* (1992). Recebeu, entre outros reconhecimentos, o Prêmio Jabuti de Literatura Infantojuvenil pela obra *O menino mágico* (1969) e o Prêmio Camões (1993), o mais importante da literatura em língua portuguesa. Além da ficção, teve intensa atuação como cronista, dramaturga e jornalista.

¹³ Adriana Lisboa nasceu no Rio de Janeiro, em 1970. Escritora, tradutora e musicista, construiu uma obra marcada pela atenção às subjetividades, aos deslocamentos e às relações entre intimidade e mundo social. Entre seus romances mais conhecidos estão *Sinfonia em branco* (2001), vencedor do Prêmio José Saramago, *Um beijo de colombina* (2003) e *Azul-corvo* (2010), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Sua produção inclui ainda poesia, literatura infantil e contos, muitos deles traduzidos e publicados no exterior.

¹⁴ Ana María Shua nasceu em Buenos Aires, em 1951. É uma das escritoras argentinas contemporâneas mais reconhecidas, com produção extensa que abrange romances, contos, literatura infantil e, especialmente, microrrelatos, gênero no qual é referência internacional. Entre suas obras destacam-se *Los amores de Laurita* (1984), *El libro de los recuerdos* (1994) e *La sueñera* (1984). Recebeu importantes prêmios literários, como o Prêmio Nacional de Literatura da Argentina e o Prêmio Konex, além de ter sua obra amplamente traduzida.

No segundo conjunto, analisam-se contos em que o futebol não se realiza como prática esportiva, mas organiza relações, afetos e conflitos a partir da posição da torcedora ou da mulher situada fora do campo de jogo. Integram esse eixo “La camaradería del deporte” (“A camaradagem do esporte”), de Selva Almada,¹⁵ presente na coletânea *Por amor a la pelota*, e “Matosas”, de Esther Cross,¹⁶ que homenageia a homônima torcedora emblemática do River Plate, incluído em *Las dueñas de la pelota*. Nessas narrativas, o futebol opera predominantemente como linguagem social e campo simbólico.

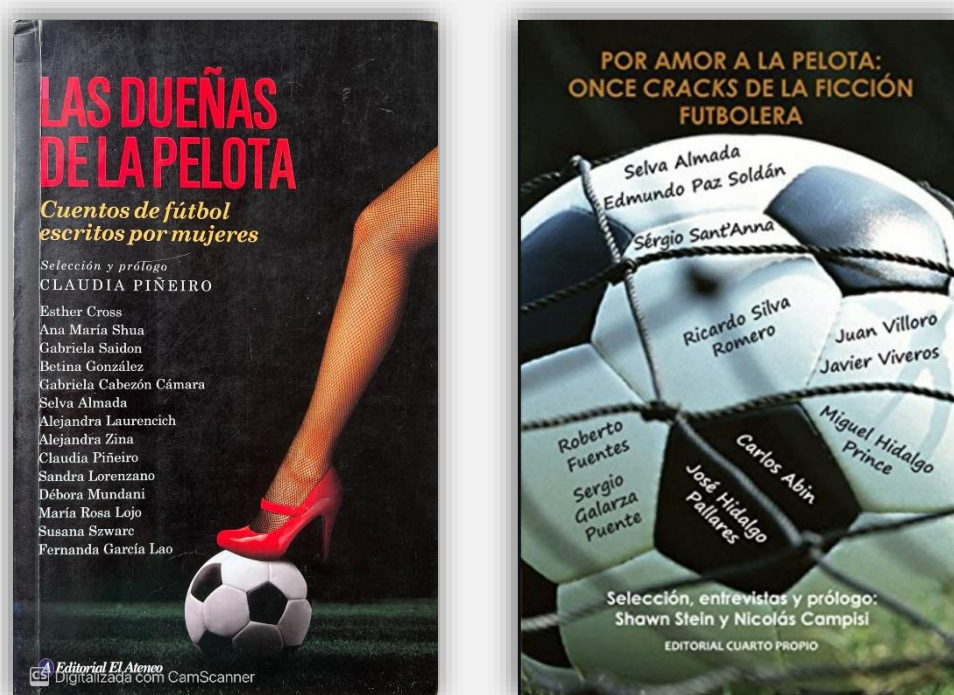


Fig. 2 - Imagem das capas das antologias *Las dueñas de la pelota* e *Por amor a la pelota*.

¹⁵ Selva Almada nasceu em Villa Elisa, província de Entre Ríos, em 1973. É uma das vozes centrais da literatura argentina contemporânea, com obra que transita entre o romance, o conto, a crônica e o ensaio. Ganhou projeção internacional com o romance *El viento que arrasa* (2012), seguido por *Ladrieros* (2013) e *No es un río* (2020). Sua escrita é marcada pela atenção aos espaços periféricos, às relações de poder e às experiências do mundo do trabalho. Almada também se destaca por sua atuação crítica e ensaística em torno da violência e das desigualdades sociais.

¹⁶ Esther Cross nasceu em Buenos Aires, em 1961. Escritora e jornalista, publicou romances, contos e livros de ensaio, com uma obra marcada pela exploração da memória, das relações familiares e da construção de personagens femininas singulares. Entre seus livros mais conhecidos estão *Crónica de alados y otros cuentos* (1991), *Kavanagh* (1999) e *Radiana* (2007). Recebeu prêmios literários na Argentina e teve textos incluídos em importantes antologias contemporâneas.

Ao investigar esses textos a partir das posições narrativas ocupadas por mulheres – jogadoras, torcedoras, observadoras ou personagens situadas fora da prática esportiva –, o artigo busca compreender de que modo o futebol é apropriado, deslocado ou tensionado por vozes historicamente excluídas desse universo simbólico. Mais do que identificar temas ou recorrências, interessa examinar como essas narrativas reconfiguram o imaginário literário do futebol, interrogando suas associações tradicionais com masculinidade, competição e virilidade, e abrindo espaço para outras formas de sensibilidade e conflito.

Ferramentas de leitura: *futebóis e demandas extrínsecas, intrínsecas e híbridas*

Este estudo adota como eixo analítico as categorias propostas por Edônio Alves Nascimento em *A esfera como metáfora: representações do futebol no campo da literatura* (2015). Esse referencial teórico-metodológico permite examinar os modos de presença do futebol nas narrativas e as formas de construção das personagens, a partir de três categorias fundamentais: as *demandas intrínsecas*, nas quais o jogo estrutura a ação narrativa; as *demandas extrínsecas*, em que o futebol atua como referência temática ou contextual; e as *demandas linguísticas híbridas*, que mobilizam o futebol como matriz simbólica, formal e intertextual. A partir desse enquadramento, busca-se identificar pontos de convergência e divergência entre as estratégias narrativas mobilizadas, bem como compreender de que modo as autoras reinscrevem a experiência feminina em um imaginário literário historicamente marcado pela hegemonia masculina que historicamente estrutura esse esporte.

Nos *contos de demanda intrínseca*, o futebol estrutura a ação narrativa a partir de sua realização efetiva no interior do campo de jogo. É o que se observa em “Amistoso”, de Rachel de Queiroz, conto que encena uma briga durante uma partida de futebol masculino, bem como em “Fútbol era el de antes”, de Ana María Shua, no qual mulheres se dedicam ao “*fútbol cinco*”, reinscrevendo o jogo como prática corporal feminina. Ainda que o futebol organize materialmente a cena narrada nesses casos, a centralidade do jogo não se esgota na dimensão esportiva, como indica Gabriela Saidon ao comentar sua participação em *Las dueñas de la pelota*: “*los cuentos*

que allí aparecen van más allá del fútbol. Las historias del libro hablan del pathos del fútbol. Del sentimiento, de la vida, de la muerte de la pasión del fútbol".¹⁷

Nos contos de *demanda extrínseca*, as tramas se desenvolvem fora do campo de jogo, e o futebol atua como referência contextual que incide diretamente sobre as relações afetivas, domésticas e sociais das personagens. Em "Off side", de Selva Almada, e "Escanteio", de Anna Maria Martins, os próprios títulos sinalizam esse deslocamento, indicando situações de exterioridade em relação ao jogo e o lugar marginal ocupado pelas mulheres. No conto de Martins, a personagem feminina percebe-se deslocada em sua própria casa em um dia "importante" de futebol na tevê, ocupando simbolicamente uma posição marginal. Em "Escanteio", o jogo não é encenado, mas seus efeitos reorganizam o cotidiano doméstico. O evento esportivo suspende a rotina, transforma a casa em extensão do estádio e silencia a narradora, que não partilha do entusiasmo coletivo. O futebol surge como ruído e excesso sensorial, operando como dispositivo de coesão masculina e, simultaneamente, de exclusão feminina, evidenciando como as hierarquias simbólicas do espaço público se reproduzem no interior da vida íntima.

Já em "Quatro linhas", de Tércia Montenegro, o futebol é mediado pela intimidade da vida doméstica e pelas tensões do convívio afetivo. A narrativa assume a perspectiva de uma mulher fotógrafa diante da ligação obsessiva do namorado com o esporte, expondo o desgaste progressivo da relação. O jogo associa-se à repetição, ao tédio e ao aprisionamento, organizando o tempo da casa e empurrando a experiência feminina para "fora": "Eu me enjaulava, fingindo produzir arte enquanto os homens da casa cumpriam a bestial adoração do esporte". O futebol aparece, assim, como valor absoluto que legitima a negligência emocional e estrutura a desigualdade da relação. Nessa mesma linha, inclui-se ainda o conto "Que horas são?", de Edla van Steen, no qual a mulher aparece associada à figura de um jogador no final da vida, sendo representada como esposa inserida em uma relação marcada pela assimetria – "Acabei tão doida quanto ele".¹⁸

¹⁷ INFOBAETV, 2014.

¹⁸ STEEN. Que horas são, p. 142.

Por fim, os *contos de demanda linguística híbrida* configuram narrativas que mobilizam o futebol como matriz simbólica, formal e intertextual, em diálogo com outras linguagens e suportes culturais, como a música, a fotografia e os meios de comunicação – rádio, tevê, jornal. Nessas narrativas, o futebol não atua apenas como tema, mas como princípio organizador da forma e da experiência narrada. Exemplos expressivos desse procedimento são “Raimundo, o dono da bola”, de Eliane Brum, e “La voz del estadio”, de Gabriela Saidon, nos quais a presença do rádio se torna elemento decisivo para a construção do enredo e da memória coletiva. Como observa Edônio Alves Nascimento, “essas linguagens entram como elemento da narrativa por uma necessidade intrínseca (estrutural) ao próprio tema e são essenciais ao entendimento do texto” literário.¹⁹ Assim, a categoria permite mapear não apenas o lugar ocupado pelo futebol nas narrativas, mas também as estratégias formais e discursivas por meio das quais as autoras reinscrevem o futebol no campo literário.

Com base nesse enquadramento, torna-se possível observar de que modo as categorias analíticas propostas por Edônio Alves Nascimento operam concretamente em narrativas específicas. A partir desse ponto, o artigo desloca o foco do panorama editorial para a análise textual, concentrando-se nos contos selecionados e nos modos pelos quais essas autoras mobilizam o futebol como elemento narrativo. Privilegiam-se, nesse movimento, espaços da memória, da intimidade e das relações afetivas, nos quais o jogo aparece frequentemente de forma deslocada ou mediada, revelando estratégias de relação indireta com o campo, de negociação simbólica com o universo masculino e de reconfiguração da experiência feminina em torno do futebol, tensionando os modos hegemônicos pelos quais o esporte foi historicamente figurado na literatura.

Antes de prosseguir, convém registrar um dado observado em sala de aula durante o período em que ministrei diversas disciplinas dedicadas às relações entre futebol e artes, no âmbito de minha pesquisa de pós-doutorado intitulada *A tabeleira entre o futebol e outras práticas poéticas no Brasil*, desenvolvida com apoio do PNPd/Capes entre 2013 e 2018, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Nessas disciplinas, a presença majoritária era a de alunas, algumas

¹⁹ NASCIMENTO. A esfera como metáfora, p. 164.

delas com atuação destacada no campeonato universitário da UFMG. Na disciplina “Contos de futebol”, no módulo dedicado às narrativas de autoras, centrado sobretudo nas antologias *22 contistas em campo* e *Entre quatro linhas*, essas estudantes manifestavam reiteradamente certo desapontamento ao longo das leituras e debates: “nem nos contos escritos por mulheres nós jogamos bola”. O futebol, em sua dimensão prática, não se realiza nas narrativas.

Observação semelhante emergiu em oficinas literárias sobre futebol por mim ministradas em outros contextos, como nos Festivais de Inverno da UFMG, em Belo Horizonte, e da UFSJ, em São João del-Rei, em 2014. Mesmo nos textos produzidos pelas participantes, predominava a representação do futebol masculino, o do *mainstream* – que corresponde, na realidade, a uma parcela ínfima dos praticantes do jogo –, tanto no plano da experiência narrada quanto no imaginário mobilizado, em oposição a outros tantos futebolis jogados por milhões de brasileiros/as em espaços diversos. Isso evidencia o quanto o discurso clubístico se impõe como matriz hegemônica de representação e orienta, de modo amplamente naturalizado, o imaginário futebolístico do cotidiano, inclusive em contextos de criação literária.

A noção de *futebóis*, formulada por Arlei Damo, propõe um deslocamento crítico em relação à concepção hegemônica do futebol no singular, historicamente associada à sua forma espetacularizada, midiática e institucional, organizada em torno do Estado, das federações e do conglomerado FIFA. Ao defender o uso do termo no plural, o autor chama atenção para a multiplicidade de modos de existência do futebol, frequentemente negligenciados pelas ciências sociais e pela narrativa midiática, como a várzea, as peladas, os futebolis indígenas e, de modo particular, o futebol praticado e vivido por mulheres. Segundo Damo, durante décadas, os estudos esportivos privilegiaram o futebol masculino profissional, relegando às margens formas não consagradas de prática e de torcer. Nas últimas décadas, contudo, observa-se uma inflexão importante nesse campo, com a ampliação dos horizontes analíticos e o reconhecimento do futebol feminino como objeto legítimo de investigação. Essa mudança não apenas diversifica o campo dos estudos esportivos, como também evidencia que o futebol

nunca foi uma experiência homogênea, mas um fenômeno social plural, atravessado por gênero, classe, território e formas distintas de pertencimento.²⁰

Vistos por esse ângulo, a literatura de futebol escrita por mulheres chama atenção justamente por se apresentar, como regra, pela tematização de outros tipos de práticas futebolísticas. Nestes contos, o futebol raramente se apresenta como prática esportiva plena ou como experiência central de jogo. Quando surge, aparece deslocado para espaços marginais ao campo institucional do esporte, sendo apreendido a partir de perspectivas que revelam experiências de incômodo e assimetria.

Em grande medida, trata-se de uma escrita que parte de uma posição de observação externa, mais voltada à arquibancada, à memória, à mitologia e ao comentário do que ao jogo em sua realização concreta. Nessas narrativas, o futebol atua menos como ação e mais como força simbólica capaz de organizar relações, afetos e exclusões. Tal distanciamento não decorre exclusivamente de escolhas estéticas, mas se inscreve também em uma longa história de exclusão simbólica e social do futebol enquanto espaço legitimado de participação feminina.

AQUI, PRÁTICA-SE FUTEBÓIS – RACHEL DE QUEIROZ, ADRIANA LISBOA E ANA MARÍA SHUA

“Amistoso”, de Rachel de Queiroz

No conto “Amistoso”, de Rachel de Queiroz, narrado por uma voz que se apresenta como testemunha dos acontecimentos, o futebol configura-se de modo exemplar como *demanda intrínseca*, nos termos propostos por Edônio Alves Nascimento, uma vez que o jogo não apenas motiva a narrativa, mas estrutura integralmente o espaço e a dinâmica dos conflitos. A partida é encenada e organiza a progressão das ações do início ao fim, determinando a presença das personagens, o ritmo dos acontecimentos e o desfecho violento do enredo. A retórica inicial da civilidade – “Flores e palmas, discursos, garrafas de cerveja, e os cartolas, que se distinguem dos demais presentes pelos bonitos ternos domingueiros, gravatas, chapéus de seda, como convém a legítimos paredros”²¹ – rapidamente se converte em pancadaria.

²⁰ DAMO. *Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política*, 2019, p. 37-66.

²¹ QUEIROZ. *Amistoso*, p. 47.

O jogo se passa em um espaço de várzea, em “campo aberto, sem possibilidades de bilheteria”, situado “numa baixada”, onde “sempre que chove apresenta o aspecto de um prato fundo cheio d’água – e quando não é água é lama”.²² Longe de constituir uma prática esportiva regulada, a partida configura-se como ritual de afirmação de força, virilidade e dominação. A ausência de mulheres não é casual, mas estrutural. O espaço do jogo é inteiramente ocupado por homens – jogadores, dirigentes, torcedores, policiais –, e a mulher surge apenas de forma indireta e sintomática no episódio da denúncia contra Bira por violência sexual, em que ela aparece reduzida à condição de “certa donzela que deixara de o ser por artes do craque”. Depois do ato, Bira se escondeu e só reapareceu em público atendendo a apelos da torcida, por se tratar de um “amistoso importantíssimo”. Mas a polícia, “que não tem bandeira”, aproveitou a ocasião e lhe deu voz de prisão: “esteje preso”.²³

A irrupção da polícia no segundo tempo não interrompe apenas a partida: ela expõe a continuidade entre a brutalidade do jogo e a violência social que o excede. Quando Bira é arrastado campo afora, instala-se um “sururu dos diabos”: a torcida vaia os visitantes, que, encostados à cerca e tomando refrigerante, passam a ser atingidos não apenas por insultos, mas também por “pedaços de pau e tijolo”. Eles revendam com as próprias garrafas, o conflito se generaliza, os policiais largam o preso e se envolvem na briga, até que os visitantes conseguem fugir em um caminhão. “O que sei é que, quando os locais deram pela coisa, os inimigos já partiam numa nuvem de poeira”, abandonando um de seus manda-chuvas, “malferido, com o sangue escorrendo do nariz e o belo terno roto”,²⁴ testemunha a voz da narrativa.

O jogo encenado em “Amistoso” inscreve-se plenamente no campo dos *futebóis*, não como versão menor ou residual do esporte, mas como prática dotada de lógica própria, códigos específicos e densidade simbólica. Trata-se de um futebol situado fora do circuito do espetáculo, mas central na organização de sociabilidades masculinas populares. Desse modo, pode-se inferir que Rachel de Queiroz não narra simplesmente uma partida que sai do controle, mas uma partida que se realiza plenamente enquanto espetáculo da força. O conto revela, assim, que mesmo práticas

²² QUEIROZ. Amistoso, p. 47.

²³ QUEIROZ. Amistoso, p. 49.

²⁴ QUEIROZ. Amistoso, p. 49.

não hegemônicas podem reproduzir hierarquias simbólicas arraigadas, sobretudo no que se refere à incorporação da violência como valor estruturante.

Em “Amistoso”, a dimensão plural do futebol é atravessada por uma lógica de interdição do feminino: embora o jogo se inscreva no universo dos *futebóis* populares, mantém-se rigidamente masculino, revelando que a diversidade das práticas não implica, necessariamente, diversidade de gênero. Ao final, o campo alagado, vazio e coberto de restos – flores, lama, sangue – sintetiza essa dinâmica: um território interditado às mulheres, condição já inscrita na própria trama do jogo.

“Fútbol era el de antes”, de Ana María Shua

No conto “Fútbol era el de antes”, de Ana María Shua, o jogo também se configura como *demanda intrínseca*, nos termos propostos neste estudo, uma vez que o jogo estrutura materialmente a ação narrativa e organiza o conjunto de relações em cena. Diferentemente de “Amistoso”, porém, o futebol não aparece como prática masculina adulta marcada pela violência física aberta, mas como experiência infantil e feminina atravessada por vigilância e controle.

Mesmo em um contexto aparentemente inclusivo – meninas de nove ou dez anos jogando futsal –, reproduzem-se as hierarquias e os códigos do futebol masculino. Os gritos da arquibancada, proferidos majoritariamente por pais, reproduzem a lógica da competição viril, projetando sobre corpos infantis expectativas de rendimento, agressividade e obediência: “¡Espalda, animal! ¡Cuántas veces te dije! ¡La espalda, bolú!”.²⁵ A violência verbal atravessa toda a cena, naturalizada como parte constitutiva da experiência esportiva.

O jogo acontece – um torneio intercolegial de futsal feminino –, mas sob condições estritas de mediação adulta, que delimitam quem pode jogar, quem pode falar e em que termos a prática se legitima. O conto é narrado, do alabrado, pela mãe da árbitra e tem como interlocutora a mãe de uma das meninas que jogam, cuja voz passa a relatar uma surpreendente história.

²⁵ SHUA. Fútbol era el de antes, p. 38.

Busqué un lugar en las gradas donde la gente estuviera tranquila, usted no se puede imaginar cómo se ponen locos los padres en una situación así [...].

Un poco apartada de los demás, vi a una mamá jovencita [...].

— Se ve que sos de las mías – le dije. Seguro que no entendés nada.

— No creas – me contestó. Entiendo, pero me lo tomo con calma.

— ¿Juega tu nena?

— Sí, mirá, es esa morochita con la cola de caballo [...].

— Mi hija es el árbitro – le dije muy orgullosa.²⁶

No intervalo do jogo, o conto radicaliza essa lógica por meio da história de Antonella, amiga de infância da mãe da menina que joga, que é quem narra o episódio:

— El padre de Antonella era terrible. Estaba empeñado en que la chica fuera una gran jugadora. Como animal que era, lo quería conseguir a los gritos. La mandaba a escuelita de fútbol tres veces por semana, pero además en la casa la entrenaba a su manera, la obligaba a hacer ejercicios que había inventado y la hacía correr en la plaza con pesas en los tobillos para fortalecer los cuádriceps. Antonella no rendía en clase, le iba mal en todo. Se quedaba dormida. Estaba siempre triste, decaída. Ella lo adoraba a su papá y se desvivía por jugar lo mejor posible. [...]

En la escuela era de las que jugaban mejor y la nombraron capitana del equipo, pero el padre no le tenía ningún respeto al fútbol cinco, decía que era para minas y maricones, él quería que su hija jugara fútbol de verdad.²⁷

Aos poucos, porém, a história revela sua dimensão mais íntima: Antonella é, na verdade, o atual marido dessa mulher, que, após a transição, tornou-se Antonio – e a filha que joga é adotada. O desprezo do pai de Antonella/Antonio pelo futsal – considerado “*para minas y maricones*” – e sua insistência em que a filha jogasse “*fútbol de verdad*” revelam uma hierarquização interna entre práticas futebolísticas, atravessada por gênero. O pai não desqualifica apenas uma modalidade esportiva, mas associa legitimidade ao modelo masculino do futebol e o projeta sobre a filha.

A tentativa de profissionalização, longe de representar ascensão ou emancipação, culmina em um processo extremo de adequação identitária. Frustrada na “pe-neira” para o River e incapaz de corresponder ao ideal paterno como jogadora, Antonella decide submeter-se à cirurgia de redesignação, movida também pela convicção – explicitada no relato – de que apenas tornando-se o “*hijo varón*”²⁸ desejado poderia conquistar o amor do pai.

²⁶ SHUA. Fútbol era el de antes, p. 35-7.

²⁷ SHUA. Fútbol era el de antes, p. 39-40.

²⁸ SHUA. Fútbol era el de antes, p. 43.

Em “Fútbol era el de antes”, Ana María Shua constrói, então, uma crítica mordaz à ideia de que a presença das mulheres no campo represente inclusão efetiva. O “antes” do título não remete à nostalgia, mas à persistência de estruturas de exclusão que atravessam diferentes momentos históricos. Assim como em “Amistoso”, de Rachel de Queiroz, o futebol não fracassa enquanto prática social; ele se realiza plenamente – aqui, não como espetáculo da força física, mas como dispositivo de controle e normalização dos comportamentos –, mostrando que a pluralidade dos *futebóis*, mais uma vez, não garante, por si só, a inclusão das mulheres em condições de igualdade.

“O sucesso”, de Adriana Lisboa

O conto “O sucesso”, de Adriana Lisboa, é conduzido por uma voz em terceira pessoa, com foco próximo às personagens, que acompanha, com discreta ironia e marcante sensorialidade, a experiência de duas meninas de doze anos na rua em um domingo de verão no Rio de Janeiro. Trata-se de uma voz que não observa o futebol à distância, como em “Amistoso”, nem o enquadra por mediações institucionais, como em “Fútbol era el de antes”, mas se instala no interior da experiência infantil, articulando corpo, desejo e frustração.

A prática futebolística ocorre na rua, espaço tradicionalmente associado, no imaginário brasileiro, ao futebol inaugural e espontâneo. Contudo, a rua de paralelepípedos, “longe de ser o palco ideal para uma demonstração de intimidade com a bola”, evidencia que esse espaço não é neutro nem igualmente acessível. As meninas “faziam o possível”,²⁹ mas o texto sublinha a instabilidade da prática e a fragilidade do pertencimento. O futebol surge, assim, como prática provisória, tolerada enquanto não desafia frontalmente a ordem de gênero.

Do ponto de vista das categorias propostas por Edônio Nascimento, “O sucesso” aproxima-se mais de uma *demand a intrínseca*, ainda que deslocada de seu modelo tradicional. O futebol não comparece apenas como meio relacional ou metáfora de aproximação, mas como prática concreta que estrutura o conflito central da narrativa. É a disputa pelo jogo – pela bola que circula na rua, pelo direito de ocupar

²⁹ LISBOA. O sucesso, p. 108.

o espaço e de participar da partida – que desencadeia a tensão entre as meninas e os meninos. A interdição masculina, materializada no gesto de apropriação e destruição da bola, não constitui um episódio lateral, mas o núcleo dramático que organiza o enredo. Joga-se bola, e é precisamente essa prática, atravessada por hierarquias de gênero, que confere forma e direção à narrativa.

Nesse sentido, “O sucesso” se distingue de “Amistoso”, em que o futebol se realiza plenamente como ritual masculino de força, e de “Fútbol era el de antes”, em que a prática feminina é rigidamente mediada por dispositivos de controle. Em Adriana Lisboa, as meninas efetivamente jogam, ainda que por um curto intervalo, mas o fazem sob uma condição implícita: o jogo só se mantém enquanto não interfere na lógica masculina de apropriação do espaço e do objeto central da prática – a bola.

A cena em que os dois garotos se encostam no poste de luz marca um deslocamento decisivo do futebol do plano lúdico para o plano performativo. As meninas passam a jogar não apenas com a bola, mas com o olhar, o riso e a postura: “peitos se estufaram para parecer mais desenvolvidos do que eram”, e as risadas tornam-se “pura estratégia experimental de sedução”.³⁰ O futebol converte-se em linguagem corporal e relacional, articulando desejo, expectativa e autoimagem. Joga-se para ser vista.

O momento em que os meninos tomam a bola e vão embora condensa, de forma exemplar, a disputa pelo poder que atravessa o futebol desde a infância. “O que eles fizeram, numa surpreendente desenvoltura e nenhuma timidez, foi agarrar a bola e sair em disparada ladeira abaixo. [...] Eles levaram a bola”.³¹ Mais do que interromper a brincadeira, o gesto redefine quem detém a autoridade sobre o jogo. Diferentemente da violência aberta de “Amistoso” ou da vigilância sistemática em “Fútbol era el de antes”, aqui a exclusão se opera por meio de um gesto simples, cotidiano e silencioso – justamente por isso, profundamente eficaz dentro da lógica hegemônica do jogo.

Sob a perspectiva dos *futebóis*, conforme formulada por Arlei Damo, “O sucesso” encena um futebol de rua, infantil e não institucionalizado. Esse deslocamento, porém, não implica superação das hierarquias. A informalidade não dissolve

³⁰ LISBOA. O sucesso, p. 108.

³¹ LISBOA. O sucesso, p. 109.

a disputa por controle; ao contrário, torna-a mais difusa e menos visível. Mesmo nesse espaço, o controle da bola – isto é, das condições materiais do jogo – define quem pode jogar e por quanto tempo.

Se, em Rachel de Queiroz, o futebol se realiza como espetáculo da força masculina e, em Ana María Shua, como dispositivo de vigilância e normalização, em Adriana Lisboa ele aparece como promessa frustrada de pertencimento. Da infância à instituição, o futebol organiza modos distintos de regular a presença feminina.

Em “O sucesso”, o conflito não se organiza pela exibição da força, à maneira de “Amistoso”, nem pela imposição de regras, característica de “Fútbol era el de antes”, mas pela retirada súbita da possibilidade de continuidade. Afinal, o gesto decisivo em Adriana Lisboa não é o chute, mas a retirada da bola. Assim, o conto expõe com precisão os mecanismos precoces pelos quais o futebol, mesmo em suas formas mais ordinárias, reproduz e naturaliza as desigualdades de gênero. Mais do que cenário, a rua emerge como o primeiro espaço em que se aprende quem joga e quem é impedido de jogar.

LAS MUJERES DE LA TRIBUNA: ESTAR, SIEMPRE – SELVA ALMADA E ESTHER CROSS

“La camaradería del deporte”, de Selva Almada

Na seção de entrevistas da coletânea *Por amor a la pelota* (2014), da qual participa com o conto “La camaradería del deporte”, Selva Almada declara, de forma enfática, não gostar de futebol. Ao rememorar a infância, associa esse distanciamento à presença absorvente do esporte na vida do pai – jogador, treinador de liga infantil e preparador físico em categorias superiores – cuja dedicação constante ao futebol implicava ausências reiteradas no convívio doméstico. “[...] *Así que no tengo buenos recuerdos del fútbol: durante toda mi infancia fue eso que me robaba a mi padre. [...] No me gusta el fútbol, no lo entiendo, no me interesa en lo más mínimo*”.³²

³² ALMADA. Entrevista, 2014, s/p.

Essa declaração não funciona como simples anedota biográfica, mas como chave de leitura. O futebol, para Almada, não é espaço de fascínio, mas de perda; não é partilha afetiva, mas instância de subtração. Ainda assim – ou precisamente por isso – sua escrita retorna ao universo futebolístico para deslocá-lo. Se a autora recusa o encantamento técnico ou espetacular do jogo, interessa-lhe, antes, aquilo que o circunda: as formas de pertencimento, os vínculos e as hierarquias que o esporte organiza fora das quatro linhas.

Nos contos reunidos neste segundo eixo, o futebol não comparece como prática esportiva em si, mas como instância relacional que opera para além do campo. Trata-se, nos termos de Edônio Nascimento, de uma configuração de *demand extrínseca*: o jogo não estrutura a ação narrativa pelo desenrolar da partida, mas pelo modo como incide sobre afetos, posições sociais e disputas simbólicas. É sob essa perspectiva que se articulam “La camaradería del deporte”, de Selva Almada, e “Matosas”, de Esther Cross. Em ambos, a cena futebolística é lateral e, ainda assim, decisiva. O foco recai sobre a mulher situada na arquibancada – torcedora, observadora. O que se encena não é a performance atlética, mas a performance do torcer; não o gol, mas o estar. Sempre.

Em “La camaradería del deporte”, a experiência do futebol chega ao leitor mediada pela fala das trabalhadoras. A maior parte do conto se constrói a partir do diálogo entre Laura e Mariana – e, depois, entre elas e as colegas do frigorífico –, em deslocamentos, intervalos e pausas do trabalho. A cena da arquibancada não é narrada por um observador externo nem acompanhada diretamente: ela é recontada, no espaço fabril, por quem esteve no jogo; todas torcem para o Unión de Paraná.

O conto se organiza a partir do deslocamento para o frigorífico, do ônibus na madrugada, do controle rigoroso de horários e da vigilância constante do supervisor. Antes de qualquer cena de arquibancada, o futebol já está presente como linguagem cotidiana: surge como assunto de conversa – “¿Cómo estuvo el partido?” –, como frustração compartilhada – “no les pudimos meter ni un solo gol” – e como descarga afetiva após jornadas exaustivas.

Nesse universo, o corpo feminino não é apenas signo ou metáfora: é corpo que trabalha, que se desgasta, que *“mete la mano”*, que sente *“la blandura tibia de las vísceras”* atravessar o látex.³³ Como no clássico futebol de várzea, em *“La camaradería del deporte”* o jogo não se autonomiza como espetáculo: ele prolonga a vida ordinária e se mistura à dureza do trabalho. As torcedoras de Selva Almada afirmam-se por uma presença excessiva e vigilante, na qual o excesso não se configura como desvio, mas como condição de pertencimento: para estar no futebol, é preciso estar demais.

É no relato das torcidas que essa lógica se radicaliza. As chamadas *“Rusitas”* (*“Russinhas”*), esposas, namoradas e irmãs dos jogadores do rival Defensores de Bovril, emergem na narrativa pela voz de Alta, que recompõe a cena para as colegas durante o intervalo de trabalho. A arquibancada surge filtrada pelo riso e pelo exagero característicos do relato oral. Diz-se que as torcedoras rivais acompanham o Bovril porque temem que seus homens *“se metan con una de Paraná”* e, por isso, seguem o time a todos os jogos, sempre *“a la defensiva”*.³⁴

Essa motivação aparece de forma cristalina na passagem do conto em que, segundo a Alta, elas teriam entrado em campo para *“dejarles bien clarito a las paranaenses que los botines de Bovril tienen quien los lustre”*.³⁵ A frase não expressa apenas um desejo hipotético, mas condensa a lógica que estrutura essa torcida. A mulher não entra em campo para jogar, mas por meio das chuteiras lustradas de quem joga. Torcer, nesse contexto, é servir, manter, garantir que o homem possa seguir jogando – e, simultaneamente, permanecer sob controle. Veja como a torcedora do Unión ridiculariza a performance das torcedoras adversárias:

— *Resulta que las gringas taradas estas se vinieron todas vestidas iguales, de shorcito y remerita ajustada, tipo Las Diablitas, ¿me cazás?, pero con treinta kilos más cada una. Todas de verde. Se habían inventado cantitos y todo. Un cago de risa. [...] Y enfrente las Rusitas que ‘dame la D, te doy la E, y te pido la F’ y la concha de su madre.*³⁶

³³ ALMADA. *La camaradería del deporte*, s/p.

³⁴ ALMADA. *La camaradería del deporte*, s/p.

³⁵ ALMADA. *La camaradería del deporte*, s/p.

³⁶ ALMADA. *La camaradería del deporte*, s/p.

O excesso corporal das torcedoras – inclusive o sobrepeso mencionado – pode ser entendido como força, não como desvio. As mulheres do Bovril têm um corpo habituado ao trabalho duro do campo, com “*aguante para rato*”.³⁷ Ainda assim, o excesso não rompe a hierarquia: ele a reforça, deslocando para a arquibancada a mesma lógica de esforço, resistência e serviço que organiza tanto o trabalho quanto a vida doméstica.

O conto de Selva Almada condensa, em chave grotesca e hiperbólica, aquilo que estrutura o torcer feminino nesses contextos: a visibilidade corporal excessiva, a uniformização performática, a ocupação sonora e visual da arquibancada como estratégia de afirmação e disputa simbólica. O torcer assume a função de prática social total: grita-se mais alto, permanece-se mais tempo, acompanha-se sempre, vigia-se, cuida-se e sustenta-se o jogo desde fora.

Essa forma de ocupação da arquibancada, construída no conto como relato coletivo, dialoga com o que os estudos recentes apontam sobre a atuação das mulheres no futebol fora das instâncias oficiais.³⁸ Nesse sentido, a presença feminina na torcida raramente se converte em reconhecimento estável, evidenciando que a autenticidade torcedora feminina é permanentemente objeto de disputa, exigindo performances, excessos e negociações contínuas em um espaço organizado por hierarquias de gênero.

O episódio final protagonizado pela travesti Shakira intensifica os ânimos ao introduzir uma breve ruptura na ordem da arquibancada. Ao ocupar o centro da cena com um corpo dissidente e excessivo, a personagem interrompe a dinâmica previsível da torcida, produzindo uma fissura breve, porém reveladora, no regime simbólico que organiza o torcer. Nesse sentido, o grito “*Bovril, haceme un hijo*” (“Bovril, me faz um filho”) radicaliza o conflito ao converter a disputa e o ciúme em gesto público de provocação. Aqui, o futebol não integra: ele expõe, tensiona e permite subversões precárias, como sugere o próprio narrador ao observar que “*si no hubiese aparecido la Shakira, probablemente todo no habría pasado de una andanada de insultos de una tribuna a la otra y algún empujón en el baño de mujeres*”.³⁹

³⁷ ALMADA. La camaradería del deporte, s/p.

³⁸ MARTINS; DELARMELENA; SILVA. Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática, 2022, p. 70-91.

³⁹ ALMADA. La camaradería del deporte, s/p.

Em Almada, contudo, o conto sugere algo ainda mais incômodo: essa presença excessiva, longe de desestabilizar necessariamente a ordem do futebol, muitas vezes contribui para reafirmá-la, na medida em que garante que os homens permaneçam no centro do jogo, enquanto elas próprias ocupam o lado de fora – gritando, brigando, vigiando e lustrando chuteiras.

“Matosas”, de Esther Cross

No conto “Matosas”, de Esther Cross, o futebol não se realiza como prática esportiva, mas como campo simbólico ocupado por um corpo feminino excessivo, reiteradamente exposto, nomeado e reconhecido. Desde o início, a narradora afirma sua posição mediadora e constrói a personagem inteiramente a partir do que se diz sobre ela: diziam na rádio, mostravam na televisão, “*todos la conocían*”,⁴⁰ todos sabiam de “La Gorda Matosas”. Não há acesso direto à personagem; há, desde a primeira linha, a explicitação de uma mediação discursiva constitutiva.

Trata-se de Haydée Luján Martínez (1933-1996), conhecida como “La Gorda Matosas”, torcedora histórica do River Plate, figura real do futebol argentino cuja notoriedade se construiu inteiramente fora do campo de jogo. O gesto fundador da narrativa – a entrega pública da camisa número 6, nos anos 1960, por Roberto Matosas, então jogador do River, a Haydée Luján Martínez – não se configura como uma doação íntima ou personalizada, mas como um episódio que passa a ser reiterado e reinterpretado. Haydée Martínez cede lugar à Gorda Matosas, figura pública que “*había absorbido el nombre*” do jogador e se tornara “*más famosa que él*”.⁴¹ É desse acontecimento que deriva o apelido da torcedora e que a consolida simbolicamente como suporte da camisa alvirrubra, como diz o taxista no conto:

— *Y la gordita se lo baja al rival. Les hace señas de pito corto – dijo el remisero, haciendo la mímica. Cuando le cantaban “La Gorda, la Gorda, la Gorda adónde está / la busca San Lorenzo para cogérsela”, no llamaba a la policía ni a Defensa de la Víctima, como harían esas huecas, se paraba en el borde de la tribuna y se cacheteaba las nalgas, desafiante. Qué maestra. Durante años fue la encargada de largar los chanchos en el césped, cuando jugábamos con los ídem. Es una gran tipa, una gran hincha y una gran gorda.*⁴²

⁴⁰ CROSS. Matosas, p. 25.

⁴¹ CROSS. Matosas, p. 22.

⁴² CROSS. Matosas, p. 27.

Matosas torna-se personagem não por entrar em campo, mas porque é exibida, porque sua performance circula, porque sua imagem e seus gestos disruptivos passam a funcionar como signos públicos, visíveis, repetíveis e memoráveis. Nos termos de Edônio Nascimento, “Matosas”, além de se inscrever no regime da *demanda extrínseca*, quando o jogo opera fora do campo, mediado por falas, relatos e imagens, configura-se também como uma narrativa de *demanda híbrida*, uma vez que a mídia (rádio, televisão, revista e fotografia) é decisiva para a construção da personagem. A imprensa não apenas difunde Matosas – ela a constitui.

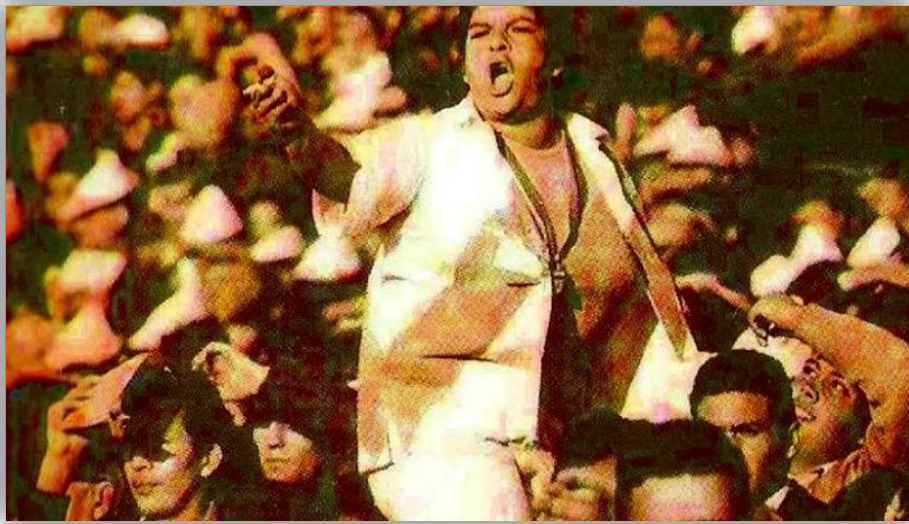


Fig. 3 - Haydée Matosas, torcedora-símbolo do River Plate e do futebol argentino. Imagem: UOL.

A narrativa toda se passa em um hospital, espaço de imobilidade que intensifica a circulação das vozes – a enfermeira, o taxista, o aposentado, o acompanhante –, as quais recompõem coletivamente a figura de Matosas. O futebol emerge ali como fala que ocupa o tempo, organiza vínculos e produz pertencimento. A cena não se constrói por observação direta, mas por acúmulo de relatos, lembranças e versões, reforçando o estatuto discursivo da personagem, ali internada: “*Oímos una puteada [palavrão] proveniente del fondo del pasillo. — Es la Gorda Matosas – dijo Silvia. Está en el cuarto del fondo. No me digan que no sabían*”.⁴³ Mesmo no hospital, o futebol persiste. A sala de espera funciona como arquibancada; a conversa gira em torno da Libertadores, dos ídolos, das façanhas de Matosas. Aqui, morrer não é sair do jogo.

⁴³ CROSS. Matosas, p. 20.

A enfermeira Silvia conta que, há três meses, com os pulmões já comprometidos, a Gorda foi ao Chile acompanhar o River. Voltou em estado grave, foi internada, mas fugiu do hospital para assistir ao jogo de desempate no Monumental. Os pulmões estavam arruinados, mas, no dia seguinte à conquista da Libertadores, ela parecia outra. A vitória produz um efeito vital que suspende provisoriamente a doença: “*Y ahora la mantiene viva la obsesión de volver al Monumental*”.⁴⁴

No entanto, o corpo impõe o limite que o futebol parecia adiar: “*Esta mañana el doctor Leiva me dijo: ‘Silvia, desgraciadamente, Matosas no va a volver al Monumental’. Pero la Gorda pidió que tiren sus cenizas en el estadio, así que va a volver*”.⁴⁵ Ou seja, não voltaria mais em vida ao estádio.

O desejo concretizado de Matosas, confirmado fora da ficção pela circulação midiática de sua história, reforça o estatuto que o conto de Esther Cross lhe atribui: uma presença que se inscreve no jogo pela memória coletiva, convertendo a morte em gesto final de pertencimento. Haydée Martínez, transformada em La Gorda Matosas, permanece como símbolo notório do River. Seu último desejo resume sua vida: pediu para ser cremada e que suas cinzas fossem espalhadas pelo gramado do estádio. A morte não interrompeu a presença; ela a fixou. O fechamento do conto por meio da frase “*Dios la tenga en la cancha*”⁴⁶ desloca o sagrado para o futebol e reinscreve a mulher no espaço que lhe foi historicamente negado. Mesmo após a morte, a lógica da presença persiste.

A comparação entre “Matosas”, de Cross, e “La camaradería del deporte”, de Almada, evidencia dois modos complementares de ocupação feminina do futebol. No primeiro, a mulher entra no jogo pela memória, pela repetição e pela circulação discursiva: a Gorda é corpo-signo, mito oral, personagem pública. Já no segundo, a mulher entra pelo corpo que trabalha, vigia e disputa a arquibancada. Em ambos os casos, confirma-se o eixo central deste estudo: a mulher se legitima no futebol pelo excesso – simbólico ou corporal – que a torna incontornável.

⁴⁴ CROSS. Matosas, p. 21.

⁴⁵ CROSS. Matosas, p. 29.

⁴⁶ CROSS. Matosas, p. 29.

Se, em Selva Almada, o excesso se manifesta pela presença corporal insistente e pela vigilância cotidiana na arquibancada, em Cross ele se radicaliza pela conjugação entre corpo e discurso (e pelos “palavrões”), fazendo de Matosas um corpo-signo, constantemente reiterado pela mídia, pela memória coletiva e pela circulação narrativa. Nascida na década de 1930, criada em um contexto histórico no qual a prática do futebol era formal e simbolicamente interdita às mulheres, Matosas ocupa o futebol como torcedora. Como o conto insiste em mostrar, Matosas existe enquanto é contada.

Esses contos demonstram que, na literatura escrita por mulheres, o futebol não precisa ocupar o centro da ação para constituir o núcleo da narrativa. Ao permanecer fora do campo, ele revela com maior nitidez suas estruturas de legitimação e, simultaneamente, as brechas pelas quais corpos femininos e dissidentes se inscrevem no imaginário futebolístico. A Gordá Matosas não entra em campo; as operárias de Selva Almada tampouco. Ainda assim, em ambos os casos, o campo não existe sem elas.

ENFIM, ENTRAMOS NO JOGO

correr pelo campo me faz
humana repentista jogadora
[...]
hoje escrever ginga
mulher também assina
gol e tem nome inscrito
em caixa alta na camisa.

“Profissões para mulheres & outros esportes feministas”, Tatiana Pequeno.

A análise dos cinco contos sobre futebol escritos pelas autoras brasileiras Rachel de Queiroz e Adriana Lisboa e pelas autoras argentinas Anna María Shua, Selva Almada e Esther Cross evidencia que o jogo, encenado e/ou deslocado para fora do campo, opera sobretudo como uma linguagem que organiza relações de poder, pertencimento e exclusão.

As categorias propostas por Edônio Nascimento – *demandas intrínsecas, extrínsecas e híbridas* – permitiram realizar uma primeira aproximação a este *corpus*, procurando observar os modos de presença do futebol nas narrativas. Observa-se

que, nos contos, mesmo quando o jogo acontece, ele se mantém atravessado por outras variáveis, como vigilância, controle e assimetrias de gênero. Quando não acontece, continua a estruturar afetos, rotinas, discursos e conflitos, a partir de posições femininas situadas em outras zonas do jogo.

Nesse movimento, os contos analisados, em sua maioria, encenam outros *futebóis*, tal como proposto por Arlei Damo, para quem o uso do termo no plural constitui um deslocamento epistemológico e político capaz de dar visibilidade à diversidade de práticas, experiências e sentidos historicamente subordinados ao modelo espetacular, institucional e midiático do futebol. Trata-se de *futebóis* vividos na várzea, na infância, no trabalho, na torcida, na memória e na circulação discursiva, nos quais o jogo se manifesta como experiência social, atravessada por gênero, classe, corpo e afetos.⁴⁷

Nesse sentido, os contos analisados não apenas refletem a histórica interdição da participação feminina no universo futebolístico, mas a reinscrevem criticamente no plano da forma narrativa, evidenciando que a exclusão das mulheres do campo não implica ausência de protagonismo. Em “Amistoso”, “Fútbol era el de antes” e “O sucesso”, o jogo se realiza como experiência corporal atravessada por violência, disciplina ou exclusão. Já em “La camaradería del deporte” e “Matosas”, o futebol não é jogado, mas contado, escutado, repetido e disputado simbolicamente – seja pela oralidade operária, seja pela mediação da mídia. Em todos os casos, as mulheres não conquistam legitimidade institucional no futebol; ainda assim, tornam-se incontornáveis ao ocupar seus discursos, seus rituais e suas margens.

É nesse ponto que as indagações formuladas por Silvana Goellner ganham pleno sentido para a leitura literária aqui proposta: por que a presença das mulheres no futebol incomoda tanto?

O que elas desestabilizam? Que discursos fissuram? Por que precisam ser negligenciadas ou sub-representadas nesse campo? Que espectros evocam? [...] Não há outra razão para tal ostracismo senão o fato de que a presença das mulheres no futebol destitui poderes, inclusive daqueles que se julgam autorizados a dizer o que elas podem ou não vivenciar dentro da modalidade.⁴⁸

⁴⁷ DAMO. *Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política*, 2019, p. 37-66

⁴⁸ GOELLNER. Apresentação de *Mulheres na área*, 2016, p. 14-5.

Os contos analisados sugerem que o incômodo não reside apenas na ocupação do campo, mas na apropriação dos sentidos do jogo. Ao narrar o futebol como espetáculo da violência masculina, em Rachel de Queiroz; como dispositivo de vigilância e normalização dos corpos, em Ana María Shua; como promessa frustrada de pertencimento atravessada pela assimetria, em Adriana Lisboa; como linguagem social mediada pelo trabalho e pelo excesso, em Selva Almada; e como memória discursiva e mito produzido fora do campo, em Esther Cross, essas autoras fissuram o *status quo* não pela tomada do centro do jogo, mas pelo deslocamento, operando precisamente no espaço em que a pluralidade dos *futebóis* desafia a naturalização de um jogo único.

Assim, mais do que tematizar o futebol, essas narrativas expõem seus limites simbólicos e revelam as condições históricas que regulam quem pode jogar, torcer, narrar e pertencer. O campo, afinal, ainda permanece, em grande medida, interdito; mas, ao ser narrado, já não permanece em silêncio.

* * *

Para Tatiana Pequeno

REFERÊNCIAS

Literatura primária

ALMADA, Selva. Off side. PIÑEIRO, Claudia. (Org.). **Las dueñas de la pelota: cuentos de fútbol escritos por mujeres**. Buenos Aires: El Ateneo, 2014, p. 99-114.

ALMADA, Selva. La camaradería del deporte. STEIN, Shawn; CAMPISI, Nicolás. (Orgs.). **Por amor a la pelota**: once cracks de la ficción futbolera. Edição do Kindle. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2014.

COSTA, Flávio Moreira da. (Org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CROSS, Esther. Matosas. PIÑEIRO, Claudia. (Org.). **Las dueñas de la pelota**: cuentos de fútbol escritos por mujeres. Buenos Aires: El Ateneo, 2014, p. 17-29.

LIMA, João Gabriel de. (Org.). **Bravo! Literatura e futebol**. Projeto gráfico: Klaus Bernhoeft. Ilustração: Ricardo Soares. São Paulo: Ed. Abril, 2010.

LISBOA, Adriana. O sucesso. RUFFATO, Luiz. (Org.). **Entre as quatro linhas**. São Paulo: Editora DSOP, 2013, p. 105-11.

MARTINS, Anna Maria. Escanteio. COSTA, Flávio Moreira da. (Org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 159-161.

MONTENEGRO, Tércia. Quatro linhas. RUFFATO, Luiz. (Org.). **Entre as quatro linhas**. São Paulo: Editora DSOP, 2013, p. 117-124.

PIÑEIRO, Claudia. (Org.). **Las dueñas de la pelota**: cuentos de fútbol escritos por mujeres. Buenos Aires: El Ateneo, 2014.

QUEIROZ, Rachel. Amistoso. COSTA, Flávio Moreira da. (Org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 47-9.

RUFFATO, Luiz. (Org.). **Entre as quatro linhas**: contos sobre futebol. São Paulo: Editora DSOP, 2013.

SHUA. Fútbol era el de antes. PIÑEIRO, Claudia. (Org.). **Las dueñas de la pelota**: cuentos de fútbol escritos por mujeres. Buenos Aires: El Ateneo, 2014, p. 31-45.

STEEN. Que horas são. COSTA, Flávio Moreira da. (Org.). **22 contistas em campo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 141-145.

STEIN, Shawn; CAMPISI, Nicolás. (Orgs.). **Por amor a la pelota**: once cracks de la ficción futbolera. Edição do Kindle. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2014.

Geral

ALMADA, Selva. Entrevista con Selva Almada. STEIN, Shawn; CAMPISI, Nicolás. (Orgs.). **Por amor a la pelota**: once cracks de la ficción futbolera. Edição do Kindle. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2014.

BRANCO, Priscila Nogueira. *Mulheres que editam*: um livro fundamental para a pesquisa em literatura e edição. **Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v.15, n. 30, p. 1-4, 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Decreto-Lei n. 3199 de 14 abr. 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília/DF, 1941.

DAMO, Arlei. Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2019.

GOELLNER, Silvana. Apresentação. In: KESSLER, Cláudia (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: UFRGS, 2016, p. 13-5.

GOELLNER, Silvana. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**. Niterói, v. 19, n. 34, p. 45-52, 2013.

GOELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Contos de futebol escritos por mulheres: *Entre as quatro linhas*, de Luiz Ruffato. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 134-8, 2019.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Inventariar contos sobre futebol: o estrangeiro e a mulher nas antologias brasileiras. **Aletria**, v. 26, n. 3, p. 87-121, 2017.

INFOBAETV. Entrevista: Gabriela Saidon; Gabriela Cabezón Cámara, autoras del libro *Las dueñas de la pelota*. YouTube, 2014, 16 min. Disponível em: <https://bit.ly/4f8eyr6>.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELINA, Gabriela; SILVA, Kerzia. Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, v. 7, n. 2, p. 70-91, 2022.

MELCHIORETTO, Albio Fabian; AUMOND, Juarês José. As mulheres do Concórdia: vozes e torcida no futebol de várzea. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, v. 7, n. 2, p. 8-25, 2022.

NASCIMENTO, Edônio Alves. **A esfera como metáfora**: representações do futebol no campo da literatura. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

OLASAGASTI, Ezequiel. Claudia Piñeiro en escritoras que salen con los tapones de punta. **CnE**, 28 febrero, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/4ijVHfh>.

PEQUENO, Tatiana. Profissões para mulheres & outros esportes feministas. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 8, n. 2, p. 242-4, 2023.

ROUGE. *Las dueñas de la pelota*, 13 jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3ZytKJn>.

SERVADIO, Nathália; ALTMANN, Helena. Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas/SP. **FuLiA/UFMG**, v. 8, n. 3, p. 82-116, 2023. Acesso em 21 jan. 2026.

UOL (portal). A louca história de Haydée Matosas, torcedora que mudou o futebol argentino, 2023, s/p. Disponível em: <https://bit.ly/3Nv3FaC>. Acesso em 21 jan. 2026.

* * *

Recebido em: 21 jan. 2026
Aprovado em: 16 fev. 2026

Primórdio da Ginástica Artística no território espírito-santense: uma história contada por seus protagonistas

Beginning of Artistic Gymnastics in the Espírito Santo State:
a history told by its protagonists

Tharik Arnous Alves

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Doutorando em Educação Física, UFES
tharikalves117@gmail.com

Andrize Ramires Costa

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil
Doutora em Educação Física, UFSC

Mauricio dos Santos de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Doutor em Ciências, USP

RESUMO: Por meio da História Oral, buscamos compreender o primórdio da Ginástica Artística (GA) no Espírito Santo pelas vozes de seus protagonistas. A incorporação da Escola de Educação Física do Espírito Santo à Universidade Federal do Espírito Santo, em 1962, e a sua posterior transferência para o campus de Goiabeiras, em 1972, foram marcos decisivos. Nesse período, destaca-se o empenho do professor Eulier Fávaro Machado que especializou-se na GA, abrindo caminhos para o seu avanço, o qual contou com o apoio dos professores Luiz Curcio Allemand, José Christófari Frade e Maria Izabel Allemand que se destacaram no âmbito escolar e na massificação da modalidade no estado. Na vertente do alto rendimento, na década de 1980, coube aos técnicos Geraldo Cassimiro “Xampú” e Wilson Pinheiro de Carvalho Filho o pioneirismo de alçar novos voos. No decorrer do texto, além de celebrar o passado, valorizamos a história da modalidade e do esporte capixaba, bem como enalteçemos os seus protagonistas.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica Artística; História Oral; Espírito Santo; Universidade; Memória.

ABSTRACT: Based on Oral History, this study aims to elucidate the beginning of Artistic Gymnastics (AG) in the state of Espírito Santo through the voices of its protagonists. The incorporation of the School of Physical Education of Espírito Santo into the Federal University of Espírito Santo in 1962, and its subsequent relocation to the Goiabeiras campus in 1972, were decisive milestones. During this period, the dedication of professor Eulier Fávaro Machado stands out; specialized in AG, he paved the way for its advancement, supported by professors Luiz Curcio Allemand, José Christófari Frade, and Maria Izabel Allemand, who excelled in the school environment and in popularizing the sport statewide. In the realm of high-performance sport in the 1980s, coaches Geraldo Cassimiro “Xampú” and Wilson Pinheiro de Carvalho Filho were responsible for pioneering new horizons. Throughout the text, in addition to celebrating the past, we value the history of sport and gymnastics in Espírito Santo, as well as acknowledging its protagonists.

KEYWORDS: Artistic Gymnastics; Oral history; Espírito Santo; University; Memory.

INTRODUÇÃO

Nos Jogos Olímpicos de 2021, realizados em Tóquio no Japão, o hino do Brasil tocou pela primeira vez na premiação da Ginástica Artística (GA) para mulheres. Esse acontecimento inédito foi protagonizado pela ginasta Rebeca Andrade que se consagrou campeã na prova de salto. Na mesma edição olímpica, a atleta também logrou a prata no individual geral e se tornou a primeira brasileira a conquistar duas medalhas em uma mesma edição dos Jogos Olímpicos.¹ Essas conquistas, embora individuais, materializaram um trabalho em longo prazo feito na modalidade no Brasil. Trata-se de uma trajetória trilhada por muitas ginastas e treinadores, que foram apoiados por gestores, árbitros, familiares e entusiastas da modalidade espalhados por todo o país.

As ginastas Luísa Parente, Soraya Carvalho, Daniele Hypólito, Camila Comin, Daiane dos Santos, Laís Souza e Jade Barbosa são exemplos de atletas que pavimentaram o caminho trilhado por Rebeca Andrade rumo aos títulos mundiais e olímpicos. Mas, antes de todos esses ícones da modalidade, supracitados, devemos enaltecer outras mulheres que transpuseram muitas barreiras para que a geração atual pudesse praticar e representar o nosso país no cenário internacional. Publio (1998), ao percorrer a história da modalidade, menciona a ginasta Nilda Rosa, que foi a primeira campeã brasileira no ano de 1953.

A partir desse marco até a medalha de ouro olímpica, a GA para mulheres do Brasil passou por um desenvolvimento notório, o qual foi acompanhado pela categoria dos homens que também logrou seus melhores resultados nas primeiras décadas do século XXI.²

Bortoleto³ explica que, durante a década de 1990, foi possível observar que a GA do Brasil “passou a atrair um número maior de praticantes, de profissionais, técnicos estrangeiros, principalmente do leste europeu, permitindo o intercâmbio internacional de técnicos e atletas, conseqüentemente aumentando a qualidade do

¹ COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. *Relatório anual do cob*.

² OLIVEIRA; BORTOLETO. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008), p. 297-309. OLIVEIRA. O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. NUNOMURA, *et al.* Fundamentos da ginástica artística. In: NUNOMURA, M. *Fundamentos das ginásticas*.

³ BORTOLETO. O caráter objetivo e subjetivo da ginástica artística, p. 18.

trabalho realizado no Brasil”. Como consequência disso, Oliveira⁴ relata a progressão expressiva dos resultados competitivos internacionais, principalmente a partir de 2001, quando deixamos de ser um país participante para obter o status de favorito em alguns eventos do cenário internacional.

O olhar mais atento aos resultados conquistados mostra que as regiões sul e sudeste são polos da GA do Brasil, onde se concentram atletas, treinadores, árbitros e clubes de renome nacional. Podemos elencar como exemplos: o Minas Tênis Clubes, o Clube de Regatas do Flamengo, o Esporte Clube Pinheiros, a Associação de Ginástica Di Thiene de Pais, Sociedade de Ginástica Porto Alegre e o Grêmio Náutico União. Oliveira⁵ explica que a região sudeste, junto com o sul do país, possui tradição no desenvolvimento da modalidade, bem como uma melhor infraestrutura física e humana que favorece a participação e a aquisição de bons resultados competitivos.

Essa concentração de recursos materiais e humanos, no sul e sudeste, é indicativa do quão desigual é o desenvolvimento da modalidade no país. Isso significa que, qualitativamente e quantitativamente, as equipes, os atletas e os treinadores estão concentrados em poucos estados. E, mesmo na região sudeste, observamos disparidades, pois, enquanto os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro possuem representatividade e resultados na modalidade, o estado do Espírito Santo não aparece no quadro de medalhas das competições analisadas por Publio,⁶ bem como não possuiu ginastas nos eventos internacionais analisados pelo autor. Em busca de dados mais recentes, mais precisamente no sítio de internet da Confederação Brasileira de Ginástica,⁷ que disponibiliza dados a partir de 2017, observamos que nenhuma equipe capixaba participou dos Campeonatos Brasileiros na categoria adulta.

Esta falta de representatividade do Espírito Santo nos instiga a buscar informações junto aos protagonistas da GA capixaba, visto que, ao mesmo tempo em que o estado não está entre os medalhistas da categoria adulta analisada por Publio,⁸ o Espírito Santo se fez presente em momentos cruciais da modalidade, como

⁴ OLIVEIRA. O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008.

⁵ OLIVEIRA. O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008.

⁶ PUBLIO. *Evolução histórica da ginástica olímpica*.

⁷ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. *Resultados*.

⁸ PUBLIO, N. S. *Evolução histórica da ginástica olímpica*.

a fundação da Confederação Brasileira de Ginástica em 1978,⁹ por meio da Federação Desportiva Espírito-Santense. Dito isso, o objetivo dessa pesquisa consistiu em analisar o primórdio da GA no Espírito Santo. Como recorte metodológico, delimitamos o período da criação da Escola de Educação Física do Espírito Santo, em 1931, e o ano da fundação da Federação do Espírito Santo de Ginástica, em 1991. Trata-se de momentos que marcaram a cena esportiva capixaba e delimitam um período de informações escassas no âmbito gímnico espírito-santense.

EM BUSCA DAS FONTES ORAIS

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos o método de História Oral. Meihy e Holanda¹⁰ explicam que há três gêneros distintos de História Oral, os quais: história oral de vida; história oral temática; e tradição oral. No caso do nosso estudo, optamos pela História Oral temática, em sua vertente híbrida, na qual priorizamos a participação dos colaboradores no tema da pesquisa dialogando suas narrativas com outros documentos escritos.¹¹

Ao todo, sete colaboradores participaram da pesquisa, dentre eles: ex-presidentes da Federação do Espírito Santo de Ginástica (FESG), docentes aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ex-treinadores do estado e ex-atletas.

Nome do Colaborador	Atuação no Estado
Dalza das Mercês Batista	Presidente da FESG entre os anos 2001 e 2016
Geraldo Cassimiro de Souza “Xampú”	Ex-técnico da equipe capixaba de GA de homens e membro do comitê técnico GA de homens da FESG
José Christófari Frade	Ex-discente da Ufes, ex-técnico de GA das escolinhas da Ufes
José Luiz dos Anjos	Ex-docente da Ufes; antigo treinador das escolinhas de GA da Ufes
Luíz Curcio Allemand	Ex-presidente da FESG, ex-discente da Ufes e técnico de ginástica
Tito Erineu Marson	Primeiro Presidente da FESG
Wilson Pinheiro de Carvalho Filho “Brutus”	Ex-técnico da equipe de GA de mulheres capixaba e ex-membro do comitê técnico GA de mulheres da FESG

Quadro 1 - Colaboradores da Pesquisa . Fonte: autoria própria.

⁹ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. *Estatuto*.

¹⁰ MEIHY; HOLANDA. *História oral: como fazer, como pensar*.

¹¹ ALBERTI. *Manual de história oral*. MEIHY; HOLANDA. *História oral: como fazer, como pensar*

As entrevistas foram transcritas na íntegra e, na sequência do texto, traremos alguns excertos que nos ajudam a compreender o percurso da GA no Espírito Santo. Cada entrevista evidenciou momentos e experiências pessoais, mas, essas contribuíram para a construção de uma memória que é coletiva.

Ressaltamos que os documentos cedidos pelos colaboradores, que pertencem aos acervos pessoais, não se encontram em seu melhor estado devido ao tempo. Alguns estão desgastados, com frases ou matérias apagadas, e há reportagens coladas em folhas A4 para sua preservação. Dessa forma, reafirmamos a importância desse trabalho no intuito de preservar e resguardar traços da história do esporte capixaba, assim como valorizar os precursores que para tanto fizeram pela GA do Espírito Santo.

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE A GINÁSTICA, O ENSINO SUPERIOR E O ESPÍRITO SANTO

Aos buscarmos traços das origens da ginástica no estado do Espírito Santo, encontramos em Ferrari¹² a menção ao jornal capixaba “O Horizonte” que no ano de 1882 publicou uma série de artigos que versavam sobre a “Instrução Pública”. Em uma das críticas, o jornal afirma que o projeto apresentado na Assembleia Legislativa do estado contemplava a inteligência, a moral e negligenciava a ginástica. Ferrari¹³ traz um excerto da matéria que reforça a importância do exercício físico: “Aí deveria figurar a ginástica para os alunos de menoridade porque ela fortifica os músculos, dá energia ao corpo, tornando-o apto para nêle funcionar uma robusta inteligência”.¹⁴

Conforme o autor, trata-se do início das manifestações públicas que debatiam a Educação Física no Espírito Santo, que estava em estágio inicial. Compete mencionar que, ainda em 1882, Ruy Barbosa discorreu sobre uma série de medidas para integrar a ginástica na escola por meio do parecer n. 224, o qual equiparava os professores ao mesmo nível de autoridade e categoria dos demais, dava o status de disciplina à ginástica e instituía a obrigatoriedade do seu ensino na formação de professores e em todos os graus das escolas primárias.¹⁵ Nesse período,

¹² FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

¹³ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

¹⁴ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

¹⁵ SOARES. *Imagens da educação no corpo: estudos a partir da ginástica francesa no século XIX*.

o caráter acrobático era marginalizado sendo prioritário o ensino da ginástica com fins higiênicos e pedagógicos.¹⁶

No âmbito do Espírito Santo, Ferrari¹⁷ destaca o regulamento do “Ginásio do Espírito Santo”, que no decreto n. 96 de 1908, incluía o professor de Educação Física e descrevia que “o ensino da ginástica será também gradual e dirigido com o fim exclusivo de desenvolver a musculatura do aluno, tornando-o forte, ágil e apto para as funções da vida prática”. Ainda nesse ano, foram contratados os primeiros professores de Educação Física, Emília Franklin Mululo e o tenente da polícia Francisco Carvalho, para ministrarem aulas na Escola Normal e na Escola Modelo.¹⁸

A ausência de escolas de Educação Física, com o fim de formar professores especializados, impediu as aulas de atingirem o seu potencial formativo para além do físico por muitos anos no território espírito-santense.¹⁹ Apenas em 1931, no governo do capitão João Punaro Bley, foi criado o Departamento de Educação Física do estado do Espírito Santo e com ele a Escola de Educação Física responsável por turmas anuais do Curso Especial de Educação Física.²⁰ Tratava-se de um órgão “com a finalidade de difundir, regulamentar e controlar a prática da Educação Física em todos os estabelecimentos estaduais de ensino. Era o primeiro estabelecimento civil de ensino especializado em Educação Física do Brasil”.²¹

Cabe mencionar que o Departamento de Educação Física adotou o Método Francês²² de ginástica, o qual foi oficializado em todos os estabelecimentos de ensino do Espírito Santo. Ferrari explica que

a adoção desse método sofreu influência direta do Centro Militar de Educação Física, onde o mesmo era adotado e, por onde foram diplomados os então tenentes do exército brasileiro Carlos Marciano de Medeiros, Horácio Cândido Golves e Wolmar Carneiro da Cunha, principais responsáveis pela sólida estruturação dada à organização da Educação Física do nosso Estado.²³

¹⁶ MARINHO. *História da educação física no Brasil: exposição*.

¹⁷ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

¹⁸ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

¹⁹ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

²⁰ SILVA. *Escola de educação física do Espírito Santo: sua história, seus caminhos (1931-1961)*.

²¹ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

²² No Brasil, convencionou-se chamar de “Método Francês” o sistema de ginástica proposto no *Réglement Général d'Éducation Physique*, produzido pela *École de Joinville-le-Pont*, de Paris. Sobre o tema, ver Bruschi, Eller e Schneider.

²³ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

Ferrari,²⁴ Silva²⁵ e Souza²⁶ reforçam que a Escola de Educação Física do Espírito Santo foi estabelecida baseada na Escola de Educação Física do Exército do Rio de Janeiro. Inicialmente fundada como uma instituição de ensino secundário, em 1936 a instituição capixaba passou a ser denominada Escola Superior de Educação Física.²⁷ Cabe mencionar que no currículo do curso, o Método Francês era adotado e a grade curricular não possuía a modalidade Ginástica Olímpica, como era intitulada a GA naquele período.

No ano de 1940, o curso foi reconhecido pelo Governo Federal e, assim, a partir de 1941 os professores diplomados passaram a ser chancelados como licenciados em Educação Física.²⁸ Anos mais tarde, com a fundação da Universidade do Espírito Santo (UES), a Escola de Educação Física do Espírito Santo passou a compor a instituição como instituto complementar. Cabe ressaltar que em 1954,

quando houve a criação da UES, ela já havia retornado à denominação de Escola de Educação Física pelo Decreto nº 9, de 12 de agosto de 1947, não sendo, desse modo, a Escola Superior de Educação Física, instituída pela Lei nº 98/36, a que se integrou à Universidade.²⁹

O professor José Christófari Frade, ao refletir sobre a GA, fez questão de re-visitatar a história do surgimento da Escola de Educação Física, supracitada, e lembra que, em 1961, foi criada a UFES. Dessa forma:

ela deixa de ser do Estado, a Escola de Educação Física, e passa a se integrar a UFES, para criar a Universidade! A Universidade é criada com sete centros, com sete escolas. A Escola de Educação Física é uma delas para poder criar! Se não, não tinha jeito de criar a Universidade Federal do Espírito Santo. [...] E a escola passa a ser, a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Esse é um negócio interessante, pensando depois, porque você tem a transferência da Escola para cá. A transferência da Escola para cá vai se dar em 1972. No meio desse caminho, em 68 e 69, tem a reforma universitária, algo importante para compreender como isso aqui é formado. Porque em 68 com a reforma

²⁴ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

²⁵ SILVA. Escola de educação física do Espírito Santo.

²⁶ SOUZA. Constituição do ensino superior de Educação Física no Espírito Santo (1931-1972).

²⁷ SILVA. Escola de educação física do Espírito Santo.

²⁸ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*.

²⁹ FERRARI. *A história da educação física do Espírito Santo*, p. 187.

universitária, os cursos *deixam* de ser a célula fundamental da Universidade! A célula da Universidade passa a ser o *Departamento!*³⁰

Silva³¹ alerta que o processo de assimilação da Escola de Educação Física do Espírito Santo não foi imediato, tendo em vista falhas e irregularidades que iam desde professores não capacitados até problemas na carga horária. Ainda de acordo com Silva³², apenas em 1962, um ano após a criação da UFES, a Escola foi incorporada à UFES.

Em 1966, influenciada pela reforma das Universidades brasileiras, a UFES foi organizada com base em Centros e a Escola passou a constituir-se no Centro de Educação Física e Desportos.³³ Ressaltamos que, ainda em 1966, durante a celebração de 35 anos da Escola, “à noite, no C.N.R. Álvares Cabral, com início às 20 horas, foram apresentados números demonstrativos de ginástica pelos alunos da escola e, no dia seguinte, teve lugar a apresentação da aparelhagem de Ginástica Olímpica e foram exibidos diversos números de ginástica de solo, entre outras atividades em sequência”.³⁴

Nos anos finais da década de 1960, eventos de Ginástica Olímpica passaram a ser organizados no estado, conforme relatam os professores Luiz Curcio Allemand e José Christófari Frade. Os docentes destacam os Jogos Oficiais Primavera de 1969 como um momento crucial para a modalidade. Frade ressalta que: “[...] ela [Ginástica] vai virar Ginástica Olímpica mesmo, nos moldes do código de pontuação, um pouquinho mais para a frente com os *Jogos Oficiais Primavera!* E aí, sobre a influência *do Curcio e minha!*”.³⁵ Isso sinaliza uma mudança significativa na formação dos alunos na Universidade, com a substituição do Método Francês pelas modalidades gímnicas esportivas. Cabe mencionar que, na década de 1960, o esporte passa a ser o principal conteúdo da Educação Física no país, com a profusão de mé-

³⁰ FRADE. Fonte oral. O itálico utilizado nas transcrições sinaliza mudanças de entonação na fala dos colaboradores do estudo com o intuito de dar ênfase em uma determinada situação ou opinião.

³¹ SILVA. Escola de educação física do Espírito Santo.

³² SILVA. Escola de educação física do Espírito Santo.

³³ SILVA. Escola de educação física do Espírito Santo.

³⁴ ELLER; SCHNEIDER. Aloyr Queiroz de Araújo: redes e práticas na constituição da educação física e do esporte capixaba, p. 297.

³⁵ FRADE. Fonte oral.

todos como o a “educação desportiva generalizada”, baseada nos pressupostos de Auguste Listello.³⁶

Os Jogos Oficiais Primavera foram organizados sob a direção do professor Paulo Roberto Gomes de Lima, que assumiu a Diretoria de Educação Física do governo estadual. Os professores Curcio e Frade foram contratados como orientadores técnicos da Secretaria de Esportes, o que sinaliza uma parceria da UFES com o poder público para o fomento da modalidade. O professor Frade destaca a importância do evento e menciona que, durante alguns anos, estes reuniam atletas de diferentes municípios em Vitória, envolvendo centenas de participantes:

Esse foi o maior Jogos [de 1969]. Durante alguns anos o realizamos, era uma movimentação... porque fazíamos nos municípios e, depois, os campeões municipais vinham para Vitória em setembro! Mas, eram 500, 600 atletas, pessoas, que vinham.³⁷

É perceptível que a reestruturação do ensino superior no Brasil e as mudanças no curso de Educação Física foram preponderantes para o início da GA capixaba. E, um marco para o desenvolvimento da modalidade foi a abertura de um concurso específico para Ginástica Olímpica, em 1971, o qual foi influenciado por essa reestruturação:

Com o golpe em 64, entrou o governo militar e foi reestruturada toda a estrutura da Universidade. E, com isso, o Centro de Educação Física teve que mudar o currículo e nós saímos de Bento Ferreira para essa [estrutura] aqui no campus. E prescindiu um concurso para professor de Ginástica Olímpica, Dança e Handebol.³⁸

Ao rememorar o período anterior, o professor Curcio relata que não havia a modalidade na grade curricular:

A ginástica era mais ginástica acrobática, não era ginástica de competição. (...) Então, era o que a gente tinha na escola. Do método francês, do método natural austríaco, onde que era... era trabalhado esse... Agora, praticamente no antigo currículo, era ginástica de solo, não era Ginástica Olímpica ainda. Era ginástica de solo, que fazia parte do método francês daquela época.³⁹

³⁶ CUNHA. Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil: princípios e sistematizações de um método de ensino em circulação (1952-1980).

³⁷ FRADE. Fonte oral.

³⁸ ALLEMAND. Fonte oral.

³⁹ ALLEMAND. Fonte oral.

O professor Curcio complementa ao dizer que “com a vinda aqui para o campus [Goiabeiras], com a mudança do currículo, então passou a chamar Ginástica Olímpica, masculina e feminina”.⁴⁰ Souza,⁴¹ ao mencionar os departamentos do Centro de Educação Física e Desportos, elenca as disciplinas de Ginástica de Solo e Ginástica Olímpica dentre os componentes curriculares do curso de licenciatura em Educação Física que estavam sob a responsabilidade do Departamento de Ginástica. Em consonância ao relato do professor Curcio, o seu contemporâneo de UFES, o professor Frade complementa que

vim estudar [na UFES] em 1967, me formei em 1970. E nesse período já começamos a trabalhar, a participar da Ginástica. Que na época nem chamava Ginástica Olímpica, né? Chamava Ginástica de Solo, a disciplina lá em Bento Ferreira, que era comandada pelo professor Eulier Fávaro Machado, né? O prestígio que ele tinha. E lá tinha um galpão. Uma área razoável, boa, mas o teto muito baixo. Mas, ali, a gente tinha a disciplina chamada Ginástica de Solo. Mas, não era só Ginástica de Solo. Era Ginástica de Solo, o salto que se fazia sobre o plinto, e tinha uma barra também, e uma paralela. Mas, era a Ginástica de Solo.⁴²

Além do problema de altura do teto do galpão disponibilizado para a disciplina, o professor Curcio explica que os aparelhos eram emprestados do exército e a modalidade não tinha prestígio para ocupar aquele local e, assim, perdeu o espaço para a musculação. Algo que também foi mencionado pelo treinador Geraldo Casimiro de Souza:

O ministério de educação construiu aquele ginásio [Ginásio poliesportivo do 38º Batalhão de Infantaria (BI) do Exército, na Prainha, em Vila Velha] e o exército tomou. E foi doado para eles um equipamento de ginástica. Esse equipamento de ginástica, naquela época era trave, plinto, trampolim, não o mini-tramp, mas aquele trampolim de madeira que era oficial de competição. Não tinha colchão gordo naquela época, todos eles eram de algodão... E nós pedimos emprestados para colocar na sala de ginástica aqui do DEARES. Aí, colocamos todo o equipamento ali! Depois de 2 anos muda o comandante, o comandante vai e manda pedir o material de volta.⁴³

Porque, ali naquele ginásio do DEAD, funcionava a musculação... como pediram o ginásio, a sala de musculação ia sair, e a sala de musculação naquela época, tinham mais de 100 alunos! Para onde vai essa sala

⁴⁰ ALLEMAND. Fonte oral.

⁴¹ SOUZA. Constituição do ensino superior de Educação Física no Espírito Santo (1931-1972).

⁴² FRADE. Fonte oral.

⁴³ ALLEMAND. Fonte oral.

de musculação? Para onde vai esse pessoal? [risos] para a sala de ginástica [risos]. E o material da sala de ginástica? Bota aí na chuva [risos]. Tiraram todo o material, os equipamentos de ginástica, deixaram do lado de fora, e ali botaram todos os equipamentos de musculação, e ali dentro virou a sala de musculação, e a ginástica ficou ali! [...] Aí o material foi colocado todo do lado de fora! Ocorre que uma professora que trabalhava no Praia Tênis Clube, mais conhecido como Praia, Denize, ela pediu emprestado os aparelhos. Emprestaram, estavam na chuva, emprestaram.⁴⁴

[...] o ginásio de GA, eles desmontaram completamente os aparelhos, tiraram tudo para fazer um ginásio de musculação e os aparelhos foram perdidos com o tempo.⁴⁵

Embora integrasse a UFES, a Escola de Educação Física estava alocada na Fundação de Esporte Amador e Recreação do Espírito Santo (FEARES), no bairro de Bento Ferreira, que posteriormente passou a ser denominado Departamento de Esporte Amador e Recreação do Espírito Santo (DEARES). Nesse espaço, os professores Curcio e Frade enaltecem o trabalho do professor Eulier Fávaro Machado, como o precursor da GA no Espírito Santo: “Quem era o professor ali, era o Eulier. Quem iniciou essa coisa”.⁴⁶ E, ao percorrer suas memórias, o professor Frade complementa que:

[...] do que eu me lembro foi o Eulier. Antes disso, a gente tinha muitas coisas de ginástica, você pode até encontrar numa fotografia aí, mas era uma ginástica parecida com o que a gente chama de Ginástica Geral, que era uma ginástica de demonstração. Mas, a ginástica, enquanto GA, Ginástica Olímpica, né? Aí começa com essa pequena introdução com o Eulier.⁴⁷

O professor Curcio afirma que, em busca de capacitação, o docente Eulier Fávaro Machado fez um curso preparatório na Escola Nacional de Educação Física no Rio de Janeiro: “[...] lá o Eulier foi aluno do Hanns [Prochownik], que era o professor de Ginástica da Escola Nacional. Foi lá que o Eulier passou definitivamente para a Ginástica, para trazer a Ginástica para o Espírito Santo. Foi através dos ensinamentos que ele teve lá com o Hanns [Prochownik]”.⁴⁸ Conforme Lima,⁴⁹ em

⁴⁴ ALLEMAND. Fonte oral.

⁴⁵ SOUZA. Fonte oral. Popularmente conhecido no estado pelos atletas, pais, dirigentes e outros treinadores pelo apelido de “Xampú”.

⁴⁶ FRADE. Fonte oral.

⁴⁷ FRADE. Fonte oral.

⁴⁸ ALLEMAND. Fonte oral.

1977, Hanns Prochownik foi nomeado professor assistente suplementar, com regimes de 12 horas semanais, ficando encarregado da disciplina de Ginástica Olímpica Feminina e Masculina do Departamento de Ginástica e Acrobacia.

A importância da formação continuada também foi destacada pelo professor Frade: “Os cursos do Espírito Santo e Belo Horizonte, Paraíba, Escola de Educação Física no Rio de Janeiro. Esses cursos foram muito importantes. Os cursos nacionais de ginástica”⁵⁰ (Figura 1). Além disso, o professor Curcio complementa que:

Antes da CBG, nós tivemos o próprio Ministério. Eles trouxeram o Curso Nacional de Ginástica, em 70... não, em janeiro de 71. E ele [Ministério] fez esse curso trazendo os melhores do Brasil e alguns melhores do exterior. Nós tivemos dois atletas da Alemanha que eram quem iria dar o curso, pelo Ministério. Nós tivemos aqui o Rapesta, que era um Argentino, que várias vezes veio aqui dar curso. [...] Também teve aqui o curso internacional de educação física promovido pela FIEP, a federação internacional, eles fizeram um curso aqui.⁵¹



Fig. 1 - IV Curso Nacional de Ginástica Olímpica e Curso Nacional de Juízes. Fonte: acervo pessoal.

⁴⁹ LIMA. De “natürliche turnen” a “método natural austríaco”: itinerários de uma proposta pedagógica para a Educação Física no Brasil (1950-1970), p. 188.

⁵⁰ FRADE. Fonte oral.

⁵¹ ALLEMAND. Fonte oral.

Incumbe mencionar que a Escola Nacional de Educação Física e Desportos oferecia ou copatrocinava cursos de especialização e extensão, estágios técnicos-pedagógicos, além de congressos científicos,⁵² os quais contavam com a participação de professores de todo o Brasil. Até a sua integração à Universidade Federal do Rio de Janeiro, ocasionada pela Reforma Universitária em 1968, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos foi responsável por desenvolver e uniformizar o processo de formação profissional em Educação Física no país.

Com o respaldo dessas experiências formativas e a melhora da infraestrutura ocasionada pela mudança da Escola de Educação Física para o campus da UFES, no bairro de Goiabeiras, o professor Curcio menciona que

Quando inaugurou o Centro de Educação Física e Desportos, nós criamos a escolinha de ginástica, aqui na sala de Ginástica Olímpica. Eu, Frade e Eulier dávamos aula para aquele monte de gente. Nós colocamos no Jornal, na “A Gazeta”, que iria ter cursos de Ginástica que era de graça. Apareceu gente de tudo quanto é lado aqui [risos]!⁵³

Souza⁵⁴ explica que as instalações da Escola de Educação Física, em Goiabeiras, foram inauguradas em 1972. Desde então, o Centro de Educação Física e Desportos possui uma sala de Ginástica Olímpica equipada, que se constituiu na melhor infraestrutura do estado.

Ainda no ano de 1972, o professor Curcio destaca que no Centro Educação Física e Desportos “[...] teve aqui o curso internacional de Educação Física promovido pela FIEP, a Federação Internacional, eles fizeram um curso aqui”.⁵⁵ De acordo com Eller e Schneider,⁵⁶ a Jornada Internacional de Educação Física teve o apoio do Ministério da Educação e da Cultura e foi patrocinada pela *Fédération Internationale d'Éducation Physique* (FIEP), a qual teve o professor Aloyr Queiroz de Araújo como delegado no Espírito Santo.

⁵² MELO. Escola Nacional de Educação Física e Desporto - Uma Possível História.

⁵³ ALLEMAND. Fonte oral.

⁵⁴ SOUZA. Constituição do ensino superior de Educação Física no Espírito Santo (1931-1972).

⁵⁵ ALLEMAND. Fonte oral.

⁵⁶ ELLER; SCHNEIDER. *Aloyr Queiroz de Araújo: redes e práticas na constituição da educação física e do esporte capixaba*.

Nessa Jornada, Eller e Schneider⁵⁷ relatam que “os cursos teóricos reuniram mais de 500 Professores, homens e mulheres, nas novas e belas instalações do Centro de Educação Física e Desporto da UFES, no novo campo Universitário de Vitória”. No rol de cursos, destacamos o de Ginástica Olímpica, ministrado pelos professores Henrique Rapesta, Eulier Fávaro Machado e José Arruda de Albuquerque Filho.

A realização desses cursos de formação, bem como a oferta de projetos de extensão e as disciplinas curriculares evidenciam impactos da Universidade na inserção e no desenvolvimento da GA no Espírito Santo. O professor Frade enfatizou essa relevância da Universidade para a disseminação da modalidade por meio de diferentes ações, assim como de outros esportes no estado:

Se não tivesse a Universidade, *não tinha ginástica!* Não só pelos equipamentos, mas por nós que sabíamos fazer e que ensinavam ginástica! E sem a Universidade... *aliás, não é só a ginástica não!* Tem *muita coisa* que só... as pessoas não reconhecem isso, porque não conhecem a história e tal. Mas, tem muita coisa que acontece aqui [Espírito Santo], por causa da Universidade! Se não fosse, isso que nós estamos falando: o Aloyr, o Eulier, a Guilma, o Curcio... não tinha a ginástica! *Poderia ter?* Porque certamente o crescimento que isso teve no mundo, né? De ginástica, uma televisão, as apresentações e tal, claro que um dia iria chegar, a hora que ia desenvolver. Mas, *sem* essas pessoas, sem isso aí, não tinha ginástica.⁵⁸

Paralelo aos cursos de formação profissional, temos em 1978 um marco importante para a história da ginástica do Brasil, que contou com a participação do Espírito Santo: a fundação da CBG. Anteriormente, a gestão das modalidades gímnicas competitivas estava subordinada à Confederação Brasileira de Desportos, que era o órgão máximo esportivo no Brasil. O professor Curcio explica que “até 1979, as federações eram ecléticas [risos]. Ou seja, a Federação Desportiva Espírito-santense, dominava todos os esportes, todas as modalidades do estado”.⁵⁹ Isso começou a mudar com o desmembramento da Confederação Brasileira de Desportos que permitiu a criação de Confederações independentes, sendo a CBG uma delas.⁶⁰

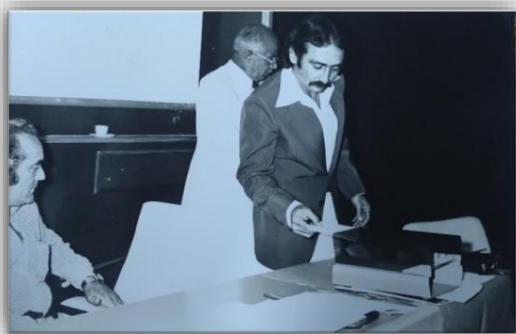
⁵⁷ ELLER; SCHNEIDER. *Aloyr Queiroz de Araújo: redes e práticas na constituição da educação física e do esporte capixaba*, p. 314.

⁵⁸ FRADE. Fonte oral.

⁵⁹ ALLEMAND. Fonte oral.

⁶⁰ OLIVEIRA; BORTOLETO. *A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008)*. OLIVEIRA. *O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um*

No estatuto da CBG,⁶¹ o Espírito Santo consta na lista de estados que criaram a entidade por meio da Federação Desportiva Espírito-santense. O professor Curcio expõe que: “[foi] eu quem representou o Espírito Santo na reunião. [...] Todas as federações que se mantinham em dia com a antiga Confederação Brasileira de Desportos foram convidadas. Então, eu fui como representante do Espírito Santo para participar dessa eleição”.⁶²



Figs. 2 e 3 - Professor Luiz Curcio Allemand na 1ª eleição da CBG e a composição da primeira diretoria da entidade em 1979. Fonte: arquivo pessoal.

No ano seguinte, em 1980, os colaboradores do estudo destacam que o desenvolvimento da modalidade no estado contou com apresentações que buscaram disseminar a GA para a população, dentre elas, a vinda da equipe da União das Repúblicas Soviéticas. O professor Frade enfatizou a relevância dessa apresentação no ginásio do Colégio Salesiano, ao considerar o evento como um dos mais marcantes na cena da ginástica espírito-santense nesse período. Segundo os entrevistados, a apresentação impactante resultou em um ginásio lotado e desencadeou um aumento significativo no interesse pela ginástica na época. O professor Xampú, ao recordar-se dessa ocasião, expressa seu entusiasmo em relação ao evento, ao relatar:

Lá no início, em 1980, uma coisa também que influenciou muito, é... eu tive a oportunidade de ver a seleção russa... Aliás, russa não, né? Soviética. Aleksandr Dityatin, Nikolai Andrianov... A galera toda no ginásio do Salesiano, lá do Forte [São João]. Aquele ginásio empilhado de gente, ca-

estudo histórico-crítico do período 2005-2008. PUBLIO. Origem da Ginástica Olímpica. In: NUNOMURA; NISTA-PICCOLO. *Compreendendo a ginástica artística*.

⁶¹ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. *Estatuto*.

⁶² ALLEMAND. Fonte oral.

ra! Os caras deram show! O Aleksandr Dityatin tinha sido campeão olímpico. Terminou as olimpíadas, eles saíram de turnê pelo mundo.⁶³

O professor Curcio complementa:

Trouxeram naquela época a equipe russa, para fazer uma... apresentação aqui no ginásio do Saldanha.⁶⁴ É claro que antes vieram a equipe técnica para fazer toda a fundação para a montagem dos aparelhos. Tiravam o taco, lá no Saldanha tiravam os tacos, botavam os parafusos e colocavam os tacos por cima. O único ginásio que tinha esse tipo de coisa era o Saldanha. E lá foi feita. A equipe russa fez uma demonstração que, naquela época, era muito famosa. A Maria Filatova e outras... que não lembro o nome agora, mas são as campeãs mundiais e olímpicas.⁶⁵

Segundo Publio,⁶⁶ após os Jogos Olímpicos de Moscou (1980), uma delegação soviética visitou o Brasil chefiada por Pavel Piliak. O autor não cita a cidade de Vitória em sua obra e destaca apresentações em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre com um público total de cerca de 70 mil pessoas.

Participaram da delegação os seguintes ginastas: Nicolai Andrianov, Alexander Dityatin, Alexander Tkachev, Bogdan Makuts, Valentin Turbanov, Feodor Kulaksizov, Vladimir Belenkov, Eduard Azarian, Sergev Jiniakov, Nelli Kim, Natalia Shaposnikova, Elena Davidova, Maria Filatova, Stella Zakorova, Svetlana Agapova, Tariana Ardzanikova. Acompanham ainda a delegação Elena Naimushina e Lali Dolidze, da GRD, e as duplas de Ginástica Acrobática Vladimir Alimanov/Vladimir Nazarov e Vladimir Zaporozets/Liudmila Poliszuk.⁶⁷

Ainda no âmbito da promoção da modalidade, o professor Frade menciona a criação do Festival Nacional de Ginástica e Dança (FENAGIDAN) como um evento voltado para congregar a vinda de equipes de outros estados com o intuito de fomentar o intercâmbio. Ele destaca que:

Aí nesse Festival *Nacional*, olha a petulância que era [risos]! Festival *Nacional* de Ginástica e Dança. De fato, só vinha gente do Rio de Janeiro, o Arruda e a Berenice, o José Eustáquio e vinha o pessoal da Ilona Peuker. [...] Esse FENAGIDAN era no ginásio de esporte lá do SESC, não era grande coisa, pequeno, mas cabia umas 1500 pessoas, por aí. *Ultra lotado* de

⁶³ SOUZA. Fonte oral.

⁶⁴ Tanto o professor Frade quanto o treinador Xampú citam que a apresentação ocorreu no ginásio do Colégio Salesiano.

⁶⁵ ALLEMAND. Fonte oral.

⁶⁶ PUBLIO. *Evolução histórica da ginástica olímpica*.

⁶⁷ PUBLIO. *Evolução histórica da ginástica olímpica*, p. 242.

gente, todo festival desse, muito lotado. [...] Não era um Festival Nacional. Era um Festival de Ginástica e Dança do Espírito Santo!⁶⁸

Os anos foram passando e, ainda assim, a Universidade seguiu sendo determinante para o desenvolvimento da GA. O técnico Xampú destaca a importância da instituição no seu aprimoramento profissional e de suas equipes. Os primeiros contatos com o esporte ocorreram durante as aulas de Educação Física escolar, que ele ministrou em um colégio do município da Serra. Posteriormente, Xampú convidou alguns alunos para visitar a sala de Ginástica Olímpica da UFES, o que proporcionou o primeiro contato deles com um ginásio específico da modalidade:

Um belo dia, eu peguei cinco meninos, entre eles estavam o Alecssandro e o Frede, o Carlos Alberto e outros dois lá, e falei: “vamos dar um passeio na UFES, vamos ver como é um ginásio de ginástica”. Muito bem, o primeiro contato. Passou-se um tempo, o professor Curcio me convidou: “Ah, vem contar para os acadêmicos como é que é a sua prática, para você contar o seu trabalho, onde é que você está começando”. Aí trouxemos a molecada. Já não eram mais cinco, já eram uns oito meninos. E, a partir daí, surgiu a oportunidade, acho que não deu nem um mês de começarmos um trabalho de trazer essas crianças, duas vezes por semana.⁶⁹

Xampú, ao ingressar na UFES para treinar a sua equipe de GA para homens, teve um papel fundamental no âmbito do alto rendimento. Ele atuou como técnico interino da equipe capixaba, em 1986, na Copa Vasco da Gama. Anteriormente, esse papel competia aos professores da Universidade. No ano seguinte, já como técnico oficial da seleção capixaba, ele conduziu a equipe espírito-santense para a conquista do 6º lugar nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) realizados no Mato Grosso do Sul.

Cabe mencionar que a equipe para mulheres logrou o 5º lugar nessa competição, cuja treinadora era a professora Maria Izabel Allemand da UFES. A professora Bel, como é carinhosamente chamada, formou muitas atletas e na busca por conhecimento, realizou intercâmbios com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde teve contato com o técnico Wilson Pinheiro de Carvalho Filho “Brutus”.⁷⁰ Brutus, por sua vez, formado e voluntário no projeto de ginástica da Universidade Federal de

⁶⁸ FRADE. Fonte oral.

⁶⁹ SOUZA. Fonte oral.

⁷⁰ Popularmente conhecido no estado pelos atletas, pais, dirigentes e outros treinadores pelo apelido de “Brutus”.

Viçosa, desempenhou um papel fundamental ao receber os técnicos e ginastas capixabas em Minas Gerais, na década de 1980, ou formando atletas aqui no estado.

O Brutus era da Ginástica Feminina. Então, a gente tinha muito pouca gente de feminino. Então, o Brutus veio de Viçosa para cá para poder implementar. Trouxe outras pessoas que depois voltaram. Mas, o Brutus veio para poder organizar a ginástica feminina, porque nós não tínhamos... Nós [Curcio e Frade] tínhamos mais interesse na masculina. E a Bel tinha interesse em trazer mais gente da feminina! E, aí, foi um desenvolvimento grande, a escolinha bombando de muita gente!⁷¹

Após o resultado obtido no JEBs, Xampú começou a almejar objetivos mais elevados, o que marcou o início de uma participação maior em eventos fora do estado:

[...] nós temos que partir para um Campeonato de Clube! O Escolar já não cabia mais para esses meninos. E foi aí que nós... Houve um convite da Universidade de Viçosa. Eu dividi meu grupo em dois. Três meninos meus completaram a equipe de Viçosa, os 3 melhores [risos]. O Alessandro, o Adriano e o Everton. E os outros 4 competiram pela UFES, pelo Projeto UFES. Então, foi UFV e, aqui, a UFES. Então, foi a primeira participação em 1988! Foi a primeira participação em evento nacional e competitivo de Clube!⁷²

Ao abordarem a participação do Espírito Santo em competições nacionais, os entrevistados destacaram uma questão crucial: a ausência de clubes de ginástica no estado. Frade enfatiza essa lacuna ao afirmar que: “a gente não tinha clube! A gente não tinha clube que fazia ginástica”.⁷³ Em virtude disso, Brutus afirma que “a participação do Espírito Santo era puramente escolar!”.⁷⁴ Ele explica que: “Como naquele tempo o Espírito Santo não tinha clube, então eles começaram a participar pelo nosso clube, a LUVÉ, que era a Liga Universitária Viçosense de Esporte. Então, eles começaram a participar pelo nosso clube”.⁷⁵

Da Costa⁷⁶ explica que os clubes esportivos e recreativos constituem a base do desenvolvimento do esporte no Brasil. Assim, a ausência de clubes que fomentavam a GA no Espírito Santo foi um grande empecilho nesse período. Essa questão, também, revela a dificuldade de acesso à infraestrutura adequada, pois as es-

⁷¹ FRADE. Fonte oral.

⁷² SOUZA. Fonte oral.

⁷³ FRADE. Fonte oral

⁷⁴ FILHO. Fonte oral.

⁷⁵ FILHO. Fonte oral.

⁷⁶ DACOSTA. Clubes esportivos e recreativos. In: DACOSTA. *Atlas do esporte no Brasil*.

colas que fomentavam a modalidade não tinham condições para subsidiar o desenvolvimento dos ginastas para além do âmbito escolar. E, segundo o jornal “A Tribuna” (1988), no setor privado apenas duas academias ofertavam a prática da GA em todo o estado naquele período. Assim, aqueles que queriam enveredar para a vertente do alto rendimento dependiam da infraestrutura humana e física da UFES.

O técnico Xampu ratifica essa relação de dependência entre aqueles que queriam impulsionar a GA no estado e a Universidade: “[...] todo mundo que queria fazer algo diferente, tinha que vir aqui para a UFES! Pedir um espaçozinho aqui na UFES, porque senão, não teria outro local. [...] Quem quisesse fazer algo melhor, tinha que vir para cá! E foi isso que nós fizemos”.⁷⁷

A dependência da Universidade também estava na realização de cursos com o suporte do governo estadual e federal, assim como nas décadas anteriores. O técnico Xampú elenca alguns professores que são referências da modalidade e que contribuíram com cursos de especialização: “Sérgio Bastos, ele veio dar aqueles cursos a nível escolar. Sérgio Bastos, Professor Arruda, Berenice Arruda, essa galera toda esteve aqui no Espírito Santo, entendeu? Dando esses cursos básicos. Então, assim... De arbitragem também teve [...]”.⁷⁸

Esses cursos contribuíram significativamente para a formação dos técnicos expoentes desse período, os quais: Geraldo Cassimiro de Souza (Xampú) e Maria Izabel Allemand. Cabe mencionar que, em condições desafiadoras no estado, eles conseguiram alcançar resultados notáveis que perduram como referências únicas até os dias atuais. O legado do trabalho incansável desses profissionais ressoa como um marco inestimável na história da GA competitiva capixaba fora do âmbito escolar. O técnico Brutus destaca a importância fundamental de Xampú e Bel. Pois, a atuação de ambos foi crucial no desenvolvimento e no avanço do esporte na região. Suas contribuições, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, foram essenciais para estabelecer uma base sólida que permitiram alcançar resultados notáveis:

ele [Geraldo Cassimiro] fez um trabalho muito importante com o masculino e a professora Izabel Allemand com o feminino. Esses 2 nomes foram os maiores nomes da ginástica aí do Espírito Santo em termos de competição, sem dúvida nenhuma. Esses 2 nomes foram quem geraram

⁷⁷ SOUZA. Fonte oral.

⁷⁸ SOUZA. Fonte oral.

os atletas, né? E geraram tudo o que aconteceu nos tempos que eu considero que foram *tempos áureos* da ginástica [década de 1990].⁷⁹

Dalza Batista, ex-presidente da Federação do Espírito Santo de Ginástica, também ressalta a importância dos técnicos supracitados:

Porque quando eu conheci a GA aqui, foi na mão de Xampú, da Bel e do Brutus que trabalhavam aqui. Foi naquela época que eu conheci. Então, o trabalho deles... foi um trabalho muito bom! Talvez tenha sido *o melhor* trabalho que nós tivemos dentro da GA, em se tratando de competições, em campeonatos brasileiros.⁸⁰

O professor José Luiz dos Anjos, docente aposentado da UFES, por sua vez exaltou o trabalho realizado naquele período pelos treinadores mencionados e a sua importância ao contribuírem significativamente para o desenvolvimento da ginástica na Universidade e na formação de outros profissionais: “A ginástica aqui na UFES, o que existiam de professores que conheciam GA, que na época ainda era Ginástica Olímpica, ok? GO. Saíram dessa sala que tem aqui, boa parte! E aí, alguns professores do qual eu conversava com ginástica, nesse caso o Cassimiro, o Xampú, o Brutus”.⁸¹

Um detalhe que impactou a cena da GA nesse período foi a inexistência de uma Federação que organizasse e promovesse a ginástica no estado, o que acresce mais um elemento que explica a dependência dos atores da GA em relação à Universidade. Frade cita que a falta de clubes dedicados à ginástica incidia na ausência de uma Federação, o que limitava a participação do estado em competições de clubes. Frade explica: “Nós não tínhamos clube! Nós não tínhamos clubes que faziam ginástica. Se não tinha clube, não tinha participação. Nós não tínhamos Federação! [...] Não teve nada! Nunca teve. Por isso que a participação em campeonatos brasileiros era difícil.”⁸²

De acordo com o estatuto da Federação do Espírito Santo de Ginástica,⁸³ apenas em 25 de abril de 1991 a entidade foi criada. Tito Marson, nomeado como o primeiro presidente da Federação, destaca com entusiasmo que: “a federação, ela

⁷⁹ FILHO. Fonte oral. *Grifo nosso*.

⁸⁰ BATISTA. Fonte oral.

⁸¹ ANJOS. Fonte oral.

⁸² FRADE. Fonte oral.

⁸³ FEDERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO DE GINÁSTICA. *Estatuto FESG*.

foi criada na UFES! [...] ela foi criada na UFES e tinha como sócio o Clube Ítalo Brasileiro”.⁸⁴ Ele ressalta o papel da Universidade no início da FESG e menciona que a instituição era o único local com equipamentos, embora fossem considerados velhos e de qualidade inferior.

A criação da Federação, no início da década de 1990, abriu o caminho para o desenvolvimento e a participação mais ativa do estado em competições nacionais. A colaboração entre a UFES e a Federação destaca a relevância da infraestrutura Universitária e o esforço conjunto para superar desafios, como a condição dos equipamentos e a promoção e a massificação da ginástica no estado. Como relatou Brutus, se houve uma promoção e massificação da ginástica no estado, isso somente aconteceu devido à iniciativa e empenho dos professores que estavam ativamente envolvidos na busca pelo crescimento da modalidade na região.

CONCLUSÃO

Nas vozes dos protagonistas do estudo, enriquecemos a compreensão do passado da GA no território espírito-santense. A partir da federalização da Escola de Educação Física do Espírito Santo, somadas às mudanças ocorridas com a reestruturação do ensino superior no país, na década de 1960, os colaboradores do estudo narraram acontecimentos que marcaram a trajetória da GA capixaba. Consideramos que a mudança do curso de Educação Física para o campus da UFES em 1972, no bairro de Goiabeiras, onde fica a sala de Ginástica Olímpica, ditou os rumos da modalidade nos anos subsequentes.

Na conjuntura da formação de professores de Educação Física no estado, a predominância do Método Francês impactou a inserção da modalidade no território capixaba. Apenas com o advento do conteúdo esporte, influenciado pela reforma no ensino superior e pelos direcionamentos do governo militar, somado ao pioneirismo do professor Eulier Fávaro Machado que buscou se especializar no ensino da GA com o professor Hanns Prochownik na Escola Nacional de Educação Física no Rio de Janeiro, observamos avanços na inserção da modalidade no Espírito Santo.

⁸⁴ MARSON. Fonte oral.

A participação dos professores Luiz Curcio Allemand e José Christófari Fra-de, os quais atuaram em parceria com o professor Eulier ao ingressarem na UFES, foi proeminente tendo em vista que se dedicaram à GA de diferentes formas, desde a organização de festivais, cursos, projetos de extensão e na participação em competições. Posteriormente, se somaram a eles Geraldo Cassimiro de Souza, Maria Izabel Allemand e Wilson Pinheiro de Carvalho Filho, os quais deixaram a sua marca no desenvolvimento competitivo da modalidade no âmbito escolar e, apesar dos desafios, na vertente do alto rendimento.

Os testemunhos também registraram a presença de personalidades e eventos que são importantes para entrelaçar a história da GA espírito-santense com outros estados. A vinda de Henrique Rapesta, José Arruda de Albuquerque Filho, Berenice Arruda, José Carlos Eustáquio e Sergio Bastos mostram como esses indivíduos se mobilizaram pelo país na promoção e no fomento da GA. Também merece destaque a vinda de treinadores e ginastas de outros países, seja para cursos ou apresentações como foi o caso da seleção da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Essas iniciativas e conquistas refletem o comprometimento de diferentes profissionais que encontraram na Universidade um ambiente propício para o desenvolvimento e o aprimoramento da modalidade. Os relatos enfatizam a relevância da Universidade pública como centro de formação, divulgação e prática esportiva.

A consciência da existência de outras vozes e memórias não exploradas sugere que há espaço para pesquisas futuras que possam expandir e enriquecer a compreensão da história da GA no Brasil. O reconhecimento de que o trabalho atual representa um recorte específico abre oportunidades para pesquisadores interessados em explorar outros aspectos e personagens dessa história ampliando, assim, o resgate de traços do passado e a valorização de seus atores.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- BORTOLETO, Marco Antônio C. **O caráter objetivo e subjetivo da ginástica artística**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2000.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Estatuto**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4rtuGub>. Acesso em: 15 out. 2022.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Resultados**. Disponível em: <https://cbginastica.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Relatório Anual do COB**. 2021.
- CUNHA, Leonardo Brandão. **A Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil: princípios e sistematizações de um método de ensino em circulação (1952-1980)**. Tese (Doutorado em Educação. – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG, 2017.
- FEDERAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO DE GINÁSTICA. **Federação do Espírito Santo de Ginástica: Estatuto FESG**. Vitória: ES, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3MlvkdX>. Acesso em: 15 out. 2023.
- DACOSTA, Lamartine Pereira. Clubes esportivos e recreativos. In: DACOSTA, Lamartine Pereira. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, p. 180-5.
- FERRARI, Olinto Alberto. **A história da educação física do Espírito Santo**. Vitória, ES: Escola Técnica de Vitória, 1958.
- ELLER, Márcio Luiz.; SCHNEIDER, Omar. **Aloyr Queiroz de Araújo: redes e práticas na constituição da educação física e do esporte capixaba**. Curitiba: CRV, 2023.
- LIMA, Cassia Danielle Monteiro Dias. **De “natürliche turnen” a “método natural austríaco”**: itinerários de uma proposta pedagógica para a Educação Física no Brasil (1950-1970). Dissertação (Doutorado em Educação). UFMG, Belo Horizonte, 2021.
- MARINHO, Inezil Penna. **História da educação física no Brasil: exposição - bibliografia - legislação**. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s./d.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- MELO, Victor Andrade. **Escola Nacional de Educação Física e Desporto: uma possível história, 1996**, Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Unicamp, São Paulo, 1996.
- NUNOMURA, Myrian *et al.* Fundamentos da ginástica artística. In: NUNOMURA, Myrian. **Fundamentos das ginásticas**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016, p. 211-55.

OLIVEIRA, Maurício dos Santos.; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). **Revista Motriz**, v. 15, n. 2, p. 297-309, 2009.

OLIVEIRA, Maurício dos Santos. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira**: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. Campinas/SP, 2010.

PUBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. São Paulo: Phorte, 2002.

PUBLIO, Nestor Soares. Origem da Ginástica Olímpica. In: NUNOMURA, Myrian.; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. (Org.). **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005, p. 15-26.

SILVA, Denize Maria Cavalcanti da. **Escola de educação física do Espírito Santo**: sua História, seus caminhos (1931-1961). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFES, Vitória, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudos a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas/SP: Autores Associados, 2003.

SOUZA, Pedro Paulo. **Constituição do ensino superior de Educação Física no Espírito Santo (1931-1972)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016.

Fontes orais

BATISTA, Dalza das Mercês. [75 anos]. [08.2023]. Entrevistador: Tharik Arnous Alves. Vitória: ES, 2023. Vitória, Espírito Santo. 14 ago. 2023.

SOUZA, Geraldo Cassimiro de. [67 anos]. [09.2024]. Entrevistador: Tharik Arnous Alves. Vitória: ES, 2023. Vitória, Espírito Santo. 25 set. 2023.

ANJOS, José Luiz dos, [62 anos]. [08.2023]. Entrevistador: Tharik Arnous Alves. Vitória: ES, 2023. Vitória, Espírito Santo. 3 ago. 2023.

FRADE, José Christófari, [75 anos]. [06.2023]. Entrevistador: Tharik Arnous Alves. Vitória: ES, 2023. Vitória, Espírito Santo. 27 jun. 2023.

ALLEMAND, Luiz Curcio, [79 anos]. [01.2023]. Entrevistador: Tharik Arnous Alves. Vitória: ES, 2023. Vitória, Espírito Santo. 20 jan. 2023.

MARSON, Tito Erineu, [76 anos]. [03.2023]. Entrevistador: Tharik Arnous Alves. Vitória: ES, 2023. Vitória, Espírito Santo. 29 mar. 2023.

FILHO, Wilson Pinheiro de Carvalho, [59 anos]. [05.2023]. Entrevistador: Tharik Arnous Alves. Vitória: ES, 2023. Vitória, Espírito Santo. 25 maio 2023.

* * *

Recebido em: 08 out. 2025.
Aprovado em: 18 fev. 2026.

Embates prefaciais: a disputa de sentidos sobre *O negro no futebol brasileiro*

Prefaces in Conflict:
Disputing the Meanings of *The Black Man in Brazilian Soccer*

Vinicius Garzon Tonet

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em História, UFMG

RESUMO: Este artigo analisa os prefácios da primeira edição de *O negro no futebol brasileiro* (1947), de Mário Filho, à luz da teoria dos paratextos de Gérard Genette, segundo a qual elementos liminares como o prefácio operam como moduladores da leitura. A “Nota ao Leitor”, de autoria do próprio Mário Filho, explicita uma crítica às fontes escritas e reivindica a legitimidade da oralidade como método historiográfico. Já o prefácio redigido por Gilberto Freyre inscreve o livro na tradição dos grandes ensaios de interpretação do Brasil, por compreender o futebol como “instituição nacional” e lugar privilegiado para a análise das relações étnico-raciais na modernidade brasileira. Por fim, examina-se o “embate prefacial” com Tomás Mazzoni, que rejeita frontalmente a metodologia ensaística e oral defendida por Mário Filho, reiterando uma concepção factualista de história baseada na primazia dos documentos escritos. Defende-se que esse confronto de perspectivas revela uma disputa mais ampla sobre os modos de representar o passado no Brasil. Ao privilegiar os paratextos, o artigo propõe um retorno crítico ao livro, reposicionando *O negro no futebol brasileiro* como peça-chave da cultura intelectual brasileira do século XX e como marco na construção de uma narrativa histórica, interpretativa e engajada sobre o país e o futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Mário Filho; Gilberto Freyre; Tomás Mazzoni; *O negro no futebol brasileiro*; Prefácios.

ABSTRACT: This article analyzes the prefaces to the first edition of *O negro no futebol brasileiro* (The Black Man in Brazilian Soccer, 1947), by Mário Filho, in light of Gérard Genette's theory of paratexts, according to which liminal elements such as the preface operate as modulators of reading. The “Nota ao Leitor” (Note to the Reader), authored by Mário Filho himself, makes explicit a critique of written sources and asserts the legitimacy of orality as a historiographical method. The preface written by Gilberto Freyre, on the other hand, inscribes the book in the tradition of major interpretive essays on Brazil, by understanding football as a “national institution” and a privileged site for the analysis of ethnic-racial relations in Brazilian modernity. Finally, the “prefatory clash” with Tomás Mazzoni is examined; Mazzoni openly rejects the essayistic and oral methodology advocated by Mário Filho, reiterating a factualist conception of history based on the primacy of written documents. It is argued that this confrontation of perspectives reveals a broader dispute over the modes of representing the past in Brazil. By privileging the paratexts, the article proposes a critical return to the book, repositioning *O negro no futebol brasileiro* as a key piece of 20th-century Brazilian intellectual culture and as a landmark in the construction of a historical, interpretive, and engaged narrative about the country and football.

KEYWORDS: Mário Filho; Gilberto Freyre; Tomás Mazzoni; *O negro no futebol brasileiro*; Prefaces.

O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: PREFÁCIOS COMO OPERADORES DE SENTIDO

Desde a sua publicação, ou até mesmo antes dela, ao longo de 1946, nas páginas de *O Globo*,¹ *O negro no futebol brasileiro (NFB)*² nunca deixou de ser lido, discutido e editado. As suas duas primeiras editoras compartilhavam uma ambição editorial voltada à publicação de obras que buscassem interpretar as particularidades históricas nacionais e o livro de Mário Filho bem se encaixava na proposta.³ Lançado pela Pongetti, em 1947, passou por uma ampliação,⁴ em 1964, quando foi editado pela Civilização Brasileira e compôs a coleção “Retratos do Brasil”. Em 1994, a Editora Forno, em virtude das comemorações do centenário da implantação do futebol no Brasil, contado a partir de sua introdução por Charles Miller, publica a 3ª edição de *NFB*. No ano de 2003, a Editora Mauad e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no âmbito do Projeto Memória Social dos Esportes, reeditam o livro. Por fim, em sua 5ª edição, também pela Mauad (2010), lê-se na capa: “obra clássica”. Dificilmente alguém discordaria de tal juízo: foi um dos primeiros a abordar o esporte com maior complexidade, vendo nele, além da natureza esportiva, um fenômeno cultural e social relevante. Por essas razões, inclusive, foi considerado pela *Folha de São Paulo* um dos “200 importantes livros para entender o Brasil”.⁵ Além disso, Mário Filho e sua criação são sempre convidados a participar de debates. Nos últimos anos, o prestígio e relevância da obra revelam-se na série documental produzida por Lucy e Luiz Carlos Barreto e exibida pela HBO, em 2018, inspirada na

¹ No ano de 1946, Mário Filho deu início no jornal *O Globo*, em sua coluna diária “Da primeira fila”, em um formato similar aos dos tradicionais folhetins, ao que viria ser, no ano seguinte, o livro *O negro no foot-ball brasileiro*. A compilação dos textos da coluna, com alterações mínimas, foi publicada pela Ir-mãos Pongetti Editores com prefácio de Gilberto Freyre e “Nota ao leitor” escrita por Mário Filho.

² A grafia do título original é *O negro no foot-ball brasileiro*. Para todos os fins, assumiremos a grafia consolidada desde 1964.

³ O historiador Fábio Franzini (*À sombra das palmeiras*, p. 75), ao escrever sobre a editora José Olympio, constata: “Afinal, ele [José Olympio] também acreditava que ‘um país se faz com homens e livros’, a ponto de adotar esta emblemática frase lobatiana como lema de sua empresa. E não era o único, por certo. Octalles, Schmidt, Cruls e Grieco, os Pongetti, Galeão Coutinho, Henrique Bertaso e outros mais também pareciam dispostos a pôr o país em sintonia consigo mesmo e com o mundo”.

⁴ São quatro os capítulos originais que organizam a obra de 1947: “Raízes do Soudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”. A partir de sua segunda edição, lançada pela editora Civilização Brasileira, em 1964, o “*foot-ball*” do título tornou-se “futebol”, assim como outras palavras foram aportuguesadas. Além de algumas alterações no texto, dois novos capítulos foram acrescentados – “A provação do preto” e “A vez do preto” – como os 5º e 6º. Esta se converteu na versão consolidada.

⁵ *200 anos, 200 livros*, 2025.

obra de Mário Filho e que leva o nome de seu mais famoso livro. Em 2021, o *NFB* ganhou tradução para o inglês: *The Black Man in Brazilian Soccer*, pela editora da Universidade de Carolina do Norte.

Diante dessa trajetória editorial ampla e da centralidade que assumiu tanto no campo esportivo quanto no debate público e acadêmico, o *NFB* consolidou-se como uma obra decisiva na formação de uma narrativa histórica sobre o futebol e sobre o país. Desse modo, este artigo propõe um retorno crítico à obra, tomando como objeto de análise os paratextos que acompanham o livro em sua primeira edição. Considerando os elementos paratextuais nos termos de Gérard Genette (2009)⁶ quando afirma que eles são responsáveis tanto por apresentar o texto quanto por “garantir a sua presença no mundo”,⁷ esperamos compreender como Mário Filho e Gilberto Freyre encaminham a leitura do livro – como e por que ler? – e constroem para ele um lugar de enunciação discursiva – onde, na cultura intelectual, está situado?

Em *Paratextos editoriais* (2009), Genette executa uma investigação minuciosa dos elementos liminares que cercam o texto.⁸ O ponto de seu estudo que nos interessa refere-se à atenção dada aos prefácios como formas peritextuais de mediação entre obra e leitor.⁹ Para Genette, o prefácio atua como um espaço de orientação, persuasão e enquadramento interpretativo. Ele o classifica como autoral ou alográfico, a depender de quem o assina, o próprio autor (prefácio autoral) ou uma figura distinta (prefácio alográfico).

Ao indagar-se “afinal de contas, o que fazem os prefácios?”, Genette identifica uma série de funções tradicionalmente atribuídas a eles, que podem se acumular ou

⁶ O autor afirma: “Esse texto [principal] raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro” (Genette, *Paratextos editoriais*, p. 9).

⁷ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 9.

⁸ Genette define: “Chamarei aqui de prefácio toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (Genette, *Paratextos editoriais*, p.145).

⁹ Segundo Genette: “Um elemento de paratexto, se pelo menos consiste numa mensagem materializada, tem necessariamente um lugar, que se pode situar em relação àquela do próprio texto: em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas; chamarei de peritexto essa primeira categoria espacial, com certeza a mais típica” (Genette, *Paratextos editoriais*, p. 12).

se alternar conforme o contexto histórico e editorial.¹⁰ Para as nossas pretensões, é suficiente reter o básico: que o prefácio autoral “tem por função principal garantir ao texto uma boa leitura”;¹¹ ao passo que os alógrafos possuem como funções mais evidentes às de recomendação e apresentação. Ao longo de sua análise, Genette insiste que o prefácio é um lugar estratégico de intervenção no pacto de leitura, que atua como modulador da recepção e do horizonte de expectativas do leitor:

Qualquer que seja a intenção estética que se lhe acrescente, o paratexto não tem por desafio principal “tornar bonito” em volta do texto, mas, sim, assegurar-lhe um destino conforme aos desígnios do autor. Para isso, constrói, entre a identidade ideal e relativamente imutável do texto e a realidade empírica (sócio-histórica) de seu público [...] uma espécie de eclusa que lhes permite manter-se “no nível” ou, se preferirmos, um estrado que permita ao leitor passar sem muita dificuldade respiratória de um mundo a outro.¹²

Como elemento paratextual, o prefácio é, assim, um operador de sentido em função do texto que anuncia. Sobre o enfoque metodológico dado às figuras dos prefaciadores, Genette escreve:

A pertinência concedida aqui ao desígnio do autor, e, portanto, a seu “ponto de vista”, pode parecer excessiva, e de método bem ingênuo. Na verdade, é imposta pelo objeto cujo todo o funcionamento assenta-se, mesmo que às vezes o negue, no postulado simples de que o autor “sabe melhor” o que se deve pensar de sua obra.¹³

Retomando, então, o nosso objeto específico, compreendida a orientação fornecida por Genette, passemos à análise dos prefácios de *NFB*.

A ORALIDADE COMO MÉTODO: MÁRIO FILHO E A CRÍTICA ÀS FONTES ESCRITAS

A “Nota ao Leitor”, escrita por Mário Filho para introduzir o *NFB*, reconhece que, mais do que narrar acontecimentos, seria necessário firmar posição quanto a própria forma de produção da história do futebol nacional. Sendo assim, em seu prefácio, Mário Filho oferece ao público um conjunto de considerações metodológicas

¹⁰ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 175.

¹¹ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 176.

¹² GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 358.

¹³ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 358.

que, além de justificar suas escolhas investigativas, tensiona modelos consagrados de legitimação do saber histórico sobre fontes escritas. Dito de outra maneira, o prefácio autoral é essencialmente uma reflexão sobre a sua metodologia de pesquisa. E o eixo argumentativo do autor considera que para compreender os mecanismos de exclusão e posterior inclusão da população negra nos campos de futebol, não bastaria consultar apenas os documentos oficiais ou confiar nas estatísticas dos almanaques esportivos. Seria preciso deslocar a atenção das fontes escritas para as fontes orais, e assim, chegar à “intimidade dos fatos”.¹⁴

Esse gesto inaugural revela um traço distintivo na escrita da história de Mário Filho: a desconfiança metódica diante das fontes escritas. Ao explicitar o caminho de sua pesquisa, ele relata ter recorrido a jornais antigos, ao valioso álbum do goleiro Marcos de Mendonça, aos livros e atas oficiais das ligas e associações e à consulta direta a revistas esportivas como *Vida Sportiva*, *Crítica*, *Jornal dos Sports*, *O Globo* e *O Globo Esportivo*.¹⁵ Portanto, um conjunto significativo de fontes. Contudo, afirma, sem hesitação, que esses registros, apesar de úteis, não davam conta do essencial. Esses documentos diziam pouco sobre as tensões raciais que atravessavam o futebol ao longo dos anos. Em suas palavras: “Os documentos oficiais me mostraram que a história verdadeira se escreve de outro jeito”.¹⁶

Essa percepção conduziria Mário Filho à valorização da fonte oral como núcleo de sua pesquisa. Mais que um recurso complementar, os relatos de jogadores, dirigentes, jornalistas, cronistas e torcedores assumem, em sua narrativa, o papel de fundamento epistêmico. Trata-se, portanto, de uma opção metodológica, articulada à hipótese central da obra: a de que por trás das alegadas “barreiras sociais” à prática do futebol, ocultava-se a discriminação racial, não declarada, mas operante. O autor realiza sofisticado exercício de crítica documental e diagnostica as insuficiências das fontes escritas ao passo que justifica a sua fundamentação na oralidade:

As atas, a correspondência dos clubes não falam dos negros. As leis das entidades não tocam, nem de leve, em questões de raça. Limitando-se a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, *garçons*, barbeiros, praças de pré e por aí

¹⁴ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22.

¹⁵ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22-3.

¹⁶ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22.

afora jogassem futebol em clubes filiados. Eu fui, aos poucos, levantando o véu, ouvindo daqui, dali, reconstituindo a tradição oral, muito mais rica, muito mais viva do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspetos, mas não diziam quase nada.¹⁷

Há, nessa postura, a manifestação de um princípio de adequação metodológica, em que a dinâmica de uso das fontes primárias respeita os objetivos norteadores da história. Essa opção permite que Mário Filho defina o grau de importância de cada documento, assim como o que é possível dizer a partir deles. Nesse sentido, as fontes orais constituíram-se como os principais fundamentos de sua pesquisa, responsáveis pelo enriquecimento da narrativa, tendo em vista que poderiam fornecer, pelo caráter testemunhal, algo que outros documentos omitiam ou silenciavam. Os relatos abririam uma porta para se conhecer o cotidiano de outrora, das “histórias com h minúsculo”, como postulado pelo antropólogo Gilson Pinto Gil.¹⁸

Mário Filho apresenta-se como historiador diligente que, ao buscar vestígios do passado, leva consigo dúvidas e conceitos. Nesse movimento, assume que os “documentos oficiais”, idealmente, seriam os pilares de um texto histórico, mas que em função de seu objeto, não seriam os mais adequados. Explica que ao lançar as suas indagações às fontes escritas, recebia como resposta um retumbante silêncio. Um silêncio que na verdade silenciava, que eliminava pelo “não dito” a “luta do negro” e tentava escamotear a “história verdadeira” do futebol brasileiro, impossível de ser escrita sem se levar em conta o racismo e o seu combate como forças sociais condicionadoras da vida no país.¹⁹

Com o intuito de romper com esse estado de coisas, Mário Filho faz uma escolha conhecendo suas consequências:

Eu preferia, porém, ouvir dirigentes, jogadores e torcedores. Ouvi centenas deles, de todas as épocas do futebol brasileiro. [...] Reuni, assim, um material de tal ordem que surpreendeu alguém cuja opinião prezo muito. O material era tanto, e com tamanho requinte de detalhe, que ficava a

¹⁷ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22-3.

¹⁸ O antropólogo Gilson Gil propõe que a obra de Mário Filho seja lida em dois níveis: o macro e o micro. O primeiro “procura visualizar o todo, conceber as grandes forças civilizacionais do Brasil”; neste plano seria possível perceber “grandes linhas ordenadoras de nossa evolução histórica”. Como ressalta, o tom épico desse nível de leitura seria o “vetor capaz de ordenar e entrelaçar os eventos e relatos surgidos durante a narração”. O segundo, seria a história “vivificada por “nomes, acontecimentos, dilemas, casos, ironias, paixões e expectativas, isto é, histórias com h minúsculo” (Gil, *Humildes, mascarados e gênios*, p. 20).

¹⁹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 22.

dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo numa narrativa corrente, sem um claro, uma interrupção. Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação.²⁰

Ora, quem prefere, avalia, põe na balança e, por fim, coloca algo à frente, estabelecendo uma gradação de valores. A preferência foi por trabalhar com as fontes orais, as falas dos próprios personagens. Esse artifício mostrava-se necessário, já que a história não poderia emergir da mudez da documentação oficial. Insistia tratar-se de uma investigação sobre o passado cujas fontes “permaneceriam ignoradas”,²¹ impossibilitando a inteligibilidade sobre a história social do futebol brasileiro, caso não optasse pelas fontes orais. Apenas o contato direto com “centenas” de pessoas, de “todas as épocas”, poderia atender às demandas da sua pesquisa.²²

Para reforçar a legitimidade desse procedimento, Mário Filho cita, nominalmente, 63 entrevistados. São apresentados ao leitor os personagens que teriam contribuído com seus testemunhos e depoimentos. Na urdidura de seu lugar como historiador do esporte, o autor busca afirmar um critério de controle sobre as suas fontes, sinalizando o esforço de sistematização e a densidade investigativa que sustentam a narrativa.

A carta pública de Marcos Carneiro de Mendonça a Mário Filho dá pistas sobre como o autor de o *NFB* conduzia suas investigações:

Não denunciar, entretanto, ao público o quanto você usou e abusou da nossa paciência, tirando-nos, por vezes, da cama às tantas da madrugada, perturbando a nossa vida com conversas intermináveis, cheias de ‘como é que é?’, e de ‘você se recorda?’, quando o assunto football era o último a nos interessar, seria esconder uma verdade que precisa ser proclamada.²³

O pesquisador Maurício Murad (1999) valoriza a postura metodológica do autor: “Mário não se baseou em causos. Pesquisou durante anos, conversou, anotou, conviveu, numa verdadeira observação participante”.²⁴ Luís Fernandes, prefaciador da 4ª edição da obra, avalia no mesmo sentido: “Esta opção metodológica situa *O negro no futebol brasileiro* como obra precursora do recurso sistemático à História

²⁰ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

²¹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 20.

²² RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 20-1.

²³ MENDONÇA. *Carta sobre o ‘Negro no Football Brasileiro’*, p. 5.

²⁴ MURAD. *Considerações possíveis de uma resposta necessária*, p. 437.

Oral como fonte da História Escrita, prática que só viria a se disseminar mais amplamente nas Ciências Sociais brasileiras décadas depois”.²⁵ Por outro lado, pesquisadores como Ronaldo Helal e César Gordon afirmam que “poderíamos entender *O negro no foot-ball brasileiro* como uma compilação de relatos da tradição oral do futebol”.²⁶ Na mesma linha, Antônio Jorge Soares considera que Mário Filho: “Opera com uma espécie de deslocamento de foco: qualquer ‘causo’ ou fato serve para colocar em destaque a separação entre brancos e negros (ricos e pobres), a resistência dos últimos aos primeiros e a singular integração nacional a partir do futebol”.²⁷ O debate sobre a centralidade das fontes orais para o desenvolvimento de *NFB* também aconteceu no contexto de publicação da obra. Retornaremos a ele na última seção do artigo. Por ora, conclui-se que a garantia de “boa leitura” estaria fundada, na percepção do autor, na explicitação do método que permitisse ao leitor aceitar o pacto não-ficcional e seguisse a sua leitura reconhecendo o valor histórico de *NFB*.

GILBERTO FREYRE E O FUTEBOL COMO INSTITUIÇÃO NACIONAL: MÁRIO FILHO, INTÉRPRETE DO BRASIL

Gilberto Freyre foi um dos maiores prefaciadores do Brasil e do mundo. Segundo Edson Nery da Fonseca: “De 1927 a 1977, Gilberto Freyre foi solicitado a escrever 150 prefácios, introduções e apresentações de obras textuais e pictóricas: a média é, portanto, de 3 prefácios por ano. [...] Trata-se de um recorde nacional”.²⁸ Além dos números impressionantes, a variedade dos prefaciados é espantosa: a influência de Freyre seria “transgeracional, transregional e multidisciplinar”.²⁹ A partir de tais evidências, é possível conjecturar a existência de uma via de mão dupla na relação entre Freyre e os seus prefaciados. O renomado pensador cancelava o texto, ao passo que se afirmava como renomado pensador por essa espécie de “onipresença prefacial”. Genette afirma que o prefaciador convidado, “seguro da posição dominante que geralmente sua notoriedade lhe confere”³⁰ cumpre, via de regra, como vimos, duas funções

²⁵ FERNANDES. *Futebol, racismo e identidade nacional*, p. 10.

²⁶ Helal; Gordon. *Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol*, p. 55.

²⁷ SOARES. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*, p. 45.

²⁸ FONSECA. *Gilberto Freyre*, p. XXXV.

²⁹ FONSECA. *Gilberto Freyre*, p. XXXVIII.

³⁰ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 239.

prefaciais: recomendação e apresentação. Ambas são contempladas por Freyre ao recomendar o livro e o autor ao passo que realiza um “comentário crítico” a partir de reflexões despertadas pela sua própria experiência de leitura.³¹

Logo no primeiro parágrafo, Freyre estabelece um lugar privilegiado da obra ao alinhar a gênese e o desenvolvimento do futebol à “história da sociedade e da cultura brasileiras” dentro dos movimentos da transição da sociedade brasileira de sua fase rural para a urbana.³² Portanto, de saída, Freyre aponta que o *NFB* era capaz de inovar, ao tratar de assunto ignorado, o futebol, dentro da tradição interpretativa social brasileira. Como toda uma geração, Mário Filho também possuiria a “preocupação central com os destinos da vida pública no Brasil, notadamente com as condições de um país de origem colonial e escravocrata, e com forte herança rural, ascender à vida moderna”.³³

E, dentro desse recorte que pensa na formação do Brasil moderno a partir de suas heranças coloniais, o futebol ganharia, para Freyre, relevo superior, uma vez que apresentaria ao público um elemento de transformação social inédito no país: o processo de ascensão social do negro. Assim, afirma a importância do esporte

para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira, [uma vez que] entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol.³⁴

Desse modo, o estudo de Mário Filho revelaria um futebol que não era um “esporte igual aos outros”, mas “verdadeira instituição brasileira”.³⁵ Freyre afirma o caráter institucional do jogo não como uma metáfora grandiloquente, como se poderia pensar. A utilização do termo vincula-se à sua apropriação criativa do texto de Mário Filho. O futebol seria uma “instituição nacional”, pois cumpriria, de fato, uma missão inseparável da civilização, qual seja, a de canalizar energias sociais novas, oriundas do fenômeno da “transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana” da vida brasileira.³⁶ Nesse sentido, afirma: “Creio não dizer novidade

³¹ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 238.

³² FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

³³ RODRIGUES, *O conceito de formação na historiografia brasileira*, p. 258.

³⁴ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

³⁵ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

³⁶ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca de sublimação”.³⁷

Por ter sido capaz de canalizar as energias dispersas: “animais”, “transbordantes”, “irracionais” – portanto, profundamente violentas, imprevisíveis, incontidas e desagregadoras, o futebol

tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio.³⁸

Portanto, a instituição futebol ofereceria ao Brasil moderno e urbano um caminho exemplar a ser seguido nessa nova etapa da nacionalidade na qual seria necessário regular os efeitos da transição da sociedade rural para a urbana. Nessa lógica, sem o futebol as energias primais que, segundo Freyre, eram observadas no “cangaceirismo”, na “capoeiragem”, no “samba” e na “malandragem” teriam atuado como fatores de degeneração violenta ou improdutividade nacional. O futebol seria capaz de capitalizar forças destrutivas – “elementos irracionais” – em “vigor híbrido” organizador de cultura.³⁹

A partir daí, Freyre mobiliza as categorias “apolíneo” e “dionisíaco” para elevar o nome de Domingos da Guia como o principal representante desse futebol civilizador. Ao equipará-lo a Machado de Assis, afirma:

Apenas há num e noutro um domínio sobre si mesmos que só os clássicos – que são por definição, apolíneos – possuem de modo absoluto ou quase absoluto, em contraste com os românticos mais livremente criadores. Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é [...]. Sublimando tanto do que é mais primitivo,

³⁷ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

³⁸ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24-5.

³⁹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro ou do mulato, o cafuzo, o mestiço.⁴⁰

Dessa forma, para Freyre, o futebol brasileiro ganha contornos institucionais por suas feições apolíneas, e não pelas dionísicas como se poderia imaginar. Domingos da Guia e Machado de Assis são grandes orquestradores, ordenadores, heróis civilizadores, poderíamos dizer, que pelo seu vigor normativo são capazes de elevar-se sobre o caótico, o dispersivo, o furioso, o instintivo, o inconsciente, enfim, o dionísico, e fundar o Brasil moderno. O substrato autenticamente brasileiro é fornecido sim pelos elementos dionísicos, mas só é efetivado como força construtora de realidade social e cultural quando dominado pelo apolíneo. O “drible pelo drible” seria acrobacia inofensiva, pirueta inútil, lance transitório e frívolo. O lúdico poderia ser capaz de encantar, mas não de fundar. É pela sua obediência à disciplina ordenadora, que o drible (o impensado, a surpresa) tornar-se-ia diferencial cultural do Brasil perante o mundo. Em suma, o dionísico só se torna eficaz quando condicionado pelas fronteiras do apolíneo. Pelo futebol, o elemento caótico seja o violento, seja o lúdico improdutivo, ambos dispersos na sociedade, seriam transformados em elementos de ordem criadora. E toda essa reflexão contemporânea sobre os rumos do Brasil moderno seria aberta pelo ensaio histórico de Mário Filho. Antes de prosseguirmos, vale, então, propor um recuo e compreender como a afirmação da dimensão ensaística de *NFB* por Freyre é relevante para situar o livro como obra de interpretação profunda sobre o Brasil.

ENSAIO E INTERPRETAÇÃO DO BRASIL

Ao refletir sobre o ensaio na cultura intelectual brasileira, Fernando Nicolazzi (2011) conclui que, localizado na fronteira dos saberes naturais, literários, sociais e históricos, ele seria capaz de aglutiná-los, transformando-se em “modelo de escrita” que reúne “campos disciplinares que hoje são tidos por distintos”.⁴¹ Essa observação é especialmente pertinente, pois destaca que o hibridismo da forma também é o de

⁴⁰ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 25.

⁴¹ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 400.

seu conteúdo, sendo essa a “própria condição ensaística”.⁴² Essa condição aglutinadora ganha contornos históricos específicos no período analisado por Nicolazzi, início do século XX, quando o ensaio passa a ser o meio de expressão privilegiado para a produção de discursos interpretativos sobre o Brasil.⁴³

Nicolazzi aponta, desse modo, para apropriação da natureza antidogmática do ensaio para a produção de discursos sobre o Brasil “como um todo dado à interpretação”.⁴⁴ Sendo assim, o ensaísta não recusaria, a princípio, nenhum elemento que em tese pudesse contribuir para o seu pensamento sobre o Brasil: fonte, objeto, hipótese. Ele próprio, o pensador, está implicado na teia da realidade social sobre a qual pretende produzir sentido e não interpreta apenas para compreender “*o que era a nação brasileira*”, mas também para criar condições de “*ação sobre a pátria*”.⁴⁵

Dessa perspectiva, o ensaio é meio de ação em que a análise do evento isolado de sua conexão com o presente e possibilidade de reflexão sobre o futuro pouco participa. Há uma sensualidade no método ensaístico em que passado, presente e futuro se interpenetram: perseguem-se um ao outro, estão em permanente tensão, relacionam-se pela indicação do olhar do intérprete e revelam-se pela escrita, cuja função é justamente evidenciar as linhas de continuidade da experiência histórica, mais do que organizá-las em uma cadeia causal fechada e apartadas de suas recepções contemporâneas. Essa escrita, movida pelo desejo de inteligência e transformação, não se ancora, como se vê, na pretensa neutralidade do autor ou na transparência do documento, mas na aposta de que a forma mesma do texto pode ser o instrumento de cognição. Com isso, o ensaio, tal como o entende Nicolazzi, se configura como uma prática intelectual comprometida com a intervenção no mundo, e não apenas com sua descrição, em um gesto de pensamento e invenção do Brasil em que pensar é também agir:

⁴² NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 375.

⁴³ Nicolazzi afirma: “A conjectura que se levanta, portanto, é a de que o ensaio histórico das primeiras décadas do século XX desponta no limiar entre as intenções sintéticas da História literária e as pretensões eruditas da Historiografia convencional. É legítimo, assim, defini-lo como o esforço de sistematização de uma realidade histórica, não se resumindo à simples concatenação dos fatos em períodos, sem uma atenção detida em relação ao método crítico historiográfico, mas também sem a redução documental proposta pela história da Literatura, em que a ideia de fonte era, de maneira geral, sinônimo de texto literário” (Nicolazzi, *Um estilo de história*, p. 399).

⁴⁴ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 385.

⁴⁵ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 417.

o ensaio histórico-sociológico seria uma forma privilegiada para representar o País, não no sentido da descrição ufanista de suas paisagens e de seu povo, à maneira de certo romantismo, mas como representação que conduz à tarefa de solucionar os impasses sociais vivido pela nação.⁴⁶

Nesse caminho, o ensaio histórico, segundo Nicolazzi, tem em Freyre uma expressão grandiosa, uma vez que “*Casa Grande & Senzala* define um estilo ímpar de escrita da História, no qual as tarefas de representar o passado da nação e ordenar sua temporalidade emergem consoantes à promulgação de um sentido de continuidade histórica”.⁴⁷ Assim, o ensaio operaria em uma temporalidade distinta da erudição factualista, que separaria rígida e artificialmente as fronteiras entre passado e presente. Como expresso por Freyre e interpretado por Nicolazzi, a temporalidade do ensaio é a da continuidade, residindo aí a força de sua intervenção interpretativa. Desse modo, se a escrita é exercício intrinsecamente vinculado ao objeto, da mesma maneira que o presente se abre violentamente ao passado, o estilo narrativo é fundamental para instaurar esse modo de apreensão interpretativo. Segundo Nicolazzi, em Freyre: “Escrever de maneira cotidiana e íntima, como se estivesse falando a mesma língua falada pelos personagens que narra, era também uma prática de *empatia*, espécie de postura metodológica essencial em sua pesquisa”.⁴⁸

Retornando, então, ao prefácio de Freyre, Mário Filho é apresentado como “escritor ágil e plástico”, “pesquisador inteligente e pachorrento”, “mais próximo do que nunca daquela sociologia dos esportes para a qual sou dos que desejariam ver Mário Filho se encaminhar cada vez mais, através de estudos mais demorados e mais profundos do assunto”.⁴⁹ E conclui dizendo que “é este livro de Mário Filho um dos mais originais e mais sugestivos escritos ultimamente por brasileiro”.⁵⁰ Para além dos corriqueiros elogios, o prefácio autoriza a posição do autor como ensaísta e intérprete da realidade social, assim como desperta o leitor para a importância crucial do livro que tem em mãos, uma vez que entender o futebol passa a ser elementar para compreender o Brasil. E, para conhecer o jogo, é preciso saber a sua história

⁴⁶ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 434.

⁴⁷ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 458.

⁴⁸ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 434.

⁴⁹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 26.

⁵⁰ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 26.

“híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas europeias”.⁵¹ Nesse sentido, é Mário Filho, em “seu ensaio”, quem “nos põe diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade”.⁵² E que “agora vai sendo estudada sob o critério sociológico ou parassociológico”.⁵³ Tudo isso sendo fixado “com uma penetração, uma objetividade, uma segurança, uma minúcia, um luxo de pormenores significativos, que tornam seu ensaio obra de importância para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira”.⁵⁴ Dessa forma, após termos analisado as justificativas metodológicas autorais na “Nota ao Leitor” e o modo com que Freyre recomenda e legitima o livro e seu autor como intérpretes da realidade social brasileira, podemos passar ao “embate prefacial” entre Mário Filho e Tomás Mazzoni, em que estilos e propostas de escrita da história mostram-se em conflito.

O EMBATE PREFACIAL: MAZZONI CONTRA MÁRIO FILHO

O método de Mário Filho foi criticado por um importante interlocutor contemporâneo, Tomás Mazzoni. Assim como Mário Filho, Mazzoni também era grande jornalista e historiador do esporte. Escreveu uma série de almanaques sobre futebol, foi incentivador do desenvolvimento de outros esportes e ideólogo daquilo que denominou *O esporte a serviço da pátria* (1941).⁵⁵ Em 1950, Mazzoni escreve *História do Futebol no Brasil* (HFB), livro grandioso, em volume e ambição. Seu objetivo era escrever a história geral do futebol brasileiro. Dizia ele que a obra “foi possível” graças “a 30 anos de arquivo por nós organizado, onde reunimos todos os documentos possíveis e necessários”.⁵⁶

As preocupações do texto são em relação à objetividade dos fatos e acontecimentos, datas, ordens, origens, escalções, resultados, “o primeiro ‘estádio”, “a primeira Liga”, “a primeira bola brasileira”, “o certame paulista de 1902, o primeiro

⁵¹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

⁵² FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

⁵³ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 24.

⁵⁴ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro* (2010), p. 26.

⁵⁵ Para o pensamento autoritário de Mazzoni, ver Silva, *Ordem em jogo*; e Tonet, *Tomás Mazzoni e o pensamento autoritário no esporte*.

⁵⁶ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*, p. 11.

realizado no Brasil”, “a primeira vitória de um quadro brasileiro sobre o time dos ingleses”, “o ‘sururu’ entre assistentes [...] o primeiro da série interminável” etc.⁵⁷ Citações longuíssimas de documentos escritos tomam conta de boa parte das páginas, assim como classificações de campeonatos, escalações, nomes de presidentes, explicações morais e técnicas para derrotas e vitórias. No momento, o que nos interessa não é como o texto é construído, mas como sua elaboração está intimamente ligada, por oposição, ao método de Mário Filho.

Mazzoni cita o *NFB* nas referências bibliográficas de *HFB* e lista Mário Filho como um dos poucos historiadores do esporte no prefácio autoral do livro, denominado “Introito”.⁵⁸ Ao apresentar a obra, já no primeiro parágrafo do prefácio, expõe que não partia dos mesmos pressupostos de seu colega. Sem citá-lo diretamente, a referência aos métodos de Mário Filho está implícita: “Não se trata, pois, de nenhuma história escrita pelo método ‘ouvimos dizer’, ou ‘nos contaram assim e assado’”. E continua: “Nossa preocupação foi a de reunir, nessa obra, antes de mais nada, os maiores dados possíveis acerca dos fatos principais, de importância estritamente nacional. Fatos e episódios de maior vulto”.⁵⁹ Pressupostos que parecem adequados às preocupações metodológicas oitocentistas historicamente defendidas pelo IHGB em “uma posição documental, de coleta, identificação e crítica de fontes”.⁶⁰

A concepção de História defendida por Mazzoni estaria fundamentada apenas em documentos oficiais, que, por sua vez, conduziriam à apreciação da verdade histórica. Se o resultado da pesquisa de Mário Filho era interpretativo, Mazzoni (1950) faz história com o intuito de “reunir”, “documentar” e “descrever”, “desde o seu berço até hoje”, os principais fatos do passado.⁶¹ Em *NFB*, percebe-se a proeminência do acontecimento pequeno, aparentemente desprezioso e corriqueiro, enquanto, na *HFB*, fatos que seriam intrinsecamente mais significativos ditariam o ritmo da escrita. O jornalista ítalo-paulista evidencia seus critérios historiográficos:

Por história devemos ter presente [...] a participação do Brasil nos campeonatos internacionais, as disputas dos campeonatos nacionais, os jogos

⁵⁷ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*.

⁵⁸ Os outros historiadores citados por Mazzoni são: Antônio Figueiredo, Leopoldo Santana, Paulo Várzea, Max Valentim, Horácio Werner, Afonso de Castro, Indalicio Mendes e Pimenta Neto.

⁵⁹ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*, p. 11.

⁶⁰ NICOLAZZI. *Um estilo de história*, p. 392.

⁶¹ MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*.

dos clubes brasileiros com os estrangeiros, etc; a implantação do futebol nos principais Estados, a fundação dos clubes de maior projeção nacional, os episódios e ocorrências que tiveram repercussão [...]. Foi esse o critério que escolhemos, para escrevermos a história.⁶²

Essa breve comparação demonstra como havia diversas maneiras de se pensar a história do futebol no Brasil com divergências significativas entre elas. Quando Olivio Montenegro (1948), resenhista da obra de Mário Filho, escreve que o *NFB* “não se endurece em forma de relatório nem se empacha de nomes e de datas”, é porque a “história relatório”, obsessivamente factual, era uma possibilidade nesse contexto historiográfico, uma vez que a produção da verdade histórica estaria vinculada a esse modo de condução da pesquisa.⁶³ A *HFB*, de Mazzoni, talvez seja, por isso, o melhor contraexemplo da proposta elaborada por Mário Filho. E essa oposição é demarcada nesse “embate prefacial”.

Cioso das objeções que seu trabalho poderia sofrer, Mário Filho assume que talvez seu relato gerasse desconfiança do leitor devido à profusão de detalhes no livro. Essa preocupação é demonstrada a João Condé, no suplemento literário “Letras e Artes” do *A Manhã*,⁶⁴ quando Mário Filho fala sobre o seu processo investigativo:

Com aquele material todo eu não devia hesitar um momento. Portanto foi mestre Gilberto Freyre que me animou [...]. Eu precisava de um estímulo assim, porque você não pode avaliar o trabalho que me deu juntar tudo isto numa narrativa corrente, sem uma interrupção. Tive de ir buscar fato por fato nas fontes originais, dispensar na memória de uma porção de gente que eu conhecia e não conhecia, que se lembrava e não se lembrava.⁶⁵

Aproximando o trecho acima da “Nota ao Leitor”, vê-se uma preocupação modular: como transformar a matéria-prima em um produto final coerente e agradável? Como não ser confundido com um ficcionista? Devido aos inúmeros detalhes difíceis de serem cotejados com documentos impressos, que supostamente atestariam a verdade histórica, não estaria o trabalho sob suspeição?

⁶² MAZZONI. *História do Futebol no Brasil*, p. 11.

⁶³ MONTENEGRO. *Uma história de football*, p. 4-5.

⁶⁴ Suplemento literário “Letras e Artes” do jornal *A Manhã*, na seção “Confissões”. Esta edição, em particular conta com textos de Otto Maria Carpeux e o raro poema de Jaime Ovalle, *Fogo Morto*, dedicado ao amigo José Lins do Rego, pouco após a publicação do livro. Para o suplemento “Letras e Artes”, ver Scalzo, *História da literatura mora nos “Arquivos Implacáveis”*, 1996.

⁶⁵ RODRIGUES FILHO. *Confissões*, p. 9.

Na tentativa de enfrentar as indagações acima, Mário Filho estabelece no prefácio um pacto ético com o leitor afastando de si a pecha de “mentiroso” ou “romancista”. Essa é uma forma de se comprometer com a veracidade, ou antes, com um modo de operação mental próprio ao campo histórico, que, em sua linguagem, aparece como o avesso do uso da imaginação. Ele escreve: “Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe [sic] a veracidade por averiguações exaustivas”.⁶⁶

Essa disposição em negar o uso da imaginação parece ser uma resposta à forma com que José Lins do Rego (1943) havia prefaciado o seu *Copa Rio Branco, 32*, fazendo muitas referências às qualidades de Mário Filho como “mestre do romance e da crônica”, dizendo que o livro era “um romance verdadeiro” e que “a Copa Rio Branco de 1932 teve a sorte de encontrar um historiador que é um romancista. E é em meio a essa aliança do fato com a imaginação que estaria a grande história que sobrevive”.⁶⁷ Assim, Mário Filho buscava, ativamente, distanciar-se de qualquer leitura de o *NFB* como obra ficcional. Afirma, com isso, o lugar prefacial como aquele que detém a primazia de encaminhar um modo de leitura da obra, ou nas acepções de Genette, firmar um polo de força no prefácio como um instrumento de “controle autorial” sobre os sentidos do livro.⁶⁸ Ainda, responderia também ao mal-estar oriundo de elogios de prefácios anteriores que, apesar de elevarem o nome do autor, poderiam prejudicar as suas intenções não-ficcionais. Tencionando firmar-se como historiador e legitimar o seu texto dentro dos códigos de leitura próprios dessa categoria epistêmica, Mário Filho oferece a dúvida, como a navalha que separaria o que entra e o que sai de sua história, uma vez que “às vezes uma simples dúvida me fazia inutilizar um capítulo, obrigando-me a novos trabalhos e pesquisas”.⁶⁹ Dessa maneira, o autor demarca suas pretensões analíticas nos limites da veracidade, comprovada pela postura de precaução frente àquilo que lhe chega aos ouvidos. Fazendo da dúvida um método, e preocupado com sua credibilidade como pesquisador, Mário Filho explicita cuidados analíticos fundamentais na construção do livro.

⁶⁶ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

⁶⁷ REGO. *A biografia de uma vitória*, p. 6-8.

⁶⁸ GENETTE. *Paratextos editoriais*, p. 197.

⁶⁹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

Além disso, o autor julgou que esse pacto ético poderia não ser o bastante para atender os anseios dos leitores pela “verdade das coisas”. Por que teriam de confiar apenas em suas palavras? Os leitores poderiam confiar, porque garante que seu livro, além de tudo, passou por um processo extenuante de validação: “teve a mais ampla divulgação jornalística que se poderia desejar”, saindo diariamente nas páginas d’*O Globo*, “o jornal de maior circulação na imprensa brasileira”.⁷⁰ Dessa forma, Mário Filho atribuía ao público a função ratificadora do texto:

Uma vaidade eu tenho: a de apresentar uma obra que desafia contestação. Se eu tivesse exagerado, para não dizer deturpado os fatos, não faltariam desmentidos. [...] E não apareceu uma refutação de quem quer que fosse, embora quase todos os personagens da história do futebol brasileiro estejam vivos, tenham lido as páginas reunidas neste volume. O que prova que o que está aqui é a verdade pura e simples.⁷¹

A verdade histórica de sua narrativa ancorava-se, também, no respaldo dado pelos leitores d’*O Globo* durante a sua publicação no jornal. Para Mário Filho, a ausência de contestações, inclusive dos atores desse passado, comprovava a “verdade pura e simples” que contava no livro – sem “exageros”, sem “deturpações”, como diz.⁷² Dessa forma, podemos perceber que Mário Filho leva à narrativa histórica um regime de veracidade típico do ofício jornalístico, em que atores e leitores devem ser capazes de reconhecer a correspondência entre o real social e o escrito nas páginas do periódico, fato que conferiria credibilidade ao escritor. Nessa espécie de metamorfose do jornalista em historiador não se pode, portanto, desconsiderar o lugar de enunciação da verdade do jornalista Mário Filho. O jornalista investiga, revela e possui uma ambição de credibilidade. Por isso, Wisnik destaca a qualidade de nativo do autor, assim como Murad já havia denominado a postura de Mário Filho de “observação participante”:

O grande estudioso clássico do futebol brasileiro é, portanto, um nativo (como se usa o termo em antropologia) que se envolveu no próprio fenômeno até a raiz dos cabelos, fundando no espaço dos meios de massa as condições para o desenvolvimento das potencialidades que ele veio a exaltar. Seu trabalho difere, em quase tudo, dos tons ditados pela

⁷⁰ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

⁷¹ RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

⁷² RODRIGUES FILHO. *Nota ao Leitor* (2010), p. 23.

observação acadêmica que mal começava a se implantar sistematicamente no Brasil.⁷³

Wisnik ainda aponta para a metamorfose do jornalista em intérprete ocorrida em Mário Filho:

O jornalista (que vemos conversando com jogadores em fotos do início dos anos 30, com o típico chapéu de banda e um cigarro no canto direito da boca, qual um repórter de *Boca de Ouro* ou *Vestido de Noiva*) desdobra-se depois no ensaísta e intérprete que tratou em detalhe e em conjunto do fenômeno de cuja produção e projeção pública ele foi um dos motores fundamentais.⁷⁴

Assim, Mário Filho tenta solidificar a plataforma sobre a qual seu conhecimento se assenta. Ao fazer a investigação, com objetos e objetivos, hipótese e métodos, coincidir com o universo mental regido pelo ponteiro da memória dos que teriam condições de refutá-lo, Mário Filho procura tecer um regime de veracidade para o seu texto. Um dos produtos gerados por essa união é a confiança na palavra do autor – jornalista transformado em historiador – por meio do respaldo dos próprios personagens.

Consideradas em seu conjunto, as opções metodológicas de Mário Filho revelam uma concepção particular de verdade histórica, que se constrói menos pela autoridade dos documentos escritos do que pela escuta ativa das memórias e experiências dos protagonistas do futebol. Ao privilegiar a oralidade e desconfiar dos silêncios das fontes oficiais, o autor inscreve sua narrativa numa linhagem interpretativa próxima à de Gilberto Freyre, na qual a observação sensível dos traços culturais e a atenção ao cotidiano ganham centralidade.

Pode-se depreender, a partir desses elementos, as bases freyreanas da perspectiva analítica de Mário Filho, que valoriza o estudo, por exemplo, das rotinas passadas e sua ambição em entrar na “intimidade dos fatos”. O último termo, inclusive, ressoa aquilo que Freyre escreve em *Casa Grande & Senzala*: “No estudo da sua *história íntima* [grifo nosso] despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina da vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo”.⁷⁵

⁷³ WISNIK. *Veneno remédio*, p. 238.

⁷⁴ WISNIK. *Veneno remédio*, p. 233.

⁷⁵ FREYRE. *Casa-Grande & Senzala*, p. 22.

Além disso, Jorge Morais e José Ratton afirmam que:

É comum encontrarmos, na obra de Gilberto Freyre a descrição e análise de um fenômeno de ordem macrosociológica intercalado por referências a pessoas concretas de carne-e-osso, pessoas estas que exemplificariam, ou antes, demonstrariam a existência do fenômeno sob análise. [...] A análise dos processos históricos de mudança social, segundo Freyre, passa necessariamente pela ação dos agentes sociais, e esta ação só pode ser capturada pelo método que ele denominou de empático.⁷⁶

Nesse ponto, é o próprio Mário Filho quem afirma o valor capital dos métodos e interpretações dos fenômenos socioculturais de Freyre para as suas reflexões:

Se eu não conhecesse Gilberto Freyre em Apipucos – fôra a Recife matar saudades da infância – talvez êste livro não fôsse escrito. [...] Não me lembro como, naquele primeiro encontro com Gilberto, conversa vai, conversa vem, comecei a falar da luta do negro para vencer no futebol. [...] Não precisei me estender muito, Gilberto foi logo dizendo que eu tinha de escrever o livro. Com aquele material todo eu não devia hesitar um momento. Portanto foi mestre Gilberto Freyre que me animou a realizar *O negro no futebol brasileiro*.⁷⁷

A vinculação entre prefaciador e autor não passou despercebida por críticos da obra, como nos lembra Marcos Chor Maio: “O sociólogo Costa Pinto, ao analisar o livro do jornalista Mário Filho sobre a história do negro no futebol brasileiro, critica-o pela utilização de estilo modernista lembrando ‘Gilberto Freyre [que] quase [o] oficializou nos seus trabalhos sociológicos’”.⁷⁸ Por seu turno, Freyre chancela o autor ao assinar o paratexto e conduz, pela escrita, Mário Filho ao posto de ensaísta e intérprete. Esse lugar de enunciação discursivo, como temos visto, o coloca em confronto direto com a tradição representada por Tomás Mazzoni, afeita à história ancorada em registros estatísticos, cronologias institucionais e preocupada com os “grandes eventos” do futebol. Freyre vincula Mário Filho ao ensaísmo histórico de formação nacional, esse modo narrativo que confere ao Brasil uma “individualidade histórica” e “certa tonalidade épica na história brasileira” a partir da “investigação sobre as próprias condições de possibilidades de uma experiência própria de mundo, de um futuro promissor”.⁷⁹

⁷⁶ MORAIS; RATTON JR. *Gilberto Freyre e o futebol*, p. 89-91.

⁷⁷ RODRIGUES FILHO. *Confissões*, p. 9.

⁷⁸ MAIO. *Tempo controverso*, p. 117.

⁷⁹ RODRIGUES. *O conceito de formação na historiografia brasileira*, p. 260.

CONCLUSÃO

No prefácio autoral, Mário Filho ao dar enfoque à validade de sua perspectiva metodológica está disposto a recusar aproximações de seu livro às formas literárias: o distanciamento do gênero romance, o cuidado declarado com o tratamento dos testemunhos e a validação obtida junto ao público leitor constituem os elementos centrais de um pacto de veracidade. Ao fim, o lugar que Mário Filho busca situar o seu livro não é apenas o de uma interpretação ensaística inovadora da presença do negro no futebol, como faz Gilberto Freyre, mas a afirmação de um regime específico de produção da verdade histórica, fundado na publicização dos resultados, na escuta das vozes dos atores pela mobilização das fontes orais e na relativização do documento escrito como fundamento exclusivo de legitimidade da interpretação histórica.

Gilberto Freyre, em seu prefácio, recorre às funções de recomendação e apresentação por meio da validação do texto e do autor e de um comentário crítico da obra. Ao fazê-lo, inscreve o livro de Mário Filho no interior de uma tradição ensaística do pensamento social voltada à compreensão das continuidades e rupturas da formação brasileira, a partir da inovação analítica que toma o futebol como vetor privilegiado da modernização nacional, sobretudo por sua capacidade inédita de promover a ascensão social do componente negro da sociedade. Ao situar o *NFB* como obra inovadora, capaz de revelar as dimensões culturais e civilizatórias do futebol, Freyre chancela Mário Filho como intérprete da brasilidade, ao mesmo tempo em que reforça sua própria posição de autoridade intelectual por meio da apropriação criativa do texto. Assim, o prefácio torna-se espaço estratégico de legitimação recíproca entre autor e prefaciador.

Por fim, o embate entre Mário Filho e Tomás Mazzoni adquire relevo exemplar entre dois modos distintos de representação do passado: de um lado, uma história construída a partir da escuta e da memória, sensível às dinâmicas sociais e raciais, essencialmente interpretativa; de outro, uma narrativa ancorada na autoridade documental, linear factual e pretensamente objetiva. Assim, os prefácios ao *NFB* buscam inseri-lo como parte de uma tradição interpretativa da realidade social brasileira e garantir a excelência da pesquisa, sobretudo no que tange ao recurso às fontes orais.

REFERÊNCIAS

- 200 anos, 200 livros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 de maio de 2022.
- FERNANDES, Luis. Futebol, Racismo e Identidade Nacional (Prefácio à 4ª Edição). In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- FONSECA, Edson Nery da. **Gilberto Freyre**: prefácios desgarrados (v. 1). Rio de Janeiro: Cátedra Editora; Brasília: INL, 1978.
- FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras**: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002.
- FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro (Prefácio à 1ª Edição). In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2009.
- GIL, Gilson Pinto. **Humildes, mascarados e gênios**: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho. Tese (Doutorado em História), IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cezar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Maud, 2001.
- MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999.
- MAZZONI, Tomás. **História do futebol no Brasil (1894-1950)**. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- MENDONÇA, Marcos de. Carta sobre o 'Negro no football brasileiro'. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Edição 5968, 04 de fevereiro de 1949, p.5.
- MONTENEGRO, Olivio. Uma história de football. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Edição 5796, 15 de julho de 1948, p. 4-5.
- MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n.1, p. 89 e 91, 2011.
- MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, p. 431-446, 1999.
- NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **Copa Rio Branco**, 32. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1943.

RODRIGUES FILHO, Mário. Confissões: O negro no foot-ball brasileiro (À João Condé). **Letras e Artes**: Suplemento de *A Manhã*, ed. 38, 13 abr. 1947, p. 9.

RODRIGUES FILHO, Mário. **Copa Rio Branco**, 32. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943.

RODRIGUES FILHO, Mário. Nota ao Leitor. In: RODRIGUES FILHO, Mário **O negro no foot-ball brasileiro** Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário. Nota ao Leitor. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno Franco e outros (org.). **Teoria e historiografia**: debates contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SCALZO, Fernanda. História da literatura mora nos “Arquivos Implacáveis”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Ilustrada, 21 de março de 1996.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: O Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Rafael Santos. **Ordem em jogo**: jornalismo esportivo, disciplina e nacionalismo na produção de Thomaz Mazzoni (1920 - 1941). Dissertação (Mestrado em História), PUC, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

TONET, Vinicius Garzon. ‘Não seria o destino do foot-ball?’: história, memória e sentido em *O negro no foot-ball brasileiro*, de Mário Filho. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 7, n. 3, p. 76-92, 2023.

TONET, Vinicius Garzon. Tomás Mazzoni e o pensamento autoritário no esporte. **Ludopédio**, São Paulo, v. 137, n. 5, 2020.

WISNIK. José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

* * *

Recebido em: 20 jan. 2026.
Aprovado em: 11 fev. 2026.

A mulher pioneira na pesquisa acadêmica sobre futebol no Brasil: entrevista com Maria do Carmo Leite de Oliveira

The pioneering woman in academic research on football in Brazil: interview with Maria do Carmo Leite de Oliveira

Wesley Barbosa Machado

UENF Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil
Mestre em Cognição e Linguagem, UENF
202314120022@pq.uenf.br

RESUMO: Entrevista com Maria do Carmo Leite de Oliveira, mulher pioneira na pesquisa acadêmica sobre futebol no Brasil. Em 1974, publicou o livro *Futebol: fenômeno linguístico*, resultado de sua dissertação de mestrado em Letras: Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, obtida em 1973. Lançado há mais de meio século, esse livro apresenta uma análise do futebol sob o viés linguístico por meio da imprensa, permanecendo uma referência para pesquisadores nas áreas de futebol e linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Maria do Carmo Leite de Oliveira; Futebol; Linguagem; Futebol e linguagem; Cultura popular brasileira.

ABSTRACT: Interview with Maria do Carmo Leite de Oliveira, a pioneering woman in academic research on football in Brazil. In 1974, she published the book *Futebol: fenômeno linguístico*, the result of her master's thesis in Literature: Portuguese Language from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, obtained in 1973. Released over half a century ago, this book presents an analysis of football from a linguistic perspective through the press, remaining a reference for researchers in the fields of football and language.

KEYWORDS: Maria do Carmo Leite de Oliveira; Football; Language; Football and language; Brazilian popular culture.

Nascida em Cinfães do Douro, Portugal, em 1948, Maria do Carmo Leite de Oliveira é doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com pós-doutorado na Universidade de Lisboa. É professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras da PUC-Rio, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenadora do grupo Discurso, Interação e Práticas Profissionais. Especialmente, atua como orientadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

Maria do Carmo tem prestado consultoria sobre comunicação no ambiente de trabalho e ministrado cursos sobre produção de textos empresariais e comunicação interpessoal. Estão, entre seus clientes, Banco Central do Brasil, Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), Rede Globo de Televisão, Eletrobrás, Petrobras, Furnas Centrais Elétricas, Light, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Operador Nacional do Sistema Elétrico.

* * *

Wesley Barbosa Machado: Professora Maria do Carmo, qual a data e o local de seu nascimento?

Maria do Carmo Leite de Oliveira: 05 de julho de 1948, nasci em Portugal, Cinfães do Douro. Mas foi uma ideia da minha mãe que já tinha três filhos brasileiros e resolveu que eu ia nascer em Portugal para homenagear meu pai. E assim foi.

Como começou sua relação com o futebol?

Começou como membro da minha família! (risos). Explico melhor: meu pai era português, meu tio-avô foi presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama de 1948 a 1950. Logo, todos os descendentes nascem com uma Cruz de Malta no peito.

Qual o nome do seu tio-avô que foi presidente do Vasco?

Antonio Rodrigues Tavares.

Como surgiu a ideia de pesquisar sobre futebol?

Em termos de interesses de pesquisa, eu diria, adaptando o verso de Drummond, que um anjo me disse: “Vai, Carmo, ser *gauche* na vida!” – acadêmica.

Os estudos na área da linguagem, nos anos 70, tinham como foco a teoria gerativista. Na contramão dessa tendência, eu estava mais interessada na questão do sentido. Logo um estudo semântico da linguagem do futebol contribuiria para o entendimento dessa paixão nacional e dos valores da cultura brasileira subjacentes. A análise dos dados explicitou como o machismo, o racismo e a religiosidade de matriz africana e de tradição cristã presentes na cultura brasileira emergem na linguagem do futebol. A alta desigualdade da sociedade brasileira

também é espelhada no mundo do futebol, em que jogadores, marcados por um destino de nascer e morrer na mesma classe social, encontram no futebol um meio de ascender socialmente.

Como é para você ser uma mulher pioneira pesquisadora de futebol no Brasil? Em que ano você defendeu sua dissertação de mestrado?

Para ser honesta, àquela época fui mais orientada pela paixão pessoal e relevância teórica e social do tema do que pelo vanguardismo. Isso ficou mais claro para mim em 2021, quando fui convidada a dar uma entrevista no portal *Ludopédio*,¹ especializado em estudos e entrevistas sobre futebol.

Esse convite me fez olhar para o retrovisor, para uma dissertação que foi defendida em 1973. Relendo o livro,² reconheci o vanguardismo do tema e de ter sido produzido por uma mulher. Como sabemos, passaram décadas para que o mundo do futebol abrisse algumas portas para as mulheres hoje.

Como as crônicas de futebol chegam ao público leitor de massa? Que papel têm estes cronistas de futebol? E como a publicação das crônicas de futebol em livros muda o público leitor?



Profa. Maria do Carmo Leite de Oliveira em 2023.
Foto: Acervo pessoal da entrevistada.

¹ SPAGGIARI; LOURENÇO; KESSLER; DANTAS. Entrevistas: Maria do Carmo L. de Oliveira, *Ludopédio*, 2021.

² OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. *Futebol: fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro-RJ: Documentário, 1ª ed., 1974.

Eu vivi numa época privilegiada em termos de cronistas esportivos. Os grandes jornais veiculavam textos sobre futebol de Nelson Rodrigues, João Saldanha, Armando Nogueira e tantos outros. Liam esses textos não só os apaixonados pelo futebol, mas também os apaixonados pelo modo criativo, artístico como a linguagem era usada. Eram textos preciosos em todos os sentidos. A meu ver, isso é que explica, por exemplo, a publicação do livro *As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha*.³ Atualmente, gosto muito de ler o Tostão na Folha de São Paulo pelas mesmas razões. Mas acho que com a internet, outros estilos de cronistas vêm conquistando públicos, especialmente em podcasts e mesmo em narrações de jogos no *stream*. Acho que a massa está dividida.

Como fica a questão da propalada imparcialidade do jornalista esportivo quando escreve sobre futebol, que você comenta no livro ter um componente de "coloração emocional"? No caso das crônicas, o jornalista tem mais liberdade?

A coloração emocional marca um discurso orientado pela emoção, mas não necessariamente pela parcialidade. Olha, eu lamentei muito, quando O Globo deixou de publicar os artigos do Caju, sobre futebol. Como vascaína, talvez uma das coisas que eu mais gostava era a visão crítica que ele trazia sobre o Flamengo num determinado jogo. Sabemos que neutralidade não existe. Mas imparcialidade é possível, mesmo que com muito esforço. Nunca analisei, mas tenho certeza de que, num jogo

Brasil-Argentina, o grito do radialista quando o gol é do Brasil deve ser diferente daquele quando o gol é da Argentina. A duração em segundos do prolongamento do grito, o volume da voz ou outro aspecto prosódico deve variar, mas é pouco perceptível para a massa.

No seu livro *Futebol: fenômeno linguístico, você antecipa, em 1974, fenômenos como o futebol como negócio. A partir de quando, você começou a perceber este fenômeno do futebol como negócio?*

Quando fui buscar a literatura sobre a história do futebol, me dei conta que a passagem do futebol amador para o futebol profissional representou um estranhamento. Parecia mais fácil jogar por paixão pela camisa do que por dinheiro. No filme sobre a vida de Heleno de Freitas, essa paixão fica mais evidente, quando ele se revolta com seus colegas por receberem o 'bicho', mesmo tendo jogado mal. Para ele, não bastava resultado. Era preciso jogar bem e para jogar bem era preciso paixão.

Por gentileza comente mais sobre a fabricação de heróis no futebol pela imprensa, que você cita no livro.

Numa sociedade capitalista, o ser humano se tornou tão consumível quanto um produto na prateleira de um mercado – físico ou virtual. Até tempos atrás, clubes enriqueciam especialmente pela apropriação da força de trabalho de jogadores talentosos que asseguravam casa cheia. Hoje, para acumular capital, os

³ OLIVEIRA, Cesar. (Org.) *As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha*, 2017.

clubes nem mantêm mais a camisa tradicional que vestiram por anos. A cada temporada, temos uma camisa nova.

A mídia também vê o futebol como negócio. A cada temporada, as notícias elegem um jogador como herói. Isso vende jornal, conteúdo para sites, programas televisivos etc. O problema é que, ao categorizar alguém como herói, apaga-se a natureza humana desse jogador, isto é, a possibilidade de falhar. E se surge um jogador mais habilidoso, ele cai do Olimpo. Vai em busca de times pequenos, sai da grande cidade, quando submerge numa depressão. É do mercado: para uns ganharem, outros têm que perder.

Comente mais sobre a análise do discurso de cientificidade dos técnicos e da imprensa que você faz no livro. No apêndice do livro você traz um vocabulário do futebol. Como estas palavras são assimiladas na imprensa e, posteriormente, na literatura esportiva?

Aquele mapa lexical não expressa mais, na sua totalidade, a realidade do que ocorre na imprensa escrita ou falada. Muito da linguagem figurada usada naquela época refletia o que era chamado de futebol-arte, isto é, aquele que não se ensina e que deslumbra, como as jogadas de Garrincha e Pelé, só para citar alguns.

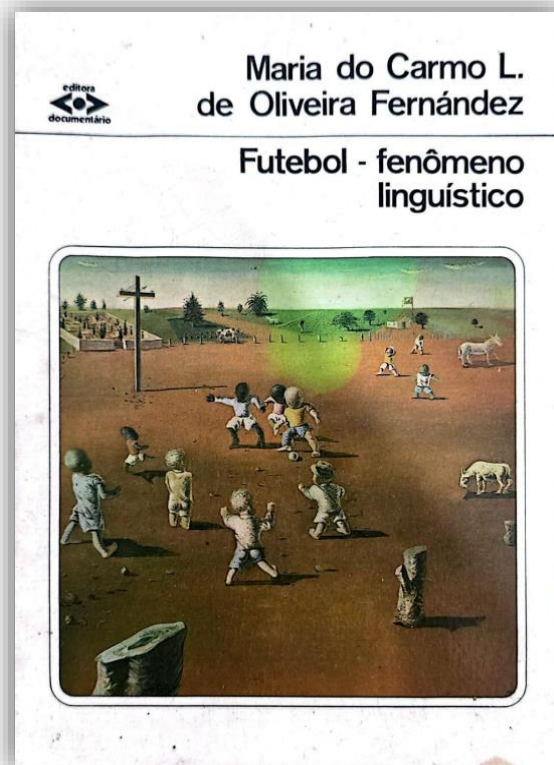
Os avanços da ciência vieram revolucionar nossas práticas, e o futebol não é uma exceção. A questão é que as contribuições da ciência são de bastidor e produzidas por cientistas. Um bom exemplo de divulgação do modo como a ciência pode contribuir para entender o sucesso de um jogador foi apresentado no programa televisivo *Esporte Espetacular*, de 17 de dezembro

de 2023. A reportagem convidou especialistas de diferentes áreas do conhecimento científico para explicar a química entre Cano e as redes. O que aparentemente foi feito de modo intuitivo, a ciência explicou.

Para mim, foi o melhor exemplo do que se entende como divulgação científica. Se o técnico se vale dessas contribuições da ciência, o papel dele é o de traduzir aquela linguagem técnica tanto para o jogador, quanto para a sociedade. Ele não pode é parecer cientista sem ser.

Como aplicar oficinas de crônicas de futebol em sala de aula de Língua Portuguesa?

Acho muito oportuna essa pergunta. Durante muito tempo, a escola não levou para a sala o estudo de diferentes gêneros discursivos. Salvo engano, não conheço nenhum livro didático que ensine o gênero crônica esportiva. Tenho certeza de que seria um assunto muito motivador para os alunos, ainda mais que, com a internet, deixamos de ser apenas consumidores de conteúdo, para sermos também produtores. A metodologia de ensino é a mesma usada para ensinar outros gêneros, como conto de fadas, uma notícia, uma propaganda etc.



Capa da 1ª edição do pioneiro livro *Futebol: fenômeno linguístico* (1974). Acervo pessoal da entrevistada.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Cesar. (Org.) **As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha**. Pesquisa e seleção de crônicas: Alexandre Mesquita. Comentários: Alexandre Mesquita; Cesar Oliveira; Marcelo Guimarães. Macaé/RJ: Pebola, 2017.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. **Futebol: fenômeno linguístico**. Rio de Janeiro/RJ: Documentário, 1974.

SPAGGIARI, Enrico; LOURENÇO, Marco; KESSLER Cláudia Samuel; DANTAS, Marina de Mattos. Entrevistas: Maria do Carmo L. de Oliveira, **Ludopédio**, São Paulo, 22.69, v. 22, Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), 2021.

* * *

Recebido em: 08 ago. 2024.
Aprovado em: 19 jun. 2025.

* * *

Women in sport: an interview with Kim Toffoletti

Mulheres no Esporte: uma entrevista com Kim Toffoletti

Soraya Barreto Januário

Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa
soraya.barreto@ufpe.br

Paloma de Castro

Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil
Doutoranda em Comunicação, UFPE

RESUMO: A entrevista com a professora e pesquisadora Kim Toffoletti da Deakin University, Austrália, aborda as mulheres nos esportes a partir das principais contribuições da pesquisadora para o fortalecimento do campo. Kim Toffoletti tem se dedicado ao ensino e à pesquisa nas áreas de gênero, feminismo, mídia, novas tecnologias e esporte. Seu trabalho atual foca na autorrepresentação de atletas nas redes sociais e em como melhorar a participação das mulheres nos esportes. Assim, buscamos explorar seus principais conceitos e apresentá-los a um público acadêmico brasileiro mais amplo.

PALAVRAS-CHAVE: Atletas; Austrália; Culturas torcedoras; Gênero; Mídia.

ABSTRACT: The interview with Professor and researcher Kim Toffoletti from Deakin University, Australia, explores Women in Sports through her primary contributions to strengthening the field. Kim Toffoletti has dedicated her career to teaching and research in the areas of gender, feminism, media, new technologies, and sport. Her current work focuses on athletes' self-representation on social media and how to improve women's participation in sports. Thus, we seek to delve into her key concepts and present them to a wider Brazilian academic audience.

KEYWORDS: Athletes; Australia; Fan cultures; Gender; Media.

“The rapidly changing arena of global sport has offered women newly visible roles in the globalised sporting economy as consumers and fans, sport broadcasters, celebrity athletes, media personalities and the like”¹. Dr Kim Toffoletti is an Associate Professor of Sociology, School of Humanities and Social Sciences at Deakin University in Melbourne, Australia, who has dedicated herself to teaching and researching in the areas of gender, feminism, media, new technologies, and sport. Her current work is focused on athletes' self-representation on social media and also how we can improve women's sport and physical activity participation by addressing gender and race disparities in sport, digital media, and fan cultures.

Kim Toffoletti has many recognized contributions to the field, which include the books “Women sport fans: Identification, participation, representation” (2017) and “New sporting femininities: Embodied politics in postfeminist times” (2018). She has also become an important reference for scholars in Brazil working on multidisciplinary approaches in sport and gender, particularly regarding Women in Sport. Her work has already been recognized at academic events, such as the 2024 International Seminar of the Marta Collective (UFMG), where she was invited as a keynote speaker.

Moreover, Australian research on social phenomena such as sports offers valuable perspectives that highlight both the differences and similarities between sporting spaces in Australia and Brazil. This is especially relevant given that

Australia, particularly Melbourne where Kim is located, is a vibrant hub for sports consumption. This shared context formed the basis for our conversation, which began when one of the interviewers met Kim while on a PhD exchange program at Deakin University in Melbourne, Australia. This interview was subsequently conducted on February 23 in 2024, via Google Meet. Therefore, our purpose is to delve into her key concepts and present them to a wider Brazilian academic audience.

In this interview, Kim Toffoletti discusses the concept of "New Femininities" in sports, referring to the representation of female athletes as physically and sexually empowered, moving away from discourses of victimization. However, she critiques these representations for often being embedded in commercial logics that link empowerment to the creation of personal brands appealing to the market. Influenced by post-feminism, understood as a cultural sensibility rather than the end of feminism, Kim Toffoletti analyzes how femininity in sports is shaped by the commodification of the body and self, generating new enactments of gender that both challenge and adhere to normative beauty ideals.

The researcher also addresses the relationship among the body, performance, and media, emphasizing that despite "new femininities" broadening aesthetic standards, these bodies remain highly regulated. In digital media, athletes are expected to demonstrate constant "self-work" through practices of self-care and self-love, which constitutes a new form of labor.

¹ Toffoletti. *Women Sport Fans: Identification, Participation, Representation*, p. 8.

Intersectionality is highlighted as a central element, demonstrating how race, class, and sexuality impact women's experiences in sports, with an emphasis on the experiences of Black and LGBTQIA+ athletes, whose bodies are frequently dehumanized. Therefore, we seek to present the researcher's work and key insights that contribute to strengthening studies on Women in Sport.

* * *

Soraya Januário e Paloma de Castro: Before beginning with the questions, we'd like to ask you to tell us a bit more about your academic background and what led you to develop an interest in researching Women in Sports.

Kim Toffoletti: My background is in Visual Culture and Women's Studies. So, originally I was not studying sports at all, but I was always interested in gender politics, particularly as they play out in the representational sphere. It was when I started working at Deakin around 2005 with a colleague who was a sports sociologist, Dr. Peter Mewett, that I started to apply my feminist lens to sport. We began talking about alleged incidents of sexual assault that were occurring within the Australian Football League², as reported on by the media. And both of us, as sports fans, were really troubled by these behaviors, by sexual assault allegations being made against male athletes that we supported and followed in our fan practices.

Particularly for me as a feminist scholar, I really struggled with how I could support a sport that did not speak out against a culture of disrespect towards women and didn't sanction players who were accused of sexual violence. That was occurring within the sport I followed, but also within other football codes within Australian culture at the time. So it was a really big issue. I questioned myself, asking how I can love men's football so much but at the same time acknowledge those problematic gender aspects.

² Also known as Aussie Rules and Footy, Australian rules football mentioned here is a different sport from association football (soccer) (C.f. <https://www.afl.com.au/>).

These kinds of tensions prompted myself and my colleague to think about whether there was a research question here that needed to be explored. How did other fans feel about these kinds of tensions? How did women fans support men's sport, and how did they feel about the way in which those sports subjugated women and also sanctioned abuse and violence against women? That led us to do what was at the time the largest qualitative interview study of women's sport fans. We interviewed almost 70 fans of the Australian Football League.

That study explored female fans' responses to allegations of player violence against women, but also, more broadly, the significance and meaning of sport fandom for women, which was underresearched at the time, and that really spawned my career as a feminist sociologist of sport. And subsequent to that, I've looked more extensively at women's sport fan practices, particularly in relation to social media use, but also explored other aspects of women in sport media and the like. So that's really what moved me in that trajectory, my own experiences as a sport fan grappling with incidents of violence against women in sport.

We tried to divide the questions into some topics. So the first question is about the concept of New Femininities. Could you please elaborate on how the concept of New Femininities manifests in the contemporary sporting context? How do

³ THORPE; TOFFOLETTI; BRUCE. Sportswomen and social media: Bringing third-wave feminism, postfeminism, and neoliberal feminism into conversation.

these New Femininities challenge and reshape traditional representations of the female body in sports?

The concept itself emerged through engagements with other scholars at the North American Society for the Sociology of Sports (NASSS) conference, where there's a lot of critical work going on around the representation of women in sport. And it was through dialogue with other scholars there over several years, notably Toni Bruce and Holly Thorpe, who I ended up collaborating with.³ And also Jessica Francombe-Webb who edited the collection with Holly and myself.⁴

What we were finding was that the established language of women athletes as marginalized and sexualized through the media really wasn't able to fully capture the new ways in which sportswomen were represented as empowered (physically, sexually, economically, culturally etc.), and moving away from a discourse of victimization towards one of agency. This was an emerging kind of representational force at the time, and we needed some new critical concepts or language to explain these New Femininities, these sassy, sexy, assertive women athletes that were really owning their representation and also were taking part in the construction of their self-representations. And that was occurring within a larger cultural climate that was encouraging and rewarding women to take up a discourse of individual empowerment.

⁴ TOFFOLETTI; THORPE; FRANCOMBE-WEBB. *New sporting femininities: Embodied politics in postfeminist times*.

So we were quite always critical of that kind of logic and asking “what are these New Femininities doing? Are they actually empowering women athletes? Are they actually improving the circumstances of women athletes in terms of not only representations, that is broadening out representations? Are they improving pay? Are they improving conditions?”. New Femininities was never a given, it was always a critical orientation towards what these New Femininities are doing to open up or foreclose new opportunities and forms of sporting subjectivity. And in some ways, we were arguing that they were replicating the images of old. It's just they were using another kind of language to frame these as somehow better than images in the past.

In some ways, I think they were challenging traditional representations, but in other ways they were also reinforcing those traditional logics. So women were still having to present the body as the sort of locus of empowerment and that body was still expected to meet particular norms, despite simultaneously suggesting that women's agency resided in the repudiation of, and freedom from these 'old' stereotypes

What had shifted was that now we were claiming that women were now constructing themselves these ways that it was a choice being made by athletes rather than a framing that was put on them by the media. And so it's that kind of postfeminist sensibility or logic which was now creating the kind of environment to make these images allowable or to sustain this kind of imagery through a different set of discourses. So the concept itself is one that's trying to understand these new emergent forms, but also offer a critical lens to interpret them.

How does postfeminism influence the way we understand women's experiences in sports? What are the key challenges and opportunities that postfeminism presents for gender and sports research?

Post-feminism, as a concept, was really useful when we were trying to think through these New Femininities. Because for us postfeminism - and I say us because I feel that the development of postfeminism in sports studies is the product of many feminist scholars working in that space - speaking for myself, Holly and Jess when we were developing the edited collection, we were really trying to build on the important work of our colleagues in sport sociology and sport media who had identified and critiqued the politics of gender representation in sport, in order to understand emergent neoliberal and marketized environments that women athletes were now having to operate within and sell themselves within.

But at the same time we wanted to understand postfeminism in a feminist media studies way, which was really to draw on the work of thinkers like Ros Gill, Sarah Benet-Weiser and Angela McRobbie to understand postfeminism not just as a moment after feminism to say feminism is done now and now women are liberated and that women have the same kinds of freedoms as men (which we refute), but to understand it as a sensibility. A kind of atmosphere or feeling which is now shaping the kinds of norms around how to present as a woman.

Femininity in the climate of postfeminism becomes a process of constructing a brand of empowered femininity that's very much tied to the commercialization of oneself and one's body.

We suggest that this market logic becomes a new kind of logic or norm that women are taking up as subjects within a sports economy and also a sports media economy.

Yet this new articulation of self-made femininity is not always advantageous for women athletes. Athletes are told that unless they can sell their product, they don't deserve the same kind of airtime or coverage or pay, which binds women athletes to this idea that they have to sell themselves. The way they sell themselves is through what is most attractive to the market. So what we see is the replication of these kinds of normative ideals of femininity as the most desirable because they're the ones that attract the most eyeballs within a patriarchal capitalist sports economy.

What I would call a postfeminist sensibility or a critical approach to postfeminism is one that speaks to these broader cultural conditions. So the problem is not the women athletes themselves. It's actually what are the kinds of actions that they are required to take within a system, which demands these kinds of enactments and expressions of femininity in order to survive these systems and to succeed in these systems. So our critique is always the system and the broader logics and trying to understand the workings of those logics on athletes themselves and the kinds of decisions, the kinds of "choices" they are required to make which are not free but are actually bound to neoliberal, capitalist systems, the marketization of sport and women's sport. So that's the way in which we use and understand postfeminism as a critical thinking frame.

Also, about the athletes themselves, your work explores the relationship between the female body and the athletic performance. So, how do media and popular culture influence this relationship and what are the implications for female athletes?

I think the body is so central in the way in which women and women athletes are represented and, as I mentioned, traditionally this has often been around the sexualization of the female athlete or the aestheticization of that body, in a way that has conformed to a largely white ideal of a sportswoman as slender and pretty athlete. But within these New Femininities, we are seeing an expansion of those kinds of narrow parameters of aesthetic appeal to also include strength and physicality, skill, muscularity, but not too muscular. So, it's still highly regulated.

And I think that's part of the critique. We think that these representations are expanding within the media, but they are still highly constrained around norms of what might be suitable muscularity. There's a degree to which physical norms that challenge these contemporary femininities are still sanctioned and policed and regulated and criticized. So I think media and popular culture have an enormous part to play in setting these kinds of new norms.

And also, within the age of digital and new media, there's an interactive piece there too. So as athletes post online, they learn very fast around the things that get likes and the things that get attention, and if they want to maintain visibility within an attention economy, conforming to those kinds of ideas of

femininity are important. But they're not just bound to a bodily aesthetic. They're also bound to how women might sell or marketize their body. So, they don't necessarily have to have a perfect body, but what they do have to demonstrate is that they're willing to work on the self. And that work on the self takes the form of striving for wellness, balance, self-care, self-love, which involves embracing imperfection and 'authenticity' as part of curating a marketable persona.

So there's a different kind of vernacular here that's coming in which is not about having a perfect body but that anybody can actually construct themselves within this economy through this kind of relationship to the body is something to be worked on and improved. As long as one is striving towards and undertaking this work on the self- on one's body and one's attitude, they don't need to have a perfect body, they just need to be demonstrating these kinds of qualities of self-improvement.

Recognizing that as a normative logic that women are bound to I think is really central to this sort of performative femininity. That kind of performance occurs interestingly for women athletes. It's occurring in the professional sphere. So we do see, I think, an opening up within media representations towards the focus on the athlete body as a body that is not just to be looked at but a body that is an active body. A body that is skilled and elite and trained to perform in a way that's going to get results. So, the strong athletic body, but also an athletic performance which is about selling the self and an attitude and a lifestyle. So that might also be performing off the court.

We're seeing a real attention on all of those aspects now, which some would argue is an improvement because we're actually focusing on the performance of athletes and their skill and their fitness and their recovery and those kinds of things too (rather than looks and sexual attractiveness). So again it's that kind of uneven trajectory where an economy of visibility demands access to all parts of the self, and that is what is expected of athletes today. New media and digital media really influences that because of that kind of relational interaction that social media requires users cultivate in order to be visible in an online attention economy. Women athletes, too, are having to find new ways to engage and attract audiences and to monetize and marketize themselves.

Also about that, how does the intersection of gender with other social categories such as race, class, or sexuality shape women's experiences in sports? What are the specific experiences of black women, LGBTQIA+ individuals, and other minorities in the sports arena?

Thinking intersectionally is really critical here. When we talk about these kinds of new modalities of athletic femininity, they are contingent on one's social location and one's capacity to engage with these kinds of technologies and to be visible in the first place. We see that, for instance, Black women who are represented as strong athletic women in sports, encounter enormous backlash and hate because their bodies are already constructed as unfeminine and 'other' within a history of colonialism and white supremacy. So when Black athletes achieve sporting dominance, it's often constructed as a threat to existing power structures. And in order to protect the

privileging of whiteness and also a white ideal of femininity, 'other' sportswomen are constructed as deviant, as dangerous, as threatening, as masculine, to preserve white privilege in those spaces. We can see that with the case of someone like Caster Semenya⁵ who's been banned from athletics because of her superiority and her success.

In the case of, for instance, athletes like tennis players Serena and Venus Williams, they have received considerable hate on social media because they have risen to the top of their sport. When we're talking intersectionally, it's really important to look at the context of their sport [tennis], which has historically been a white sport. Through access to things like courts and equipment, and also sort of culturally and discursively the kinds of behaviors have been very classed behaviors around appropriate kind of femininity as one that is not aggressive or loud. So any kind of intersectional work is so critical to understand how historical legacies and social positionings like class and race, play out in how women athletes are experiencing their sport.

Similarly with LGBTQIA+ athletes or athletes with disability. They're always having to think about the presentation of the self in terms of dominant cultural norms or scripts. In the work I've done on disabled sportswomen's self-presentation online,⁶ para athletes are mindful that the disabled woman has historically been constructed as a societal burden and in need of help, as sexually undesirable. Their social media accounts

allow them to present the body in a different way as capable – as not a body that needs to be looked after, but a body that can care for others and oneself. As a body that is not asexual but can enjoy sexuality and be seen as desirable. That shifts the way we might understand those kinds of representations in light of a traditional construction of the disabled body. So those kinds of intersections can help us critically understand how sportswomen are representing themselves in a way that doesn't gloss over social and cultural differences.

Another significant segment of women in sports are the fans. In light of your previous research, as you mentioned before, how do you perceive postfeminism's influence on their consumption of sports?

It's lovely to be able to talk about fans because, as I mentioned, that's really where I started my journey as a feminist sport sociologist and that came from my own embodied experiences of sports fandom and my own encounters with larger systems and structures which shaped my experiences as a fan.

So, in terms of my own experience and also watching the development of fandom and women's sport fandom over the last dozen years, there has been incredible attention on women's sport fans. Interestingly, a lot of the global discourse around women's sport fans is that they are this new 'untapped' market that can be sold sport. And what my research and the research of a lot of other scholars and colleagues have been doing is actually demonstrating that women fans have always

⁵ C.f. <https://bit.ly/4awUSwN>.

⁶ TOFFOLETTI. *Sport, postfeminism and women with disabilities: Female paralympians on social media*.

been there. It's just that now we're choosing to see them as a market to sell sport too.

So, in terms of postfeminism's influence, I think postfeminism as a set of cultural conditions is contributing to this idea of women as a consumer market but also to the branding of women fans as a product to sell as part of the sport capitalist package. And so in my own writing about what I term the 'postfeminist sports fan' in my book on *Women Sport Fans*⁷ is to think about how this construction of the woman's sports fan contributes to sustaining a masculinist sport economy, under the guise of sport as vehicle for gender equality.

So even though we hear it said that greater recognition of women as sport fans is empowering and liberating for women, often women's sports fandom is recuperated in the service of men's sport. We see that represented in the sexy sport fan that the photographer or cameraman lingers on at men's sport tournaments. These images suggest that men's sport is accepting of women fans, but often the women fans that the media tends to pay attention to are those that uncritically prop up heteronormative masculinity and reinforce gender roles - women as highly sexualised and devoted to men's sport. Women fans who don't meet these standards (e.g. older women) tend to remain less visible in coverage of men's sport events.

The postfeminist sports fan is also representative of a young empowered new sports fan that does not fit into the sexualized female fan category but whose fandom is also put into service

⁷ TOFFOLETTI. *Women sport fans: Identification, participation, representation*.

by the corporate sports machine, to sell the idea of sport, particularly women's sport, as a product/experience for young girls. They become the flag bearers for the marketization of women's sport and the selling of women's sport as desirable, interesting something girls can do and should aspire to do either as fans or as potential athletes, which becomes a new a pathway for success for women in the contemporary age.

Sport as an avenue for empowerment tends to be about empowering individual girls to be the best they can be, which often tends to focus on 'can-do' girls. My colleague Anita Harris has spoken about the can-do girl⁸ as the kind of symbol or poster girl for girl success under postfeminism, and these girls have the economic capital and the class privilege to succeed in new economies and markets, such as sport.

What we see less of are those girls who are constructed as making the wrong choices or as not having the individual will to succeed in sport whether that's as a fan or an athlete or in other ways, rather than looking at the social conditions and privileges which might mean that not all women can access choice to participate in the same way. So I think postfeminism still really sharply delineates women on the basis of individual success and aspiration, constructing an ideal of postfeminist sports fan as someone who makes their own success in male dominated environments like sport, which shapes the opportunities then for girls who might not be able to meet those expectations due to social disadvantage. They're still left behind.

⁸ HARRIS. *Future girl: Young women in the twenty-first century*.

Talking more about gender studies in sports, how do you see the field of gender studies in sports evolving since the publication of *New Sporting Femininities*, and what are the current trends and challenges for you?

That's such a good question. I think it's evolved enormously. That book was written over seven years ago, and postfeminism spoke to a emergent set of cultural and social conditions at that particular moment in time. I think it still has utility and it still has value for helping us think through contemporary articulations of sporting femininity, although it has been subject to critique. For instance, the extent to which it might centre a white feminine ideal. Although I don't think postfeminism is only something which is specific to white women.

Cultural logics around self-making and empowerment, all women are subject to them but of course the way in which that plays out is going to be different depending on one's social position and embodied experience, geographical location. So I think it still has currency, although we are seeing the development and application of a range of theoretical approaches to think through gender and gender inequality, gender performance, gender relations. Queer studies and the queering of femininity, for instance, is inviting us to think about femininity in more expansive and critical ways. So is the work of black feminist scholarship, which is challenging liberal feminist ideas of inclusion by arguing for an entirely different standpoint or way of coming at the workings of femininity or how femininity might be practiced and performed in sports spaces. Decolonial and more-than-human approaches are reorienting debates away from Western binary logics of gender.

These bodies of scholarship are creating space to go beyond binary thinking - femininities and masculinities - and to develop a language that can also think about non-binary genders and more fluid modes of gender expression and identity. A lot of the work around trans athletes is doing that kind of more expansive thinking, responding to current challenges in terms of exclusionary policies and legislation around participation on the basis of sex. It is inviting sports organizations to think about not just about the inclusion of trans athletes, but to push the boundaries of what constitutes femininity and how that is expressed in order to challenge what is considered socially sanctioned or normative in women's sport.

Some of those challenges are being driven by larger policy agendas at the level of global sport and national sporting bodies, others are regionally, nationally or locally specific. For instance, in the US context with President Trump declaring that there are only two genders, this is having spill down effects on local sports and college sports and who's allowed to participate and who's not allowed to participate. In other countries and contexts, as policies around diversity, inclusion and gender change, so too do the agendas of researchers that are looking at athletes and participants in their own national context, local contexts.

Because of these specificities, transnational dialogues like the one that you're inviting here are so important. To understand what is happening in the Brazilian context, what's happening in the Australian context, what's happening in other parts of the world, and how we, as feminist thinkers and social justice

advocates, develop strategies and formulate knowledge about shared issues relating to gender inequality in sport as a way of addressing these issues at a global level while being mindful, of our own specific contexts and cultural frameworks and norms. And also how might we support each other in surviving these kinds of constantly changing environments and attacks on women's rights, on the rights of marginalized people. Doing this work, too, requires a sustained capacity to keep going and to keep sharing learnings and to keep responding to each other and what people are needing as their energies are really being drained to keep fighting these kinds of fights around women's participation in sport.⁹

We'd also like to know your thoughts about the social impact of research. So, how have your studies influenced public policies, sports practice, and the representation of women in sports media?

Sometimes it's hard to directly measure your impact. I think of impact when I see increased visibility of women in sport. But is that a result of my work? No, it's a collective of sustained work that's being done by women across the globe in dialogue with each other and building on each other that's drawing attention to the limitations of existing representational regimes and the need to advocate for representation that is fairer, more equitable, not only in terms of coverage, but in terms of the kinds of discourses and framings which shape

⁹ AHMAD; PAVLIDI; RAVI; THORPE; TOFFOLETTI; WARBY. Spoilsports: Doing feminist work in sport spaces.

athletic subjectivities or the subjectivities of any women in sport, what it's possible to be and what's allowable.

So though I do really feel encouraged by those kinds of things. We are seeing gradual changes in the way the media are reporting on women's sport. Particularly during times of big women's athletic or sport events we see an increase in coverage. So research has shown that, but in terms of domestic sport, we see that representation or coverage of women's sport is still quite low.

This idea of increased visibility, we have to question when women's sport gets more attention and also how we might see that within a larger picture in which women's sport still lags far behind men's sport in terms of representation. And recognising also that visibility for women's sport has costs. The labor involved in creating that visibility is often borne by women athletes themselves via unpaid work (promotional work, social media presence). The growing visibility of women's sport online elicits enormous amounts of hostility, which I think tells us something about the resistance to attention being given to women's sport and women taking up space in sport and wanting to be seen as legitimate and treated as equal. That tells us something also about social power and a desire to protect the *status quo*.

Some of the work that I've been doing around online hate directed at women athletes in Australia¹⁰ exposes the harms that come with using digital technologies for women athletes.

¹⁰ TOFFOLETTI; MCGRANE; REDDAN. Addressing Online Harm in Australian Women's Sport.

The recommendations from this work have been developed in consultation with sports organizations in Australia, with the aim to inform athlete welfare policies and ensure that reporting pathways are available for women athletes to feel safe to disclose that they are experiencing digital harms. So, it's encouraging to see that research being used to help athletes in women's sport.

Other work that I've been doing with my co-author Katie Sveinson, who's at University of Massachusetts, looks at mothers who are fans of sport.¹¹ We're seeing that taken up by women's supporter groups to advocate for better conditions for mothers at stadiums. We are developing an evidence base to show that within sport stadium environments women are finding it very difficult to bring children because the facilities aren't great. Nor is the culture one that is welcoming to women or children.

To have supporter groups take up that work to advocate for women fans, to challenge the idea of the stadium as a privileged space for men's actions and behaviors and to encourage more accessibility for women and women with children, I think is really wonderful to see.

About your current work, you have been studying athletes' self-representation on social media. Could you share some findings from this research please?

¹¹ TOFFOLETTI; SVEINSON. When Sport Fandom Meets Motherhood: A Qualitative Exploration of Women's Experiences.

¹² TOFFOLETTI; THORPE; PAVLIDIS; OLIVE; MORAN. A feminist embodied ethics of social media use: Corporeal vulnerability and

Sure. So, I've mentioned already a bit of that work. When I first began studying this area, my work involved looking at social media accounts of high-profile women sport athletes. These are athletes in the public eye with public accounts and many followers. There's something about these elite global athletes that sets the tone for what a desired aesthetic or practice for women worldwide might be. So looking at how athletes are self-representing on social media was one key aspect of that work, and then that led to speaking to athletes.

It's so important to understand why athletes are presenting in these ways online, because an interpretation of text can only get us so far. Subsequent work has been about trying to understand what's driving athletes, as well as everyday women involved in sport and fitness,¹² to present in these ways, how they're using social media, the kinds of ways they're navigating and negotiating that, in light of bigger structural inequalities that still exist within sport systems.

So I think the first piece of that research helped us understand the changing media and gender climate, which sportswomen were responding to in their online self-presentations. For instance, by looking at the social media accounts of famous athletes, like Serena Williams or Maria Sharapova, we were able to see that they were constructing their 'brand' of athletic femininity in quite different ways. Branding the self is a key component of a postfeminist sensibility - the idea that one

relational care practices; Toffoletti; Thorpe; Pavlidis; Olive; Moran. Visibility and vulnerability on Instagram: Negotiating safety in women's online-offline fitness spaces..

needs to work on the self and construct the self as a desirable brand within the market. To do this, athletes were performing femininity in multiple ways.

What this demonstrated was that New Femininities in sport is not one narrow set of characteristics but is about expressing the self through lifestyle choices, which involves considerable aesthetic work to create a distinct brand and vernacular that's sellable and attractive. This becomes another form of labor for women athletes, perhaps not so much for athletes at that level who have media managers, but certainly promoting the idea to women athletes about what they need to do to cultivate an online presence.¹³

We saw these trickle-down effects in interviews with women athletes who might not be as famous as Serena Williams, but are still mandated to have multiple social media accounts from their sports in order to sell and promote their sports so that they're viable. Within the Australian context for Australian athletes, women's sport gets very little funding and coverage. There's an expectation that the athletes, who are often semi-professional and quite poorly paid, need to do this visibility work, and that's very much tied to boosting the profile of their own sport. If women athletes want better pay and media coverage, the onus is put on them to do the work of putting

themselves online, promoting their sport and often doing that for free because they're barely getting paid to play their sport.

The findings from several studies were really around understanding why women athletes are representing themselves online in particular ways. And what the impacts are on their mental health, well-being, particularly those that were experiencing and witnessing backlash as a result of that.¹⁴ So, understanding that visibility also has costs. Other research also highlights that sportswomen are having to navigate and negotiate social media spaces in very interesting ways. Sometimes getting up to post at weird hours of the morning, knowing that their followers might be online in another part of the world - they're have to think strategically and constantly about when and how they're posting. They're putting effort into thinking about the imagery they're putting up there, what might get likes and attention, but at the same time trying to protect themselves from backlash and hate.¹⁵

There is a disciplinary power in online engagement that regulates sportswomen's behavior and actions on social media, that is often sold to us as a place where anyone is free to present themselves and say what they like. While online media offers a place where women athletes can bypass the media gatekeepers to access fans and build a fan base, it is

¹³ TOFFOLETTI; THORPE. The athletic labour of femininity: The branding and consumption of global celebrity sportswomen on Instagram.

¹⁴ TOFFOLETTI; MCGRANE; REDDAN. Addressing Online Harm in Australian Women's Sport.

¹⁵ RAHIKAINEN; TOFFOLETTI. "I just don't wanna deal with the headache of people fighting over the internet": A study of sponsored female climbers' digital labor.

nonetheless highly regulated and regulating in terms of gender behaviors, practices, and norms.

These various research projects on social media and women's sport can help in understanding the kinds of postfeminist sensibilities and sentiment that we're seeing online, but also in understanding how sportswomen are responding to that and navigating and negotiating new sets of demands.

Thinking about the future, what key issues should gender and sports research address in the coming years? How are technology and new media transforming how we study and understand sports?

They're huge and they're changing so rapidly. I think part of the challenge is whenever you're writing about digital media, there's new platforms, there's new developments, like generative AI. All sectors of society are grappling with the rapidity of technological change. For the sports sector, issues of data ownership and ethical considerations around that is a big challenge. It's moving so quickly, a lot more quickly than I think academics and policy makers and legislators are actually able to keep up with.

Another issue concerns the sport's global outlook. While there is acknowledgement of global engagement with sport in terms of players, fans, audiences, media, and growing opportunities to engage under-served groups through sport, this is still filtered through western perspectives and knowledge systems, and dominated by English language perspectives, what some might call the global north. And that provides a very narrow, partial perspective on what is actually occurring around the world.

So we need so much more understanding of a diversity of cultures and practices that move beyond narrow of geopolitical framings to help us understand much more about both the athletic experience for women but also the contexts that are driving those and the impacts of global trends. There are political trends or ideological trends, but also in terms of things like global sports policy and how that's having impacts for women in national and localized settings that they're playing out in very different ways, and what we can learn from the experiences of women athletes.

The World Cup is a really great example. The funding for countries participating in the Women's World Cup should flow to women's facilities and supporting women's leagues. But what we're finding is that that's being funneled away by national organizations and being redirected towards the men's leagues. So we need to understand that we can't just assume that policies are being enacted the same way in all countries to the benefit of women, and we need to understand the processes at different levels.

So for me, the future of research is to keep drawing attention to what's happening within different regions and the impacts of that and to share those learnings. Fostering critical dialogue globally between feminist sports researchers, practicing solidarity and advocating for perspectives that benefit all women - to continue the work of the pioneers of women's sport research. Questioning the belief that developments in women's sport are for all women, but rather exposing how major sport and sport events typically benefit a narrow segment of the global population of women. To

keep doing that kind of pro-equity, social justice and feminist work I think is really important.

To close the interview, how can your work on women in sports relate to the Brazilian context? Are there any Brazilian researchers whose work you know and contribute to the field?

I think that your interview is shedding light on the need for more resources and opportunities to translate the work of Brazilian scholars in English language publications. English language speakers, particularly sport journals, should be advocating for more translation by the big publishers so that we can better engage with the knowledge of our colleagues globally. Scholars in English speaking countries like Australia and the USA risk taking for granted that what's in English is the research that's out there and that's just not true. And so, how can we, at the level of journals, actually push to have a lot more languages represented in the main sports journals? So we need to challenge that norm, the centering of English language as the language of research. That's an ongoing debate and challenge, though AI tools might offer a way forward.

In terms of the work that I have encountered, Carol Vimieiro's work¹⁶ has been really formative in terms of some more recent work that I've been doing around women sports fans in terms of collective movements for change. And I know that Soraya's

¹⁶ VIMIEIRO. *The ecosystem of football supporter groups in Brazil: traditions, innovation and hybridity.*

¹⁷ BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL. *Changing Values: Media Coverage of the 2019 Women's World Cup on Brazilian Sports News Sites.*

work¹⁷ has done a lot of work on invisibility and visibility in the Brazilian soccer context, and looking at both players, but also professionals. Alongside my co-editors on the Palgrave series *New Femininities in Digital, Physical and Sporting Cultures*, we have had the honour to publish two collections devoted to women's football in South America. These have been edited by Brazilian scholar Jorge Knijnik along with Ana Costa and Gabriela Garton, and contain numerous authors and studies from Brazil.¹⁸ So there's a lot of excellent work happening in the Brazilian space and more broadly in South America, and we need to have access to that. You're opening up the dialogue, you're inviting me to speak to you to have that published in Portuguese. So, for me, that's an absolute honor.

* * *

¹⁸ KNIJNIK; COSTA. *Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1. Brazil;* KNIJNIK; GARTON. *Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 2.*

Mulheres no Esporte: uma entrevista com Kim Toffoletti

Women in Sport: an interview with Kim Toffoletti

"A arena em rápida transformação do esporte global tem oferecido às mulheres papéis recentemente visíveis na economia esportiva globalizada como consumidoras e fãs, comunicadoras esportivas, atletas celebridades, personalidades da mídia, entre outros".¹⁹ A Dra. Kim Toffoletti é Professora Associada de Sociologia na Escola de Humanidades e Ciências Sociais da Deakin University, em Melbourne, Austrália, e tem se dedicado ao ensino e à pesquisa nas áreas de gênero, feminismo, mídia, novas tecnologias e esporte. Seu trabalho atual foca na autorrepresentação de atletas nas redes sociais e em como é possível melhorar a participação das mulheres nos esportes e em atividades físicas, abordando disparidades de gênero e raça no esporte, na mídia digital e nas culturas torcedoras e de fãs.²⁰

Kim Toffoletti possui diversas contribuições reconhecidas para o campo, entre elas os livros "*Women Sport Fans: Identification, Participation, Representation*" (2017) e "*New Sporting Femininities: Embodied Politics in Postfeminist Times*" (2018). Ela também se tornou uma referência importante para pesquisadoras e pesquisadores no Brasil que trabalham com abordagens multidisciplinares sobre esporte e gênero, especialmente

¹⁹ TOFFOLETTI. *Women Sport Fans: Identification, Participation, Representation*, p. 8.

²⁰ Embora por vezes empregados em diálogo com fãs (*fans*, em inglês), reconhecemos que o termo brasileiro torcedor(a) tem uma carga histórica e cultural específica que o diferencia de uma tradução direta.

no que se refere às Mulheres no Esporte. Seu trabalho já foi reconhecido em eventos acadêmicos no Brasil, como no Seminário Internacional do Coletivo Marta de 2024 (UFMG), onde foi convidada como palestrante.

Além disso, as pesquisas australianas sobre fenômenos sociais como os esportes oferecem perspectivas valiosas que revelam tanto as diferenças quanto as semelhanças entre os espaços esportivos na Austrália e no Brasil. Isso é particularmente relevante considerando que a Austrália – e especialmente Melbourne, onde Kim está sediada – é um centro vibrante de consumo esportivo. Esse contexto em comum deu origem à nossa conversa, que teve início quando uma das entrevistadoras conheceu Kim durante período de doutorado-sanduíche na Deakin University em Melbourne. A entrevista foi realizada no dia 23 de fevereiro de 2024, por meio do *Google Meet*. Portanto, nosso objetivo é explorar seus principais conceitos e apresentá-los a um público acadêmico brasileiro mais amplo.

Nesta entrevista, Kim Toffoletti discute o conceito de "Novas Feminilidades" nos esportes, referindo-se à representação de atletas mulheres como fisicamente e sexualmente empoderadas, afastando-se de discursos de vitimização. No entanto, ela critica essas representações por estarem, muitas vezes, inseridas em lógicas comerciais que vinculam o empoderamento à criação de

Inclusive, conta com protagonismo das mulheres na sua origem, que torciam seus lenços nas arquibancadas no início do século XX (Barreto Januário, 2019). Assim, seu uso aqui considera sua especificidade conceitual e encontra similaridades quando a identidade torcedora e vínculo clubístico são centrais.

marcas pessoais voltadas ao mercado. Influenciada pelo pós-feminismo, entendido como uma sensibilidade cultural e não como o fim do feminismo, Kim Toffoletti analisa como a feminilidade nos esportes é moldada pela mercantilização do corpo e do “eu”, gerando novas encenações de gênero que, ao mesmo tempo, desafiam e reproduzem ideais normativos de beleza.

A pesquisadora também aborda a relação entre corpo, performance e mídia, enfatizando que, apesar das “novas feminilidades” ampliarem os padrões estéticos, esses corpos continuam altamente regulados. Na mídia digital, espera-se que as atletas demonstrem constantemente “trabalho sobre si mesmas” por meio de práticas de autocuidado e amor-próprio, o que constitui uma nova forma de trabalho. A interseccionalidade é destacada como elemento central, demonstrando como raça, classe e sexualidade impactam as experiências das mulheres nos esportes – com ênfase nas vivências de atletas negras e LGBTQIA+, cujos corpos são frequentemente desumanizados. Assim, buscamos apresentar o trabalho da pesquisadora e suas principais contribuições para o fortalecimento dos estudos sobre mulheres no esporte.

* * *

²¹ Também conhecido como *Aussie Rules* e *Footy*, o futebol australiano citado trata-se de um esporte diferente do futebol de associação (football ou *soccer*) (C.f. <https://www.afl.com.au/>).

Soraya Januário e Paloma de Castro: Antes de começarmos com as perguntas, gostaríamos de pedir para falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica e o que fez você se interessar por pesquisar Mulheres nos Esportes.

Kim Toffoletti: Minha formação é em Cultura Visual e Estudos das Mulheres. Então, originalmente, eu não estava estudando esportes de forma alguma, mas sempre tive interesse em políticas de gênero, particularmente como elas se manifestam na esfera representacional. Foi quando comecei a trabalhar na Deakin, por volta de 2005, com um colega que era sociólogo do esporte, Dr. Peter Mewett, que comecei a aplicar minha lente feminista ao esporte. Começamos a conversar sobre supostos incidentes de agressão sexual que estavam ocorrendo na Liga Australiana de Futebol,²¹ conforme relatado pela mídia. E ambos, como fãs de esporte, estávamos realmente preocupados com esses comportamentos, com as alegações de agressão sexual feitas contra atletas masculinos que apoiávamos e seguíamos em nossas práticas de fãs.

Particularmente para mim, como uma acadêmica feminista, eu realmente sofria para entender como eu poderia apoiar um esporte que não se manifestava contra uma cultura de desrespeito às mulheres e não punia jogadores acusados de violência sexual. Isso estava ocorrendo no esporte que eu torcia, mas também em outros códigos de futebol na cultura australiana na época. Então, era um problema realmente grande. Eu me questionava, perguntando como eu poderia amar tanto o futebol

australiano masculino, mas ao mesmo tempo reconhecer esses aspectos problemáticos de gênero.

Esses tipos de tensões levaram a mim e ao meu colega a pensarmos se havia uma questão de pesquisa que precisava ser explorada. Como outros fãs se sentiam em relação a esses tipos de tensões? Como as mulheres fãs apoiavam o esporte masculino e como se sentiam em relação à forma como esses esportes subjugavam as mulheres e também sancionavam o abuso e a violência contra as mulheres? Isso nos levou a fazer o que na época foi o maior estudo de entrevista qualitativa com mulheres fãs de esporte. Entrevistamos quase 70 fãs da Liga Australiana de Futebol.

Esse estudo explorou as respostas de mulheres fãs a alegações de violência de jogadores contra mulheres, mas também, de forma mais ampla, o significado e a relevância do torcer para as mulheres, o que era pouco pesquisado na época, e isso realmente impulsionou minha carreira como socióloga feminista do esporte. E, posteriormente, examinei mais extensivamente as práticas de mulheres fãs de esporte, particularmente em relação ao uso de mídias sociais, mas também explorei outros aspectos das mulheres na mídia esportiva e afins. Então, foi isso que realmente me moveu nessa trajetória: minhas próprias experiências como fã de esporte lidando com incidentes de violência contra mulheres no esporte.

²² THORPE; TOFFOLETTI; BRUCE. Sportswomen and social media: Bringing third-wave feminism, postfeminism, and neoliberal feminism into conversation.

Tentamos dividir as perguntas em alguns tópicos. Então, a primeira pergunta é sobre o conceito de Novas Feminilidades. Você poderia, por favor, explicar como o conceito de Novas Feminilidades se manifesta no contexto esportivo contemporâneo? Como essas Novas Feminilidades desafiam e remodelam as representações tradicionais do corpo feminino nos esportes?

O conceito em si surgiu a partir de engajamentos com outros acadêmicos na conferência da *North American Society for the Sociology of Sports* (NASSS), onde há muito trabalho crítico sendo feito sobre a representação das mulheres no esporte. E foi através do diálogo com outros acadêmicos lá, ao longo de vários anos, notadamente Toni Bruce e Holly Thorpe, com quem acabei colaborando.²² E também Jessica Francombe-Webb, que editou a coletânea com Holly e comigo.²³

O que estávamos descobrindo era que a linguagem estabelecida de atletas femininas como marginalizadas e sexualizadas pela mídia realmente não conseguia capturar totalmente as novas formas pelas quais as esportistas eram representadas, como empoderadas (física, sexual, econômica, culturalmente, etc.) e se afastando de um discurso de vitimização em direção a um de agência. Esta era uma espécie de força representacional emergente na época e precisávamos de alguns novos conceitos críticos ou linguagem para explicar essas Novas Feminilidades, essas mulheres atletas atrevidas, sexy e assertivas que realmente estavam assumindo sua representação e também

²³ TOFFOLETTI; THORPE; FRANCOMBE-WEBB. *New sporting femininities: Embodied politics in postfeminist times*.

participando da construção de suas autorrepresentações. E isso estava ocorrendo dentro de um clima cultural maior que incentivava e recompensava as mulheres a adotar um discurso de empoderamento individual.

Então, éramos sempre bastante críticos a esse tipo de lógica e perguntávamos: “o que essas Novas Feminilidades estão fazendo? Elas estão realmente empoderando mulheres atletas? Elas estão realmente melhorando as circunstâncias de mulheres atletas em termos não apenas de representações, ou seja, ampliando as representações? Elas estão melhorando o salário? Elas estão melhorando as condições?”. Novas Feminilidades nunca foi algo dado. Foi sempre uma orientação crítica em relação ao que essas Novas Feminilidades estão fazendo para abrir ou fechar novas oportunidades e formas de subjetividade esportiva. E, de certas formas, estávamos argumentando que elas estavam replicando as imagens antigas. Apenas estavam usando outro tipo de linguagem para enquadrá-las como de alguma forma melhores do que as imagens do passado.

Em alguns aspectos, acho que elas estavam desafiando as representações tradicionais, mas em outros, também estavam reforçando essas lógicas tradicionais. Assim, as mulheres ainda tinham que apresentar o corpo como um *locus* do empoderamento e esse corpo ainda era esperado para atender a normas específicas, apesar de sugerir simultaneamente que a agência das mulheres residia na repudição e na liberdade desses 'velhos' estereótipos.

O que havia mudado era que agora estávamos afirmando que as mulheres estavam se construindo dessa forma, que era uma

escolha feita pelas atletas, em vez de um enquadramento imposto pela mídia. E então é esse tipo de sensibilidade ou lógica pós-feminista que agora estava criando o tipo de ambiente para tornar essas imagens permitidas ou para sustentar esse tipo de imagem por meio de um conjunto diferente de discursos. Portanto, o conceito em si é um que tenta entender essas novas formas emergentes, mas também oferece uma lente crítica para interpretá-las.

Como o pós-feminismo influencia a maneira como entendemos as experiências das mulheres nos esportes? Quais são os principais desafios e oportunidades que o pós-feminismo apresenta para a pesquisa de gênero e esportes?

O pós-feminismo, como conceito, foi realmente útil quando estávamos tentando pensar sobre essas Novas Feminilidades. Porque para nós, pós-feminismo – e eu digo “nós” porque sinto que o desenvolvimento do pós-feminismo nos estudos do esporte é produto de muitas acadêmicas feministas trabalhando nesse espaço – falando por mim, Holly e Jess. Quando estávamos desenvolvendo a coletânea editada, estávamos realmente tentando construir sobre o importante trabalho de nossas colegas em sociologia do esporte e mídia esportiva que haviam identificado e criticado a política da representação de gênero no esporte, a fim de compreender os ambientes neoliberais e mercadológicos emergentes nos quais as mulheres atletas agora tinham que operar e se vender.

Mas, ao mesmo tempo, queríamos entender o pós-feminismo de uma forma dos estudos de mídia feministas, que era real-

mente usar o trabalho de pensadoras como Ros Gill, Sarah Benet-Weiser e Angela McRobbie para entender o pós-feminismo não apenas como um momento após o feminismo, para dizer que o feminismo acabou e agora as mulheres estão liberadas e que as mulheres têm os mesmos tipos de liberdades que os homens (o que refutamos), mas para entendê-lo como uma sensibilidade. Uma espécie de atmosfera ou sentimento que agora está moldando os tipos de normas sobre como se apresentar como mulher.

A feminilidade no clima do pós-feminismo se torna um processo de construção de uma marca de feminilidade empoderada que está muito ligada à comercialização de si mesma e do próprio corpo. Sugerimos que essa lógica de mercado se torna um novo tipo de lógica ou norma que as mulheres estão adotando como sujeitos dentro de uma economia esportiva e também de uma economia de mídia esportiva.

No entanto, essa nova articulação de feminilidade feita por si mesma nem sempre é vantajosa para mulheres atletas. As atletas são informadas de que, a menos que possam vender seu produto, não merecem o mesmo tempo de transmissão ou cobertura ou pagamento, o que as vincula à ideia de que elas têm que se vender. A forma como elas se vendem é por meio do que é mais atraente para o mercado. Então, o que vemos é a replicação desses tipos de ideais normativos de feminilidade como os mais desejáveis, porque são eles que atraem mais olhares dentro de uma economia esportiva capitalista patriarcal.

O que eu chamaria de sensibilidade pós-feminista ou de uma abordagem crítica ao pós-feminismo é aquela que se refere a

essas condições culturais mais amplas. Portanto, o problema não são as próprias mulheres atletas. É, na verdade, os tipos de ações que elas são obrigadas a tomar dentro de um sistema que exige esses tipos de encenações e expressões de feminilidade para sobreviverem e terem sucesso nesses sistemas. Assim, nossa crítica é sempre ao sistema e às lógicas mais amplas. E tentamos compreender o funcionamento dessas lógicas sobre as próprias atletas e os tipos de decisões, os tipos de "escolhas" que elas são obrigadas a fazer, que não são livres, mas, na verdade, estão ligadas a sistemas neoliberais, capitalistas, à mercantilização do esporte e do esporte feminino. Então, essa é a maneira pela qual usamos e compreendemos o pós-feminismo como um arcabouço de pensamento crítico.

Também, sobre as próprias atletas, seu trabalho explora a relação entre o corpo feminino e a performance atlética. Então, como a mídia e a cultura popular influenciam essa relação e quais são as implicações para as mulheres atletas?

Eu acho que o corpo é tão central na forma como as mulheres e mulheres atletas são representadas e, como mencionei, tradicionalmente isso muitas vezes tem girado em torno da sexualização da atleta feminina ou da estetização desse corpo, de uma forma que tem se conformado a um ideal amplamente branco de esportista como uma atleta esbelta e bonita. Mas, dentro dessas Novas Feminilidades, estamos vendo uma expansão desses tipos de parâmetros estreitos de apelo estético para também incluir força e fisicalidade, habilidade, muscularidade, mas não muito musculosa. Então, ainda é altamente regulado.

E acho que isso faz parte da crítica. Achemos que essas representações estão se expandindo na mídia, mas ainda são muito restritas em torno de normas sobre o que pode ser uma muscularidade adequada. Há um certo grau em que as normas físicas que desafiam essas feminilidades contemporâneas ainda são sancionadas, policiadas, reguladas e criticadas. Então, eu acho que a mídia e a cultura popular têm um papel enorme a desempenhar na definição desses novos tipos de normas.

E também, na era da mídia digital e de novas mídias, há uma parte interativa aí também. Então, quando as atletas postam online, elas aprendem muito rápido sobre as coisas que recebem curtidas e as coisas que chamam a atenção. E se elas querem manter a visibilidade em uma economia da atenção, conformar-se a esses tipos de ideias de feminilidade é importante. Mas elas não estão apenas ligadas a uma estética corporal. Elas também estão ligadas à como as mulheres podem vender ou promover seu corpo. Então, elas não precisam necessariamente ter um corpo perfeito, mas o que elas precisam demonstrar é que estão dispostas a trabalhar em si mesmas. E esse trabalho sobre si mesma assume a forma de busca por bem-estar, equilíbrio, autocuidado, amor-próprio, o que envolve abraçar a imperfeição e a "autenticidade" como parte da curadoria de uma persona comercializável.

Então, há um tipo diferente de vernáculo aqui que está surgindo, que não é sobre ter um corpo perfeito, mas que qualquer pessoa pode realmente se construir dentro dessa economia por meio desse tipo de relação com o corpo como algo a ser trabalhado e melhorado. Contanto que se esteja buscando e realizando esse

trabalho sobre si mesma – sobre o próprio corpo e a própria atitude – não é preciso ter um corpo perfeito, basta demonstrar esses tipos de qualidades de autoaperfeiçoamento.

Reconhecer isso como uma lógica normativa à qual as mulheres estão vinculadas, penso que é realmente central para esse tipo de feminilidade performática. Esse tipo de performance ocorre de forma interessante para as mulheres atletas. Está ocorrendo na esfera profissional. Então, vemos, eu acho, uma abertura nas representações da mídia para o foco no corpo da atleta como um corpo que não é apenas para ser olhado, mas um corpo que é ativo. Um corpo que é habilidoso, de elite e treinado para performar de uma forma que trará resultados. Então, o corpo atlético forte, mas também uma performance atlética que se trata de vender a si mesma e uma atitude e um estilo de vida. Isso também pode ser performance fora da quadra.

Estamos vendo uma atenção real em todos esses aspectos agora, o que alguns argumentariam ser uma melhoria porque estamos realmente focando na performance das atletas e em sua habilidade, sua forma física e sua recuperação e esse tipo de coisa também (em vez de aparência e atratividade sexual). Então, novamente, é essa espécie de trajetória desigual, na qual uma economia da visibilidade exige acesso a todas as partes do *self* e isso é o que se espera das atletas hoje. Novas mídias e mídias digitais realmente influenciam isso por causa desse tipo de interação relacional que as mídias sociais exigem que os usuários cultivem para serem visíveis em uma economia de atenção online. As mulheres atletas também precisam encontrar novas maneiras de engajar, atrair audiências, de se monetizarem e se promoverem.

Ainda sobre isso, como a interseção de gênero com outras categorias sociais, como raça, classe ou sexualidade, molda as experiências das mulheres no esporte? Quais são as experiências específicas de mulheres negras, indivíduos LGBTQIA+ e outras minorias na arena esportiva?

Pensar interseccionalmente é realmente essencial aqui. Quando falamos sobre esses tipos de novas modalidades de feminilidade atlética, elas são contingentes à localização social de cada um e à capacidade de se engajar com esses tipos de tecnologias e de ser visível em primeiro lugar. Vemos que, por exemplo, mulheres negras que são representadas como mulheres atléticas fortes no esporte, encontram enorme reação e ódio porque seus corpos já são construídos como não femininos e 'os outros' dentro de uma história de colonialismo e supremacia branca. Então, quando atletas negras alcançam o domínio esportivo, isso é frequentemente construído como uma ameaça às estruturas de poder existentes. E para proteger o privilégio da branquitude e também um ideal branco de feminilidade, "outras" esportistas são construídas como desviantes, perigosas, ameaçadoras, masculinas, para preservar o privilégio branco nesses espaços. Podemos ver isso no caso de alguém como Caster Semenya,²⁴ que foi banida do atletismo por causa de sua superioridade e sucesso.

No caso, por exemplo, de atletas como as tenistas Serena e Venus Williams, elas receberam considerável ódio nas mídias so-

ciais porque alcançaram o topo de seu esporte. Quando falamos interseccionalmente, é realmente importante olhar para o contexto de seu esporte, [o tênis], que historicamente tem sido um esporte branco. Através do acesso a coisas como quadras e equipamentos, e também cultural e discursivamente, os tipos de comportamentos têm sido comportamentos muito classificados em torno de um tipo apropriado de feminilidade como algo que não é agressivo ou barulhento. Então, qualquer tipo de trabalho interseccional é tão crítico para entender como legados históricos e posicionamentos sociais, como classe e raça, se manifestam em como as atletas femininas estão vivenciando seu esporte.

Da mesma forma com atletas LGBTQIA+ ou atletas com deficiência. Elas estão sempre tendo que pensar na apresentação de si mesmas em termos de normas ou roteiros culturais dominantes. No trabalho que fiz sobre a autoapresentação online de esportistas com deficiência,²⁵ paratletas estão cientes de que a mulher com deficiência tem sido historicamente construída como um fardo social e em necessidade de ajuda, como sexualmente indesejável. Suas contas de mídia social permitem que elas apresentem o corpo de uma maneira diferente, como capaz – não como um corpo que precisa ser cuidado, mas um corpo que pode cuidar de outros e de si mesma. Como um corpo que não é assexuado, mas que pode desfrutar da sexualidade e ser visto como desejável. Isso muda a forma como podemos entender esses tipos de representações à luz de uma

²⁴ Cf. <https://ge.globo.com/atletismo/noticia/entenda-o-polemico-caso-de-caster-semenya-tribunal-na-suica-define-o-futuro-da-bicampea-olimpica.ghtml>

²⁵ TOFFOLETTI. *Sport, postfeminism and women with disabilities: Female paralympians on social media.*

construção tradicional do corpo com deficiência. Então, esses tipos de intersecções podem nos ajudar a entender criticamente como as esportistas estão se representando de uma forma que não ignora as diferenças sociais e culturais.

Outro segmento significativo de mulheres no esporte são as fãs. À luz de sua pesquisa anterior, como você mencionou antes, como você percebe a influência do pós-feminismo no consumo de esportes por elas?

É adorável poder falar sobre fãs porque, como mencionei, foi realmente onde comecei minha jornada como socióloga feminista do esporte e isso veio das minhas próprias experiências corporificadas de *fandom* esportivo e dos meus próprios encontros com sistemas e estruturas maiores que moldaram minhas experiências como fã.

Então, em termos da minha própria experiência e também observando o desenvolvimento do *fandom* e do *fandom* esportivo feminino nos últimos doze anos, houve uma atenção incrível às mulheres fãs de esporte. Curiosamente, muito do discurso global em torno das mulheres fãs de esporte é que elas são um novo mercado 'inexplorado' que pode ser vendido para o esporte. E o que minha pesquisa e a pesquisa de muitos outros acadêmicos e colegas têm feito é, na verdade, demonstrar que as mulheres fãs sempre estiveram lá. É que agora estamos escolhendo vê-las como um mercado para vender esporte também.

Então, em termos da influência do pós-feminismo, eu acho que o pós-feminismo como um conjunto de condições culturais está contribuindo para essa ideia das mulheres como um mercado consumidor, mas também para a construção da marca das mulheres fãs como um produto a ser vendido como parte do pacote capitalista do esporte. E então, em minha própria escrita sobre o que chamo de “fã de esporte pós-feminista” em meu livro *Women Sport Fans*,²⁶ é para pensar em como essa construção da mulher fã de esporte contribui para sustentar uma economia esportiva masculinista, sob o disfarce do esporte como veículo para a igualdade de gênero.

Assim, embora ouçamos dizer que um maior reconhecimento das mulheres como fãs de esporte é empoderador e libertador para as mulheres, muitas vezes o *fandom* esportivo feminino é recuperado a serviço do esporte masculino. Vemos isso representado na fã de esporte sexy na qual o fotógrafo ou cinegrafista se detém em torneios de esporte masculino. Essas imagens sugerem que o esporte masculino aceita as mulheres fãs, mas muitas vezes as mulheres fãs às quais a mídia tende a prestar atenção são aquelas que apoiam acriticamente a masculinidade heteronormativa e reforçam os papéis de gênero – mulheres altamente sexualizadas e devotas ao esporte masculino. Mulheres fãs que não se enquadram nesses padrões (por exemplo, mulheres mais velhas) tendem a permanecer menos visíveis na cobertura de eventos esportivos masculinos.

²⁶ TOFFOLETTI. *Women sport fans: Identification, participation, representation*.

A fã de esporte pós-feminista também é representativa de uma nova fã de esporte jovem e empoderada que não se encaixa na categoria de fã feminina sexualizada, mas cuja cultura torcedora também é colocada a serviço da máquina esportiva corporativa, para vender a ideia do esporte, particularmente o esporte feminino, como um produto/experiência para jovens garotas. Elas se tornam as porta-bandeiras da mercantilização do esporte feminino e da venda do esporte feminino como algo desejável e interessante, que as garotas podem fazer e deveriam aspirar a fazer, seja como fãs ou como potenciais atletas, o que se torna um novo caminho para o sucesso das mulheres na era contemporânea.

O esporte como via para o empoderamento tende a ser sobre empoderar meninas individualmente para que sejam o melhor que puderem, o que muitas vezes tende a focar em meninas "que conseguem". Minha colega Anita Harris falou sobre a "garota que consegue"²⁷ como uma espécie de símbolo ou garota-propaganda para o sucesso feminino no pós-feminismo. Essas garotas têm o capital econômico e o privilégio de classe para ter sucesso em novas economias e mercados, como o esporte.

O que vemos menos são aquelas garotas que são construídas como fazendo as escolhas erradas ou como não tendo a vontade individual para ter sucesso no esporte, seja como fã ou atleta ou de outras formas, em vez de olhar para as condições sociais e privilégios que podem significar que nem todas as mulheres podem ter acesso à escolha de participar da mesma forma. Então, eu acho que o pós-feminismo ainda delineia

muito nitidamente as mulheres com base no sucesso individual e na aspiração, construindo um ideal de fã de esporte pós-feminista como alguém que constrói seu próprio sucesso em ambientes dominados por homens, como o esporte, o que molda as oportunidades para garotas que podem não ser capazes de atender a essas expectativas devido a desvantagens sociais. Elas ainda são deixadas para trás.

Falando mais sobre estudos de gênero no esporte, como você vê o campo dos estudos de gênero no esporte evoluindo desde a publicação de *New Sporting Femininities* e quais são as tendências e desafios atuais para você?

Essa é uma ótima pergunta. Acho que evoluiu enormemente. Aquele livro foi escrito há mais de sete anos e o pós-feminismo abordou um conjunto emergente de condições culturais e sociais naquele momento específico no tempo. Acho que ainda tem utilidade e valor para nos ajudar a pensar sobre as articulações contemporâneas da feminilidade esportiva, embora tenha sido objeto de crítica. Por exemplo, a que ponto ele pode centralizar um ideal feminino branco. Embora eu não pense que o pós-feminismo seja algo específico apenas para mulheres brancas.

As lógicas culturais em torno da autoconstrução e do empoderamento, todas as mulheres estão sujeitas a elas, mas é claro que a forma como isso se manifesta será diferente dependendo da posição social de cada uma e da experiência corporificada, da localização geográfica. Então, eu acho que ainda tem relevância, embora estejamos vendo o desenvolvimento e a aplica-

²⁷ HARRIS. *Future girl: Young women in the twenty-first century*.

ção de uma série de abordagens teóricas para pensar sobre gênero e desigualdade de gênero, performance de gênero, relações de gênero. Estudos *queer* e a queerização da feminilidade, por exemplo, estão nos convidando a pensar sobre a feminilidade de maneiras mais expansivas e críticas. O mesmo acontece com o trabalho acadêmico feminista negro, que está desafiando as ideias feministas liberais de inclusão, argumentando por um ponto de vista ou forma de abordar o funcionamento da feminilidade ou como a feminilidade pode ser praticada e performada em espaços esportivos. Abordagens decoloniais e mais-que-humanas estão reorientando os debates para além das lógicas binárias ocidentais de gênero.

Esses corpos de conhecimento estão criando espaço para ir além do pensamento binário – feminilidades e masculinidades – e para desenvolver uma linguagem que também possa pensar sobre gêneros não binários e modos mais fluidos de expressão e identidade de gênero. Muito do trabalho em torno de atletas trans está fazendo esse tipo de pensamento mais expansivo, respondendo aos desafios atuais em termos de políticas e legislação excludentes em torno da participação com base no sexo. Isso está convidando as organizações esportivas a pensar não apenas na inclusão de atletas trans, mas a expandir os limites do que constitui feminilidade e como isso é expresso, a fim de desafiar o que é considerado socialmente sancionado ou normativo no esporte feminino.

Alguns desses desafios estão sendo impulsionados por agendas políticas maiores no nível do esporte global e dos órgãos esportivos nacionais, outros são específicos regional, nacional

ou localmente. Por exemplo, no contexto dos EUA, com o presidente Trump declarando que existem apenas dois gêneros, isso está tendo efeitos em cascata nos esportes locais e universitários e em quem pode participar e quem não pode participar. Em outros países e contextos, à medida que as políticas em torno da diversidade, inclusão e gênero mudam, o mesmo acontece com as agendas de pesquisadores que estão olhando para atletas e participantes em seus próprios contextos nacionais e locais.

Por causa dessas especificidades, diálogos transnacionais como o que vocês estão convidando aqui são muito importantes. Para entender o que está acontecendo no contexto brasileiro, o que está acontecendo no contexto australiano, o que está acontecendo em outras partes do mundo, e como nós, como pensadores feministas e defensores da justiça social, desenvolvemos estratégias e formulamos conhecimento sobre questões compartilhadas relacionadas à desigualdade de gênero no esporte como uma forma de abordar essas questões em nível global, ao mesmo tempo em que estamos conscientes de nossos próprios contextos específicos e estruturas e normas culturais. E também como podemos nos apoiar mutuamente para sobreviver a esses tipos de ambientes em constante mudança e a ataques aos direitos das mulheres, aos direitos das pessoas marginalizadas. Fazer esse trabalho também exige uma capacidade sustentada de continuar e de continuar compartilhando aprendizados, respondendo uns aos outros e ao que as pessoas precisam, já que suas energias estão realmente

sendo drenadas para continuar lutando esses tipos de lutas em torno da participação das mulheres no esporte.²⁸

Gostaríamos também de saber sua opinião sobre o impacto social da pesquisa. Então, como seus estudos influenciaram políticas públicas, a prática esportiva e a representação das mulheres na mídia esportiva?

Às vezes é difícil medir diretamente seu impacto. Penso no impacto quando vejo o aumento da visibilidade das mulheres no esporte. Mas isso é resultado do meu trabalho? Não, é um coletivo de trabalho sustentado que está sendo feito por mulheres em todo o globo em diálogo umas com as outras e construindo umas sobre as outras, que está chamando a atenção para as limitações dos regimes representacionais existentes e a necessidade de defender uma representação mais justa, mais equitativa, não apenas em termos de cobertura, mas em termos dos tipos de discursos e enquadramentos que moldam as subjetividades atléticas ou as subjetividades de qualquer mulher no esporte, o que é possível ser e o que é permitido.

Então, embora eu me sinta realmente encorajada por esse tipo de coisa, estamos vendo mudanças graduais na forma como a mídia está noticiando o esporte feminino. Particularmente em tempos de grandes eventos atléticos ou esportivos femininos, vemos um aumento na cobertura. A pesquisa tem mostrado isso, mas em termos de esporte doméstico, vemos que a representação ou cobertura do esporte feminino ainda é bastante baixa.

²⁸ AHMAD; PAVLIDI; RAVI; THORPE; TOFFOLETTI; WARBY. Spoilports: Doing feminist work in sport spaces.

Essa ideia de maior visibilidade, temos que questionar quando o esporte feminino recebe mais atenção e também como podemos ver isso em um panorama maior em que o esporte feminino ainda está muito atrás do esporte masculino em termos de representação. E reconhecendo também que a visibilidade para o esporte feminino tem custos. O trabalho envolvido na criação dessa visibilidade é frequentemente arcado pelas próprias atletas por meio de trabalho não remunerado (trabalho promocional, presença em mídias sociais). A crescente visibilidade do esporte feminino online provoca enormes quantidades de hostilidade, o que eu acho que nos diz algo sobre a resistência à atenção dada ao esporte feminino e às mulheres ocupando espaço no esporte e querendo ser vistas como legítimas e tratadas como iguais. Isso nos diz algo também sobre o poder social e o desejo de proteger o *status quo*.

Parte do trabalho que tenho feito sobre o ódio online direcionado a mulheres atletas na Austrália²⁹ expõe os danos que advêm do uso de tecnologias digitais para as atletas. As recomendações desse trabalho foram desenvolvidas em consulta com organizações esportivas na Austrália, com o objetivo de informar políticas de bem-estar de atletas e garantir que os canais de denúncia estejam disponíveis para que as mulheres atletas se sintam seguras para relatar que estão experimentando danos digitais. Então, é encorajador ver essa pesquisa sendo usada para ajudar atletas no esporte feminino.

²⁹ TOFFOLETTI; MCGRANE; REDDAN. Addressing Online Harm in Australian Women's Sport.

Outro trabalho que tenho feito com minha coautora Katie Sveinson, que está na Universidade de Massachusetts, examina mães que são fãs de esporte.³⁰ Estamos vendo isso sendo adotado por grupos de torcedoras para defender melhores condições para mães em estádios. Estamos desenvolvendo uma base de evidências para mostrar que, dentro dos ambientes de estádios esportivos, as mulheres estão achando muito difícil levar crianças porque as instalações não são boas. Nem a cultura é acolhedora para mulheres ou crianças.

Ver grupos de torcedoras assumirem esse trabalho para defender as mulheres fãs, para desafiar a ideia do estádio como um espaço privilegiado para ações e comportamentos masculinos e para incentivar mais acessibilidade para mulheres e mulheres com crianças, eu acho que é realmente maravilhoso de se ver.

Sobre seu trabalho atual, você tem estudado a autoapresentação de atletas nas mídias sociais. Você poderia compartilhar algumas descobertas dessa pesquisa, por favor?

Claro. Então, já mencionei um pouco desse trabalho. Quando comecei a estudar essa área, meu trabalho envolvia olhar as contas de mídia social de mulheres atletas de alto perfil. São atletas em evidência com contas públicas e muitos seguidores. Há algo nessas atletas de elite global que define o tom para o que seria uma estética ou prática desejada para mulheres em

todo o mundo. Então, observar como as atletas estão se autorrepresentando nas mídias sociais foi um aspecto-chave desse trabalho, e isso levou a conversar com atletas.

É tão importante entender por que as atletas estão se apresentando dessa forma online, porque uma interpretação de texto só nos leva até certo ponto. O trabalho subsequente tem sido sobre tentar entender o que está impulsionando as atletas, bem como mulheres comuns envolvidas em esportes e fitness,³¹ a se apresentarem dessa forma, como estão usando as mídias sociais, os tipos de maneiras como estão navegando e negociando isso, à luz de desigualdades estruturais maiores que ainda existem dentro dos sistemas esportivos.

Então, eu acho que a primeira parte dessa pesquisa nos ajudou a entender o ambiente de mídia e gênero em mudança, ao qual as esportistas estavam respondendo em suas autoapresentações online. Por exemplo, ao olhar as contas de mídia social de atletas famosas, como Serena Williams ou Maria Sharapova, fomos capazes de ver que elas estavam construindo sua 'marca' de feminilidade atlética de maneiras bem diferentes. A construção da própria marca é um componente chave de uma sensibilidade pós-feminista – a ideia de que é preciso trabalhar em si mesmo e construir-se como uma marca desejável no mercado. Para fazer isso, as atletas estavam performando a feminilidade de várias maneiras.

³⁰ TOFFOLETTI; SVEINSON. When Sport Fandom Meets Motherhood: A Qualitative Exploration of Women's Experiences.

³¹ TOFFOLETTI; THORPE; PAVLIDIS; OLIVE; MORAN. A feminist embodied ethics of social media use: Corporeal vulnerability and

relational care practices; TOFFOLETTI; THORPE; PAVLIDIS; OLIVE; MORAN. Visibility and vulnerability on Instagram: Negotiating safety in women's online-offline fitness spaces..

O que isso demonstrou foi que as Novas Feminilidades no esporte não são um conjunto estreito de características, mas sim sobre expressar o eu por meio de escolhas de estilo de vida, o que envolve um trabalho estético considerável para criar uma marca e um vernáculo distintos que sejam vendáveis e atraentes. Isso se torna outra forma de trabalho para mulheres atletas, talvez não tanto para atletas desse nível que têm gerentes de mídia, mas certamente promovendo a ideia para outras atletas sobre o que elas precisam fazer para cultivar uma presença online.³²

Vimos esses efeitos cascata em entrevistas com mulheres atletas que podem não ser tão famosas quanto Serena Williams, mas que ainda são obrigadas a ter várias contas de mídia social de seus esportes para vender e promover seus esportes para que sejam viáveis. No contexto australiano para atletas australianas, o esporte feminino recebe muito pouco financiamento e cobertura. Há uma expectativa de que as atletas, que são frequentemente semiprofissionais e muito mal pagas, precisam fazer esse trabalho de visibilidade, e isso está muito ligado a impulsionar o perfil de seu próprio esporte. Se as atletas querem melhor remuneração e cobertura da mídia, o ônus é colocado sobre elas para fazer o trabalho de se colocarem online, promovendo seu esporte e muitas vezes fazendo isso de graça, porque mal são pagas para praticar seu esporte.

³² TOFFOLETTI; THORPE. The athletic labour of femininity: The branding and consumption of global celebrity sportswomen on Instagram.

³³ TOFFOLETTI; MCGRANE; REDDAN. Addressing Online Harm in Australian Women's Sport.

As descobertas de vários estudos foram realmente em torno de entender por que as mulheres atletas estão se representando online de maneiras específicas. E quais são os impactos em sua saúde mental, bem-estar, particularmente aquelas que estavam experimentando e testemunhando reações negativas como resultado disso.³³ Então, entender que a visibilidade também tem custos. Outras pesquisas também destacam que as esportistas precisam navegar e negociar espaços de mídia social de maneiras muito interessantes. Às vezes, acordando para postar em horários estranhos da manhã, sabendo que seus seguidores podem estar online em outra parte do mundo – elas precisam pensar estrategicamente e constantemente sobre quando e como estão postando. Elas estão se esforçando para pensar sobre as imagens que estão publicando, o que pode gerar curtidas e atenção, mas ao mesmo tempo tentando se proteger de reações negativas e ódio.³⁴

Há um poder disciplinar no engajamento online que regula o comportamento e as ações das esportistas nas mídias sociais, que muitas vezes nos é vendido como um lugar onde qualquer pessoa é livre para se apresentar e dizer o que quiser. Embora a mídia online ofereça um lugar onde as atletas podem contornar os *gatekeepers* da mídia para acessar fãs e construir uma base de fãs, ela é, no entanto, altamente regulada e reguladora em termos de comportamentos, práticas e normas de gênero.

³⁴ RAHIKAINEN; TOFFOLETTI. "I just don't wanna deal with the headache of people fighting over the internet": A study of sponsored female climbers' digital labor.

Esses vários projetos de pesquisa sobre mídias sociais e esporte feminino podem ajudar a entender os tipos de sensibilidades e sentimentos pós-feministas que estamos vendo online, mas também a entender como as esportistas estão respondendo a isso e navegando e negociando novos conjuntos de demandas.

Pensando no futuro, quais questões-chave a pesquisa de gênero e esporte deveria abordar nos próximos anos? Como a tecnologia e as novas mídias estão transformando a forma como estudamos e entendemos o esporte?

São enormes e estão mudando muito rapidamente. Acho que parte do desafio é que, sempre que se escreve sobre mídia digital, há novas plataformas, há novos desenvolvimentos, como a IA generativa. Todos os setores da sociedade estão lidando com a rapidez da mudança tecnológica. Para o setor esportivo, questões de propriedade de dados e considerações éticas em torno disso são um grande desafio. Está se movendo tão rapidamente, muito mais rápido do que eu acho que acadêmicos e formuladores de políticas e legisladores são realmente capazes de acompanhar.

Outra questão diz respeito à perspectiva global do esporte. Embora haja reconhecimento do engajamento global com o esporte em termos de jogadores, fãs, audiências, mídia e crescentes oportunidades de engajar grupos subtendidos através do esporte, isso ainda é filtrado por perspectivas ocidentais e sistemas de conhecimento, e dominado por perspectivas em língua inglesa, o que alguns poderiam chamar de norte global. E

isso fornece uma perspectiva muito estreita e parcial sobre o que realmente está ocorrendo em todo o mundo.

Então, precisamos de muito mais compreensão de uma diversidade de culturas e práticas que vão além de enquadramentos geopolíticos estreitos para nos ajudar a entender muito mais sobre a experiência atlética para mulheres, mas também os contextos que estão impulsionando isso e os impactos das tendências globais. Existem tendências políticas ou ideológicas, mas também em termos de coisas como políticas esportivas globais e como isso está tendo impactos nas mulheres em ambientes nacionais e locais onde estão se manifestando de maneiras muito diferentes, e o que podemos aprender com as experiências de mulheres atletas.

A Copa do Mundo é um ótimo exemplo. O financiamento para países que participam da Copa do Mundo Feminina deveria ser direcionado para instalações femininas e para apoiar ligas femininas. Mas o que estamos descobrindo é que isso está sendo desviado por organizações nacionais e redirecionado para as ligas masculinas. Então, precisamos entender que não podemos simplesmente presumir que as políticas estão sendo implementadas da mesma forma em todos os países para o benefício das mulheres, e precisamos entender os processos em diferentes níveis.

Então, para mim, o futuro da pesquisa é continuar a chamar a atenção para o que está acontecendo em diferentes regiões e os impactos disso e compartilhar esses aprendizados. Promover o diálogo crítico globalmente entre pesquisadoras feminis-

tas do esporte, praticando a solidariedade e defendendo perspectivas que beneficiem todas as mulheres – para continuar o trabalho das pioneiras da pesquisa sobre o esporte feminino. Questionar a crença de que os desenvolvimentos no esporte feminino são para todas as mulheres, mas sim expor como grandes eventos esportivos e o esporte em geral tipicamente beneficiam um segmento estreito da população global de mulheres. Continuar fazendo esse tipo de trabalho pró-equidade, justiça social e feminista, eu acho, é realmente importante.

Para encerrar a entrevista, como seu trabalho sobre mulheres no esporte pode se relacionar ao contexto brasileiro? Há pesquisadores brasileiros cujo trabalho você conhece e que contribuem para o campo?

Eu acho que essa entrevista está lançando luz sobre a necessidade de mais recursos e oportunidades para traduzir o trabalho de acadêmicos brasileiros em publicações em inglês. Falantes de inglês, particularmente periódicos esportivos, deveriam estar defendendo mais traduções pelas grandes editoras para que possamos nos engajar melhor com o conhecimento de nossos colegas globalmente. Acadêmicos em países de língua inglesa, como Austrália e EUA, correm o risco de tomar como certo que o que está em inglês é a pesquisa que existe e isso simplesmente não é verdade. E então, como podemos, no nível

dos periódicos, realmente pressionar para ter muito mais idiomas representados nos principais periódicos esportivos? Então, precisamos desafiar essa norma, a centralização da língua inglesa como a língua da pesquisa. Esse é um debate e desafio contínuo, embora as ferramentas de IA possam oferecer um caminho a seguir.

Em termos do trabalho que encontrei, o trabalho de Carol Vimeiro³⁵ tem sido realmente formativo em termos de um trabalho mais recente que tenho feito sobre mulheres fãs de esporte em relação a movimentos coletivos para mudança. E sei do trabalho de Soraya³⁶ que tem falado sobre invisibilidade e visibilidade no contexto do futebol brasileiro, e olhando tanto para jogadoras quanto para profissionais. Junto com meus co-editores da série Palgrave "Novas Feminilidades em Culturas Digitais, Físicas e Esportivas", tivemos a honra de publicar duas coletâneas dedicadas ao futebol de mulheres na América do Sul. Estas foram editadas pelos acadêmicos brasileiros Jorge Knijnik, Ana Costa e Gabriela Garton, e contêm numerosos autores e estudos do Brasil.³⁷ Então, há muito trabalho excelente acontecendo no espaço brasileiro e, de forma mais ampla, na América do Sul, e precisamos ter acesso a isso. Vocês estão abrindo o diálogo, me convidando a falar com vocês para que isso seja publicado em português. Então, para mim, isso é uma honra absoluta.

³⁵ VIMIEIRO. *The ecosystem of football supporter groups in Brazil: traditions, innovation and hybridity.*

³⁶ BARRETO JANUÁRIO; LIMA; LEAL. *Changing Values: Media Coverage of the 2019 Women's World Cup on Brazilian Sports News Sites.*

³⁷ KNIJNIK; COSTA. *Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1. Brazil;* Knijnik; Garton. *Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 2.*

REFERENCES

- AHMAD, Nida; PAVLIDIS, Adele; RAVI, Aish; THORPE, Holly; TOFFOLETTI, Kim; WARBY, Danielle. Spoilsports: Doing feminist work in sport spaces. **Women's Studies International Forum**. Online, v. 111, 2025.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Changing Values: Media Coverage of the 2019 Women's World Cup on Brazilian Sports News Sites. In: KNIJNIK, Jorge; COSTA, Ana (eds.). **Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1**. Brazil. Cham: Palgrave Macmillan, 2022. p. 123-41.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya. **Mulheres no Campo: O ethos da torcedora pernambucana**. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.
- HARRIS, Anita. **Future girl: Young women in the twenty-first century**. Routledge, 2004.
- KNIJNIK, Jorge; COSTA, Ana (eds.). **Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1**. Brazil. Cham: Palgrave Macmillan, 2022.
- KNIJNIK, Jorge; GARTON, Gabriela (eds.). **Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 2**. Hispanic Countries. Cham: Palgrave Macmillan, 2022.
- RAHIKAINEN, Katariina; TOFFOLETTI, Kim. "I just don't wanna deal with the headache of people fighting over the internet": A study of sponsored female climbers' digital labor. **Sociology of Sport Journal**, v. 39, n. 3, p. 251-60, 2022.
- THORPE, Holly; TOFFOLETTI, Kim; BRUCE, Toni. Sports-women and social media: Bringing third-wave feminism, post-feminism, and neoliberal feminism into conversation. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 41, n. 5, p. 359-83, 2017.
- TOFFOLETTI, Kim; MCGRANE, Caitlin; REDDAN, Sarah. **Addressing Online Harm in Australian Women's Sport**. Deakin University, 2024.
- TOFFOLETTI, Kim. Sport, postfeminism and women with disabilities: Female paralympians on social media. In: TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly; FRANCOMBE-WEBB, Jessica (Ed.). **New sporting femininities: Embodied politics in postfeminist times**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2018. p. 253-75.
- TOFFOLETTI, Kim; SVEINSON, Katherine. When Sport Fandom Meets Motherhood: A Qualitative Exploration of Women's Experiences. **Sociology of Sport Journal**, v. 41, n. 3, p. 287-97, 2024.
- TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly; FRANCOMBE-WEBB, Jessica (Ed.). **New sporting femininities: Embodied politics in postfeminist times**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.
- TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly; OLIVE, Rebecca; PAVLIDIS, Adele; MORAN, Claire. A feminist embodied ethics of social media use: Corporeal vulnerability and relational care practices. **New media & society**, v. 27, n. 1, p. 43-61, 2023a.

TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly; OLIVE, Rebecca; PAVLIDIS, Adele; MORAN, Claire. Visibility and vulnerability on Instagram: Negotiating safety in women's online-offline fitness spaces. **Leisure Sciences**, v. 45, n. 8, p. 705-23, 2023b.

TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly. The athletic labour of femininity: The branding and consumption of global celebrity sportswomen on Instagram. **Journal of consumer culture**, v. 18, n. 2, p. 298-316, 2018.

TOFFOLETTI, Kim. **Women sport fans**: Identification, participation, representation. London: Routledge, 2017.

VIMIEIRO, Ana Carolina. The ecosystem of football supporter groups in Brazil: traditions, innovation and hybridity. In: COOMBS, Danielle Sarver; OSBORNE, Anne C. (eds.) **Routledge Handbook of Sport Fans and Fandom**. London: Routledge, 2022. p. 225-37.

* * *

Recebido em: 07 fev. 2026.
Aprovado em: 11 fev. 2026.

“Elas, sob o nosso olhar”: representações de mulheres do futebol no cordel de estudantes de uma escola pública

“Elas, sob o nosso olhar”:
representations of women in football in cordel
literature by students from a public school

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorado em Educação, UNICAMP
vilodre@gmail.com

Maria da Conceição Santos Veloso

Secretaria da Educação do Estado da Bahia, Jacobina/BA, Brasil
Mestre em Educação Física, UNIVASF

RESUMO: No escopo do dossiê “Representação das mulheres no futebol”, apresento o cordel *Mulhere-se*, produzido por estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) do Colégio Gilberto Dias de Miranda, localizado na cidade de Jacobina, na Bahia. O material resulta do trabalho desenvolvido por uma professora de Educação Física que, ciente da relevância de tematizar as relações entre esporte e gênero, propôs atividades centradas no futebol, mais especificamente, na invisibilidade histórica das mulheres nessa modalidade. Questões como machismo, sexismo e racismo foram discutidas, assim como a trajetória das mulheres no esporte e na sociedade de modo mais amplo. Considerando que as representações são

produzidas cotidianamente e circulam por meio de diversos artefatos culturais, entendo que intervenções pedagógicas dessa natureza são fundamentais para desconstruir e desnaturalizar práticas e discursos que, historicamente, têm posicionado as mulheres à margem do universo cultural do futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Mulheres; Futebol; Escola; Literatura.

ABSTRACT: Within the scope of the dossier “Representation of women’s football”, I present the cordel *Mulhere-se*, produced by sixth-grade students from Colégio Gilberto Dias de Miranda, located in the city of Jacobina, in the state of Bahia. The material is the result of a project developed by a Physical Education teacher who, aware of the importance of addressing the relationship between sport and gender, proposed activities centered on football, more specifically on the historical invisibility of women in this sport. Issues such as machismo, sexism, and racism were discussed, as well as women’s trajectories in sport and in society more broadly. Considering that representations are produced on a daily basis and circulate through various cultural artifacts, I argue that pedagogical interventions of this nature are fundamental to deconstruct and denaturalize practices and discourses that have historically positioned women on the margins of football’s cultural universe.

KEYWORDS: Representation; Women; Football; School; Literature.

A representação das mulheres no futebol tem sido abordada a partir de diferentes enfoques e perspectivas teóricas, cujas análises, em sua maioria, concentram-se nos mais diversos artefatos midiáticos. Considerando que a representação se configura como um processo cultural por meio do qual os significados são produzidos e compartilhados socialmente através de processos simbólicos que envolvem, por exemplo, a linguagem, as imagens e os discursos,¹ este texto propõe um redirecionamento deste olhar, ao descrever o processo de criação de um material produzido por estudantes de uma escola pública. Trata-se do cordel *Mulhere-se*, escrito por alunos e alunas do 6º ano do Colégio Gilberto Dias de Miranda, localizado na cidade de Jacobina, na Bahia. Resulta do trabalho da professora de Educação Física, Maria da Conceição Santos Veloso, que idealizou o projeto a partir de sua trajetória pessoal e do contexto do futebol praticado por mulheres em nosso país. Ao articular a Educação Física com a arte literária, a intervenção pedagógica foi

¹ HALL. *Cultura e representação*.

² VELOSO. Por uma pedagogia engajada nas aulas de educação física escolar: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de

estruturada a partir de diferentes etapas, culminando com a valorização uma importante manifestação da cultura popular nordestina, o cordel. Nas suas palavras:

Ao discorrer sobre as potencialidades da literatura de cordel conectada à Educação Física escolar é necessário descrever um pouco do processo (mão na massa), com mais uma produção de informação, em que os/as estudantes, foram convidados/as a produzirem coletivamente um texto poético em cordel, após versos introdutórios da professora pesquisadora, sobre o papel da mulher no contexto do futebol, a partir da temática estudada e das discussões já realizadas em sala de aula. Portanto, a proposição da atividade não foi estanque ou pontual ou esvaziada de sentido. Ocorreu no percurso da unidade letiva (após dezesseis aulas/em torno disso). Desse modo, ao se apropriarem nas aulas sobre o gênero cordel, como se constrói a rima e o que é sextilha, os/as estudantes deram vazão à fruição para a construção literária, com a entrega semanal dos versos, para posterior correção/refacção textual.²

Para descrever o processo de criação do cordel, realizei uma entrevista com a professora responsável pela atividade, tomando como referência os procedimentos teórico-metodológicos da História Oral, mais especificamente, seus modos de

gênero que atravessam o futebol no Colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA, p. 143.

usar.³ A entrevista foi estruturada a partir de dois eixos: a relação de Maria da Conceição com o futebol e sua intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física. Como fonte primária, utilizei também sua dissertação de mestrado, defendida em 2025 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Intitulada *Por uma pedagogia engajada nas aulas de Educação Física escolar: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de gênero que atravessam o futebol no colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA*, a dissertação apresenta um relato da prática docente de sua autora, ao mesmo tempo em que descreve estratégias pedagógicas mobilizadas para fomentar a participação das meninas em atividades esportivas. Graduada em Letras, Maria da Conceição realizou sua formação em Educação Física após assumir a docência nessa disciplina e, desde então, passou a buscar alternativas

para enfrentar situações de desigualdade de gênero identificadas no cotidiano escolar.

Sua inserção no universo cultural do futebol remonta à infância, não como jogadora, mas por meio de uma participação ativa em atividades empreendidas por associações esportivas, em especial, no Palmeiras Esporte Clube, do qual se tornou presidenta, sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo em um clube de futebol na Bahia. O cordel resulta, assim, tanto de sua formação profissional quanto da sua vivência como “mulher preta, mãe solo, baiana, nordestina, natural de Jacobina, cidade do interior da Bahia que fica localizada ao norte da Chapada Diamantina”.⁴

Para a composição deste texto, inserido na seção *Poética*, tomo a liberdade de adotar uma formatação não convencional: a publicação de trechos da entrevista que realizada com Maria da Conceição e a reprodução integral do cordel *Mulhere-se*. Esses dois artefatos culturais colocam em circulação

³ GOELLNER; MACEDO, História Oral, Educação Física e práticas corporais: marcos teóricos e modos de usar.

⁴ VELOSO. *Por uma pedagogia engajada nas aulas de educação física escolar: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de*

gênero que atravessam o futebol no Colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA, p. 11.

representações de mulheres que se empoderaram no e pelo futebol e, nesse movimento, desestabilizam relações de poder, criam representatividade e produzem narrativas contra hegemônicas.

* * *

A ENTREVISTA⁵

Silvana Vilodre Goellner: Olá Conceição, em primeiro lugar, muito obrigada por conceder essa entrevista. E gostaria que você começasse se apresentando. O nome completo, porque eu te conheço por Conceição, mas sei que na sua cidade e no teu entorno, você é conhecida por Maria, não é?

Maria da Conceição Santos Veloso: Eu me chamo Maria da Conceição Santos Veloso. Eu tenho 49 anos. Nasci em fevereiro, 18 de fevereiro de 1976. Já, já, tô cinquentando. Graças a Deus, né? Poder viver 50 anos. Sou de Jacobina, uma cidade que fica no norte da Chapada Diamantina. Faz parte da Chapada Diamantina, fica a 330 quilômetros da capital, Salvador. Uma cidade interiorana.

Me fala agora sobre a tua aproximação com o futebol. Como que o futebol chega na tua vida? Eu li na sua dissertação que você nunca jogou futebol.

Interessante. Nunca joguei. As pessoas têm a impressão que eu já joguei. Eu nunca joguei. Então, eu acho que isso vai ser até amadurecido mais depois, academicamente, se eu conseguir ingressar em um doutorado porque eu acho que essa minha relação com o futebol se estreitou também, digamos, com o meu descobrimento como ser mulher. Porque eu acho que até então

⁵ A entrevista foi realizada no dia 3 de fevereiro de 2026 via plataforma Zoom com duração de 1 hora e 8 minutos. Por se tratar de uma entrevista longa, para essa publicação, fiz alguns recortes privilegiando

tópicos relacionados a produção do cordel. A entrevista pode ser acessada na íntegra em: <https://bit.ly/4kz2i7l>.

não tinha isso latente. E também casou. Eu acho que essa coisa do nascer uma outra mulher também acordou para esse lado da Educação Física, porque eu vim de uma outra formação. Eu venho de Letras e depois é que eu descubro a Educação Física. E o futebol, eu digo que, a gente quando nasceu, aqui a nossa família, o nosso núcleo familiar, já nasceu com a bola na mão. E aí, outro dia, eu perguntei para meu pai, porque eu também não tinha essa consciência. Eu falei: “Certo. Você poderia ter tido duas filhas jogadoras de futebol. Onde é que estávamos eu e minha irmã nessas vivências?” Porque a nossa infância foi rodeada do futebol, no nosso final de semana nós íamos assistir aos jogos juntamente com o meu pai. Porque até então a gente ainda não tinha o clube, o Palmeiras, a sede própria. Então a gente tinha a associação com outros clubes e a gente ia assistir aos jogos. E aí tem muitas fotos com meus irmãos ali, pegando carona, digamos, nas fotos dos times, mas não tem meninas. E aí eu perguntei: “Certo, a gente estava ali, a gente estava, mas não está nesses registros”. Então, o futebol sempre foi muito presente.

Bom, você assume a presidência do Palmeiras e, pelo que eu sei, torna-se a primeira mulher a ser presidente de um clube de futebol no interior da Bahia, certo?

E aí eu chego, na verdade, eu nunca estive fora, mas não estava em cargos decisórios, e aí surge a indicação pelo Conselho Deliberativo, que são as pessoas, que na verdade são os fundadores, que são as pessoas mais antigas, digamos assim, na história do clube, de lançar meu nome para presidente. E foi uma época rica nesse sentido mesmo, porque traz também, não é que exista um etarismo com relação a isso, mas traz um olhar também mais atualizado sobre essas discussões para essa gestão,

que veio até 2020, quando veio a pandemia, e aí se prolongou sem eleição, porque a gente faz eleição a cada dois anos. Então, eu fiquei por quase nove anos presidente do Palmeiras. Na primeira gestão que fiquei como Presidente, depois houve a troca na chapa e fiquei como Vice. Hoje sou Diretora de Esporte, por conta também das minhas demandas, eu não estava tendo condição de estar presente nas atividades. O clube funciona de janeiro a janeiro com o fomento do futebol, e hoje eu tenho trazido uma discussão que é a gente precisa ter um espaço lá para as mulheres. Hoje a gente só tem... A gente tem um grande espaço, com muito terreno ainda, com possibilidade de ampliação, e hoje a gente vai trazer, vai tentar por meio de uma lei de incentivo, a gente está vendo isso, para ter uma quadra poliesportiva para que a gente resgate o futebol de mulheres, que a gente entenda que, pelo menos, a partir do futsal a gente consiga movimentar melhor e conseguir trazer essas mulheres.

Como foi a reação dos teus colegas homens do clube ao ter uma mulher como Presidente. Como você sentiu essas questões de gênero?

Existe uma coisa que é curiosa. Primeiro que é assim: “Ai, Maria e tal”, e eu sempre estive ali, nos bastidores, às vezes o nome era só pro-forma, de estar ali na diretoria, mas não participava das reuniões. Então, a partir daí eu disse assim: “Eu só aceito se eu puder decidir, eu não quero ser consultada, eu quero ter o poder de decisão, senão eu não quero”. Então, as pessoas costumam, pelo menos algumas pessoas costumam dizer que sentem saudade de quando eu fui Presidente. Foi interessante, mas eu acho que a gente, eu não entendia muito a questão do discurso, das violências simbólicas que, às vezes, tem no

discurso. Então, quando tinha competições, que aqui a gente tem o Campeonato Municipal Jacobinense, e aí eu opinava sobre a preleção ou os jogadores relacionados, ou a própria atuação dos jogadores, e aí eu trago isso também no texto, na minha dissertação, que aí foi algo que me chamou a atenção e já me deu um pisca alerta, que foi, meu irmão dizia assim: “Você está querendo ser o Dunga,⁶ é bem você querendo ser Dunga”. Então: “O que você está fazendo aqui? Que você não sabe o que você está dizendo?” Então, isso eu ainda não entendia que era uma forma de violência ou de apagamento ou de invalidação da minha fala, do meu posicionamento. Primeiro, como gestora que estava ali, e segundo também, eu acredito, que por ser mulher. Então, eu não tive muita resistência porque eu acho que o estar presente ali, da vida toda, me garantiu esse lugar. Mas algumas falas, colocaram em teste, em xeque-mate, até onde é que a nossa voz é validada.

Eu te perguntei se tiveste reações dos homens ao teu cargo. E das mulheres? Tiveste apoio quando você assumiu a presidência do clube? Como foi tua relação com mulheres?

Criou representatividade. Às vezes que eu participo dos programas esportivos aqui, a audiência é bem mais significativa com a participação de ouvintes que se veem representadas, porque eu sempre tenho feito essa cobrança quando tenho oportunidade de participar de podcast ou de programas de rádio, porque as mídias não falam do futebol de mulheres, que elas estão aí jogando futebol, e aí eu estou sendo esse instrumento, esse canal para visibilizar um pouco mais, então é basicamente isso, eu

⁶ Carlos Caetano Bledorn Verri.

tenho tido apoio. A gente tem uma curiosidade também que talvez é algo do interior, que é a participação efetiva das mulheres nos jogos, quer seja como torcedora e também nas equipes. Hoje a gente vê que muitas equipes de futebol amador têm mulheres ou na equipe técnica ou no apoio, no suporte, tem a participação, a presença das mulheres.

E, tentando entender a linha do tempo, você me falou que a tua aproximação com o futebol se dá quando você percebe o que é ser mulher na nossa sociedade. Você já tinha feito a graduação em Letras. Me situa na tua linha de tempo, quando que se dá essa percepção?

Então, eu já estava atuando na Educação Física, não era graduada. Eu me formei nos anos 2000, em Letras e é quando eu entro na rede municipal e estadual de ensino. E eu só vou trabalhar com a Educação Física a partir de 2012, que é quando eu venho removida. Eu não trabalhava na minha cidade, eu trabalhava a 110 quilômetros. E quando eu vim removida para cá, transferida, não tinha Língua Portuguesa. Então eu peguei a Educação Física, porque era uma pessoa contratada, e aí, pelo critério da rede, a vaga era minha. E eu sempre fiquei naquela autocobrança, que eu digo: “Como é que eu discuto determinados temas? Me apropriado do conhecimento?” É como se eu tivesse me sentindo um tanto uma impostora, digamos assim, para legitimar aquele lugar ali. Aí eu busco a segunda graduação, aí sim, nesse período, eu busco a segunda graduação. Eu sempre digo que o PIBID,⁷ de Educação Física, foi que trouxe para mim isso da Educação Física. Me descobri na Educação

⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Física, de forma que Letras hoje já não tem mais espaço, né? Se eu puder escolher, eu prefiro atuar na Educação Física.

Então, nessa época você já pensava sobre essas desigualdades de gênero, ou isso vai se aproximar quando você vai fazer o mestrado?

O mestrado foi em 2023. E aí eu fui vivendo todas essas situações, e eu sempre pensei assim: “Um dia eu vou entrar no mestrado. Eu sei que eu não vou encerrar carreira sem entrar, ingressar. E quero falar de futebol”, mas eu não sabia exatamente o quê. [...]. Nem sempre as parcerias da universidade com a escola de Educação Básica, elas dialogam de forma que a gente possa ter acesso a essas formações, né? E, às vezes, a formação continuada de determinadas redes ainda é muito fragilizada. E aí eu fiquei pensando, eu quero falar de futebol, mas eu não sabia exatamente. Então, quando eu vou me descobrindo sobre essa mulher que está nesse espaço, e que essa voz não é validada, aí vai acordando em mim essa consciência: “É sobre as questões de gênero”.

Resumindo: você faz o mestrado, escreve a sua dissertação, e retorna para a escola. É sobre isso que eu queria que você falasse: quando teve a sacação da importância de discutir o futebol de mulheres nas tuas aulas? Como foi esse processo?

E eu fui a professora que, apesar de ir fissurando aquele currículo, eu ainda não tinha esse pleno entendimento, a ponto, assim, de chegar a verbalizar quando tinha as atividades... Porque a gente tem também uma cultura dos jogos escolares, que ela é presente na Bahia muito fortemente, e isso atravessa a nossa

prática pedagógica, que eu dizia assim: “Eu quero levar dez times de homens e não quero levar de mulher”. Porque o ser mulher, para mim, há doze anos atrás, eu ainda não conseguia entender que existe uma outra dimensão que nos possibilita entender o universo do ser mulher, inclusive das dificuldades que historicamente nos marcam. Eu sabia que existia essa invisibilidade, existia uma resistência dessas meninas em participarem das aulas de Educação Física, mas eu não entendia que existiam várias camadas ali que impossibilitavam ou impediam que elas estivessem tão mais presentes. E aí foi que eu fui entendendo que precisava ser feito um trabalho, inclusive de entendimento, porque as meninas estão nos escanteios, elas estão nas arestas, elas estão nas arquibancadas, elas estão na sombra, né? O que é que faz com que os homens dominem esse espaço? E me incomodava também com essa força que esse corpo de homem, do menino, do estudante, presente nesses espaços, inclusive quando coloca até em dúvida a nossa capacidade de ser professora de Educação Física. “Como assim?” Eu lembro que certa vez um estudante pediu que eu chamasse o porteiro, que era um jogador de futebol master, que é uma pessoa conhecida, que a coisa do interior é boa também, porque você conhece todo mundo, e assim: “Chama o Seu Marcos para entrar em campo com a gente”. Então, a falta de confiança na professora que não entende de futebol. Essas questões me incomodavam e eu ainda não tinha esse entendimento, né? E esse entendimento foi sendo construído a ponto de eu conseguir ter isso melhor desenhado e escrever, estudar sobre.



E como que você planejou esse trabalho que resultou na produção de um cordel, acho que com a turma do sexto ano, não é? É uma escola municipal ou estadual?

Escola municipal. No primeiro momento, seria na escola estadual, na escola de Ensino Médio, que era a escola que eu estava lotada, mas aí eu fiquei excedente. Voltei de uma licença médica e fiquei excedente. E eu achei que era uma turma que ia

me dar muito mais respostas, pela idade, né? Existia ali também, e isso foi também me acordando para as questões desses corpos que estão na Educação Física. Estão e não estão. E isso eu me perguntava: “Por que é que não estão todos e todas e todes?” E aí isso foi avivando em mim essa inquietude. E aí eu tive que optar entre as duas escolas, porque eu leciono em duas escolas, né? [...] . E aí eu vou para o Ensino Fundamental, para o sexto ano, trago essas discussões sobre essa invisibilidade, sobre esse apagamento, e as respostas foram muito positivas, muito vivas. E aí a gente precisa educar meninos e meninas para essa equidade.

Conceição, como se deu a escolha do desenho que figura na capa do *Mulhere-se*?

Com relação a escolha da imagem da Amanda [Cruz]:⁸ eles fizeram algumas atividades em que retrataram o futebol segundo as suas vivências e experiências e uma das atividades ao longo da unidade de estudo era justamente eles fazerem essa releitura de como eles entendiam o futebol a partir das discussões e debates que íamos fazendo. Quando chegou o momento da produção dos cordéis, eu pedi que eles ilustrassem, que a gente imaginasse que ia ilustrar o livro todo, como ia ilustrar essas histórias. E tem muitos desenhos bem interessantes, mas eu selecionei o da Amanda porque acho que ela reproduziu melhor dentro das discussões propostas ao longo da unidade letiva. Um dos critérios para a escolha do desenho da Amanda, foi trazer imagens de mulheres comuns, diferentemente dos/das demais estudantes que trouxeram muitas imagens relacionadas à

⁸ Amanda Cruz, aluna do 6º ano.

seleção brasileira de futebol feminino. Como o cordel traz as mulheres, anônimas e pioneiras, julguei que fosse uma imagem provocativa para a capa do livro. Uma informação interessante é que a ideia de utilizar o desenho de um/a aluno/a surgiu no percurso da pesquisa/estudo e a Amanda ficou extremamente feliz em ter sua arte na edição do livro.

E daí você propôs fazer um trabalho com o futebol de mulheres. Fala um pouquinho como que foi esse processo? Que produtos vocês fizeram? Como que eles reagiram?

Então, tem sido extremamente bacana, principalmente nesses últimos três anos, porque a gente tem a unidade letiva que trabalha sobre os esportes coletivos, e a gente trabalha com futebol. E eu trago várias temáticas dentro do futebol: o racismo, o machismo, o futebol de mulheres, a questão do preconceito, e eles têm sempre uma devolutiva, um *feedback* interessante, por exemplo, quando eles trazem. “Você viu, Pró, a Raissa?”⁹ Que a gente tem hoje, a Raissa que está no Palmeiras,¹⁰ acho que no sub-20, ela é jacobinense! Então, a gente faz uma troca para além da sala de aula, tematizamos o futebol, eles pesquisam, utilizamos algumas fontes, e aí a gente usa muito essa coisa do texto multimodal, porque a gente traz o texto do Instagram, a gente traz a notícia, a gente traz a fotografia, o jornal

⁹ Raissa Soares Carvalho da Paz, conhecida como Raissa Bahia.

¹⁰ Sociedade Esportiva Palmeiras.

¹¹ Referência ao livro “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer”, escrito por Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral, publicado pela Editora Ludopédio em 2022.

¹² Referência a obra *Futebol em Brodósqui*, de Candido Portinari (1935).

¹³ Dilma Maria Mendes.

local, porque a gente ainda tem jornal impresso aqui, que traz o registro esportivo. E, por último, a gente trabalhou esse ano com o teu livro.¹¹

Que lindo! Isso é uma honra e uma alegria.

Eles conseguiram produzir diversas atividades, desde a releitura de telas como uma de Portinari,¹² como produzir um vídeo sobre a Dilma Mendes,¹³ usando a Inteligência Artificial. E um desses instrumentos foi a literatura de cordel, que resultou no material que eles produziram contando a história das mulheres, não só as mulheres, as pioneiras em nível nacional, mas também as mulheres do futebol de Jacobina. Assim nasceu o Cordel produzido pelos estudantes e pelas estudantes do sexto ano do Colégio Gilberto Dias de Miranda, de Jacobina, na Bahia! [...] E aí, meu Deus, o que é que a gente tem de palpável? Que é produto, que é resultado dessa produção de conhecimento deles. Então, fizemos a Roda de Conversa¹⁴ que alimentou essa escrita, porque eles puderam conhecer cinco mulheres que são do futebol, que já foram jogadoras da década de 1980,¹⁵ ou que ainda têm estreita ligação com o futebol, e uma jovem,¹⁶ que é da base do Bahia¹⁷ e isso retroalimentou a produção do livro de cordel, mais as biografias do teu livro.

¹⁴ I Roda de Conversa Café com Bola: Mulheres no Futebol.

¹⁵ Participaram da I Roda de Conversa: Irlanda Iassim (ex-jogadora) e Aneilza (dirigente da Escolinha de futebol Projeto Vida), Miralda Muricy (professora e ex-jogadora de futsal/futebol) e Val Santos, jogadora do Palmeiras Esporte Clube.

¹⁶ Ellen Almeida.

¹⁷ Esporte Clube Bahia.

E são meninos e meninas em conjunto, não é?

Meninos e meninas sempre juntos.

Conceição, eu queria pensar um pouco sobre esse teu trabalho. Você acha que ele empodera as meninas diante dos meninos dentro do futebol? Como que se dá essa relação?

Então, eu achei extremamente positiva essa intervenção, que acaba sendo uma intervenção, porque rasura essa escola que não tem uma cultura com as meninas ali naquele espaço, a ponto de elas desejarem participar. Então, assim: “Poxa, eu não sabia que na Educação Física a gente fazia as leituras e discussões”, porque é uma escola muito voltada para a questão do esporte. Então, eu chego, porque eu trabalho nessa rede há vinte anos, mas eu não atuava especificamente com a Educação Física. Então, eu achei interessante, porque alcançou os meninos nessa... Que eu acho que eles precisam ser educados para isso, que é o entendimento de que meninos e meninas podem, eles estão ali, coexistindo naquele espaço, mas também do empoderamento das meninas, da ocupação daquele espaço. Então, eu tenho até um áudio muito interessante de uma aluna que precisou se ausentar por duas semanas e ela disse: “Pró, eu estou aqui com o meu avô, mas, assim, olha, aqui tem um campo e eu estou indo jogar lá. Isso é bom, não é, Pró?” Eu disse: “Isso é ótimo”. Então, eu acho que é isso. Aí uma outra disse assim, numa edição que não sei se foi das Olimpíadas,¹⁸ que as mulheres estavam jogando, aí ela me mandou uma mensagem. “Pró, nossa, como eu fiquei nervosa. Gente, como o jogo de mulheres é bonito de se ver”. Então, eu acho que é essa rasura que vai

alcançando as meninas para o entendimento, e os meninos também, porque eles trazem sempre, semanalmente alguma notícia. “A senhora viu, Raissa Bahia fez um gol. A senhora viu, Pró?”. Então, tirar também essa representação que é sempre da figura do jogador, do atleta, do homem, e essa representação da mulher no futebol para os meninos também, isso também tem atravessado as nossas práticas, e isso também tem sido extremamente positivo. Por fim, Silvana eu gostaria de mencionar algo sobre a questão da representatividade. Quando eu participei de um podcast aqui, todos os meus alunos das minhas cinco turmas, eles assistiram e ficaram maravilhados em poder ouvir uma mulher falando sobre o futebol em Jacobina. Eles verbalizaram isso: “A professora entende”; “A senhora fala muito bem”. Então, eu acho que é preciso dar essa visibilidade para a participação das mulheres em diferentes frentes dentro do contexto do futebol.

* * *

¹⁸ Referência aos Jogos Olímpicos.

Mulhere-se



ORGANIZAÇÃO E REVISÃO
Conceição Veloso

AUTORIA DO CORDEL
Estudantes do 6º ano A
Colégio Gilberto Dias de Miranda, Jacobina/BA, 2024

mulheres aguerridas e inteligentes
isso se comprova, é inspiração
“nascem” as Adrieles, Luaras e Ellens
verdade, é de palpitar o coração
de incríveis dribles, pura habilidade
nos encham de emoção

Marta, Formiga, vemos suas jogadas,
sofrem, mas, não perdem a qualidade
ídola e ícones dessa geração
muitas vezes premiadas, é verdade
em campo, bola no pé, puro show,
meninas no futebol, nossa preciosidade

diariamente, expressões machistas
até na escola temos escutado
podemos fazer uma lista
vem de meninos debochados
que nos acham incapazes
só por sermos feministas

na quadra fizeram coro
nos mandando lavar a louça
no jogo quebrando o decoro
que ali não é nosso lugar, louca?!!!
a “pró” veio em nosso socorro
não nos façam de trouxa

as mulheres precisam de respeito
desejos e metas alcançar
ter oportunidades iguais,
como direito e sua história honrar
essa luta é nossa, vamos vencer
e a história do mundo mudar

a sociedade vai se transformar
a mudança começa com a gente
a escola pode ajudar a desatar os nós
do preconceito sempre frequente
e o machismo não terá vez
pois não há quem aguente!!!

no campo elas brilham, com a bola no pé
guerreiras e de coragem cumprem a missão
com garra, destreza e fé
no futebol, tens força e paixão
driblam o machismo dos “Mané”
da bola são mestras, digo com emoção

Marias, Dilmás, Irlandas e Miraldas
a baiana Sissi, rebelde, nossa pioneira
com garra, abriram caminhos no futebol
suas habilidades, lança afiada, certa
na roda de conversa, tivemos prova
e ficamos sabendo de suas carreiras

a história das mulheres
sempre foi marcada por barreiras e luta
seus direitos buscam conquistar
com muita garra, suor e labuta
e nesses versos queremos contar
das mulheres, suas jornadas e bravura

então, por favor presta atenção
somos alunos do 6º ano A
preconceito, machismo e sexismo
neste trabalho vamos abordar
a ideia é combater e abolir
para a nossa realidade transformar

nesses versos inacabados
ainda há muito o que poetizar
nos perdoem os erros
foi nossa forma de homenagear
falando dessas mulheres
que tem muito a nos orgulhar.

* * *

REFERÊNCIAS

GOELLNER, Silvana Vilodre; Cabral, Juliana Ribeiro. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO Christiane Garcia. **História Oral, Educação Física e práticas corporais**: marcos teóricos e modos de usar. Belém: RFB, 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

VELOSO, Maria da Conceição Santos. **Por uma pedagogia engajada nas aulas de Educação Física escolar**: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de gênero que atravessam o futebol no colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Colegiado de Educação Física da UNIVASF, de Letras da UFMG, Petrolina, 2025.

VELOSO, Maria da Conceição Santos. **Entrevista concedida a Silvana Vilodre Goellner**. Projeto Registrando Memórias: História Oral, Educação Física e Práticas Corporais. Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, EEFFTO/UFMG, Jacobina, 3 fev. 2026.

* * *

Recebido em: 11 fev. 2026.
Aprovado em: 11 fev. 2026.

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes
Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Verão, 2026